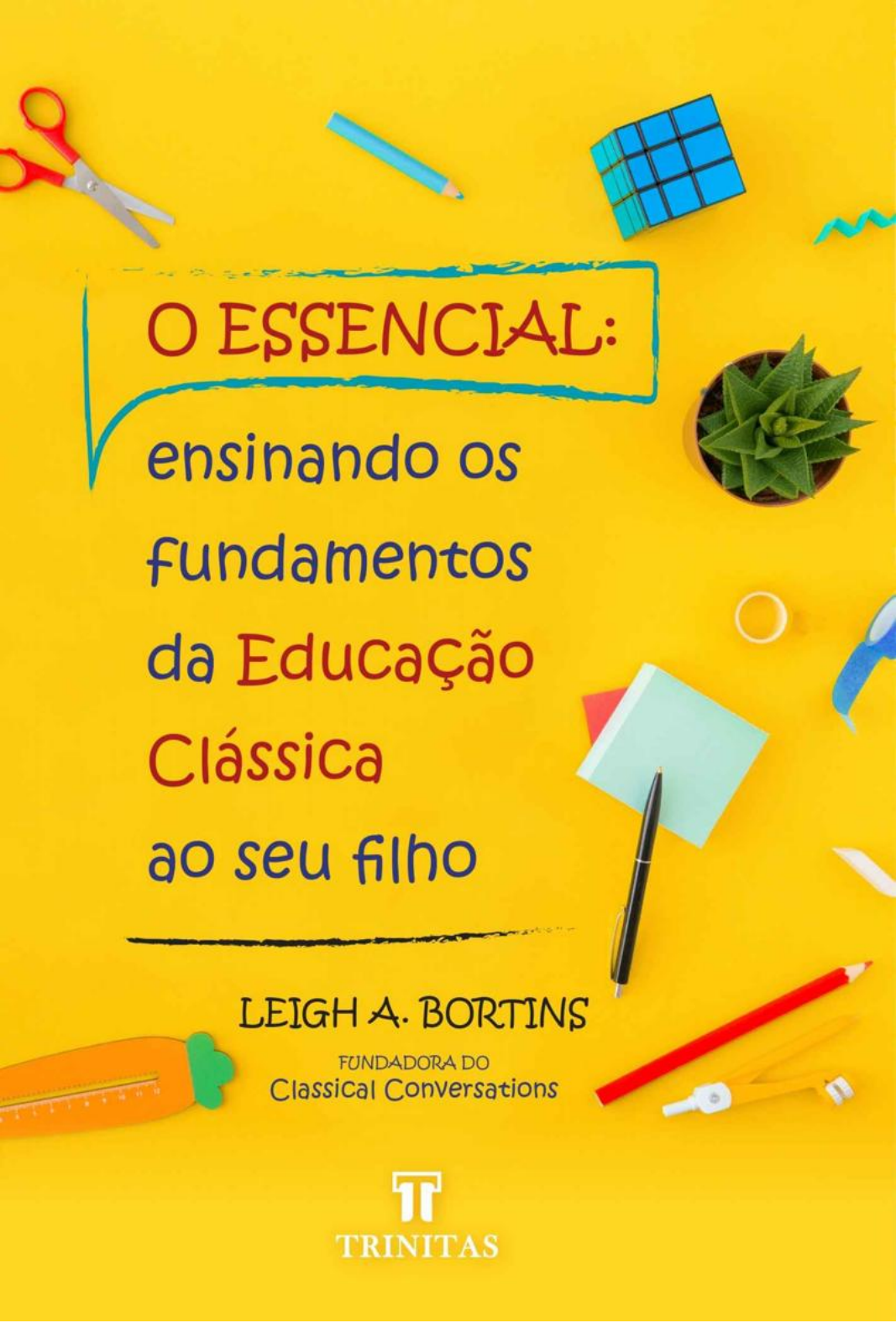




O ESSENCIAL:

ensinando os
fundamentos
da Educação
Clássica
ao seu filho

LEIGH A. BORTINS

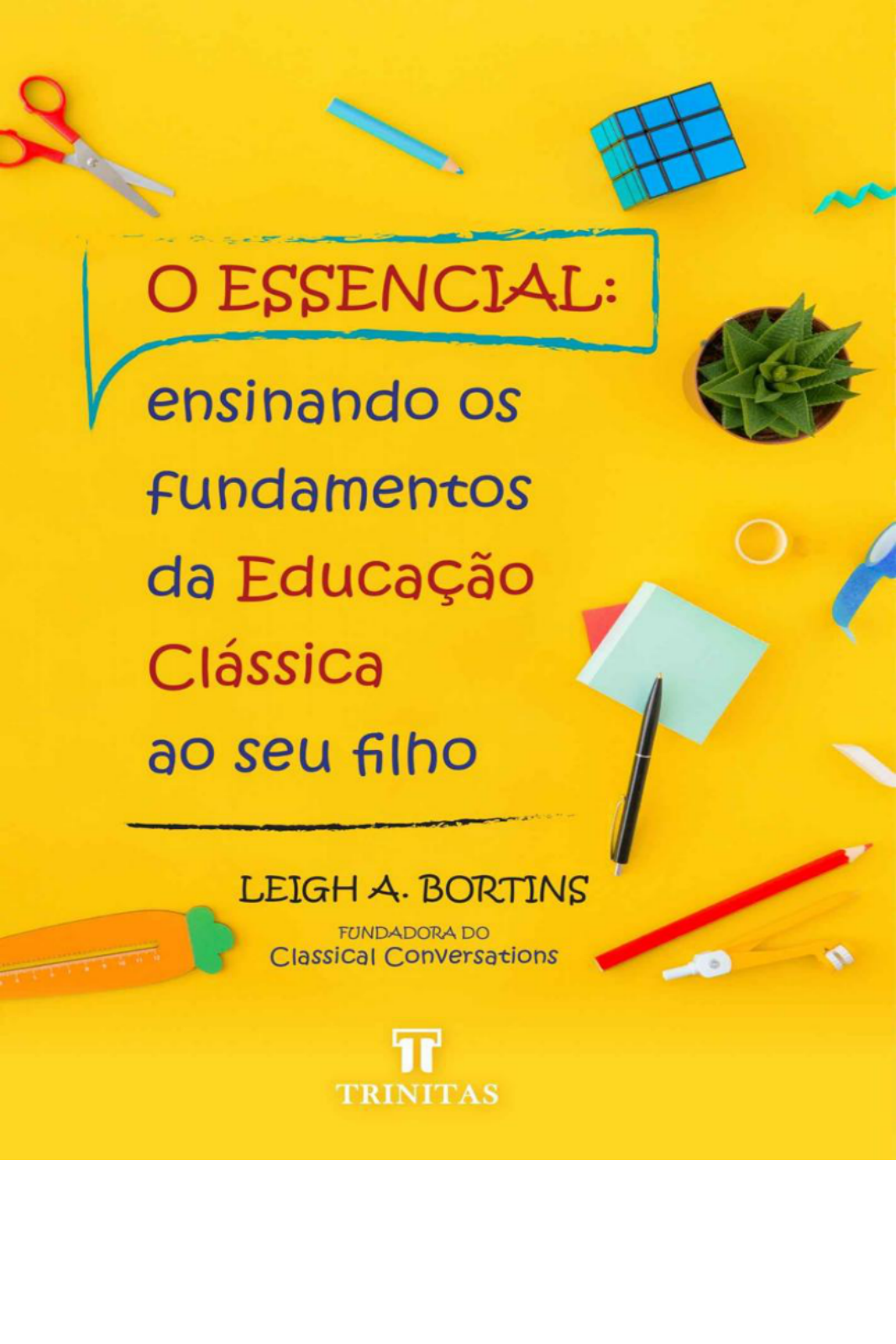
FUNDADORA DO
Classical Conversations



TRINITAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



O ESSENCIAL:

ensinando os
fundamentos
da Educação
Clássica
ao seu filho

LEIGH A. BORTINS

FUNDADORA DO
Classical Conversations



TRINITAS

Copyright © 2011 by Leigh A. Bortins

Publicado originalmente sob o título: *The Core: Teaching Your Child the Foundations of Classical Education*

1ª edição 2021

ISBN: 978-65-89129-08-0

Impresso no Brasil

Tradução: Júlia Ramalho

Revisão: Cesare Turazzi

Capa: Wirley Correa

Diagramação: Marcos Jundurian

eBook: Tiago Dias

PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

*O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o
financiamento da produção de novas obras como esta.
Respeite o trabalho de ministérios como a Editora Trinitas.*

Bortins, Leigh A.

O essencial : ensinando os fundamentos da educação clássica ao seu filho / Leigh A. Bortins ;
[tradução: Júlia Ramalho]. – São Paulo: Trinitas, 2021.

285 p. ; 23cm

Inclui referências bibliográficas e índice.

Tradução de: *The core: teaching your child the foundations of classical education.*

ISBN 978-65-89129-08-0

1. Educação clássica – Estados Unidos – Manuais, guias, etc.. 2. Educação humanística – Estados
Unidos – Manuais, guias, etc.. 3. Ensino básico domiciliar – Estados Unidos – Manuais, guias, etc.. 4.
Educação – Participação dos pais – Estados Unidos – Manuais, guias, etc.. I. Título.

CDD: 370.112

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

Todos os direitos reservados à:

Editora Trinitas LTDA
São Paulo, SP
www.editoratrinitas.com.br

Dedico este livro ao meu filho John

Sumário

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

PRÓLOGO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: O MODELO CLÁSSICO

CAPÍTULO 1

Qual é o problema da educação atual?

CAPÍTULO 2

Por que precisamos da educação clássica

CAPÍTULO 3

Como a educação clássica pode ajudar sua família

SEGUNDA PARTE: O ESSENCIAL DA EDUCAÇÃO CLÁSSICA

CAPÍTULO 4

Leitura

CAPÍTULO 5

Escrita

CAPÍTULO 6

Matemática

CAPÍTULO 7

Geografia

CAPÍTULO 8

História

CAPÍTULO 9

Ciências

CAPÍTULO 10

Belas-Artes

CAPÍTULO 11

Currículos e recursos para a educação clássica

EPÍLOGO

Como a educação clássica oferece aptidões necessárias para a vida adulta

RECURSOS

ÍNDICE

Agradecimentos

Enquanto terminava de escrever este livro, li a obra *Sobre a Escrita*, de Stephen King e descobri que partilhamos de duas perspectivas: primeira, o livro *The Elements of Style* [“Elementos de Estilo”], de William Strunk, é o guia definitivo para autores; e segunda, o editor está sempre certo. Como esta foi a minha primeira vez trabalhando com um editor, não sabia o que esperar. Mas, à medida que seguimos com o trabalho, percebi que Luba Ostashevsky estava tão interessada quanto eu em produzir um livro cativante e inteligente. Luba empenhou-se em ouvir os meus pontos de vista e em me ajudar a encontrar a melhor forma de discutir a educação clássica com um público amplo de pais. De igual modo, sou muito grata ao meu agente, Andrew Stuart, que se esforçou para compreender a mensagem do livro a fim de, em seguida, encontrar a editora certa. Também quero agradecer ao meu revisor, Mark LaFlaur, por tornar mais claro o texto final com os seus comentários e correções interessantes e úteis. Fiquei bastante satisfeita com toda a equipe da Palgrave Macmillan.

Da mesma forma, quero agradecer à minha assistente, Karen Hubbard, por fingir, de maneira tão competente, ser eu enquanto escrevia este livro; à Jen Greenholt, por conferir as minhas fontes para este trabalho e a toda a equipe do *Classical Conversations*, que fez tudo o que estava ao seu alcance para aliviar as minhas responsabilidades a fim de que eu conseguisse me dedicar a este trabalho. Sou grata, também, ao incentivo que recebi de Becky Norton Dunlop para alcançar mais que a comunidade de ensino domiciliar.

Acima de tudo, quero agradecer aos meus filhos por acreditarem que tenho algo relevante a dizer e por me permitirem praticar as minhas ideias com eles, antes de compartilhá-las com o restante do mundo. Muito me alegra que vocês gostem de estar com os seus pais e eu oro para que seja porque os nossos corações estão unidos, e não apenas porque o seu pai e eu somos alvos fáceis das suas piadas inteligentes. Obrigada, Rob, por me presentear com uma família que gosta tanto de rir.

Leigh Bortins

Prefácio

O Essencial: Ensinar os Fundamentos da Educação Clássica ao seu Filho é voltado:

- Para pais frustrados com filhos incapazes de atingir o seu potencial acadêmico.
- Para mães donas de casa (e pais) que querem educar seus filhos pelo método de ensino domiciliar.
- Para pais que trabalham em casa e desejam reforçar o estudo rigoroso no lar.
- Para diretores escolares que buscam fortalecer a educação básica de seus alunos.
- Para membros de conselho escolar cansados de ver os currículos “inovadores” deixando repetidas vezes os seus alunos na mão.
- Para empregadores que se perguntam por que *eles* precisam ensinar habilidades básicas para funcionários recém-formados no Ensino Médio.
- Para líderes de comunidades lutando por oferecer uma escola particular de baixo custo e alta efetividade.
- Para adultos frustrados pelo desemprego e prontos para ampliar as suas capacidades.
- Para diretores de escolas clássicas frustrados com os baixos padrões de certificação.
- Para professores que desejam ensinar, e não ser pais substitutos.
- Para qualquer pessoa que esteja tentando entender como formar uma geração de pensadores e líderes competentes.

O Essencial: Ensinando os Fundamentos da Educação Clássica ao seu Filho não é apenas para famílias com um pai ou uma mãe em casa em tempo integral. Muitas famílias em que o pai e a mãe trabalham fora desejam estar tão envolvidas na educação de seus filhos quanto aquelas que conseguem se sustentar com uma renda única. Pais e mães solteiros precisam de ideias para a educação de seus filhos; ideias que se encaixem com naturalidade no tempo limitado quando todos estão em casa. Educadores profissionais desejam ser capazes de oferecer aos pais de seus alunos maneiras práticas de ajudá-los no dever de casa. Este livro pode ajudar qualquer pessoa a se envolver mais na criação não só de alunos academicamente bem-sucedidos, mas também na educação de crianças estimuladas por um interesse genuíno e duradouro em aprender.

Prólogo

Em uma sociedade livre, a educação é a chave que abre portas a infinitas possibilidades, cujas oportunidades se estendem a todos.

Em todo o mundo, a família é o alicerce mais basilar para o sucesso do ser humano; é o elemento que nos torna seres que amam, compartilham, aprendem, crescem, praticam e prosperam em um ambiente seguro. Os laços familiares são os relacionamentos mais importantes na vida de meninos e meninas.

“Clássico” descreve algo especial, importante, valioso, verdadeiro. Aquilo que é clássico resiste ao teste do tempo e define um padrão de excelência. Carros clássicos, música clássica, literatura clássica... *educação clássica*.

Livros de “como fazer” são populares e extremamente úteis aos olhos daqueles que precisam de ajuda em um projeto importante o bastante para que estejam dispostos a investir tempo e esforço.

Pegue esses quatro elementos, costure-os e você terá uma linda tapeçaria para as crianças, ou melhor, para as *famílias*. Diferenças, personalidades complexas e designs únicos, todos integrados para produzir uma vida rica de amor e aprendizado. As famílias prosperam e as crianças se destacam.

Leigh Bortins fez exatamente isso neste livro. Se você tem filhos — de qualquer idade — e deseja uma maneira de se certificar de que eles prosperarão na vida, então vai adorar esta obra. Se você lida com crianças na área educacional, este livro o motivará a pensar de forma diferente sobre como elas podem aprender da melhor maneira possível. E ainda que simplesmente se importe com as crianças ao seu redor, em sua vizinhança, igreja, família extensa, ou com as crianças das famílias de seus amigos e colegas de trabalho, você considerará este livro inspirador e desejará compartilhá-lo com essas pessoas.

As discussões sobre a melhor maneira de educar as crianças já duram muitos anos. Eu, pessoalmente, acredito que a educação pública deixa os pais dos alunos de fora da equação na maioria das

vezes. Naturalmente, o resultado dessa abordagem é, consequentemente, impedir os pais de saber o que os seus filhos estão aprendendo, como estão aprendendo e o que os motiva a aprender, bem como de conhecer as principais decisões tomadas em relação à vida educacional de seus filhos. Nada disso beneficia as crianças, nem seus pais, tampouco a família como um todo. Existe uma maneira melhor e, neste livro, Leigh Bortins a compartilha de forma clara e concisa e de um modo que revela uma vida inteira de experiência, compromisso e amor pela educação das crianças.

O Essencial: Ensinando os Fundamentos da Educação Clássica ao seu Filho reconhece que, para a maioria das crianças, a educação pública continua sendo a opção mais provável... mas também oferece ideias e soluções que aumentarão as suas chances de obter sucesso. A obra considera alternativas e traça um plano com diversas maneiras pelas quais as mães e os pais podem se tornar os melhores professores de seus filhos e os mais fortes aliados na sua preparação para a jornada da vida. Este livro é um grande incentivo para professores e gestores que, sendo criativos, desejam elevar os padrões, as expectativas e os resultados de seus alunos.

Que bem maior poderíamos fazer pelas crianças do que motivar as famílias a “educarem-se” juntamente com elas e incentivar os pais a ajudarem os seus filhos? Que benefício maior poderíamos propor do que incentivar os filhos mais velhos a ajudarem os seus irmãos mais novos e as famílias a enfrentarem juntas os desafios? Todos os membros se beneficiam e essa união fortalece as famílias, as comunidades e o país.

Mencionei a importância de as crianças prosperarem na vida. “Prosperidade” é uma palavra com significados diferentes, a depender das circunstâncias. E, em tempos difíceis e desafiadores, todos nós desejamos ver um remanescente que possa oferecer uma liderança iluminada aos seus colegas e às gerações futuras. A leitura deste livro é um passo importante com o fim de garantir que você estará educando a sua família para que todos sejam líderes que prosperem, independentemente das circunstâncias.

Leigh Bortins escreveu um clássico. Este é um livro gostoso de ler, divertido, inteligente e envolvente. Siga, portanto, a leitura e prepare-se para encontrar oportunidades de ensino para toda a sua família em cada página.

*Becky Norton Dunlop,
vice-presidente de divulgação da Heritage Foundation*

Introdução

Meu marido, Rob, e eu começamos a educar nossos filhos em casa no momento em que o nosso filho mais velho nasceu. Não nos considerávamos necessariamente uma “família educadora” na época, mas, em retrospectiva, podemos ver que, de fato, pais e mães sempre concentram a educação de seus filhos no lar. Gostemos ou não, somos os principais educadores de nossos filhos, pois eles aprendem mais com a própria família do que com qualquer outra pessoa. Como mãe, um dos piores momentos para mim é quando vejo um dos meus filhos agindo de maneira inapropriada e percebo que ele está apenas copiando um comportamento meu. E o mesmo, é claro, acontece com o inverso, isto é, uma das minhas maiores alegrias é quando vejo um filho agindo de forma louvável e sei que é graças a algo que eu lhe ensinei.

À medida que nossos filhos foram amadurecendo — e meu marido e eu junto com eles —, avançamos de um ensino domiciliar informal para técnicas de ensino modernas. Tendo concluído o Ensino Médio em casa, nossos dois filhos mais velhos se destacaram em todas as áreas da vida escolar — provas, trabalhos, tarefas de matemática, esportes, etc. Quando, porém, tentamos ler as grandes obras de literatura, como a literatura clássica, Shakespeare e textos históricos — os mesmos materiais que os alunos do Ensino Médio costumavam estudar —, vimos que algo não estava certo. Toda a nossa família conseguia ler com facilidade as palavras, porém nenhum de nós conseguia compreender o seu significado porque nos faltava o conhecimento do contexto daquilo que estava sendo dito.

Enquanto meu marido e eu discutimos sobre essa questão ao longo de vários anos, nossa família cresceu com a chegada de mais dois filhos, daí de termos nos proposto a fazer um trabalho melhor na educação desses dois do que a nossa experiência anterior com os dois primeiros. Nossa pesquisa nos levou ao modelo clássico de educação, praticado pelos intelectuais desde o princípio da prática educadora. A aplicação e o sucesso do modelo clássico não se limitam a uma única época ou lugar, embora o seu nome se refira às eras grega e romana. Descobrimos que em todos os lugares e épocas em que a humanidade alcançou altos níveis de letramento, as habilidades clássicas de

gramática, dialética e retórica foram enfatizadas acima do preparo profissional ou dos estudos vocacionais. Escolhemos, então, seguir um novo caminho, por uma estrada antiga, com os nossos quatro filhos. Depois de muito trabalho, descobrimos que podíamos participar das conversas dos maiores pensadores da humanidade. Suas palavras nos permitem enfrentar com mais confiança os problemas da vida diária.

Dessa forma, agora lemos literatura juntos em família, como os poemas de George Herbert, a Constituição dos EUA, além de memorizarmos grandes quantidades do vocabulário do latim. Pode parecer estranho que uma família moderna, liderada por engenheiros e com filhos que trabalham em áreas técnicas escolham terminar um dia gasto com design de máquinas ou jogos de futebol com a leitura dos clássicos, mas nós nos sentimos mais conectados uns aos outros graças a essa escolha. E não nos sentimos unidos apenas entre nós, mas também com pessoas que nunca conhecemos. Nossa noção de mundo se expande. Agora, quando ouvimos uma nova ideia na política, conseguimos reconhecê-la como uma ideia antiga de Maquiavel, por exemplo. Podemos, vendo um programa de debate político, balançar a cabeça e declarar com tristeza: “Ad hominem, ad hominem...” enquanto os debatedores atacam um ao outro, em vez de criticarem o conteúdo de suas ideias.

Antes de adotar o modelo clássico, sentia que estava vivendo no século errado e com as pessoas erradas. O estudo dos clássicos me apresentou a todos os meus parentes perdidos. Passei a sentir que a minha noção de mundo aumentou em dois mil anos. As vozes do passado expandem a forma como eu vejo e compreendo o mundo ao meu redor. Sinto como se ouvíssemos uma voz mais contundente, mais digna de confiança e pudéssemos responder da mesma maneira. Enquanto jovens, desejo que os nossos quatro meninos aprendam as habilidades necessárias para ouvir a sabedoria coletiva de todos os tempos. Quero que eles consultem regularmente os conselhos de homens e mulheres sábios e virtuosos, buscando neles ajuda para enfrentar os problemas e as adversidades.

Quase todos os dias pais e professores me perguntam acerca da educação clássica. Eles sabem que algo simplesmente não está certo com a educação contemporânea, e sabem disso porque os seus filhos e alunos não estão aprendendo tanto ou tão bem quanto poderiam. Você sabe que a educação deveria unir a sua família com o melhor da História enquanto a prepara para o futuro. O modelo clássico oferece *insights* não apenas sobre o que a sua família pode aprender, mas também sobre como aprendê-lo. Dessa forma, as nossas famílias

também conseguem ouvir a sabedoria do passado, cujas vozes podem nos ajudar a avaliar nossa vida diária e a enxergar nosso lugar e propósito sob uma perspectiva histórica mais ampla.

Minha família vem praticando o modelo de educação clássica desde 1997 e estamos quase bons nele. Digo “quase” porque é um trabalho contínuo. Valeu a pena, penso eu, mas foi necessário tempo, dedicação e prática constante para levar as grandes conversas clássicas da humanidade até a nossa casa. Em certo sentido, não podemos voltar no tempo para compensar os anos perdidos em que não usamos o modelo clássico de educação, mas aqui está a magia: o modelo clássico nos permite aprender para sempre. Portanto, os nossos filhos mais velhos, que só tiveram alguns anos de educação clássica em casa (menos tempo do que os nossos filhos mais novos), pegam emprestado os nossos livros para lerem em sua própria casa. Meu marido e eu podemos nos apaixonar diversas vezes pelas poesias e passagens da literatura conforme envelhecemos o suficiente para considerarmos a nós mesmos antigos também. Os anos que foram perdidos longe de nossas raízes clássicas estão sendo redimidos.

Acredito que todas as crianças merecem receber uma educação clássica. É uma bênção que nunca deixa de abençoar porque tem duas faces. A educação clássica enfatiza o uso das *habilidades* clássicas para o estudo do *conteúdo* clássico. Sendo fundadora da *Classical Conversations*, uma rede de comunidades que utiliza o modelo clássico para o ensino domiciliar, converso com pais e mães de todo o país, ensinando-os a implementar o modelo de educação clássica em seu próprio lar. Em certo sentido, é algo difícil de fazer porque significa entrar em um padrão educacional desconhecido. Por outro lado, quando as pessoas começam a entender a natureza da educação clássica e o quão bem ela treina a mente para pensar, o aprendizado se torna mais fácil. Costumo dizer aos meus filhos: “primeiro a obrigação, depois a diversão”.

Este livro familiariza pais e educadores não apenas com os clássicos, ou com uma lista de grandes obras, mas também os incita a desenvolver uma educação clássica para os seus filhos. Para mim, esta foi uma lição de humildade. É com frequência que preciso esquecer todas as minhas qualificações acadêmicas, lembrar que estou aprendendo algo novo e que sou tão inteligente quanto um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental. Felizmente, sou mais experiente e mentalmente ágil do que um aluno do primeiro ano, então sou capaz de recuperar, rapidamente, muito do que perdi quando criança. Nosso sistema de educação domiciliar permite que meu marido e eu

recuperemos as bases da educação clássica ao lado dos nossos filhos.

A consideração mais importante que posso fazer é a seguinte: qualquer pai ou mãe que realmente tente, consegue se envolver mais na educação de seus filhos. Existem muitas famílias que gostam de trabalhar e aprender juntas. Nem sempre é fácil, mas é muito gratificante poder orientar a educação de seus próprios filhos. O primeiro requisito é acreditar que isso é de fato importante e que você é capaz. Sempre que ouço um pai se lamentar “Eu nunca conseguiria educar meus filhos em casa”, ou “O modelo clássico é difícil demais”, eu preciso concordar com eles. Essa, contudo, não é a realidade de todos, mas somente daqueles que não têm confiança. Tanto a pessoa que afirma “Eu consigo” quanto a pessoa que afirma “Eu não consigo” estão certas. Eu acredito que *todos* os pais podem participar da restauração da nossa cultura, transformando-a em uma que valoriza o ensino clássico, mas apenas se eles mesmos acreditarem que são capazes disso. Acredito que o grande amor dos pais por seus filhos os torna capazes de oferecer uma educação de qualidade, centrada em seus próprios lares.

O Essencial: Ensinando os Fundamentos da Educação Clássica ao seu Filho começa do início, apresentando aos pais as ferramentas necessárias ao ensino da gramática para alunos do Ensino Fundamental. O ensino da gramática não é assim tão difícil, pois é projetado para alunos mais novos. A maior parte deste livro descreve técnicas que desenvolvi visando os meus filhos a fim de formar uma base para o ensino da gramática. Este currículo serve a alunos de qualquer idade, mas estamos lidando com um conceito de difícil compreensão, porque já estamos acostumados a pensar em termos de séries e anos. Abordo cada matéria como se a estivessemos ensinando a uma criança com menos de treze anos e, depois, combino a discussão com ideias para alunos mais velhos e até mesmo adultos. À medida que envelhecemos, fica cada vez mais fácil fazer uma avaliação das habilidades básicas que nos faltam.

Por meio de histórias de crianças reais estudando conteúdo de qualidade, apresentaremos o propósito e os objetivos da educação, enquanto oferecemos diversos exemplos para a sua execução prática. Minha esperança é que não apenas pais e mães, mas qualquer adulto preocupado com o estado da educação considere este livro útil.

Alguns dos termos que utilizo precisam ser explicados. Refiro-me à educação atual como “educação industrial” porque, historicamente, a era industrial coincidiu com um mandato nacional para que a

educação pública fosse disponibilizada às massas. A fim de que pudessem assumir essa pesada tarefa, os sistemas escolares precisaram replicar algumas características presentes em grandes fábricas, como se pudessem ignorar o fato de que os “componentes” das “linhas de montagem” eram, no caso, crianças.

Aos olhos de alguns educadores, os computadores são a salvação para os problemas educacionais modernos, porque podem ser adaptados às necessidades individuais dos alunos. No entanto, a proliferação excessiva de computadores nas salas de aula tornaria obsoleta a relação pessoal entre professores e alunos. Refiro-me ao uso crescente de computadores nas escolas como “a educação na era das tecnologias globais”.

A educação clássica adota a eficiência das novas tecnologias, pois de fato oferecem oportunidades de ensino individualizado, mas rejeita, em contrapartida, a sua utilização exclusiva como um bom modelo de educação. Tanto a educação industrial quanto a tecnológica roubam da criança a necessidade de pensar e substituem tutores amorosos e atenciosos por uma máquina ou um sistema. O modelo clássico enfatiza que a aprendizagem alimenta a alma e edifica a pessoa ao invés de produzir funcionários para trabalhar em uma linha de montagem. O objetivo do modelo clássico de educação é incutir sabedoria e virtude nas pessoas. Vemos o aprendizado como uma conversa contínua na qual a humanidade está engajada há séculos e nos preocupamos com a industrialização e as tecnologias, pois acreditamos que ambas reduzem o contato e o contexto que se constrói entre as crianças e os mais velhos.

Eu sei que você, muito provavelmente, está consentindo com a cabeça e pensando que tudo isso parece bom, mas se perguntando como poderia colocar esse programa maravilhoso em prática e como fazer com que o seu filho participe, enquanto vocês mal têm tempo para cumprir com as obrigações escolares atuais.

A minha resposta seria: volte ao básico. Os seus filhos podem frequentar a escola com expectativas diferentes. Pais e educadores sabem que precisam trabalhar juntos para restaurar as altas expectativas acadêmicas, mas nem sempre sabem ao certo onde as mudanças devem ser feitas. Sugiro que comecem pensando na educação moderna como um sistema de nivelamento. Construímos fábricas de educação onde outras pessoas, e não os pais dos alunos, controlam tudo o que é feito e os seus resultados. Muitos livros já foram escritos para descrever os problemas do sistema de educação

moderno, portanto não perderei tempo repetindo o que já foi dito extensamente. Em vez disso, depois de dedicar um capítulo para resumir as questões já mencionadas, a parte principal do livro oferece uma solução testada pelo tempo.

Até crianças como as minhas, que foram educadas em casa, frequentarão algum tipo de instituição de ensino ao longo da vida. Meu desejo é que elas sintam que é uma grande vantagem estudar em um seminário, uma faculdade ou um curso técnico porque os alunos que lá estudam estão igualmente interessados no processo de aprendizado ao longo da vida. É do interesse de todos nós que o modelo clássico de educação seja restaurado.

Mudar o nosso paradigma educacional atual — de um sistema de técnicas industriais que consideram a educação como o processo de produção de seres humanos preparados para uma estrutura de produção em massa — de volta ao ideal de que a educação, na verdade, prepara a humanidade para a liberdade é uma tarefa difícil. Ainda mais desafiador é tentar fazer essa mudança e, ao mesmo tempo, esforçar-se por transferir a responsabilidade da educação de nossos filhos dos professores para a família. Separadamente, essas ideias já são de difícil implementação. Embora aderir simultaneamente à educação domiciliar e à educação clássica pareça impossível, milhões de famílias estão conseguindo fazer exatamente isso. C. S. Lewis, autor de *As Crônicas de Nárnia*, certa vez disse: “*Os únicos que conquistam em abundância são aqueles que desejam tanto o conhecimento que o buscam mesmo sob condições desfavoráveis. As condições favoráveis nunca chegam*”. Buscaremos melhorar a educação de nossos filhos, apesar de todas as dificuldades. Muitas das ideias presentes neste livro são nada mais que práticas racionais e deliberadas que já temos com nossa família. Estudar com um propósito maior pode motivá-lo a tornar-se mais intencional na criação de filhos que amam aprender.

Um dos desafios da educação domiciliar é construir uma nova relação com os seus filhos. Fato é, porém, que assumir a nova função de tutor deles representa uma das preocupações que podem surgir quando se toma a decisão de seguir como família educadora. Pais e mães, talvez vocês estejam acostumados a disciplinar e dar amor, desempenhando um bom papel de liderança em seu lar, mas ainda assim temem que se tornar o professor dos seus filhos seja algo completamente diferente.

Visando ensiná-los sob o modelo clássico, talvez você precise

instruí-los a que o respeitem de uma maneira diferente. Além disso, talvez seja necessário que você se torne merecedor desse respeito. Adicionar a função de professor ao seu repertório parental, no entanto, é algo que pode ser feito e trará resultados maravilhosos para toda sua família. Ao contrário do que defende a cultura popular, é natural que as crianças reconheçam que seus pais são mais sábios do que elas e que os jovens desejem ser responsabilizados por suas próprias ações. Façamos a escolha consciente de nos tornarmos adultos com quem as crianças gostem de conviver, não por sermos “divertidos”, mas porque os nossos filhos sabem que consideramos um grande privilégio e prazer estar com eles. Mostremos que quando aprendemos algo novo, mal podemos esperar para compartilhar a nossa descoberta com os nossos filhos. Onde houver visão e percepção, os pais encontrarão um caminho.

Meus filhos sabem que o que virá a seguir representa a visão de seus pais para a sua educação acadêmica enquanto crianças. E essa visão só pode amadurecer à medida que eles crescem se o núcleo for sólido e as bases forem firmes.

Tenho convicção de que o estudo dos clássicos nos torna mais completos e infunde em nós uma compreensão única sobre o mundo. Nos capítulos seguintes, ofereço aos leitores as ferramentas necessárias para trabalhar com qualquer disciplina. Um aspecto fundamental da minha metodologia é o tratamento das particularidades de qualquer matéria como conjunto central de ideias, chamado gramática (isto é, os rudimentos, ou elementos básicos). Os conceitos gramaticais escolhidos para este livro têm por base a experiência de um grupo de famílias que trabalharam juntas a fim de desenvolver uma educação clássica rigorosa para os seus alunos do Ensino Médio. Tanto os adultos quanto os alunos reconheceram que não tinham o domínio de algumas ideias centrais que poderiam ter sido estudadas quando eram muito mais novos. Nossa falta de conhecimento estava nos impedindo de alcançar níveis mais elevados de aprendizado. Sendo eu a líder das famílias, estava decidida a não permitir que os nossos filhos mais novos deixassem de aprender informações tão obviamente importantes. Este currículo já foi utilizado por dezenas de milhares de famílias por meio da organização das comunidades acadêmicas fundada por mim, chamada *Classical Conversations*.

O último capítulo apresenta alguns programas e dicas para a implementação do modelo clássico, independentemente de onde os seus filhos estudam. Dizem que os pais são os primeiros e melhores professores dos seus próprios filhos. Eu realmente acredito nisso.

Antes do Ensino Médio, meus filhos devem ser capazes de, no mínimo:

- Ler e discutir artigos de jornais, a Bíblia, os vencedores da medalha Newbery de literatura infantil, bem como o conteúdo de revistas técnicas populares.

Diversas oportunidades de leitura, tais como atualidades, revistas científicas e alta literatura, assim como os quadrinhos no jornal de domingo ajudam a ampliar o vocabulário dos alunos. Esse fato é explicado mais detalhadamente no Capítulo 4: “Leitura”.

- Analisar e formular orações, identificando os padrões frasais, as classes gramaticais e a nomenclatura gramatical de ao menos duas línguas. Fazer um esboço com palavras-chave a partir de fontes diferentes e resumi-las em uma redação curta.

Ao trabalhar em um período por dia durante seis anos em 180 dias letivos, o aluno pode analisar exaustivamente 1.080 períodos durante o Ensino Fundamental. Deve-se enfatizar a estrutura da escrita acima do seu conteúdo criativo. Os detalhes são explicados no Capítulo 5: “Escrita”.

- Ser capaz de fazer multiplicações e divisões com agilidade utilizando a tabuada, decorar os números quadrados e cúbicos comuns, identificar as propriedades associativa, comutativa, distributiva e neutra da multiplicação em problemas matemáticos, fazer contas de adição e subtração de múltiplos dígitos mentalmente e ter dominado as formas numéricas básicas.

Há muitos outros conceitos que já devem ter sido dominados, como formas e padrões, a utilização do nosso sistema decimal e unidades de medida. As ideias listadas anteriormente são os conceitos mais importantes, embora nem todos estejam presentes. No entanto, os conceitos mais necessários também são, frequentemente, os mais negligenciados, como explico no Capítulo 6: “Matemática”. A calculadora não deve ser necessária até o estudo da trigonometria, no Ensino Médio.

- Desenhar um mapa do mundo e identificar duzentos lugares de cabeça.

Essa tarefa tem se mostrado fácil para aquelas crianças que são incentivadas a desenhar desde o momento em que conseguem segurar um giz de cera, exercício que proporciona muita prática para a criança ficar sentada e copiar. Os detalhes são explicados no Capítulo 7: “Geografia”.

- Criar e memorizar uma linha do tempo que inclua 160 acontecimentos mundiais e todos os presidentes do país.

Memorizando oito acontecimentos por semana, a criança levará cerca de 25 semanas para decorar toda a linha do tempo. Em seguida, os alunos devem recitar de 32 a 40 acontecimentos por dia até que a linha do tempo esteja internalizada. Os detalhes são explicados no Capítulo 8: “História”.

- Ser capaz de identificar as categorias básicas de ciências e decorar ideias fundamentais de cada categoria.

A ciência básica do universo é estruturada em cinco categorias principais: astronomia, geociência, biologia, química e física. G. K. Chesterton disse: “Sofremos não pela falta de coisas deslumbrantes, mas pela incapacidade de nos deslumbrarmos”. As crianças devem ficar ao ar livre, aprender a abrir os olhos e deslumbrarem-se com as maravilhas da criação. Ao ensinarem as crianças a dar nomes aos animais, plantas, constelações e aos processos que estão observando, os adultos também devem mostrar como o nosso cérebro tem a capacidade de arquivar esses conceitos para fins de comparação e contraste. Os detalhes são explicados no Capítulo 9: “Ciências”.

- Ser capaz de controlar o seu corpo por longos períodos de tempo, estando ou não entediado. Fazer esportes, desenhar e tocar um instrumento. Ser capaz de identificar os grandes nomes das artes plásticas, incluindo compositores, pintores e até mesmo atletas.

Assim como em qualquer outro campo de estudo, não devemos considerar as Belas-Artes igualitárias. Aqueles que criam e preservam a “alta cultura” nas artes ajudam aqueles de nós que admiram a beleza a entender que, por comparação, a “cultura *pop*” é o equivalente a uma dieta baseada em batata frita e refrigerante. Desfrutar de uma cultura clássica exige mais esforço; uma vez, porém, que a compreensão é alcançada, tornamo-nos eternamente famintos por mais dela. Os detalhes são explicados no capítulo 10: “Belas-Artes”.

PRIMEIRA PARTE



O MODELO
CLÁSSICO

CAPÍTULO 1

Qual é o problema da educação atual?

“Se o senhor aprovar, diretor, ficarei aqui até que algum menino deseje ler os clássicos. Acredito que seria uma tragédia fazer qualquer outra coisa com o intuito de preparar um menino para o mundo moderno.”

“Essa é uma visão limitada, Scott-King.”

“Neste ponto, diretor, com todo o respeito, discordo profundamente do senhor. Considero essa visão a mais vasta que se pode ter.”

— Evelyn Waugh, *“Scott-King’s Modern Europe”*

O propósito da educação clássica

Há muitos propósitos práticos para a educação: habilidades vocacionais, lazer, sustento, interação social ou a simples ampliação de perspectivas. O propósito da educação clássica é municiar os alunos a fim de que descubram como o nosso universo funciona. Compreender o universo físico exige um conhecimento básico de matemática e ciências. Compreender a natureza humana exige um conhecimento básico de linguagem, história, economia e literatura. Para aprender as informações básicas de qualquer campo do conhecimento, os alunos precisam ser treinados em leitura, escrita, comunicação e análise de informações qualitativas. Em seu nível mais elevado, as ciências humanas são estudadas porque incorporam os conceitos que nos tornam humanos.

Trocamos conhecimentos, informações e ideias por meio de palavras, faladas ou simbolizadas. As palavras são processadas, pesadas e analisadas mediante outras palavras, mesmo que tenham a sua origem em uma fotografia, imagem ou experiência. As palavras são utilizadas para o compartilhamento de ideias concretas ou abstratas.

A educação bem-sucedida deve impulsionar o aluno a desejar

aprender mais. O aprendizado deve inspirar alegria e um fascínio constante pelas maravilhas da criação. Aprender deve nos dar vida — acender a nossa imaginação e nos inspirar a compartilhar os conteúdos que aprendemos com as pessoas que amamos. A alegria de aprender começa no lar e o mundo inteiro deve ser a nossa sala de aula. Acredito que as crianças aprendem melhor quando os pais e professores são seus heróis.

A educação clássica consiste em ensinar as habilidades de gramática, lógica (também chamada de dialética) e retórica. Essas três habilidades são chamadas de trivium, termo em latim que significa “três vias”, ou o lugar onde três caminhos se encontram. Na Idade Média, o trivium era formado pelas três primeiras matérias das Sete Artes Liberais, precedendo o quadrivium (disserto mais a esse respeito no Capítulo 6). Embora alegue ensinar as Artes Liberais, a educação moderna, mesmo sem saber, negligenciou os benefícios das diversas artes clássicas que formam a boa educação, especialmente o seu rigor.

A base da educação clássica começa com os pais ensinando seus filhos a arte da memorização e os estudos da gramática. Alguns educadores podem descartar a memorização mecânica, mas em minha opinião, ela é muito benéfica, pois treina o cérebro a reter informações. É a forma mais orgânica de aprendizado já criada, além de ser compatível com a maneira como naturalmente nos relacionamos com os nossos filhos.

Este é um processo que começa no início da vida. Assim que os pais seguram o seu bebê recém-nascido nos braços, começa um processo de vínculo afetivo. Eles conversam com a criança, apresentam-lhe os sons e nomes do mundo ao seu redor por meio da repetição (“Olha o au-au, filho. Viu o au-au?”). A mãe e o pai de um recém-nascido não têm nenhuma dificuldade de dizer coisas como “Eu te amo”, ou “Sim, sou a mamãe” com muita paciência, repetidamente, mil vezes. Com isso, o bebê começa a identificar grandes conceitos, como aconchego, fome, bondade e nutrição, com palavras e ações específicas, desenvolvendo, dessa forma, o seu próprio vocabulário. Muitos pediatras concordam que a melhor coisa para o desenvolvimento neurológico infantil é que os pais estimulem a mente do bebê utilizando uma infinidade de palavras, gestos e toques. No entanto, de alguma maneira, nos últimos anos a teoria educacional passou a rejeitar a repetição como uma boa ferramenta de ensino destinada ao domínio das tabuadas, à identificação de localizações geográficas ou ao ensino da grafia correta das palavras. Todos concordam que, para ser bom em esportes ou música, é necessária a

prática contínua até que as habilidades motoras finas se transformem em suas habilidades motoras grossas, ou seja, até a pessoa ser capaz de tocar Tchaikovski dormindo! O excesso de prática resulta em uma repetição suficiente para fazer habilidades novas parecerem fáceis e naturais. As filosofias educacionais contemporâneas, contudo, consideram a contínua memorização desnecessária ao ensino. Por isso, o nosso sistema educacional é fraco.

O objetivo da educação clássica é fortalecer a mente, o corpo e o caráter dos alunos a fim de desenvolver sua capacidade de aprender qualquer coisa. Esse fortalecimento requer um discipulado ou uma mentoria consistente, oferecido por um adulto responsável durante bastante tempo e com objetivos acadêmicos específicos. Por fim, a criança desejará saber por que precisa aprender tanta terminologia e o que fazer com tudo o que aprendeu. Essas perguntas naturais conduzem as crianças ao estudo da dialética e da retórica.

Antes de examinarmos a restauração do modelo clássico como o núcleo para a educação de todas as crianças, examinemos a ideologia que nos fez perder esse modelo após 2.500 anos de sucesso. Os principais culpados por reduzir a nossa capacidade de participar de uma discussão racional são o profissionalismo, as leis federais, o “entretenimento educacional” e o abandono das habilidades de memorização.

O profissionalismo substituiu o papel dos pais

A especialização e a divisão do trabalho são marcas de profissionalismo em qualquer área. Assim como médicos e advogados, os educadores modernos imitam as estruturas das linhas de montagem, especializando-se em alguma área específica, como ciências para o quarto ano ou desenvolvimento pré-alfabetização. A especialização pode ser útil para o ensino de adultos que desejam aprender uma habilidade específica e também pode ser muito útil para ensinar pessoas com dificuldades singulares de aprendizado, mas não é particularmente útil quando se lida com o incentivo ao amor pela educação em crianças que estão apenas tentando agradar o seu professor para que possam voltar ao que consideram mais importante: brincar com seus brinquedos.

A educação está agora igualmente profissionalizada. Em vez de pais orientando os seus filhos em casa, na comunidade e na vida profissional, agora os educadores profissionais são os encarregados de ensinar aos alunos especialidades durante uma hora por dia, durante

quinze semanas para que, então, esses mesmos estudantes passem para outra matéria, lecionada por outro professor. Os alunos não têm tempo para criar vínculos com seus professores, nem para descobrir e valorizar a sabedoria dos mais velhos. Eles não têm a oportunidade de presenciar seus instrutores tendo alguma dificuldade para aprender o conteúdo a ser ensinado em sala de aula, nem de tentar imitar a sua perseverança e o seu caráter ou de ver, ao longo do tempo, que os seus mentores dão continuidade aos estudos como uma busca constante. Crianças foram criadas para receber por um bom tempo o cuidado, os ensinamentos e o amor de um pai e de uma mãe, todos eles inseridos numa comunidade de apoio. Mas, em vez disso, colocamos as crianças numa situação em que elas consistentemente aprendem a depender de seus colegas. Os alunos aprendem a valorizar mais os seus colegas de classe do que os seus professores, pois pelo menos os outros alunos estão sempre com eles, de classe em classe e de ano em ano, enquanto os professores vêm e vão.

A era industrial ficou para trás, e agora a nova era das tecnologias globais exige que pais e professores examinem as estruturas educacionais da atualidade. O governo financiou muitas iniciativas e inovações em uma tentativa de reparar a educação moderna, mas todas fracassaram, pois se esqueceram de que as crianças precisam receber orientação consistente e contínua de alguém em quem confiem.

Um dos motivos que a maioria usa para justificar a educação profissionalizada é o auxílio a crianças pequenas que vivem nas piores circunstâncias. Entretanto, a estrutura produzida para supostamente proteger e cuidar desses pequenos faz justamente o oposto. Imagine um menino pobre de seis anos que raramente consegue uma refeição saudável e quase nunca está sob a supervisão dos pais. Ele finalmente vai para a escola e lá se apaixona pela primeira pessoa que está todos os dias ao seu lado — a sua professora do primeiro ano. Ela ama, incentiva e ensina esse menino. Ela não deixa as outras crianças o intimidarem e sempre oferece ao menino um bom café da manhã, um ótimo almoço e um excelente lanche depois das aulas. Para ele, só os finais de semana são ruins. Essa criança de apenas seis anos tem, pela primeira vez, uma rotina diária que conta com uma relação de compromisso. A vida é boa; há esperança. Mas, então, o ano escolar chega ao fim e essa professora tão querida diz: “Adeus. Você terá uma ótima professora no segundo ano”.

Assim, o menino, agora com sete anos, sobrevive às curtas férias de verão e recomeça o mesmo processo. Agora, porém, além da

professora polivalente na sala de aula, ele tem uma professora de matemática e ciências, uma professora de artes da linguagem e uma professora de música. Por qual delas ele vai se apaixonar? E qual se apaixonará por ele? Cada uma dessas professoras tem, alternando de hora em hora, dezenas de alunos sob sua responsabilidade. Então, no final do segundo ano, fica um pouco menos doloroso se despedir das professoras, já que ele não chegou a conhecê-las de verdade. Mas, pelo menos, o pequeno estava fisicamente seguro e era bem alimentado todos os dias.

E, assim, ao final do terceiro ano, o menino mal se dá conta de sua professora, porque construiu uma forte ligação com os amigos que passaram de um ano ao outro ao seu lado. Diariamente, todos passam muitas horas juntos. Por isso, em vez de aprender a se comportar corretamente com um adulto maduro, porque não tem nenhum em casa ou na escola, o menino toma como modelo de vida o futuro capitão do time de futebol, assim como as meninas da sua turma provavelmente tomam como modelo para si a futura rainha do baile de formatura. Essa criança, portanto, vinda de uma classe social mais baixa, aprendeu basicamente que nenhum adulto se importa o suficiente para dedicar tempo a fim de ensiná-la por mais do que as 150 horas necessárias para completar as horas letivas. Além disso, ao crescer, o menino aprendeu que as professoras não eram tão capazes assim de protegê-lo fisicamente quanto eram quando ele e seus amigos eram pequenos, e também passou a ouvir que é humilhante ter de comer o almoço gratuito oferecido pelo governo.

Até mesmo as nossas escolas de Ensino Fundamental oferecem cada vez menos anos com uma única professora lecionando todas as matérias ao longo do ano letivo. Contratamos profissionais e especialistas para separar as matérias, como se seres humanos pudessem segmentar suas vidas em compartimentos artificiais. Depois os adultos se perguntam por que os conceitos aprendidos pelas crianças em uma “matéria” do dia não são transmitidos para as demais disciplinas. Com os nossos métodos de apresentação, ensinamos aos alunos que esses conceitos não têm relação. O foco agora está no conteúdo das aulas e na profissionalização, e não na natureza da educação de uma pessoa integral, que só se tornará um adulto maduro se passar tempo com outros adultos maduros.

A fábrica produziu o produto que pedimos — um aluno que existe no sistema e sobrevive até que seja dispensado do ensino obrigatório. Afinal, nenhum adulto está comprometido a entender as questões que ardem no coração da criança e do jovem; além disso, os programas do

Discovery Channel são mais interessantes do que as aulas do professor substituto. Por meio de nossas boas intenções, oferecemos a esse menino necessitado um sistema que o ignorou — uma criança que deveria ser criada para trabalhar duro e sentir o incentivo carinhoso de um adulto amoroso enquanto supera desafios difíceis. Oferecemos a ele um sistema que o manteve ocupado, mas que não o dotou com a capacidade de continuar seus estudos de forma independente.

Estou criticando a profissionalização do ensino infantil porque os seres humanos não são engrenagens de uma máquina. Também estou tentando ressaltar a raiz do problema aos olhos de todos os adultos maravilhosos que escolheram como profissão o ensino, pensando que poderiam dedicar-se à vida de muitos alunos, mas acabaram tendo suas ótimas intenções esmagadas pelo sistema. Nosso atual sistema escolar reproduz os sistemas industriais e exige que o professor seja mais um gestor de sua sala de aula do que propriamente um educador. Os professores estão compreensivelmente frustrados.

Além de ensinar as crianças a amarem aprender, é importante ensiná-las a respeitarem a própria família. Sou professora, mas sei que sempre que faço algo que possa quebrar o vínculo entre um aluno e seus pais, estarei enfraquecendo aquela família, cujos membros permanecerão unidos por toda a vida, enquanto o professor permanece com seus alunos durante um período específico. O meu desejo é que eles passem o máximo de tempo possível com os seus pais e irmãos, aprendendo a respeitar as dificuldades enfrentadas pelos outros membros da família. Quero voltar a atenção dos meus alunos para os princípios e para a inteligência de seus pais. Minha vontade é que os filhos confiem nos pais para deles receber ajuda nas dificuldades escolares. Quero que as discussões acerca de temas difíceis em sala de aula sejam francas e honestas, mas desejo finalmente concluí-las da seguinte forma “Agora vão para casa e perguntem aos seus pais o que eles acham disso”. A família deve instruir a mente, a vontade e as emoções de seus filhos, a fim de que as barreiras criadas pelo medo do desconhecido sejam substituídas pela confiança de saber que eles são amados, independentemente do sucesso ou do fracasso.

Quer os alunos de gerações passadas tenham vivido com pais preocupados, quer tenham crescido em um ambiente familiar negligente, aqueles que hoje têm uma certa idade já experimentaram um nível muito mais elevado de compreensão textual em comparação com os alunos da geração atual. A educação profissionalizada resultou em uma grande perda no grau de letramento, tanto no caso de

famílias equilibradas quanto na realidade de famílias disfuncionais. Considere, por outro lado, como as pequenas escolas comunitárias eram bem-sucedidas. Os Estados Unidos tinham taxas de alfabetização proficiente superiores a 90% quando alunos do primeiro ano dividiam a sala de aula com alunos do sétimo ano e as crianças só frequentavam a escola durante alguns meses por ano. A pessoa que adquire níveis proficientes de alfabetização é capaz de analisar e sintetizar uma variedade de ideias retiradas de um amplo conjunto de artigos e de defender as suas conclusões usando o texto de origem. Esse é um nível de alfabetização muito mais elevado do que simplesmente ser capaz de ler um livro ou um jornal.

Uma grande porcentagem dos colonos americanos comprava documentos que exigiam domínio textual. Alexis de Tocqueville, pensador político e historiador francês, observou como todos nos Estados Unidos liam os mais variados tipos de tratados, ao contrário dos europeus que ele analisou. Nos primeiros trezentos anos depois que os colonos se estabeleceram nos Estados Unidos, os pais americanos ensinaram seus filhos a ler, trabalhar e pensar. E como esses pais foram capazes de ensinar aos seus filhos? Eles simplesmente ensinaram aquilo que também haviam aprendido com os seus próprios pais quando mais novos. Se você sabe somar, subtrair, multiplicar e dividir, então é certamente capaz de ensinar matemática a uma criança. Se você sabe ler, então pode ensinar uma criança que ainda não sabe. É uma questão de bom senso. Porém, hoje em dia, os pais são levados a acreditar que apenas profissionais dentro de uma sala de aula são capazes de ensinar corretamente aos seus filhos mesmo o básico do básico.

Leis federais criaram substitutos para as escolas comunitárias e o ensino domiciliar

Vivemos em uma sociedade que acredita ser dever do governo federal oferecer educação para as massas, desde a creche até a universidade, incluindo aulas para idosos. Os profissionais substituíram a posição dos pais de principais educadores dos filhos e as leis federais retiraram o controle das comunidades; o entretenimento substituiu o esforço como modelo de educação. (Antes da década de 1950, não existiam escolas de Ensino Fundamental nos EUA. As escolas correspondentes eram chamadas Escolas de Gramática, pois todos sabiam que era isso o que as crianças deviam aprender naquela etapa).

Agora, porém, somos uma nação de pais que acreditam que, se os

nossos filhos não *gostam* da escola, é porque deve haver algo de errado com os livros utilizados, ou com os professores, mas não com as crianças. Ou, então, buscamos rótulos especiais a fim de justificar as fraquezas de nossos filhos; queremos que eles recebam ensino individual, numa tentativa de replicar justamente o modelo de vida familiar do qual os removemos. Psicólogos e orientadores são contratados para representar uma mão firme e amorosa para as crianças que enfrentam dificuldades, porque os seus pais foram levados a acreditar que não são qualificados para desempenhar esse papel.

Os responsáveis pelo currículo escolar também ficam felizes em perpetuar a ilusão de que se puderem encontrar uma “receita mágica”, nossos filhos poderão aprender sem muito esforço ou dificuldade. Da mesma forma, os editores ganham rios de dinheiro vendendo novas edições que afirmam apresentar as técnicas mais inovadoras, eficazes e divertidas para o aprendizado infantil.

No entanto, realisticamente, a excelência acadêmica só é atingida quando uma coisa acontece: quando todos se esforçam, queiram ou não, mesmo sendo ou não bons nisso. Como pais de quatro filhos, o meu marido e eu já ouvimos todas as desculpas sobre por que eles não queriam estudar. Como professora e conselheira educacional, também já ouvi todas as desculpas possíveis de pais sobre por que os seus filhos não conseguem ter um bom desempenho escolar, ou por que não gostam de determinados aspectos do processo de ensino e aprendizado.

Os pais se esqueceram de que, há um século, uma criança de nove anos precisava se esforçar para obter sustento. Eu gostaria que toda criança tivesse uma vida tão abençoada, com tantas facilidades e confortos que sua maior dificuldade fosse lavar a louça, mas essa não é a realidade de muitos. Os pais precisam parar de acreditar nas desculpas do pobre Joãozinho de que estudar é difícil demais, ou de que ele não consegue prestar atenção, que treinar caligrafia é chato e que a matemática é repetitiva. Sinto muito, mas a vida é repetitiva. O que estamos fazendo é atrofiar o cérebro dos nossos filhos em vez de proporcionar o extenso exercício mental de que eles precisam para um desenvolvimento normal. O exercício mental auxiliado por um núcleo de material de qualidade é análogo ao exercício físico auxiliado por uma dieta saudável. Seria interessante investigar se o nosso declínio acadêmico chegou à mesma proporção do aumento da obesidade no país.

É hora de restaurar os níveis acadêmicos alcançados por todas as crianças em idade escolar dos Estados Unidos antes da década de 1950, quando a alfabetização *proficiente* era algo esperado de todos, comprovável pelo número de livros comprados, pelo rico vocabulário utilizado na literatura infantil e pela quantidade de conceitos complexos conectados em uma única e longa frase. As pessoas escrevem da forma como pensam e falam. Pessoas que aprenderam a pensar com “*tuítes*” sentem dificuldade para ler até mesmo autores populares do passado recente, como Thoreau, Alcott e Douglas. Os Estados Unidos são um líder global e, se quiserem continuar competindo com o restante do mundo, precisam começar a trabalhar na área do ensino tanto quanto os nossos amigos da Índia e da China. Se não fizermos isso, não teremos o direito de reclamar ao vermos empregos ou o poder político indo para o exterior. Os Estados Unidos reconquistarão a liderança acadêmica se restaurarem o modelo clássico como ideal educacional e recuperarem a convicção de que os pais são inteligentes o suficiente para se responsabilizarem pela educação dos próprios filhos.

Precisamos reapresentar as famílias aos heróis que superaram verdadeiras limitações educacionais (e não meras inconveniências) a fim de alcançar a excelência acadêmica. Uma de minhas heroínas é Helen Keller. Apesar de cega e surda, Helen tornou-se uma figura internacional antes da era do rádio e do cinema. A maioria de nós está familiarizada com a professora Anne Sullivan, do filme biográfico *O Milagre de Anne Sullivan*. Anne era uma professora de verdade, pois conseguiu fazer com que Helen realizasse coisas difíceis e superasse muitas deficiências.

Fico completamente fascinada com a imaginação e determinação que essa mulher surda e cega tinha para realizar tantas conquistas. Ela conseguia “ouvir” um rádio ao tocá-lo a fim de sentir suas vibrações! Mas o que me comove ainda mais profundamente foi a sua alegria de viver, apesar de estar na mais absoluta escuridão. Em sua biografia sobre Helen Keller, lançada em 1951, intitulada *Journey into Light* [“A Lição de Helen Keller”], Ishbel Ross diz: “Ela achava Franklin D. Roosevelt um objeto ideal (para suas leituras labiais por meio das vibrações e frequências de voz). Ela conseguiu captar as melhores piadas de Mark Twain pelo mesmo método de vibração. Com os dedos dela em seus lábios, Enrico Caruso ‘derramou sua voz de ouro’ na mão da menina. Feodor Chaliapin bradou a ‘Canção dos Barqueiros do Volga’ com o seu braço envolvendo-a com força para que Helen pudesse sentir cada vibração de sua poderosa voz. Jascha Heifetz tocou para ela enquanto os seus dedos repousavam levemente em seu

violino. Ela leu os poemas de Carl Sandburg saindo de seus próprios lábios e ouviu as antigas canções de folclore tocando a borda do seu violão”.

A maior parte das pessoas hoje nem sequer seria capaz de reconhecer os nomes desses tesouros históricos internacionais, muito menos de considerar importante apresentar as contribuições artísticas deles às nossas crianças “saúdáveis”, com todas as suas faculdades funcionando perfeitamente, crianças que podem facilmente apreciar as artes clássicas, ao contrário de Helen. Embora cega, Helen Keller era uma leitora tão voraz que lia em Braille até seus dedos sangrarem — ela, então, os enrolava com seda para que pudesse continuar a leitura. Precisamos nos dispor a incentivar a diligência em nossos filhos. Anne trabalhava metodicamente durante horas com a pequena Helen, muitas vezes sob grande custo pessoal, até que Helen adquiriu autocontrole suficiente para se tornar uma pessoa ensinável. Quando os meus filhos dizem que estão cansados de estudar, eu lhes pergunto: “Os seus dedos estão sangrando de tanto escrever?”. Visto que conhecem a história de Helen, eles respondem: “Não, mas a minha mão está com câimbra!”. Eu acredito que os pais amem mais os seus filhos do que Anne amava Helen.

Nós, pais e mães, também temos o desafio de lidar com a cultura do entretenimento que nos cerca. Muitos pais afirmam que morreriam *por* seus filhos, mas, ao mesmo tempo, têm dificuldade de viver *com* eles. No início, achei difícil ser mãe, especialmente porque sabia que poderia ser paga para fazer coisas que eu gostava tanto quanto gostava de ser mãe. Quando me tornei mãe, ninguém me disse que eu levaria cerca de três anos até entender como as coisas funcionam. Sempre trabalhei ou estive em ambientes escolares, mas, naquela época, precisava ser responsável apenas por mim mesma. Agora, havia bebês que não conseguiam falar e exigiam a minha total atenção. Precisei aprender a gostar de ser mãe.

Agora eu amo. Nós lemos, resolvemos problemas de matemática, fazemos tarefas domésticas e brincamos juntos; também brigamos e, às vezes, fazemos o outro chorar. Há momentos em que tenho vontade de mandar os meus filhos para um internato e outros momentos em que gostaria de ter mais filhos. Gosto do fato de ter uma ligação especial com cada filho. Um deles gosta de conversar sobre negócios e política comigo; outro me ajuda nas reformas da casa. Um compartilha do meu gosto por tecnologia; outro quer que eu o ajude a compartilhar sua fé cristã com os seus amigos do bairro. Para mim, as coisas que soam naturais são as que soam familiares. A raiz das palavras “familiar” e

“família” são a mesma, do latim *familia*, “lar”. É natural desejar estar com a sua família. São eles que incentivarão o seu trabalho, se alegrarão com o seu sucesso e o auxiliarão em suas dificuldades.

O abandono da prática de memorização

O comediante Jay Leno zomba frequentemente do nosso sistema educacional nos quadros “Jay Walking” em seu programa *The Tonight Show*. Nós nos divertimos, rimos, meneamos a cabeça e, então, confirmamos a sua afirmação de que somos uma nação de tontos quando continuamos em frente à televisão esperando pela próxima piada, em vez de desligá-la e abrir um livro. Desejamos o impossível — uma educação melhor por meio do entretenimento.

Antes da década de 1950, uma das formas de testar os conhecimentos básicos do aluno era por meio da recitação. Os alunos da época eram capazes de recitar um longo poema, como *Hiawatha*, de Longfellow na aula de literatura, analisar oralmente um período composto, elaborar uma linha do tempo, recitar a tabuada e desenhar um continente com suas características principais. E eles faziam isso usando apenas o próprio cérebro como ferramenta de referência. Em algum momento entre essa época e hoje, as associações de educação decidiram que os fatos podem ser pesquisados e, portanto, não há motivo para memorizá-los. A valorização do pensamento crítico e do aprendizado mediante a experiência substituiu a memorização como foco principal do Ensino Fundamental.

Embora o pensamento crítico e a aprendizagem pela experiência sejam cruciais, as associações educacionais se esqueceram de dois pontos: primeiro, que os alunos precisam memorizar informações a fim de que tenham algo em sua mente para exercer o pensamento crítico, ou para comparar com as suas próprias experiências; e, segundo, que o cérebro precisa ser intencionalmente treinado a fim de pensar de maneira eficiente. O pensamento crítico não é inerente ao ser humano; é necessário praticá-lo repetidas vezes por meio da comparação dos conceitos memorizados com os novos conceitos pelo uso da lógica. A internalização de um conjunto crítico de palavras e conceitos é o primeiro passo para pensar bem.

Nós, por exemplo, falamos inglês naturalmente se crescemos com pessoas que falam inglês. Mesmo sem receber qualquer instrução, as crianças memorizam uma quantidade tão grande dos padrões de sua língua materna que são capazes de reconhecer um erro de pronúncia e corrigi-lo. O foco do Ensino Fundamental deveria ser a memorização

das regras gramaticais a serviço da leitura e da escrita e das estruturas aritméticas a fim de facilitar o raciocínio claro, para que o aluno mesmo seja capaz de reconhecer e corrigir seus erros por conta própria.

As escolas atuais substituíram o uso da memorização no Ensino Fundamental por atividades lúdicas e empurraram essa técnica para as disciplinas do Ensino Médio. Espera-se que os alunos do Ensino Médio memorizem diversos termos novos de diferentes áreas do conhecimento, mas ninguém os ajuda a desenvolver um método para alcançar esse objetivo. Por exemplo, aprender a taxonomia das espécies, a tabela periódica e línguas estrangeiras exige a memorização de longas listas de palavras. Porém, como negligenciamos a prática da memorização nos níveis do Ensino Fundamental, os alunos do Ensino Médio têm dificuldade de reproduzir as informações estudadas em um semestre nas provas finais e, por isso, precisamos regredir aos testes de múltipla escolha, pois estes oferecem muitas dicas visuais. Essas dicas servem para ajudá-los, pois se prestaram o mínimo de atenção durante as aulas, automaticamente conseguirão adivinhar a resposta certa. Na verdade, chegamos ao nível de oferecer cursos que ensinam esses alunos *como chutar* nas provas e nos vestibulares e assim consigam uma nota mais alta. É uma pena que não ofereçamos, em vez disso, cursos de memorização.

Por falar em provas, sou uma grande fã dos testes que oferecem uma maneira rápida para os alunos avaliarem em que áreas precisam se esforçar mais nos estudos. No entanto, os testes são utilizados para determinar, bom... eu não sei mais qual é o propósito dos testes, porque os alunos são movidos de um ano escolar para o próximo, com mudança de professores a cada ano, independentemente dos resultados desses mesmos testes. Os pais e os alunos em geral parecem acreditar que essas provas são mais relevantes para os professores, enquanto, na verdade, deveriam beneficiar, em maior parte, os alunos e ser uma oportunidade preciosa de autoavaliação e para receber o *feedback* de um adulto confiável.

Capacidade de leitura proficiente reduzida

Um dos ideais da educação clássica é a preparação para o envolvimento cívico. Fosse recitando um dos discursos de Cícero diante do senado romano, fosse repetindo o Pacto do Mayflower, desde o início do século XVII, os alunos dos Estados Unidos precisavam memorizar e recitar declarações políticas influentes a fim

de garantir que de fato entendiam qual era o papel de um cidadão. Nos Estados Unidos, temos documentos escritos pelos Pais Fundadores para ressaltar os princípios básicos pelos quais os americanos concordaram viver. Os pais, então, ficam muitas vezes surpresos com o alto grau de instrução exigido para a leitura e compreensão desses documentos importantes. Estudos mostram que esses documentos fundamentais são desconhecidos pela maior parte dos cidadãos, cujo comportamento será passivo e complacente por não serem capazes de compreender o vocabulário extenso dos fundadores da nação e por não saberem explicar as leis que regem o próprio país.

Neil Postman, em seu livro *Amusing Ourselves to Death* [“Nos Divertindo até a Morte”], explica como a era do *show business* foi responsável por anular a proibição de livros, uma vez que as pessoas não se davam mais nem sequer ao trabalho de ler. Ele acreditava que o nosso amor pelas “tecnologias que enfraquecem a nossa capacidade de pensar” nos transformaria em uma cultura que perderia o interesse por livros e, conseqüentemente, a sua capacidade de processar conceitos difíceis ou excessos de informação. Em 1985, ele previu a severa redução em nosso grau de instrução como consequência da substituição das palestras e simpósios pelo entretenimento popular.

As escolas nos Estados Unidos deixaram de despertar o amor pelas ideias elevadas porque todos parecem estar confusos a respeito da verdadeira natureza da educação e sobre quem é responsável pela educação das crianças — a escola ou os pais? De acordo com Peter F. Drucker em seu livro *Post-Capitalist Society* [“Sociedade Pós-Capitalista”], as escolas deixam a desejar no ensino de conteúdos importantes porque é esperado que realizem tarefas impossíveis, como a socialização dos alunos. São a família, a igreja e a sociedade que devem ser responsáveis pela socialização das crianças. Para Drucker, não se deve esperar que as escolas substituam isso. Os relatórios anuais dos conselhos escolares geralmente enfatizam valores essenciais, como diversidade, empatia, igualdade, inovação e integridade, em detrimento de habilidades essenciais, como leitura, escrita e aritmética.

Estatísticas e definições de alfabetização

De acordo com a *National Assessment of Educational Progress* (NAEP) [“Avaliação Nacional do Progresso Educacional”] e segundo a *National Association of Adult Literacy* (NAAL) [“Avaliação Nacional de Alfabetização de Adultos”], a população adulta americana tinha apenas uma taxa de 15% de alfabetização proficiente em 2007. Hoje,

são considerados vários graus de alfabetização. Há três categorias básicas: em prosa, documental e quantitativa. A alfabetização em prosa refere-se à capacidade de pesquisar, compreender e utilizar textos contínuos, como folhetos, artigos de jornais ou revistas, livros e manuais de instrução. A alfabetização documental refere-se à capacidade de compreensão de textos não contínuos, formulários de emprego, folhas de pagamento, mapas e gráficos. A alfabetização quantitativa refere-se à capacidade de identificar e realizar cálculos usando números impressos, como usar talões de cheque, calcular o troco e utilizar formulários de pedidos ou de controle.

Em 2005, com base em estatísticas de 2003, a Avaliação Nacional de Alfabetização de Adultos estimou que 13% dos americanos eram proficientes (capazes de analisar textos complexos e desafiadores) na alfabetização em prosa. Quarenta e quatro por cento estavam no nível intermediário (podendo lidar com textos moderadamente desafiadores), 29% enquadravam-se no nível básico (capazes de lidar com tarefas simples e cotidianas) e 14% estavam abaixo do básico (compreensão apenas de textos simples e concretos).

O mesmo estudo descobriu que, na categoria de alfabetização documental, 13% eram proficientes, 53% intermediários, 22% básicos e 12% abaixo do nível básico. Em alfabetização quantitativa, 13% eram proficientes, 33% intermediários, 33% básicos e 22% abaixo do básico.

Em geral, o Departamento de Educação dos EUA faz uma distinção entre alfabetização funcional e alfabetização, assim como entre o nativo que sabe seu idioma e aquele que o domina formalmente. A Avaliação Nacional de Alfabetização de Adultos estima que onze milhões de cidadãos com dezesseis anos ou mais não dominam nem mesmo o básico do idioma e não foram incluídos nas estatísticas gerais de alfabetização.

Mostro esses números e exemplos a fim de eliminar o equívoco de que os norte-americanos de hoje possuem um nível de instrução superior ao de gerações anteriores. É simplesmente falsa a ideia de que anos a mais de frequência escolar obrigatória tenha gerado uma população mais instruída. Você prestou atenção nas estatísticas da NAAL? *De 2003 a 2007, apenas 13% dos adultos norte-americanos eram leitores proficientes.*

Como a maioria dos adultos apresenta dificuldade na leitura de textos complexos, não é de se admirar que os alunos do Ensino Médio

também tenham dificuldade. A educação gratuita provou ser exatamente como o almoço grátis: simplesmente não existe. Durante uma das aulas da minha pós-graduação, um de meus professores do departamento de educação da instituição afirmou: “As escolas são as instituições mais educacionalmente pobres”.

Muitos pais podem ignorar a minha mensagem porque os seus filhos tiram notas boas, gostam de ir à escola e estão aprendendo habilidades básicas, como a multiplicação. Em geral, os pais reconhecem que a educação moderna está em crise, mas poucos acreditam que *seus* filhos estão matriculados numa escola com problemas reais. A minha resposta para isso é que os nossos padrões, até mesmo de alfabetização básica, estão muito baixos. A mãe de um aluno me mandou um e-mail dizendo que eu estava mentindo quando dizia que as escolas deixaram de ensinar a tabuada. Respondi que certamente há algumas escolas que ainda a ensinam, mas que duvido que exista alguma que ainda a ensine até 20 x 20, ou que faça os alunos memorizarem tabuadas fracionárias. Não é que os professores não estejam tentando; nossos padrões é que não são rigorosos.

Se você discorda de mim, por favor, leia o seguinte parágrafo do notório panfleto escrito por Thomas Paine, *Senso Comum: os direitos do homem*, cujas linhas defendiam a independência da América colonial da Inglaterra.

Assim, a necessidade, como uma força gravitante, logo estabeleceria nossos recém-chegados emigrantes na sociedade, e substituiria as suas bênçãos recíprocas, tornando desnecessárias as obrigações da lei e o regimento do governo enquanto essas realidades permanecessem perfeitamente justas entre o povo; entretanto, como nada além do Céu é inexpugnável ao vício, inevitavelmente, na mesma proporção em que superarem as primeiras dificuldades da emigração, que os uniu em uma causa comum, eles começarão a relaxar em seus deveres e em sua fraternidade uns com os outros: e essa negligência revelará a necessidade de formação de alguma forma de governo para suprir o fracasso da virtude moral.

Esse panfleto foi escrito para ser lido pelo adolescente médio em 1776. Poucos adultos modernos, e muito menos alunos do Ensino Médio, são capazes de fazer uma leitura boa o suficiente desse documento para explicar os seus argumentos e conclusões. Os pais precisam reconhecer que os nossos padrões atuais de letramento e alfabetização matemática estão muito abaixo da capacidade de nossos filhos. Em 1800, um estudo realizado por Du Pont de Nemours revelou que apenas quatro em mil americanos não eram capazes de ler e escrever de forma legível. Diversos relatos da América colonial confirmam essa estatística. Em 1772, Jacob Duché, capelão do Congresso Continental (que mais tarde tornou-se apoiador da monarquia britânica), escreveu:

O trabalhador mais pobre da costa de Delaware se considera no direito de expressar os seus sentimentos em questões religiosas ou políticas com a mesma liberdade dos cavalheiros ou estudiosos... Tal é o predominante gosto por livros de todo tipo, que quase todo homem é um leitor; e, ao pronunciar uma frase, certa ou errada, sobre as diversas publicações que surgem em seu caminho, coloca-se no mesmo nível, no que diz respeito ao conhecimento, de seus variados autores.

Mesmo aqueles que raramente frequentavam a escola nas colônias sabiam ler melhor do que fomos levados a acreditar. No geral, a porcentagem de norte-americanos que leram o *Senso Comum* no final de 1770 é a mesma dos que assistem ao *Super Bowl* hoje! Seria possível citar um documento político que todos os cidadãos estejam lendo atualmente? A mídia está repleta de comentaristas e parlamentares votando sobre documentos importantes que, às vezes, quando ao menos admitem, nem eles mesmos leram. Segundo o próprio departamento de educação norte-americano, apenas 15% da nossa população adulta são proficientes na leitura.

PORCENTAGEM DE ADULTOS (POR GÊNERO) PROFICIENTES NA LEITURA DE			
		PROSA	
2003	1992		
14% Mulheres			
16% Homens			
15% Todos			
Fonte: Departamento de Educação dos EUA, Centro Nacional de Estatísticas da Educação			

Certo dia eu estava na academia fazendo o meu treino, quando um homem se aproximou e me disse: “Sabe quando zombamos dos funcionários do McDonald’s porque eles não sabem calcular o troco sem a caixa registradora? Bom, a minha filha começou a trabalhar como atendente e chegou em casa chorando depois do primeiro dia de trabalho porque descobriu que não sabia calcular o troco dos clientes. Ela está no último ano do Ensino Médio e só tira notas altas. Como isso é possível?”.

Nós nunca tínhamos nos falado antes e ele não fazia ideia de quem eu era. Esse pai me contou que os seus filhos haviam frequentado uma escola particular de elite nas Bahamas e depois passaram para a escola pública do bairro para onde se mudaram nos EUA. Preocupado e envolvido com a educação dos filhos, ele descobriu que, hoje, tirar boas notas na escola deixou de significar boa educação. Após demonstrar arrependimento por ter, com o aval da esposa, confiado no sistema escolar — tanto público quanto privado —, conversamos sobre como muitas vezes tirar notas altas significa apenas que o aluno se comportou bem e agradou o professor.

A situação da educação nos Estados Unidos

De acordo com as estatísticas do próprio governo...

- Em 2004, a China formou 500 mil engenheiros e a Índia formou 200 mil, enquanto os Estados Unidos formaram apenas 70 mil profissionais da área.
- Até a década de 1950, a educação não custava praticamente nada e os Estados Unidos tiveram uma taxa de alfabetização de 90% ou mais. Hoje, o distrito da Colúmbia gasta mais de 13 mil dólares anuais por aluno, e...
- Menos de 50% dos alunos americanos do Ensino Médio se formam com proficiência em leitura.
- Menos de 15% dos alunos americanos do Ensino Médio se formam com proficiência em matemática.
- Em 2006, apenas 60% dos alunos do Ensino Médio se formaram.

Livros didáticos substituíram o estudo de documentos originais

A educação moderna depende de livros didáticos. Mas, para remar contra a maré, os professores deveriam exigir que os nossos alunos mais velhos se esforçassem para compreender argumentos difíceis a partir de uma ampla gama de documentos originais e de grandes obras literárias. O autor ou a equipe de autores dos livros didáticos escolhem referências padronizadas e consultam associações educacionais para determinar quais são as informações básicas que devem ser incluídas em seus volumes. Os autores e editores fazem o trabalho pesado de resumir as informações mais importantes relacionadas a uma matéria, em vez de deixarem que os próprios alunos pesquisem e resumam esse conhecimento. Os alunos do Ensino Médio de hoje, diferentemente dos alunos de tempos passados, que precisavam fazer redações diariamente, reclamam quando a escola exige que eles façam uma única redação no semestre.

Os livros didáticos podem ser ótimas ferramentas de referência para quando o aluno precisa pesquisar um assunto desconhecido, mas a maioria nunca se envolve completamente com esse assunto quando utiliza apenas o livro didático para estudá-lo. Para esse aluno, todas as perguntas interessantes já foram feitas e respondidas por outra pessoa.

Hoje em dia é raro um aluno conseguir identificar o livro didático que o tenha ajudado a desenvolver os importantíssimos hábitos de pesquisa, leitura e recitação. Os livros didáticos de hoje têm estruturas bem diferentes daquelas apresentadas antes dos anos 1950. Um livro didático bem organizado consegue mostrar aos alunos como determinar o seu próprio esboço para o estudo sistemático de uma matéria, mas as obras didáticas contemporâneas não são utilizadas com esse fim. Os textos de hoje são como babás, segurando a mão dos alunos em cada etapa da leitura — como se os autores achassem que precisam dizer aos alunos e professores o que eles devem fazer nas segundas-feiras às 9h37 —, mas não servem como um ponto de partida para um estudo mais completo. A proliferação de livros didáticos nas escolas é um testemunho da crença equivocada de que as crianças não estão dispostas a se esforçar para compreender conceitos e querem que o esforço seja feito todo por outra pessoa, vindo de uma única fonte.

As escolas de hoje também utilizam um livro didático diferente por ano para cada matéria. Isso satisfaz o nosso desejo de que tudo seja novo a fim de parecer melhor. O fato deste ser um fenômeno recente é ilustrado pelas vendas da série de livros didáticos *McGuffey Readers* e *“Blue-Backed Spellers”*, de Noah Webster. Esses livros foram usados em muitos níveis de ensino e por muitas gerações. Agora, porém, os livros didáticos vêm e vão mais rápido do que modismos como os tamagotchis ou o último modelo de iPhone.

Na década de 1990, eis que eu expressava a minha alegria por descobrir o uso dos complementos verbais para duas professoras de inglês aposentadas, quando ambas exclamaram, em uníssono: “Gramática de Warriner, página 33”. Essas duas mulheres deram aula em dois sistemas escolares completamente diferentes e em duas épocas diferentes, mas, mesmo assim, usaram o mesmo livro didático, *English Grammar and Composition*, de John E. Warriner, tanto na faculdade quanto em suas salas de aula. Elas sabiam qual gramática exata ensinar porque haviam aprendido a mesma base. (Mais uma prova da mudança na ênfase educacional está no fato de que, nas últimas edições da Gramática de Warriner, o título foi alterado para *English Composition and Grammar*. A Gramática pura foi colocada no final do livro, em vez de continuar no início, como se fosse secundária, e não fundamental para a composição). Antes da imprensa, uma pessoa era considerada instruída quando capaz de memorizar grandes quantidades de informação. A dependência dos livros nos roubou a oportunidade de exercitar naturalmente a nossa mente por meio das recitações. Agora os vídeos estão deteriorando a nossa capacidade de

leitura e rapidamente reduzindo o nosso vocabulário comum. As mensagens de texto reduziram ainda mais a nossa linguagem, a ponto de nos comunicarmos com o uso de uma palavra ou abreviação. Os *tuítes* tornaram o nosso discurso breve, porém feio.

O aluno ensinado sob o método da educação clássica aprende a usar todos os meios de comunicação mencionados anteriormente, em vez de simplesmente abandonar recursos testados e comprovados por aquilo que está na moda. O aluno que lê as peças de Shakespeare consegue apreciar um filme muito mais do que o aluno que troca a tela do computador para se sentar em frente a uma tela de cinema. E o aluno que *memoriza* solilóquios e outras passagens das peças de Shakespeare consegue apreciar um filme muito mais do que aquele que apenas as lê, pois aquele que memoriza essa leitura carrega consigo os pensamentos de Shakespeare até o cinema. Esse aluno é capaz de avaliar os temas do filme à luz não apenas das imagens do diretor do filme e da sua própria experiência, mas também à luz das ideias de um dramaturgo de outro século — ideias estas compostas por uma linguagem rica em trocadilhos, ironia, alusões a mitos e à História e “muito mais”.

Redução do discurso racional

Quando comecei a ensinar os meus filhos, percebi que, embora o mundo me considerasse uma pessoa instruída, eu era apenas graduada. Meu marido, que conheci na Universidade do Michigan, prosseguia para a sua terceira formação, desta vez em engenharia aeroespacial, depois de já ter se formado em música e em gestão ambiental. Ele não conseguia acreditar em como os seus colegas eram despreparados em comparação com os seus colegas da década anterior. Eu tive de estudar muito, mas ele nem tanto. Fui descobrir então que ele havia recebido uma educação clássica por meio da lição de casa que os pais dele, um casal de europeus, insistiam que fizesse quando a escola não mandava tarefas. Levei dois anos de notas medíocres e muitas aulas particulares na faculdade antes de me dar conta de que estudar é uma arte.

Concluí a minha graduação com uma média decente graças à inflação de notas, mas não conseguia entender o francês em *Henrique V*, os termos em latim da revista *National Review* e nem mesmo o inglês dos artigos de *O Federalista*. Eu não era capaz de reconhecer nem uma constelação, não sabia nomear um país sequer da África, tampouco um estado da Austrália. Não sabia em que século nasceram Carlos Martel, Pepino, o Breve, ou Carlos Magno, se eram parentes, ou

que reinos governavam. Eu conseguia ler muito rápido, mas, até hoje, o meu vocabulário é limitado. Percebi, então, que uma grande mudança era necessária na abordagem educacional da nossa família quando tive dificuldade de explicar ao meu filho as diferenças entre porque, por que, porquê e por quê. Eu sabia que cada um tinha seu uso, mas não tinha conhecimento formal suficiente para explicar cada um detalhadamente.

Tive dificuldade na faculdade porque nunca me foi exigido esforço durante o Ensino Médio. Por que não me ofereceram disciplinas complexas de leitura para que eu pudesse melhorar o meu vocabulário? Por que ninguém nos ensinou a arte de recitar? Por que nenhum professor me pediu para sintetizar as minhas experiências de aprendizagem no contexto da história mundial, ou para pesquisar sobre as grandes questões e mistérios da humanidade? Ler informações selecionadas, compartmentadas e resumidas durante um semestre inteiro para, em seguida, responder a perguntas básicas de compreensão de leitura em testes de múltipla escolha era o necessário para a aprovação de um aluno no Ensino Médio. O único objetivo parecia ser passar de ano.

A educação deveria preparar as crianças para a vida adulta. Espera-se que os adultos sejam capazes de entender matemática básica e o mercado de ações, para que consigam fazer compras no supermercado e guardar economias para quando forem idosos; o esperado é que eles tenham um conhecimento básico de química e biologia para que possam fazer escolhas alimentares saudáveis. Espera-se que eles tenham conhecimento suficiente para que sejam capazes de votar de forma inteligente em líderes que preservarão as nossas liberdades, que enfrentarão as questões éticas associadas ao avanço da tecnologia e que desbravarão com sabedoria um mercado global que tem se tornado cada vez menor. Pessoas adultas precisam ser capazes de discutir questões dessa dimensão com comerciantes locais, vizinhos e colegas, a fim de que possamos todos tomar decisões melhores.

Se eu não sou capaz de ler, escrever e refletir sobre as questões que definem a cidadania, como poderei ensinar os meus filhos a fazerem isso? Quando deixamos de ensinar aos nossos filhos a arte de aprender, criamos uma cultura incapaz de se engajar em conversas racionais. O mundo está cada vez menor, por isso precisaremos preservar as nossas qualidades mais nobres à medida que elas se misturarem às ideias e costumes de outras partes do mundo. Isso requer um conjunto de cidadãos capazes de se afastar das tensões

diárias da vida para examiná-la a partir de uma perspectiva mais ampla. Podemos avaliar e agir com base nas lições que aprendemos com a queda de Roma, com a perseguição aos sudaneses, ou com a construção do Muro de Berlim, mesmo sem termos experimentado pessoalmente todos esses acontecimentos. Também carecemos de cidadãos que consigam se envolver intelectualmente com os parlamentos do mundo — como fez o defensor do fim da escravidão, William Wilberforce, ou Benjamin Franklin — e capazes de sacrificar o poder pessoal, como fizeram Washington e Gandhi.

Ravi Zacharias, famoso apologista e atuante nas universidades da Ivy League, nos desafia a refletir sobre o valor que damos às palavras:

Vivemos um tempo em que as sensibilidades estão à flor da pele, com frequência verbalizadas por meio de palavras ásperas. Filosoficamente falando, você pode acreditar em qualquer coisa, desde que não afirme que seja verdade. Moralmente, você pode fazer qualquer coisa, desde que não afirme que é a “melhor” maneira de fazê-lo.

Um classicista acredita que as palavras têm significado e que a semântica tem importância. Se o significado de uma palavra muda dependendo de cada contexto, então a comunicação se torna impossível, pois nunca teremos certeza de que você realmente quis dizer o que disse. É preciso diligência para a elaboração de uma declaração bem escrita, esforço que provavelmente não valeria se não fosse levado em consideração o contexto em que as palavras foram utilizadas, ou se fossem tratadas como se quem as escreveu não acreditasse de fato naquilo. Eu defendo o modelo clássico como um método de educação melhor porque acredito que as palavras podem expressar verdade, bondade e beleza tão duradouras, reais e mensuráveis quanto as palavras de Moisés, Aristóteles e Tomás de Aquino.

Rejeição de grandes conversas clássicas

Como o nosso sistema educacional rejeitou muitas das ferramentas tradicionais de aprendizagem, perdemos a capacidade de participar das grandes conversas clássicas da história. Perdemos a capacidade de fazer uso da sabedoria dos grandes pensadores de outras épocas e continentes. Uma placa colocada em frente à minha escola de Ensino Fundamental trazia o seguinte lema: “Ensinamos as crianças para o futuro, não para o passado”. Ou a frase declarava algo ridiculamente óbvio, ou estava anunciando a intenção do diretor de descartar o passado, como se este fosse irrelevante para o futuro. Trata-se de um pensamento caracteristicamente contemporâneo, especialmente considerando que o passado é a única coisa que podemos de fato

estudar. É impossível estudar o futuro, e o presente rapidamente se torna passado.

Precisamos apresentar o passado aos nossos filhos como uma medida importante do seu futuro. Não quero que os meus filhos pensem que fascismo ou totalitarismo são grandes novidades. Antes, quando o mal voltava, ele se disfarçava sob um novo nome. Será que os nossos filhos serão tão ignorantes sobre o passado a ponto de não ser mais necessário que o mal seja inteligente para enganá-los? O passado é muito importante para o futuro. Na lógica, uma falácia cronológica é pensar que só porque algo é antigo, este algo é inútil, desconsiderando que, na verdade, pode ser uma realidade atemporal.

Desde a época de Sócrates, Platão e Aristóteles, os professores acreditavam que o propósito da educação era a busca da verdade, da bondade e da beleza e o desenvolvimento da sabedoria e da virtude. Academias clássicas na Alexandria e em Jerusalém, os mosteiros da Igreja Católica Romana na Europa e os seminários protestantes nos EUA compartilhavam dessa busca preservando e estudando as grandes obras da literatura a partir de uma ampla variedade de culturas e filosofias. Historicamente, os professores consideravam importante compartilhar o conhecimento coletivo de todos os tempos por meio de diversos modelos de escolas e sintetizar os ideais dos antigos com os contemporâneos e as descobertas do Oriente com o Ocidente.

A escola na Alexandria do século III começou a formalizar as habilidades ou processos de gramática acadêmicos (recitação e memorização), a dialética (discussões com o propósito de discernir a verdade) e a retórica (a capacidade de compreender a gramática e ensiná-la aos outros). Até a era moderna, um único professor era responsável por um grupo de jovens e passava o tempo necessário para desenvolver um relacionamento profundo por meio da busca pelo conhecimento. Os tutores davam continuidade ao discipulado iniciado pelos pais dos alunos. Os discípulos das primeiras academias escreveram sobre como amavam os seus tutores — como um dos primeiros teólogos cristãos, Orígenes. No século IV, Agostinho ajudou a estabelecer a educação como um importante dever da igreja. As escolas nas catedrais, a partir do período de Carlos Magno e adiante, enfatizaram a ordem e o desejo de promover uma alfabetização universal.

No século XII, alguns professores começaram a organizar universidades ocidentais separadas dos mosteiros, embora continuassem a enfatizar o caráter e a cultura. Durante a Reforma,

muitos começaram a acreditar que era possível aprender sobre a natureza e sobre o Deus da natureza sem depender do seu sacerdote. Erasmo, Lutero e Calvino enfatizavam tanto o ensino da doutrina quanto os métodos educacionais. Francis Bacon influenciou a era do Iluminismo ao encorajar a aceitação dos estudos de questões seculares. Os professores dessa época começaram a separar a descoberta de fenômenos naturais da busca religiosa.

No século XX, o estudo das Humanidades clássicas — as habilidades e ideias que revelam a natureza do ser humano (como no conceito de Cícero das *humanitas*, ou “natureza humana” e da *studia humanitatis*, ou “estudos da humanidade”, dos humanistas italianos na Renascença) — foi gradualmente substituído pela interpretação do homem do que era verdade apenas para ele, independentemente de se a sabedoria de homens eruditos ao longo das eras apoiasse ou não essa visão. Em vez de os currículos nos lembrarem de que podemos nos apoiar nos ombros de gigantes intelectuais, a educação profissionalizada compartimentou a informação e separou o indivíduo de um de nossos melhores recursos — a história do pensamento humano. O ensino do latim, língua da ciência, não é mais exigido para os graduados nas áreas da ciência, como se os termos utilizados pelos cientistas não tivessem qualquer ligação com os seus conceitos.

Dessa forma, a cultura atual da educação retirou os pais da posição de principais instrutores dos seus filhos, colocando em seu lugar profissionais que se esforçam para recriar o ambiente doméstico na escola. Além disso, passou a ser dever do governo federal, e não da comunidade, a determinação da estrutura de oportunidades educacionais iguais. A cultura educacional atual também abandonou a ideia de que a memorização treina o cérebro e promoveu a diminuição do nível de letramento ao substituir o estudo de escritos originais por livros didáticos com matérias resumidas, criando uma população incapaz de participar de discussões racionais. Rejeitamos o modelo historicamente bem-sucedido da educação clássica e rigorosa em favor do entretenimento e do treinamento profissional.

Os educadores de hoje rejeitam a importância de preparar a próxima geração para entrar nas grandes conversas clássicas da História porque eles próprios não acreditam mais que existe um corpo central de conhecimento comum ao ser humano. Ou seja, a opinião pessoal superou a verdade universal, a conveniência substituiu a bondade e a correria afastou a beleza. As famílias não sabem mais que existe uma grande conversa clássica e que os seus filhos podem se tornar seus participantes mais interessados.

CAPÍTULO 2

Por que precisamos da educação clássica

O grande defeito da nossa educação atual não é o fato de que, embora muitas vezes tenhamos sucesso no ensino de “matérias” aos nossos alunos, fracassamos miseravelmente ao ensiná-los a pensar? Eles aprendem tudo, exceto a arte de aprender.

— Dorothy Sayers,
As Ferramentas Perdidas da Educação

Muitos comentaristas culturais escreveram livros que analisam a incapacidade das crianças de hoje de dominar a arte do aprendizado, porém poucos oferecem respostas práticas para esse problema. A atual confusão educacional exige uma solução bastante específica e sensata, que qualquer família é capaz de implementar. Este livro, *O Essencial*, defende uma solução testada e comprovada pelo tempo, pois prescreve um plano para restaurar as bases da alfabetização proficiente para todas as crianças. A educação da comunidade, liderada pelos pais e voltada a objetivos concretos e específicos deve substituir a educação centralizada, liderada pelo governo e voltada ao entretenimento.

Embora infundir os valores da educação clássica possa parecer uma aspiração elevada demais, o trivium (gramática, lógica e retórica) é, na verdade, fácil de ser implementado, se explicado em termos análogos aos métodos que naturalmente usamos para aprender. A educação clássica nos encoraja a acreditar que é possível nos tornarmos um professor de Oxford que sabe montar bicicletas, um encanador que lê Milton, ou um empresário que domina teologia. Pessoas educadas sob o método clássico não são tão definidas por sua ocupação profissional quanto por sua amplitude de conhecimento e compreensão. Além disso, os processos da educação clássica são tão simples que todos os pais e educadores podem implementar, com maestria, um currículo clássico e desafiar o intelecto de qualquer

criança. Lembre-se de que, antes da educação formal universalmente obrigatória, esse modelo era ensinado por jovens de dezesseis anos em pequenas escolas com uma única sala de aula cheia de crianças com idades e habilidades variadas. Se professores tão novos conseguiam, então nós também somos capazes, especialmente hoje, com a infinidade de ferramentas e recursos disponíveis ao nosso alcance.

O mundo é a sala de aula

Quando perguntamos a alguém “O que você faz?”, na verdade, queremos dizer: “Você trabalha do quê?”. Você se imagina perguntando a George Washington o que ele fazia para viver? Ele responderia que era fazendeiro. Ele trabalhava de casa, exceto quando não estava em casa. Seu papel na história revela que ele poderia ter respondido: “Sou fazendeiro, cidadão, padraço, oficial do Exército, presidente, marido da Marta, etc.”. Até mesmo um artesão, como um tanoeiro ou um ourives da Boston colonial, teria cuidado da terra, trabalhado em construções e assumido algum posto na igreja local e no governo da sua comunidade. Para a maioria dos colonos americanos, as suas obrigações diárias eram definidas pelas tarefas que surgissem, e não por uma carreira específica para a qual eles haviam sido treinados.

As tecnologias globais nos oferecem uma oportunidade de retornar a esse modo de pensar. Muitas pessoas não “saem” mais para trabalhar em uma fábrica ou escritório. Em vez disso, agora um funcionário pode trabalhar de qualquer lugar — de casa, da estrada, de uma cafeteria, de um escritório e até mesmo de um avião. As pessoas sempre desejaram poder trabalhar de casa a fim de conseguirem passar mais tempo com suas famílias. Avanços recentes na tecnologia, o uso fácil de computadores e o acesso à *internet*, assim como o desejo por modelos educacionais de baixo custo inspiraram um número cada vez maior de pessoas a considerarem trabalhar de casa, o que, naturalmente, as levou a considerar também a educação domiciliar.

A minha família faz parte desse retorno sociológico ao lar como o centro da vida. Rob e eu administramos de casa o nosso negócio na *internet*, educamos os nossos filhos em casa e muitos dos nossos parceiros de negócios do mundo inteiro hospedam-se em nossa casa. Dedicamos uma parte de cada dia para a realização das tarefas domésticas, para a educação dos nossos filhos e para nos reunirmos com nossos vizinhos e seus filhos. Determinamos tudo o que precisa ser feito em cada dia, programamos quem estará disponível em qual horário e nos reunimos em família todas as noites. Atendemos os

nossos clientes em restaurantes ou em reuniões *on-line*. Ficamos no depósito de remessa de nossa loja *on-line* durante algumas horas por dia. Usamos o computador e o celular para discutir questões comerciais. Nossos meninos nos acompanham em nossas viagens a trabalho. Estamos no meio de um processo que William Bridges, analista cultural, chama de “transição de emprego” (a transferência do trabalho em uma fábrica ou escritório de volta para casa por meio da tecnologia), e nós amamos essa realidade.

Apesar de centralizarmos a educação dos nossos filhos no lar, não ficamos trancados em casa. Outro analista cultural, Charles Handy, autor de *A Era da Irrracionalidade*, observa em seu livro que “*de casa não é a mesma coisa que em casa*. A casa é a base, não a prisão. Podemos sair. Podemos organizar estações e centros de trabalho, salas de reuniões e salões de conferência... não precisa ser uma vida solitária”. A observação feita por Handy se aplica igualmente ao trabalho e à escola.

Nossos filhos estudam sozinhos, conosco e com professores particulares. Ora eles socializam pela *internet*, como qualquer outro aluno, ora despendem tempo livre estudando. Durante uma pequena viagem que fizemos recentemente no meio da semana, enquanto a maioria das outras crianças estava na escola, nossos filhos escreveram um roteiro com dois de seus amigos que foram conosco. Ninguém pediu que eles levassem papel e caneta para a viagem naqueles dias de folga. Nossos filhos e seus dois amigos decidiram escrever justamente porque vivem em lares onde a prática da escrita faz parte da rotina. Os meninos, na companhia de um grupo de doze amigos, haviam acabado de produzir uma peça para uma competição, além de terem participado da redação de uma coletânea de contos. As habilidades acadêmicas adquiridas por eles foram transferidas para o seu tempo livre e tornaram-se uma fonte de entretenimento. Aprendizado, viagens, amigos e família estão conectados. Da mesma forma, escola, trabalho e família não são três compartimentos diferentes, mas compartilham uma vida integrada.

Os pais como os responsáveis pela educação

Algumas pessoas continuam céticas quanto à capacidade dos pais de ensinarem seus próprios filhos. Se escolas genéricas e compulsórias são eficazes na educação das crianças, então acredito que não deva ser difícil para os pais, que estudaram em escolas durante doze anos, transmitirem os ensinamentos básicos aprendidos ali. Por acaso não aprendemos de fato nem mesmo o básico de modo a não termos nada

a oferecer para os nossos filhos? Eu mesma tive aulas de inglês ao longo dos doze anos de escola, mas foi só quando precisei ensinar meus filhos a analisar uma oração que aprendi que os verbos em inglês são conjugados. Na minha cabeça, era algo que fazíamos apenas nas aulas de francês. Até então, eu não havia parado para associar o estudo de francês a pessoas reais na França, ou pensado em procurar semelhanças entre o francês e o inglês. A minha única preocupação era passar na matéria a fim de entrar na faculdade e conseguir um emprego. A verdade é que eu me sentia incompetente para ensinar aos meus filhos o básico que havia aprendido na escola. Por que, então, eu desejaria colocar meus filhos no mesmo sistema e repetir aquele ciclo?

Centenas de milhares de pais que adotaram o modelo clássico de educação estão ensinando com sucesso, e sem nenhuma espécie de preparo profissional, diversas disciplinas, como latim, lógica e literatura aos próprios filhos. Esses pais redescobriram a beleza simples de treinar a mente para torná-la capaz de absorver palavras, fatos e ideias em abundância. O cérebro humano é uma esponja, e esses pais entenderam que, por meio do estudo diligente, seus filhos são capazes de dominar conteúdos difíceis de modo a tornar o estudo uma atividade habitual, mesmo em seu tempo livre.

Como uma das líderes do movimento de educação centrada no lar, tenho a honra de lembrar aos pais que eles *são*, sim, competentes e dignos de confiança para o papel de transmitir, com amor, o conhecimento valorizado pela sua família. Desde o início da década de 1980, as famílias adeptas da educação domiciliar têm sido capazes de forjar, de forma consistente, leitores, escritores e matemáticos competentes. O Instituto Nacional de Pesquisa em Educação Domiciliar apresenta dados *on-line* que comparam os resultados de alunos educados em casa com os resultados dos alunos educados em escolas. Os pais são capazes de fazer um ótimo trabalho; basta que reconheçamos nossas próprias deficiências e estejamos dispostos a aprender ao lado de nossos filhos.

Para os pais adeptos do modelo de ensino clássico, o material acadêmico de qualidade oferece o conteúdo necessário para a prática das habilidades de aprendizado. Portanto, não importa se quem exige a tarefa é o professor, o computador, os pais ou o livro, os pais permanecem os principais responsáveis por formar em seu filho o caráter e as competências necessárias para que ele, sozinho, cumpra o que lhe for exigido. O educador clássico entende que a dificuldade faz parte do processo de aprendizado e, passando atividades complexas e utilizando os desafios que delas surgem como oportunidade para

desenvolver o cérebro e o caráter de toda a família, espera ensinar seu aluno a desenvolver o senso de responsabilidade. O propósito não é cumprir os objetivos de uma lista — mais uma tarefa concluída, ou mais uma resposta certa. O que queremos é capacitar nossos filhos a fim de que o seu cérebro funcione da maneira ideal. Em outras palavras, sabemos que os nossos alunos podem responder corretamente ou elaborar uma solução razoável (resultado) se tiverem praticado por tempo suficiente as ferramentas da educação (processo). O resultado também pode ser chamado *produto*. Quanto melhor for a nossa arte ou os nossos processos, mais aperfeiçoado será o resultado. Só é possível elaborar um resultado bom ou repleto de beleza quando se pratica o processo correto (ou a técnica correta). Por exemplo, se o resultado esperado for a elaboração de um parágrafo eloquente, o aluno deve, primeiro, praticar a arte de construir frases e conectar ideias. Se o aluno estiver criando uma escultura, ele deve, primeiro, praticar a arte de esculpir. O educador clássico sabe que os resultados serão proporcionais à prática, portanto praticar repetidamente um núcleo de habilidades de aprendizado é tão importante quanto encontrar a resposta correta.

O objetivo é treinar o cérebro

Todos em minha família apresentam lesão cerebral. Pense nisso. A sequência da funcionalidade cerebral possui duas extremidades — de um lado, o estado de coma, e do outro, a atividade perfeita. Ninguém em nossa família se encontra em um estado de coma. (Se bem que, quando havia quatro meninos pequenos em casa, eu ficava grata por simplesmente conseguir dormir, pois esse era o único momento em que podíamos agir como se estivéssemos em coma). Contudo, da mesma forma ninguém em nossa família apresenta um cérebro perfeito. Cada um de nós funciona com um cérebro que tende à extremidade deficiente e, portanto, que requer fisioterapia intensiva — chamada *educação*. Quer seus filhos sejam absolutamente brilhantes, quer sejam totalmente incompetentes, todos eles precisam de mais fisioterapia.

As pessoas — sejam deficientes mentais, sejam superdotadas — aprendem por meio de repetir uma prática até que o conceito estudado seja memorizado. O nosso cérebro tem prazer em adquirir informações e aprender novos conhecimentos. Somos seres que aprendem na ocasião em que os sentidos literalmente absorvem dados em nosso cérebro. Quanto mais nos expomos às mesmas informações de ângulos diferentes e por meio de uma variedade de experiências, mais caminhos neurais criamos para acessar essas informações, fato

que facilita o ato de processá-las e incorporá-las.

Pesquisas interessantes sobre pessoas com lesões cerebrais demonstram o que os cientistas chamam de “plasticidade” do cérebro. O cérebro deseja aprender. Ele anseia pelo aprendizado, pelo ensino, pelo crescimento e por informações. O cérebro clama por ser usado. Quando é lesionada uma parte do cérebro inicialmente projetada para a realização de determinadas tarefas, outras partes “se esticam” para compensá-la, daí o termo plasticidade. Se novas vias nervosas são trabalhadas repetidamente por um fisioterapeuta, o cérebro se adapta para assumir a função da parte lesada. O cérebro pode ser treinado para reter informações, mesmo sob severas lesões. Acessamos as informações em nosso cérebro com mais facilidade quando desenvolvemos a capacidade (que envolve disciplina e disposição) de aprender informações em abundância. Ainda que o cérebro esteja lesionado em certa área, se houver esforço metódico e repetitivo, é possível superar mais deficiências do que imaginamos. Portanto, mesmo que imperfeito, o meu cérebro ainda é capaz de compensar suas deficiências, caso haja esforço de minha parte.

Helen Keller é o exemplo perfeito de pessoa que tinha todas as desculpas para não aprender nada devido às suas deficiências físicas. Surda, cega e muda por causa de uma doença na infância, ela, mesmo assim, foi competente na arte de aprender a aprender. Sua professora não permitia que as deficiências e necessidades especiais da pupila limitassem suas oportunidades. Quando já havia se desenvolvido o suficiente para ser responsável por sua própria educação, Helen, até que atingisse seus objetivos, aprendeu a se esforçar para concluir tarefas aparentemente impossíveis. Ela se esforçou tanto que as partes saudáveis do seu cérebro compensaram as partes lesadas. É claro que o cérebro também se cansa, da mesma forma que o corpo se cansa após atividades físicas intensas. É nesse ponto que a nossa determinação é testada — quando nos forçamos para concluir uma tarefa. Nossa atitude nos define muito mais do que as nossas habilidades.

Outra pessoa que superou dificuldades de aprendizagem foi Dominic O'Brien. Por muitos anos Campeão Mundial de Memorização, ele escreveu livros práticos e interessantes sobre a funcionalidade do cérebro e sobre técnicas de aprendizagem. Na introdução de seu livro *Aprender a Recordar*, O'Brien relata um momento decisivo em sua vida. Após assistir a um campeão de memória em uma competição, ele passou três meses tentando aprender a replicar o que aquele homem fazia. Por fim, O'Brien tornou-se capaz de memorizar seis baralhos de

cartas completamente fora de ordem, tendo as visto apenas uma vez.

Ele escreve que, depois de apenas um curto período de prática, “embora estivesse fascinado e impressionado com a capacidade do meu próprio cérebro, eu também me senti imensamente amargurado por nunca ter aprendido esses mesmos níveis de agilidade mental quando ainda era aluno e tinha dificuldade nas provas da escola. Quando criança, fui diagnosticado com dislexia. Além disso, declararam que eu era incapaz de me concentrar e de me lembrar do que aprendia com os professores. Como resultado disso, não tive um bom desempenho acadêmico e larguei a escola aos dezesseis anos”.

Ele continua e faz uma pergunta interessante: “Mesmo hoje, quando sabemos comparativamente muito mais sobre o funcionamento do cérebro humano e sobre os processos de aprendizado, os alunos continuam sem aprender de forma eficaz. Por quê? Devo confessar que não tenho a resposta”.

Você pode não ter as mesmas ambições de Dominic O’Brien, mas ele faz uma excelente pergunta. Precisamos responder a esse questionamento de forma ativa e utilizando os mesmos processos que ele utilizou. Se Dominic conseguiu se tornar um mestre da memorização com uma idade muito mais avançada que a da maioria de seus concorrentes, então não é tarde demais para nós. Se começarmos a compartilhar citações, discursos, versículos bíblicos e poemas com os nossos filhos, então poderemos ajudar duas gerações de uma vez só a recuperar as habilidades de memorização e recitação de um aluno educado no modelo clássico.

O modelo clássico é o método

A educação clássica está ganhando força à medida que um número cada vez maior de escolas clássicas são abertas em todo o país. De 2007 a 2008, a Associação de Escolas Cristãs Clássicas (ACCS) cresceu de 130 escolas com 17.420 alunos matriculados para 220 escolas com 32.922 alunos matriculados. Da mesma forma, muitas famílias adeptas do ensino domiciliar adotaram esse modelo. O grupo *Classical Conversations* teve mais de 17 mil alunos e pais matriculados em seus seminários clássicos no ano de 2009. Essas são apenas duas das muitas instituições de educação clássica.

Então, por que o modelo de educação clássica está ganhando tanta popularidade? Porque funciona. A educação contemporânea substituiu métodos que funcionaram durante milênios por experimentos sociais

que ignoram a dedicação e o esforço necessários para aprender. O experimento educacional fracassado mais proeminente é, obviamente, o abandono da memorização, da recitação e da prática de exercitar o cérebro para reter e compartilhar grandes quantidades de conhecimento e informação. Em contraste, o modelo clássico, com o seu foco na memorização e recitação, é um método comprovado que tem sido usado para treinar a mente dos melhores estadistas, filósofos, cientistas e artistas do mundo por mais de 2.500 anos.

Na década de 1990, tive a sorte de ler o livro *Recovering the Lost Tools of Learning* [“Recuperando as Ferramentas Perdidas da Educação”], do educador clássico Douglas Wilson, na mesma época em que John Gatto, que parou de lecionar em escolas públicas depois que recebeu o prêmio de Professor do Ano de Nova Iorque, estava escrevendo livros sobre a ineficácia das técnicas de ensino utilizadas nas escolas americanas daquela época. Como deve ter acontecido com muitos outros pais preocupados, esses autores me fizeram questionar tudo o que eu sabia sobre educação. Depois de pesquisar as referências históricas desses autores, descobri que os bons professores sempre entenderam perfeitamente que o aprendizado é um processo de três etapas.

Como Dorothy Sayers, romancista e amiga de C. S. Lewis e de J. R. R. Tolkien, descreveu em seu ensaio “As Ferramentas Perdidas da Educação”, o aprendiz deve, antes de tudo, se comportar como um papagaio, repetindo o vocabulário, as ideias e conceitos básicos de seu mestre. Todo aluno deve aprender a falar a língua da disciplina estudada.

Por exemplo, eu mesma tenho tentado aprender sobre a qualidade do papel para os diversos materiais produzidos por minha editora de materiais didáticos. Não posso simplesmente encomendar a impressão de um livro com a gráfica e esperar que o produto que eu tinha em mente chegue da transportadora com o melhor preço de mercado. Preciso aprender os nomes de várias gramaturas de papel, espessuras e diferentes tipos de margens. Preciso ter a mesma linha de raciocínio daqueles que farão esse serviço por mim, para que assim eu consiga transmitir, da minha mente para a mente dos que gerem a gráfica, a ideia de livro que desejo orçar e encomendar. Depois que entendo o que significam as várias especificações de impressão, posso enviar um arquivo por e-mail para qualquer gráfica que tenha os melhores preços e incluir instruções como: “Utilizar papel linho A4, 180 gramas, 3 furos, dupla face, impressão em preto e branco, coberto com laminado transparente de 2mm” e posso ter certeza de que receberei o produto

que solicitei. A partir de então, posso ensinar a pessoa responsável pelos pedidos de livros da minha empresa a fazer esse pedido especificado usando os termos corretos para a impressão. Se sou capaz de ensinar novas ideias utilizando a linguagem específica para aquele assunto, significa que estou instruída nessa área de conhecimento.

Você pode aprender qualquer assunto se souber como:

1. Memorizar vocabulário e regras (elementos também chamados de gramática);
2. Processar novos conceitos de forma lógica (também chamado de dialética);
3. Explicar com clareza a gramática e a dialética para outros (também chamado de retórica).

Os educadores clássicos ensinam essas três habilidades básicas, conhecidas pelo termo em latim *trivium*, que, conforme lemos no Capítulo 1, significa “três vias” (ou o lugar onde três caminhos se encontram). A educação clássica é análoga ao treinamento do cérebro. Ao encontrar novas informações, o cérebro precisa saber como armazenar os dados (gramática), recuperar e processar os dados (lógica) e expressar os dados (retórica).

A gramática restaura a capacidade de memorização

A gramática, o primeiro conjunto de habilidades a ser praticado, corresponde, aproximadamente, à época do Ensino Fundamental I, ou a alunos até onze ou doze anos. O *Webster’s Universal Unabridged Dictionary* define a gramática como sistemas e princípios gerais de fala e escrita (1936, p. 738, definições 1–4). A definição cinco explica a gramática como “um modelo dos princípios de qualquer assunto; p. ex., uma gramática da lógica”. Tomando como exemplo um dicionário mais contemporâneo, o *Oxford English Dictionary* define a gramática como “os princípios ou regras fundamentais de uma arte ou ciência” (definição 6), citando um exemplo da *Times* de Londres (1963): “A gramática do filme foi estabelecida”.

O aluno deve começar pela gramática, independentemente da idade ou da disciplina. A gramática é essencialmente definida como a ciência do vocabulário. Cada ocupação, campo de estudo ou conceito possui um vocabulário que o aluno deve adquirir como se fosse uma língua estrangeira, antes de progredir para tarefas mais complexas ou abstratas dentro desse corpo de conhecimento. Uma ciência, ou sistema é definido, descrito e organizado pelo seu vocabulário. De certa forma, um jogador de basquete que pratica os fundamentos do esporte pode ser considerado um gramático, já que treina repetidamente as habilidades básicas de passe, drible e lançamento.

Aulas de gramática oferecem a prática para a memorização dos fatos rudimentares de qualquer disciplina. Para a disciplina de história, um exemplo pode ser os pontos principais de uma linha do tempo da civilização ocidental, enquanto na matemática seria a memorização das tabuadas e das fórmulas de geometria. A prática de memorização no idioma inclui a estrutura das orações, as terminações de substantivos e verbos e as classes gramaticais. Os alunos memorizam mapas, datas, acontecimentos, categorias científicas, poesias, passagens de prosa e muito mais. Os alunos aprendem a memorizar desenvolvendo habilidades acadêmicas, como desenhar gráficos, mnemônicos esquemáticos e visuais, ouvir e repetir linhas do tempo da história e fatos científicos, memorizar e recitar regras ortográficas e passagens literárias, ler textos com frequência, escrever resumos e construir frases. Os alunos mais novos têm mais facilidade para memorização, que é uma preparação crítica para o desenvolvimento de habilidades superiores.

Embora a memorização mecânica seja considerada atualmente desnecessária por muitos educadores (consideração evidenciada pela permissão do uso de calculadoras na disciplina de matemática antes de níveis universitários), os educadores clássicos consideram-na vantajosa por duas razões principais:

1. Ela fortalece o cérebro do aluno, esticando-o um pouco mais a cada dia;
2. O aluno absorve conteúdos de qualidade responsáveis pela elevação do seu nível de instrução.

Isso difere muito da educação voltada para o entretenimento, oferecida para incentivar os alunos do Ensino Fundamental a “se divertirem” na escola. O educador clássico prefere preparar o aluno para se esforçar em seu processo de aprendizado até que as habilidades adquiridas se tornem agradáveis. Considere esta diferença importante: o professor clássico prefere ensinar o aluno a *gostar* de memorizar conteúdos de qualidade (como uma rima ou soneto) para que um dia possa sentir prazer nas tarefas difíceis. Queremos que a autoestima do aluno seja baseada em conquistas reais.

É difícil avaliar a análise de um historiador quando não se sabe os nomes das pessoas envolvidas, ou não se sabe quais são os lugares e as datas a que ele se refere. O aluno não consegue valorizar as causas e acontecimentos históricos se não sabe, primeiro, quem, o quê, onde e quando. É difícil saber se o mecânico do seu carro está sendo honesto ou não quando você não consegue entender o que ele está falando. É

assustador ter que ouvir: “O ‘negócio’ está batendo no ‘troço’ quando o cilindro ultrapassa o ‘treco’ e o conserto vai custar R\$ 600”. Ou, digamos que você esteja tentando financiar o seu primeiro imóvel e ouve expressões ou termos como “bonificação de juros”, “taxa variável”, “amortização” e “por favor, assine aqui...” O crescimento súbito de hipotecas nos EUA nos anos 2000 destruiu financeiramente muitas famílias que não entendiam operações básicas de multiplicação ou os significados dos termos utilizados pelos corretores de imóveis.

Como ensinar nossos filhos a memorizar uma ampla gama de informações? Deixe-me provar que todos são gênios (em potencial), com cérebros feitos para armazenar, manipular e recuperar grandes quantidades de informação por meio da memorização mecânica. Imagine o supermercado onde você costuma fazer as suas compras. Se eu perguntasse onde ficam os ovos para que eu pudesse entrar depressa e pegá-los, você conseguiria me dizer onde eles ficam? É claro que sim. O supermercado médio possui mais de 10 mil itens e, mesmo assim, você é capaz de dizer rapidamente onde encontrar a maior parte deles. Por quê? Os mercados são organizados por categoria e você já fez muitas compras no mesmo estabelecimento. Ou seja, você já viu os mesmos itens diversas vezes; além disso, a organização por categorias facilita a memorização da arrumação do local. Você é capaz de categorizar 10 mil itens de apenas um mercado. Ainda mais incrível, você pode fazer a mesma coisa em muitos outros lugares.

Você também memorizou muitos detalhes de cada item. Você sabe quais produtos são orgânicos e quais são processados. Consegue identificar os rótulos dos ingredientes e fazer escolhas com base na qualidade do produto e no seu preço, em comparação à qualidade e ao preço do mesmo produto em outros mercados dos quais você se lembra de cabeça. Você chega em casa, experimenta o que comprou, avalia se gostou e se lembra da sensação que teve quando for comprar o mesmo produto novamente. Você já sabe quais açougueiros indicam as melhores carnes e quais gerentes mostram onde estão as frutas recém-chegadas e, portanto, mais frescas. Você conhece o sistema de marketing da loja e sabe quais são os melhores horários para comprar com os melhores preços. Você consegue armazenar campos de dados associados a dezenas de milhares de itens de um dos muitos estabelecimentos que visita a cada semana. Você é uma máquina de dados humana. Você pode categorizar e memorizar qualquer coisa.

Da mesma forma, uma boa educação gramatical ensina a criança a construir uma “base de dados” para cada disciplina. As crianças não

são apenas alimentadas com informações para colocarem nas “prateleiras” de suas mentes, como também recebem ajuda para descobrir as melhores maneiras de organizar esses dados e acessá-los com mais facilidade quando necessário. Quando a criança procura uma ideia ou fato, ela tem um lugar em seu cérebro para onde a sua atenção é direcionada para recuperar fatos relacionados que já estão armazenados em sua mente, ou para encontrar uma nova “prateleira” onde guardar fatos novos a fim de acessá-los futuramente. Se o seu mercado local começasse a vender ovos orgânicos, o gerente teria que decidir se os colocaria em uma nova seção específica, se os colocaria com os ovos normais, ou até mesmo, talvez, em uma seção promocional temporária na entrada do estabelecimento, até que os clientes soubessem que eles estariam regularmente disponíveis para compra. Nós precisamos ensinar os nossos filhos a fazerem a mesma coisa com fatos inéditos. Existem várias maneiras de pronunciar uma palavra? Existe mais de uma maneira de transcrever uma fórmula matemática? Registramos um fato em apenas um lugar ou podemos arquivá-lo em vários lugares diferentes do cérebro?

Para construir o local de armazenamento do cérebro, devemos começar pela memorização de sistemas ordenados. Executamos esse processo visitando o nosso “estoque de termos” de qualquer assunto específico, muitas vezes de forma organizada. Para o aluno, isso significa a repetição de dados (revisitar o estoque) de maneira ordenada (preencher as prateleiras).

Por isso, ensinamos o aluno a desenhar repetidamente os mesmos mapas continentais quando construímos o corredor de geografia. Recitamos diversas vezes as mesmas tabuadas e leis matemáticas quando construímos o corredor de matemática. Chega a hora, porém, em que podemos retirar o anúncio da prateleira e assim “equilibrar a equação”. Repetimos a mesma linha do tempo histórica quando construímos nosso corredor de história. Depois de algum tempo, podemos retirar itens como “Hitler”, “Napoleão” e “Alexandre” e misturá-los em nossa análise sobre governantes despóticos. Esforçamo-nos consistentemente por um bom tempo até que aquilo que era difícil se torne fácil. Sempre que acrescentamos um novo item à prateleira da memória, já desenvolvemos um lugar lógico onde armazená-lo.

Como a memorização mecânica é o primeiro passo para preencher as prateleiras da memória, é excelente o fato de as crianças gostarem de aprender palavras novas. Todo bebê aprende a falar por meio da repetição, memorização e associações ordenadas. As memorizações preferidas da infância, como a canção do alfabeto, o Hino Nacional e o

Pai-Nosso ficam gravadas pelo resto da vida. Não estou falando de algo que foi recitado por um período e depois esquecido. Crianças instruídas estão construindo um sistema de armazenamento permanente e organizado no cérebro com conceitos fundamentais que continuarão em uso pelo resto da vida. Alguns fatos podem ser apenas modismos ou trivialidades passíveis de descarte, mas as crianças se esforçam para construir uma massa crítica de informações, e nós devemos oferecer as ferramentas necessárias para apoiar uma estrutura de prateleiras que jamais desaparecerá.

Independentemente de quais sejam os pontos fortes e fracos de seus filhos, do que eles gostam e não gostam, ou dos seus dons e talentos, o cérebro de cada um deles deseja reunir, classificar, armazenar e recuperar informações. A comida nas prateleiras será inútil se não for preparada em alguma receita e compartilhada com alguém que tem fome; no entanto, você não conseguirá alimentar quem tem fome se não consegue localizar os ingredientes da receita. O objetivo do aprendizado não é apenas encher as prateleiras; é desenvolver seres humanos competentes e capazes de utilizar os seus próprios talentos de maneira prática para suprir as necessidades de outras pessoas.

A lógica restaura a capacidade analítica

Treinar o cérebro para reunir e armazenar informações é apenas o primeiro passo para torná-lo capaz de pensar. A lógica é o próximo estágio do trivium. Precisamos aprender a pensar de forma abstrata para comparar as ideias mais concretas aprendidas no estágio da gramática. (Os termos “lógica” e “dialética” são utilizados alternadamente pelos educadores clássicos). Os alunos ficam naturalmente interessados em debater os méritos de qualquer coisa quando chegam ao Ensino Fundamental II. Portanto, o modelo clássico complementa e exercita as suas tendências naturais de “responder”, ensinando esses adolescentes a argumentar de maneira eficiente utilizando a lógica formal. Pais sábios sabem que é proveitoso ensinar, desde cedo, a forma de argumentação correta aos filhos.

À medida que se familiarizam com um assunto, os alunos aprendem a aplicar o seu novo vocabulário em um contexto lógico. Por exemplo, os alunos progridem da memorização de leis e fatos matemáticos para a sua aplicação lógica — a álgebra. Os alunos de matemática da atualidade aprendem a fazer multiplicação cruzada para resolver a incógnita de uma fração; os alunos do método clássico, por sua vez, aprendem a reconhecer que o princípio da identidade é a

regra que permite que eles façam a multiplicação cruzada. A gramática da solução de problemas matemáticos é especificamente identificada e estudada para que os alunos comecem a aprender que a álgebra é a aplicação lógica de apenas algumas leis e operações simples que eles mesmos já aprenderam na aritmética. Aplicações algébricas em geometria, trigonometria e cálculo não são mais tratadas como matérias abstratas e desconectadas, mas como ferramentas inter-relacionadas utilizadas para medir objetos reais.

Um bom historiador passa pelo mesmo processo. Ele aprende a gramática histórica, como uma linha do tempo básica de acontecimentos que lhe oferecem cabides mentais para pendurar novas informações (a Renascença seguiu a Idade Média, por exemplo). Ele também memoriza mapas para que seja capaz de ver na sua mente onde tais eventos aconteceram. Daí, então, ele aprende a processar essas informações. Por que, por exemplo, Robert E. Lee escolheu Jefferson Davis em vez de Abraham Lincoln? Que acontecimentos na vida de Lee o fizeram tomar tal posição? Só conseguimos analisar as decisões de Lee se soubermos quem ele é e o que o fez ser assim. Geografia, fé e política foram as principais influências na vida do general Lee. O historiador deseja analisar de maneira lógica os fatos pertinentes relacionados a Lee, a fim de formar conclusões coerentes.

Durante o estágio da dialética, ou da lógica, leitores proficientes passam a decodificar, compreender e analisar uma literatura cada vez mais complicada, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades de escrita, especialmente a estruturação de parágrafos. Os educadores clássicos substituem trechos, textos e apostilas por folhas de papel em branco, onde os alunos devem escrever o seu próprio conhecimento, desenvolvendo assim uma cultura ou “hábito mental” de pensar no papel. O gramático aprendeu a estrutura básica das palavras e frases. Agora é hora de aprender a ordenar as frases corretamente em uma ordem lógica no parágrafo. É como o jogador de basquete do qual falei anteriormente, que deve aplicar as habilidades e regras fundamentais do jogo à estratégia da equipe.

A retórica restaura a capacidade de comunicação

A retórica pode ser definida como a faculdade de observar, em qualquer caso, os meios de persuasão disponíveis.

— Aristóteles, *Retórica*

A gramática e a lógica preparam o aluno para os estudos da

retórica. A retórica pode ser definida como um campo de estudo formalizado por Aristóteles e ministrado como um seminário em universidades clássicas e em algumas escolas do Ensino Médio. Retórica também pode significar uma “frase de efeito”, ou propaganda (geralmente política) destinada a persuadir um público ingênuo. Para os educadores clássicos, a retórica significa praticar habilidades específicas para ser o mais persuasivo na expressão da verdade, bondade e beleza. Os alunos de retórica são capazes de reconhecer como as particularidades de uma especialização se relacionam com as particularidades de outra. Nas aulas de retórica, os alunos aprendem a falar e a escrever de forma persuasiva e eloquente sobre qualquer assunto, integrando, ao mesmo tempo, alusões e exemplos de um campo de estudo para explicar o ponto de outro. Habilidades retóricas são as ferramentas finais praticadas na educação clássica. Depois que estudou e praticou a gramática, a lógica e a retórica, o aluno está preparado para estudar qualquer tópico.

Aquele que ensina deseja que seus alunos consigam expressar os conceitos apreendidos, uma vez que tenham de fato dominado a linguagem de um campo de estudo. Porém, expressar-se com clareza é algo difícil que precisa ser ensinado e praticado; a retórica, portanto, possui a sua própria gramática. Os educadores costumam se referir às habilidades de comunicação como habilidades retóricas. Os estudiosos se concentram na retórica oral e escrita. As habilidades orais são frequentemente ensinadas por meio de aulas de discurso e debate, por vezes chamadas de forense. Forense, termo derivado da palavra em latim “fórum”, como em um tribunal, refere-se a processos ou argumentações judiciais. Alguns programas de televisão mudaram o significado para algo relacionado exclusivamente à investigação científica, como por um patologista forense. Esse termo, no entanto, é muito mais amplo, pois forense implica pesquisar uma ideia e depois compará-la com coisas conhecidas pelo público a fim de persuadi-lo a um lado ou outro da discussão. Portanto, o termo “retórica” está intimamente ligado à ideia de provas orais, documentadas ou físicas, explicadas ao público de forma apropriada.

Um aluno pode estar lendo Charles Dickens e Elizabeth Gaskell, por exemplo, e perceber que Dickens deseja destacar a causa da justiça aos oprimidos, enquanto Gaskell está mais interessada em examinar as questões trabalhistas do ponto de vista do empregador e do empregado. As polêmicas questões trabalhistas podem inspirar esse aluno a escrever uma redação comparando a abordagem desses dois autores sobre a justiça no local de trabalho. Ele também pode se tornar um ativista social bem instruído com habilidades de história,

literatura e escrita em seu arsenal de habilidades. De qualquer forma, esse aluno foi inspirado a agir intencionalmente e não precisa se sentir incapaz ao tentar persuadir os outros da sua ideia de justiça. As ideias podem ter sido transmitidas a ele por meio de “autores mortos”, mas elas possuem aplicações atuais. O aluno que consegue expressar os seus pensamentos, de forma calma, simples, lógica e eloquente por meio de palavras ou ações é um retórico. Por outro lado, as escolas modernas enfatizam o uso de livros didáticos, em que os autores banalizam a história e a literatura. Um aluno com formação clássica possui as habilidades necessárias para ler o texto original, perguntar e encontrar as respostas para as suas próprias perguntas e apresentar, de maneira clara, as suas descobertas ao público.

Você conhecerá pessoas qualificadas no mercado de trabalho, mas saiba que mesmo elas, caso queiram sem bem-sucedidas em seu campo de atuação, precisam apresentar as ferramentas e habilidades de que estou falando. Um bom mecânico, dono de uma oficina bem-sucedida, por exemplo, geralmente é um ótimo retórico. Em primeiro lugar, ele aprendeu a gramática dos automóveis, ou seja, sabe o nome de todas as peças de um carro. Esse mecânico conhece o vocabulário da sua área de especialização. Ele é confiável porque sabe explicar para que servem um carburador e um cilindro. Em segundo lugar, ele aprendeu a comparar, analisar e processar os fatos que conhece sobre motores de diferentes automóveis. Ele entende como as peças do carro funcionam juntas e é capaz de identificar por que um problema em uma peça está prejudicando outra peça, fazendo com que o carro não funcione corretamente. Esse experiente mecânico aprendeu tudo isso passando grande parte do seu tempo observando e estudando automóveis, lendo revistas sobre o assunto e, talvez, até mesmo fazendo um curso de mecânico. Ele é confiável porque a sua experiência de observação aliada ao trabalho constante nessa área tornou-o capaz de diagnosticar problemas mecânicos sem dificuldades. Por fim, ele aprendeu a expressar o seu conhecimento com clareza. Ele sabe como explicar a pessoas leigas qual é o problema com o carro e consegue mesmo transmitir pouco do seu conhecimento mecânico. Ele é, portanto, um retórico na área de mecânica de automóveis, pois consegue persuadir seu público a voltar à sua oficina. Os clientes, por sua vez, visto que a reputação do mecânico é de um profissional honesto, recomendam seus serviços aos amigos.

Poderíamos substituir a palavra “mecânico” no parágrafo anterior por “cirurgião” e “peças de carro” por “partes do corpo”. É preciso mais do que apenas conhecimento para conseguir confiança; teríamos dificuldade para confiar em um cirurgião que não tivesse boas

maneiras. Um bom retórico sabe como compartilhar o seu conhecimento para o benefício da comunidade em geral.

O mesmo é verdadeiro em todas as áreas: uma habilidade excessivamente praticada acaba se tornando uma arte prazerosa a ser compartilhada. No exemplo utilizado anteriormente do jogador de basquete, o atleta que se move sem esforço ao redor de seus oponentes, levando toda a sua equipe à vitória, é um tipo de retórico. Ele treinou até seu corpo doer; ele traçou estratégias e entendeu as regras até que fosse capaz de ver a quadra e todos os jogadores de olhos fechados. Então, quando joga, esse atleta leva a plateia aos aplausos e admiração pelo seu talento no basquete. O educador clássico sabe que qualquer pessoa pode aprender a pensar, jogar ou criar algo extremamente bem se praticar com tanta paixão quanto um atleta “talentoso”.

Resultados excelentes em todas as áreas exigem perseverança, suor, luta, tempo, lágrimas e trabalho, puro e simples, sobre as bases daquele campo. Se os pais praticarem a arte do ensino e aprendizado, até as disciplinas difíceis se tornarão acessíveis a toda a família. A recuperação das ferramentas clássicas da educação nos permite encarar novas disciplinas, e é aí que a aprendizagem se torna prática e pessoalmente significativa. Portanto, no decorrer do dia, veja se consegue explicar tudo o que gosta de fazer usando a gramática, a dialética e a retórica e depois compartilhe o resultado com a sua família.

O resultado é o letramento proficiente

O letramento proficiente é apenas o início de uma boa educação. Não é a única medida, embora seja bastante importante. Antes de 1450, quando Gutenberg produziu a primeira Bíblia impressa, a alfabetização não era possível para a maioria do povo. Antes da imprensa, raramente se via alguém das grandes massas com um livro, porém segmentos pequenos e altamente letrados da sociedade fizeram o difícil trabalho de preservar os livros para gerações futuras, copiando-os à mão. Hoje, livros e textos on-line, modernos e antigos, são facilmente acessíveis a todas as nações industrializadas.

No entanto, a única vez na história registrada do mundo em que uma cultura inteira atingiu um nível proficiente de letramento foi nos Estados Unidos, entre 1600 e 1950. A maioria dos americanos dessa época era capaz de compreender uma gama bastante ampla de vocabulário. Essa capacidade foi resultado da grande quantidade de

capital literário desenvolvido pela leitura da Bíblia na tradução King James, de periódicos e panfletos políticos, de jornais agrícolas e de autores clássicos. Até 1950, comparadas aos EUA, todas as outras culturas ao redor do mundo produziram um número significativamente inferior de leitores proficientes. Se pretendo garantir que os meus filhos receberão uma boa educação, então devo seguir o modelo que comprovadamente funciona para todos os tipos de alunos, pois cada um dos meus filhos é uma pessoa única.

Neil Postman, autor de *O Fim da Educação*, dedica dois capítulos de seu clássico sobre os efeitos das mídias, *Amusing Ourselves to Death* [“Nos Divertindo Até a Morte”], à análise das taxas de alfabetização desde o período colonial dos EUA até os anos 1990. Ele conclui: “Há indícios suficientes de que, entre 1640 e 1700, a taxa de alfabetização dos homens em Massachusetts e Connecticut estava entre 89% e 95% [...] Estima-se que a taxa de alfabetização das mulheres tenha chegado a 62% entre os anos de 1681 e 1697” (p. 31).

Ele, então, passa a dar detalhes sobre o movimento liceu americano ao longo do século XIX, quando Alfred Bunn, um inglês em visita ao país, comentou: “É de se admirar [...] testemunhar os jovens operários, o artesão exausto, a operária da fábrica cansada apressando-se após um desgastante dia de trabalho para assistir às aulas em uma sala quente, superlotada e ouvir intelectuais lecionando durante horas” (p. 40). Os liceus, que receberam esse nome em homenagem ao jardim coberto onde Aristóteles lecionava na Grécia, eram a versão popular dos cinemas de hoje.

Postman também lista as quantidades de cópias de vários livros vendidos nas cidades em comparação com o tamanho de suas populações e estima que as taxas de alfabetização eram, na verdade, ainda maiores. Em uma época em que os livros e o papel eram muito caros, uma alta porcentagem de americanos devorava os materiais de leitura.

Laura Ingalls Wilder, em seu livro *Uma Pequena Cidade na Campina*, escreveu sobre um teste em que ela teve de passar no final de 1800, quando tinha quinze anos, para que fosse aprovada a fim de lecionar em uma pequena escola com uma única sala de aula. Aqui está uma pequena parte de uma longa frase que ela precisou analisar sintaticamente. Caso você não tenha recebido a educação básica que os alunos do quarto ano dessas pequenas escolas recebiam, “analisar morfológicamente / sintaticamente” uma oração significa separar e classificar cada elemento gramatical que a integra.

“Eu” é o pronome pessoal, primeira pessoa do singular, sujeito do verbo ‘vi’, pretérito do verbo transitivo ‘ver’. ‘Vi’ tem por objeto o substantivo ‘ave’, modificado pelo artigo indefinido ‘uma’.”

Vemos uma passagem semelhante da fictícia Rebecca de Sunnybrook Farm, em uma conversa entre a Srta. Dearborn, uma professora do interior, e a menina Rebecca, de nove anos. A Srta. Dearborn começa:

“Agora, vamos começar as conjugações. Conjugue o verbo ‘poder’, no futuro do pretérito do indicativo”.

Rebecca responde:

“Eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam.”

“Dê-me um exemplo, por favor.”

“Eu poderia ir ao casamento, tu poderias ir ao casamento, ele poderia ir ao casamento, nós poderíamos ir ao casamento, vós poderíeis ir ao casamento, eles poderiam ir ao casamento.”

Embora Rebecca seja fictícia, a autora escreveu o livro com a expectativa de que as meninas de nove anos fossem capazes de se identificar com a personagem. Porém, no que diz respeito à atualidade, muitas meninas de nove anos raramente ouviram falar de conjugação verbal, muito menos no futuro do pretérito do indicativo. O Conselho Nacional de Professores de Inglês não considera mais necessário aprender a fazer análises sintáticas, pois o ensino da gramática atrapalha a escrita criativa. E como alguém pode escrever criativamente sem utilizar as estruturas frasais adequadas? Focar no produto (um texto criativo), em vez de voltar-se ao processo, tornou os líderes desta organização educacional incapazes de apreciar o valor da análise sintática de uma frase. Essa análise nos permite identificar e corrigir erros existentes e explicar qual parte está incorreta e por quê. Essa capacidade também permite que os nossos cidadãos descubram se o argumento de um político, por exemplo, é válido ou não, a aprender línguas estrangeiras e até mesmo a escrever provas geométricas. Uma prova geométrica exige a análise e identificação das relações físicas entre as formas, do mesmo modo que a análise sintática nos permite identificar a relação entre as palavras.

Na autobiografia *Mary Emma & Company*, a família de Ralph Moody, um estudante iletrado de doze anos, muda-se, na década de 1910, das escolas pequenas com uma sala de aula da fronteira do Colorado para o sistema escolar de Boston. O menino precisa fazer um teste de proficiência para que o diretor possa determinar em qual série

colocá-lo. O diretor faz a seguinte pergunta: “Qual é o resultado de doze vezes doze, dividido por treze, vezes cinco, dividido por três?”. Ralph responde: “Eu estava indo bem até chegar a cinquenta e cinco e cinco sobre treze, então eu me confundi um pouco ao tentar dividir esse resultado por três... eu me perdi quando cheguei no cinco sobre treze...”.

Assim, Ralph foi colocado no oitavo ano, e não no nono, porque precisava trabalhar para sustentar a sua mãe viúva e os seus irmãos em vez de ir à escola. Quantos adultos que estudaram nas escolas de hoje, e quanto mais as crianças, são capazes de fazer tantos cálculos assim de cabeça? No entanto, esse era o esperado das crianças daquela época, como podemos ver em *Higher Arithmetic* [“Aritmética Superior”], de Ray, publicado em 1880, o livro-texto padrão para o estudo de matemática na época. A série *Everyday Math* [“Matemática Diária”], currículo de matemática popular nas escolas de Ensino Fundamental contemporâneas dos EUA, explica que não é mais necessário aprender as tabuadas, pois os alunos podem simplesmente usar calculadoras. Não se espera mais que os alunos de hoje sejam capazes de fazer divisões de números simples de cabeça, quanto mais divisões de números fracionados, como era esperado de Ralph Moody.

Enquanto lutava pela democratização escolar, o sistema educacional abandonou as competências simples que geram o letramento universal. A implementação do modelo clássico restaurará todos os graus de letramento — cultural, matemático e linguístico — para todos os grupos demográficos, assim como era no início da história dos EUA. Os resultados educacionais retratados como normais na literatura infantil de um período anterior me ofereceram uma visão do nível de proficiência que os meus filhos podem alcançar. Tive o privilégio de começar a recuperar essas capacidades, mesmo depois de adulta, para que possa compartilhá-las com os meus filhos.

O Trivium substitui o foco na carreira

Embora sejamos conhecidos como um povo bastante trabalhador, nós, em tempos de dificuldade econômica, acabamos ficando preocupados com o nosso emprego. A abordagem clássica treina o aluno a se tornar uma pessoa completa e capaz, em vez de focar no desenvolvimento de uma única habilidade profissional. Não há nada de errado com o preparo profissional — todos nós provavelmente precisaremos passar por isso em algum momento da vida —, mas a prática da arte de aprender nos preparará para nos adaptarmos com mais facilidade a um mundo em constante mudança e com novas

opções de emprego. Encanadores, políticos e organizadores de festas precisam saber ler, escrever e fazer contas de forma competente, portanto o modelo de educação clássica apenas aprimora as competências profissionais de cada um.

Todo pai e mãe desejam criar filhos tão competentes na arte de aprender que, quando tiverem o emprego ameaçado, serão capazes de enfrentar esse desafio mudando tranquilamente para outra área profissional, ou até mesmo sentindo-se animados pela oportunidade de reestruturar a sua fonte de renda, ao invés de se apavorarem com a possibilidade de perder o sustento. Uma das vantagens da educação clássica é que as nossas competências nos definem mais do que o nosso cargo. Os pais reconhecem que o mundo mudou e que os seus filhos precisam adquirir habilidades básicas que os capacitem a atuar em qualquer área em uma variedade de carreiras. Precisamos, portanto, oferecer aos nossos filhos uma educação ampla e libertadora que lhes permita pensar da maneira correta e aprender durante toda a vida. As crianças devem estar preparadas para qualquer desafio, até mesmo para oportunidades de emprego que talvez só venham a existir no futuro.

Os idosos estão vivendo mais e com mais saúde. E o meu desejo é que meus filhos, aos setenta anos, estejam pensando sobre qual curso fazer, ou qual novo assunto estudar e como gerir seus novos negócios ou oportunidades de emprego. Certamente a maioria de nós não terá guardado dinheiro suficiente para nos sustentar durante trinta ou quarenta anos de aposentadoria, principalmente se formos saudáveis e ativos, com o desejo de gastar dinheiro e aproveitar os nossos anos dourados.

Portanto, quando mandamos nossos filhos para a universidade, a fim de serem preparados para uma única carreira, ou quando os classificamos no Ensino Médio como “bons em matemática”, ou ainda no Ensino Fundamental como “artísticos”, nós limitamos as suas oportunidades e os incentivamos a acreditar que eles só são bons em uma área. Mesmo o artista mais talentoso dará muito valor à capacidade de saber investir a sua renda de forma inteligente para a sua aposentadoria. O artista também precisa desenvolver as habilidades de comunicação necessárias para que possa um dia dar aulas de arte, caso venha a desenvolver uma artrite, por exemplo, e não possa mais trabalhar com as mãos. A expansão da economia global nos obriga a pensar em uma preparação mais ampla para as nossas carreiras, em vez de escolhermos uma área mais limitada cedo demais. Além disso, os alunos estão acostumados ao nosso mundo

acelerado. Eles são jovens e curiosos, portanto lhes ensinemos as ferramentas básicas que podem oferecer mais flexibilidade para a abordagem de uma variedade de oportunidades.

Novamente, podemos tomar os Pais Fundadores dos EUA como exemplo. Benjamin Franklin, Paul Revere, Dolly Madison e os Adams foram, todos, em algum momento, agricultores, políticos, educadores e donos de negócios. Nós, porém, conseguimos mesmo distorcer um famoso elogio da época colonial, “pau para toda obra”, para significar, de forma depreciativa, “mestre em nada”. Originalmente, a intenção era homenagear uma pessoa com muitas habilidades, capaz de encarar qualquer desafio que encontrasse. Para um exemplo ainda mais antigo de uma mulher de educação liberal, leia Provérbios 31 (especialmente a partir do versículo 10: “Mulher virtuosa, quem a achará?”). A mulher descrita na passagem é proprietária de terras, dona de um negócio, esposa e mãe. Ela vive destemidamente e é motivo de orgulho para a sua família por causa da sua competência, pois sempre faz o que é necessário e enfrenta todos os desafios.

Todos nós temos dons e talentos específicos. E não me entenda mal: não estou sugerindo que ofereçamos uma educação mais ampla como forma de ignorar os dons de nossos filhos. Pelo contrário, estou defendendo que a educação clássica proporciona o escopo necessário para que eles exerçam seus pontos fortes em uma ampla gama de tarefas. Portanto, quando o seu filho que ama música reclamar por ter que estudar uma língua estrangeira, lembre-o de que mandarim, hindi e espanhol são falados por mais pessoas no mundo do que o português. Esteja preparado para dizer: “Eu sei que você quer ser músico, mas quando tiver oitenta e dois anos, talvez esteja dando aulas de violão na Mongólia”. O modelo clássico nos ajuda a pensar globalmente e com uma visão de futuro. A nossa geração consegue enxergar mais além do que nunca ao redor do mundo. Como mãe, devo oferecer aos meus filhos uma visão ampla de todas as oportunidades da vida.

O professor clássico está sempre ciente de que o domínio da gramática é fundamental e de que o conteúdo dominado só é relevante porque fornece material para o estudo. O modelo clássico é apenas uma educação racional e ele se aplica igualmente a áreas profissionais e acadêmicas. Outros livros sobre educação clássica promovem objetivos acadêmicos tão elevados que parecem inatingíveis para a maioria dos países modernos, embora esses mesmos objetivos tenham sido a norma para gerações anteriores. Nosso dever como pais é restaurar a nossa própria educação enquanto que

transmitimos nossa visão de educação de qualidade a pequenos atos diários que a transformam de um esforço visando preparar as pessoas (para ganharem dinheiro) na dádiva de ter um estilo de vida de aprendizado.

Este livro apresenta um padrão elevado nos primeiros três capítulos e, em seguida, traz o processo de aprendizado de volta à realidade. A gramática da educação clássica é naturalmente dividida em pequenos passos alcançáveis e mensuráveis, para que qualquer aluno consiga atingir qual seja a forma de letramento necessária, não importa em qual situação eles se encontrem na vida. O aluno de formação clássica estará à altura de uma educação rigorosa.

CAPÍTULO 3

Como a educação clássica pode ajudar sua família

A história e a literatura de tempos mortos nos emancipam da imersão na enchente de nosso próprio tempo.

— Russell Kirk, *A Era de T. S. Eliot* (É Realizações)

Centrando os estudos no lar

Pais que gostam de cozinhar cercam, sem muito esforço, sua família de boa comida. Pais que gostam de esportes vão a eventos esportivos com seus filhos, assim como aqueles que gostam de arte sempre levam suas famílias a museus e concertos musicais. Pais que gostam de descobrir e entender novas ideias exemplificam uma vida de aprendizado para os filhos. Pense nas coisas que você gosta de fazer e encontre maneiras de incluir os seus filhos nessas atividades mais vezes. Reflita sobre como se dá o processo de aprendizagem para você e por que você ama as coisas que ama. Compartilhe as suas paixões com a sua família.

Poucos pais dessa geração foram criados em uma cultura de educação centrada no lar, portanto não desanime se encontrar dificuldade para desenvolver esse tipo de ambiente em sua casa. O próprio modelo clássico prova que não é fácil recriar algo que nunca vimos antes. Às vezes, precisamos nos acostumar a ficar com nossos filhos. (Eles não se comportam como adultos). A educação centrada no lar é uma educação natural, o que significa que, naturalmente, nada sairá como o planejado! A espontaneidade da vida com crianças pode, muitas vezes, parecer infrutífera; além disso, não há um holerite no fim do mês que compense os dias mais difíceis. As recompensas vêm em pequenos momentos de progresso e sucesso compartilhados em família. Trata-se de uma verdade, independentemente de como você eduque os seus filhos. A ênfase, contudo, no prazer em aprender juntos torna a educação centrada no lar diferente de todas as outras

formas, pois, nesse modelo, os pais garantem, intencionalmente, que seus filhos dominem os estudos.

A autora M. K. DeGenova perguntou a 122 aposentados o que eles fariam de diferente se pudessem voltar no tempo. As respostas foram publicadas no *International Journal of Aging and Human Development* ["Revista Internacional de Envelhecimento e Desenvolvimento Humano"]. A resposta número um foi que eles teriam se dedicado mais à educação. "Acima de qualquer outra área da vida", relatou DeGenova, "os homens responderam que teriam dedicado mais tempo buscando uma formação acadêmica, e as mulheres teriam dedicado mais tempo desenvolvendo sua mente e intelecto". Estudar o mesmo tópico diversas vezes com vários filhos me oferece a oportunidade de evitar esse arrependimento por toda a minha família. Os pais que ajudam em trabalhos escolares criam filhos que, por sua vez, também serão pais que ajudarão seus próprios filhos em seus trabalhos escolares.

Nossos dois filhos mais velhos perderam os primeiros anos essenciais da educação clássica porque eu nunca sequer havia ouvido falar sobre esse modelo até eles terem cerca de doze anos. Os benefícios do uso desse modelo desde o início são aparentes em nossos filhos mais novos, pois eles memorizam, leem, escrevem e discutem sobre grandes questões com muito mais frequência do que os mais velhos. Os meninos mais novos fazem, regularmente, análises sintáticas de frases em inglês e latim e estudam disciplinas como lógica formal com tamanha naturalidade que imaginam que seja uma matéria estudada por todas as crianças da sua idade. Memorizar centenas de palavras novas e destacar os pontos principais de livros longos são atividades normais para eles. Notamos a primeira diferença entre nossos dois filhos mais velhos e os dois mais novos quando observamos as suas brincadeiras. Os dois mais velhos pegavam gravetos e usavam como armas para brincar de guerra, igual aos outros meninos de sua idade. Os dois mais novos também pegavam gravetos para usar como armas, mas eles sabiam quais generais queriam ser e qual guerra estavam recriando com aquela brincadeira.

Certa vez, uma amiga e eu fomos até a Disney World e levamos os nossos filhos mais novos. Na época, eles ainda eram bem pequenos, mas eu já os educava sob o método clássico. Estávamos no Salão dos Presidentes e ficamos orgulhosas porque os nossos filhinhos, todos com menos de sete anos, reconheceram com facilidade todos os presidentes mais famosos que ficam na área externa de espera. Quando entramos no teatro e sentamos para assistir ao espetáculo, o

meu filho David, então com quatro anos, precisou sentar no meu colo para enxergar o palco. Tomada pelo orgulho patriótico, eu chorei quando levantaram as cortinas e os grandes líderes americanos começaram a sua apresentação. (Aparentemente, fico bastante emocionada em espetáculos com bonecos). Alguns segundos depois, David sussurrou em meu ouvido: “Mãe, onde está o Harrison? Não consigo ver o presidente Harrison”. Aquilo me fez chorar ainda mais. O meu filhinho, que, na época, ainda nem fazia tantas tarefas escolares, estava repassando os 43 presidentes em sua mente e tentando identificar cada rosto dos bonecos no palco com os nomes que tinha memorizado. Em casa, ele havia decorado com uma canção os nomes de todos os presidentes dos Estados Unidos; cantando, ele ia apontando para os rostos dos presidentes em um jogo americano em cima da mesa. Até então, eu não tinha me dado conta de como ele prestava atenção naquilo. Meu filho não teria sido capaz de fazer as conexões dialéticas se, antes de tudo, não tivesse memorizado os nomes dos presidentes.

Certa vez, uma mãe me contou que, após memorizar uma linha do tempo, sua filha de dois anos escolheu colocar Amenófis como o nome do gato da família. Já ouvi uma universitária dizer que seu professor não acreditou quando ela disse que não tinha calculadora e que resolvia todos os problemas matemáticos de cabeça. Certa vez, o presidente de uma universidade elogiou publicamente um dos meus alunos por ter vencido uma competição internacional de simulação de julgamento em um tribunal. O modelo funciona para aqueles que o levam a sério.

Agora, entenda, o método clássico não é apenas para crianças com intelecto acima da média. Por exemplo, já ouvi o seguinte de muitos pais de crianças com autismo, síndrome de Asperger e outras dificuldades cerebrais: “Disseram que o nosso filho nunca seria capaz de aprender [**preencha a lacuna**], e este ano ele foi um mestre da memorização”. Mas a melhor coisa que eu já ouvi de pais de crianças com alguma deficiência mental foi: “Antes de começarmos o ensino domiciliar, minha filha nunca havia sido convidada para uma festa de aniversário, nem para dormir na casa de alguma amiguinha. Na escola as outras crianças só zombavam dela. Agora ela tem amigos”. Os adultos sabem que as crianças que se esforçam aprendem a valorizar aqueles que *precisam* se esforçar. Uma cultura de aprendizado rigoroso destrói a cultura do medo do diferente e do desconhecido. Uma cultura de famílias que aprendem juntas permite que pais experientes ensinem crianças imaturas a aceitarem e admirarem diferentes tipos de pessoas.

A educação centrada no lar também nos incentiva a pensar menos em um sistema de notas e mais no ser humano que está tentando aprender algo novo. Apesar deste livro ter em mente sobretudo os pais e professores do Ensino Fundamental, qualquer pessoa é “um aluno do primeiro ano” quando está aprendendo a gramática de um assunto novo. Se, por exemplo, uma senhora aposentada decide aprender russo, ela precisa começar do início. Estudar um texto em russo em um nível de Ensino Médio será difícil para qualquer pessoa que está começando a estudar o idioma, independentemente de ser ou não mais velha.

Quando aprende algum tópico novo, o que exatamente equipara uma pessoa a um aluno do Ensino Médio? Em casos assim, de ensinar um idioma a uma pessoa que nunca teve contato com a referida língua, independentemente de sua idade, o educador clássico começa com um livro de nível equivalente ao Ensino Fundamental, contendo um vocabulário limitado e focado em substantivos, com somente alguns verbos, apenas para o aluno ter uma noção da língua e para ser feita uma avaliação de deficiências acadêmicas pessoais. O domínio de algumas noções básicas da língua serve de incentivo para que o aluno dê continuidade aos estudos, em vez de se sentir sobrecarregado pelo conteúdo.

Os pais, quando começam a aprender sobre o modelo clássico de educação, muitas vezes se preocupam com a falta de ênfase na compreensão e aplicação para os alunos em idade escolar de Ensino Fundamental I. Pais de crianças pequenas já precisam ensinar coisas demais e não precisam se sentir um fracasso porque seus filhos não conseguem pesquisar sobre Homero ou, aos doze anos, discutir sobre os ensaios de Agostinho. Por outro lado, nós, pais, às vezes temos tal desejo de ver progressos mensuráveis que superestimamos a capacidade dos nossos filhos e nos apressamos em apresentar materiais difíceis demais antes da hora. Releia a lista de objetivos gramaticais da introdução deste livro. Quantos anos você tem? Você já atingiu todos os objetivos básicos de uma educação gramatical? A gramática, embora esteja em um nível inferior pela perspectiva da capacidade de raciocínio, ainda pode ser muito rigorosa e desafiadora. Para muitos pais, só o esforço de restabelecer a autoridade necessária para ensinar seus próprios filhos já consumirá energia demais. prossiga com propósito e clareza e toda a sua família avançará rapidamente para os estágios educacionais da dialética e da retórica.

Embora a estrutura deste livro enfatize as competências

gramaticais, suponho que qualquer um dos seus filhos lê ou lerá (ou você lê ou lerá para eles) bons livros, tem ou terá boas conversas com você e o acompanhará em idas a lugares muito interessantes. Use essas oportunidades naturais para praticar habilidades dialéticas e fomentar perguntas, discussões e compreensão. Suponho também que os seus alunos de idade equivalente ao Ensino Fundamental I recitarão poemas e canções, escreverão parágrafos e explicarão fatos interessantes para amigos, vizinhos e parentes. Em outras palavras, os alunos dessa faixa etária também participarão de atividades retóricas. Embora as últimas seções deste capítulo tracem um plano para passar aos estágios da dialética e da retórica, não se precipite. O estágio mais importante para começar a restaurar a educação clássica é o da gramática, independentemente da idade ou das habilidades de seus filhos. Se construirmos uma base sólida, o resto se encaixará naturalmente.

Conquistas acadêmicas mediante a gramática

Um diretor mais ousado, em apenas quatro anos, poderia elevar a educação de uma escola inteira do Ensino Médio se simplesmente implementasse um plano que se concentrasse na restauração das competências gramaticais. Os jovens com mais facilidade de aprender levariam, provavelmente, um ano para dominar as estruturas gramaticais da leitura, escrita e aritmética. Isso permitiria que os alunos desenvolvessem as suas habilidades de pesquisa e escrita mais rápido do que nunca. Até mesmo alunos medianos chegariam à universidade com mais conhecimento sobre o mundo do que a maioria dos colegas de classe e teria os anos universitários para treinar as suas habilidades dialéticas e retóricas. Os alunos que normalmente abandonariam a escola depois dos dezesseis anos (cerca de um terço o faz em todo o país) experimentariam uma satisfação muito maior ao dominar um conteúdo relevante. A satisfação de fazer as coisas bem pode inspirá-los a considerar dar continuidade à sua própria educação. Porém, sei que, mesmo apresentando todos esses benefícios, os pais terão dificuldade de entregar um livro de gramática do terceiro ano do Ensino Fundamental para alunos do Ensino Médio. Isso lhes ferirá o orgulho. Então, sugiro que você arranque a capa do livro e apague qualquer menção ao terceiro ano que encontrar antes de entregá-lo ao seu filho mais velho. Ou, também, lembre-o de que Winston Churchill passou quatro anos no equivalente britânico ao quinto ano do Ensino Fundamental de gramática. É claro, você terá de explicar quem foi Winston Churchill — entre outras coisas, um autor prolífico e um dos oradores públicos mais eloquentes do século XX (veja, tudo começa com a gramática) —, portanto alegre-se quando tiver que definir um

termo ou identificar um nome famoso.

As listas de gramática para as várias disciplinas abordadas neste livro não são canônicas, mas apenas um ponto de partida. De fato, alguns elementos contidos nessas listas são fundamentais, sem equivalentes, mas a maioria dos assuntos oferece uma variedade de opções para começar a estabelecer uma estrutura mental permanente. Se você é americano, por exemplo, sugiro que os seus filhos pequenos memorizem os presidentes dos Estados Unidos. Se você é britânico, é preferível que memorizem os reis e rainhas da Inglaterra. Agora, se for egípcio, pode memorizar os faraós. Se você for ambicioso, então memorize todos eles! A memorização de líderes históricos nacionais oferece ao seu aluno referências para o restante do estudo de história. Portanto, basta escolher uma lista e começar a memorizar.

Refleta sobre os termos a seguir, retirados de um currículo clássico para alunos do Ensino Médio, pergunte-se por que são complexos e o que eles têm em comum que os torna difíceis. Pense também no que você poderia fazer para preparar um aluno do Ensino Fundamental para ter um bom desempenho nesses tópicos do Ensino Médio. Algo que nos ajuda a perseverar durante os estágios aparentemente insignificantes e mecânicos da gramática é, conforme os estudos se tornam mais difíceis, sempre olhar adiante para onde eles estão nos levando.

Embora qualquer pessoa alfabetizada seja capaz de ler as palavras a seguir, o sentido de cada passagem se torna difícil se o indivíduo não consegue compreender o significado de termos como “*princípio*”, “*quadrática*”, “*escarpada*” ou “*didático*”. Para compreender e elaborar conceitos, é necessário ser capaz de fazer mais do que simplesmente ler. Cada ideia das diversas áreas exemplificadas a seguir exige que o nosso cérebro se esforce para compreender o vocabulário como se estivesse em outra língua. É necessário compreender os termos até que eles se tornem familiares e naturais o bastante para serem usados naturalmente. É por isso que educadores clássicos enfatizam a importância das artes da linguagem, incluindo matemática e ciências.

Latim: *In principio erat verbum.*

Matemática: Uma equação quadrática é uma equação polinomial de segundo grau em uma única variável x : $Ax^2 + bx + c = 0$,

sendo A diferente de 0. Por ser uma equação polinomial, o teorema fundamental da álgebra garante que ela tenha duas soluções. Essas soluções podem ser reais ou complexas.

História: “A Constituição Britânica foi para Montesquieu o que Homero foi para os escritores didáticos de poesia épica” (*O Federalista*, n.o 47, James Madison, 30 de janeiro de 1788).

Literatura: Shakespeare, *Henrique V*, Ato 3, Cena 5

Delfim: O Dieu vivant! Será que alguns ramos de nossa nação, nascidos da luxúria de nosso pai — nossos galhos enxertados em troncos selvagens e primitivos — crescerão a tal altura que olharão para baixo com desprezo às plantas de onde surgiram?

Bourbon: Normandos, nada mais do que normandos miseráveis, miseráveis normandos! *Mort de ma vie!* Se eles marcharem sem oposição, venderei meu ducado por uma fazenda encharcada e imunda naquela ilha escarpada de Albion.

Em minha concepção, boa parte dos alunos dessa geração não atingem o sucesso acadêmico porque as nossas escolas e famílias não esperam que aprendamos vários idiomas desde cedo. Esperamos que a maioria fale somente o idioma nativo, assim como nós! Por isso, filhos de pais ou alunos de escolas que são obrigados a se esforçar constantemente para aprender palavras estrangeiras desde pequenos podem ser considerados privilegiados. Há uma piada popular que toma os americanos por padrão para zombar das limitações linguísticas de um povo:

Como se chama uma pessoa que fala três línguas? Trilíngue.

Como se chama uma pessoa que fala duas línguas? Bilíngue.

Como se chama uma pessoa que fala uma língua? Americano!

São muitas as questões de alta complexidade a serem resolvidas em relação à globalização, mas a capacidade de aprender a língua de uma força de trabalho imigrante não deveria ser um desafio para uma população verdadeiramente letrada. Deveríamos saber como aprender a conjugar verbos em qualquer língua, assim como se esperava que os estudantes do período colonial dominassem o grego, o hebraico e o latim ainda no Ensino Médio. Deveríamos esperar que os alunos de hoje estivessem familiarizados com, no mínimo, o espanhol, isso se também não com o mandarim e o persa.

Na cidade de Colonial Heights, Virgínia, ao sul de Richmond, as escolas públicas matriculam alunos que falam espanhol, coreano, vietnamita e mandarim.

“Saber apenas um idioma não prepara nem mesmo (o professor)”, afirmou Kerry Robinson, diretora de Gestão Educacional. Os EUA têm uma escassez de professores, então o Departamento de Defesa e de Educação dos EUA se uniram para treinar militares aposentados para serem os professores escolares do futuro, por meio do programa Tropas para Professores (TTT). Professores americanos falando mandarim? Soldados aposentados recebendo bônus para lecionar? Os pais devem realmente pensar com novos olhos se quiserem preparar os seus filhos para um mundo muito diferente do século XX (*The [Colonial Heights] Patriot*, 16 de fevereiro de 2007).

Shakespeare, o dramaturgo, reconhecia o poder do hábito da memorização e da recitação de palavras ricas e com significados poderosos. Ésquilo escreveu que as palavras são o bálsamo que cria uma mente saudável. Eu acrescentaria que o estudo das palavras nos prepara para uma economia global, aumentando o nosso poder de pensamento e observação, oferecendo ao aluno comum a capacidade de aprender a pensar de forma adequada, até mesmo em vários idiomas.

Realizações acadêmicas por meio do estudo da lógica

Em vez de presumir que o Ensino Fundamental II é um parque de hormônios descontrolados, a mente clássica reconhece a força desses impulsos físicos e a necessidade que os alunos têm de descobrir a autoconfiança por meio da aprovação de seus pares. O modelo clássico aproveita o desejo natural que os alunos apresentam de estar com seus amigos para passar muitos trabalhos e projetos em grupo. Também aproveitamos o desejo juvenil de discutir e responder e insistimos que eles aprendam a fazê-lo de forma *lógica e educada*. Em vez de focar apenas na gramática ou de forçá-los a fazer pesquisas extensas demais, coisa que aprenderão a fazer nos estudos de retórica, concentramo-nos em aprimorar suas capacidades dialéticas por meio de círculos socráticos, lógica formal, debates políticos, simulados de julgamentos, histórias colaborativas e sínteses de linhas do tempo. Adolescentes gostam do desafio de dominar assuntos difíceis, desde que possam dominá-los com amigos que pensam da mesma forma.

Habilidades dialéticas são formalmente ensinadas por meio de debates, álgebra e experimentos científicos, mas também colocadas em prática com charadas, discussões e interações em grupo lideradas por um pensador empolgado, pois os processos dialéticos ou lógicos são, na verdade, simplesmente a capacidade de pensar. Particularmente falando, evito o termo excessivamente utilizado “capacidade de pensamento crítico” e prefiro ensinar “capacidade de raciocínio claro”. O professor clássico está muito menos interessado em ouvir a opinião ou crítica de um aluno e mais interessado em fazê-lo explicar o

fundamento de sua opinião. Nosso desejo é que as crianças reconheçam a diferença entre expressar uma opinião e desenvolver uma conclusão lógica por meio da indução ou dedução. Evidentemente, com isso não quero dizer que elas não podem ou não devem expressar seus sentimentos e opiniões. Como adulta, sei bem como é fácil formar as minhas críticas com base em emoções, e não em fatos ou ideias bem fundamentadas. Portanto, quando dou aulas a alunos mais velhos, eu os incentivo a raciocinar e expressar suas ideias com clareza para que o seu ponto de vista seja verdadeiramente compreendido.

A maneira mais fácil de ensinar o pensamento dialético ou lógico é reapresentar aos alunos regras e exemplos que já conhecem, ajudá-los a ver a relação entre ideias novas e velhas e, então, dar-lhes a oportunidade de formar suas próprias conclusões sobre regras adicionais ou resultados lógicos. Quando, por exemplo, estou dando aula de latim, utilizo as regras gramaticais que os alunos já aprenderam em inglês para ajudá-los a descobrir as regras do latim. Ao mesmo tempo, eles memorizam as regras gramaticais do latim para facilitar aquele momento em que se darão conta de que as regras dessas duas línguas se entrelaçam. O aluno que memorizou várias regras quando pequeno tem uma vantagem sobre o aluno que ainda precisa memorizar as regras e pensar em suas ligações lógicas pela primeira vez.

Posso, por exemplo, escrever na lousa termos que, em nossa língua, façam equivalência ao sujeito (também chamado nominativo) e ao objeto direto/indireto (também chamados acusativo/dativo). Por vezes, em nosso idioma, basta preceder um termo para alterar-lhe a função sintática. Em seguida, eu escreveria na lousa dois termos em latim e perguntaria aos alunos qual palavra corresponde ao objeto e qual equivale ao sujeito. Nas primeiras vezes, posso conduzi-los à resposta correta, lembrando: “Visto que acrescentamos uma preposição a fim de alterar a função sintática de um termo, qual vocês chutam ser a pista para descobrirmos o objeto em latim?”. Daí eu lembro aos meus alunos que em determinada palavra foi acrescentada uma consoante ao final. Conseguimos, portanto, estabelecer uma regra preliminar de que quando algo é acrescentado à palavra, esse elemento a mais pode indicar que agora o termo mudou de classe gramatical.

Outros exemplos em latim podem confirmar ou refutar a nossa regra preliminar. Chega uma hora em que não é preciso pensar muito para descobrir o objeto direto, pois conseguimos reconhecer que um substantivo terminado em “m” em latim provavelmente corresponde

ao objeto direto — e esse simplismo permanece até que aprendamos mais latim e mais declinações. Depois disso, descobrimos mais regras para palavras que terminam com “m” na língua latina. Também precisamos guardar todas essas regras na cabeça quando traduzimos passagens do latim. E, assim, ampliamos e desafiamos nossa destreza mental. Para nós foi uma grande vantagem ter ensinado nossos filhos, desde o início, no Ensino Fundamental I, a memorizarem tantas coisas! No estágio dialético, espera-se que o aluno classifique e sintetize as regras memorizadas, aplicando adequadamente seus conhecimentos a fim de aumentar a sua compreensão de um assunto. Eles estão *pensando*. É mais fácil ensinar as habilidades dialéticas quando o aluno tem um conhecimento básico sólido de gramática para associar às novas ideias. As famílias que adotam o modelo clássico aprendem uma disciplina difícil como o latim não somente porque ela é útil, mas porque é complexa e obriga o aluno a se esforçar! À medida que se tornam mais experientes na busca por semelhanças e conseguem formar suas próprias analogias, os alunos vão deixando de precisar da ajuda de seus pais e conseguem até mesmo formular suas próprias regras de linguagem.

É importante lembrar que linguagem é linguagem, independentemente da disciplina, então, a seguir, apresento um exemplo do processo dialético da parte de matemática do antigo SAT (Teste de Aptidão Escolar, ou Teste de Avaliação Escolar). As habilidades clássicas são igualmente aplicáveis à matemática, embora muitos classicistas se esqueçam desse detalhe importante na confusão entre estudar literatura clássica e aprender o modelo clássico.

Por favor, pare e pense um pouco no problema matemático a seguir e observe como você usa conhecimentos matemáticos memorizados para aprender um conceito novo. Ler as equações em voz alta é um truque para a compreensão mais rápida, pois para isso é necessário o uso da boca, dos olhos e dos ouvidos. Experimente.

Eu gostaria de lhe ensinar uma nova função, chamada “arroba”, representada pelo símbolo @.

Exemplo 1

$3 \times 3 = 9$, $2 \times 2 = 4$ e $9 + 4 = 13$
é definido como o mesmo que $3 @ 2 = 13$

Conseguiu identificar um padrão?

A seguir, veja outro exemplo da mesma função.

Exemplo 2

$$4 \times 4 = 16, 5 \times 5 = 25 \text{ e } 16 + 25 = 41$$

é definido como o mesmo que $4 @ 5 = 41$

Você percebeu que as respostas das duas primeiras equações foram adicionadas à terceira equação?

Agora, você consegue me dizer a resposta para $3 @ 5$?

Em outras palavras, você consegue pegar os dois exemplos de uma regra e aplicá-los a um novo problema? Você consegue comparar o que já sabe com uma nova definição e adquirir um novo entendimento? Quão fortes são os seus poderes de observação? Você consegue identificar os padrões? Você aprendeu a procurar padrões de pensamento na escola?

Você deveria entender que:

$$3 \times 3 = 9 \text{ e } 5 \times 5 = 25 \text{ e } 9 + 25 = 34; \text{ portanto } 3 @ 5 = 34.$$

Para definir a nova regra do “@”, tivemos de:

1. Utilizar as definições de adição, multiplicação e equivalência da “prateleira” de matemática do nosso cérebro;
2. Pensar de forma sequencial e lógica em cada etapa dos exemplos;
3. Manter as definições previamente aprendidas em nossa mente;
4. Aplicar o que observamos a um novo símbolo.

No processo, desenvolvemos uma compreensão para a definição de “@”. Você consegue inventar o seu próprio problema matemático para “@” e ensiná-lo a outra pessoa? Se conseguir, então você provou que realmente entende o conceito de “@”. Ao praticar “@”, você estará praticando as mesmas habilidades necessárias para se tornar proficiente na resolução de funções como seno e cosseno. Assim como “@”, seno e cosseno não passam de palavras; talvez sejam termos abstratos e desconhecidos, mas são apenas termos, assim como “gato” e “lama”.

A dialética ocorre mais facilmente durante o “diálogo” com um aluno. Uma pessoa em carne e osso é preferível a uma máquina ou livro. Pense no exemplo matemático anterior. Lembre-se de que estou tentando persuadi-lo a entender uma nova definição. Se ainda não

sabe usar a minha operação inventada do “@”, você não gostaria de poder me ligar e me pedir para explicá-la? Você sabe que é inteligente o bastante para entender a operação; se ao menos tivesse alguém para ajudá-lo a “enxergar” como o símbolo funciona, o aprendizado seria muito mais fácil. Se você está tendo dificuldade para entender o símbolo “@”, pegue uma criança e tentem resolver juntos antes de ler o resto do livro. Só de tentar explicar os exemplos para outra pessoa, você terá uma compreensão melhor de como a operação funciona. Um dos motivos pelos quais grandes salas de aula cheias de alunos e o uso de computadores são ineficazes durante este estágio é porque a dialética é a parte mais difícil do pensamento e muito ajuda ter uma pessoa com quem compartilhar ideias.

Pensar — de forma crítica ou clara — é a ação que o cérebro executa comparando mais de uma parte da gramática. Certa vez, durante uma visita a um centro de ciências, mostrei um holograma estranho ao meu filho William, de sete anos. Ele estava completamente desinteressado, correndo para falar com um amigo, mas assim que viu meu dedo apontando para o holograma, parou e disse: “Sim, refração, reflexão e espectro”, as propriedades da luz, e ele sabia disso. Como mãe, eu simplesmente achei o holograma legal e mostrei a ele. Mas meu filho simplesmente foi lembrado imediatamente pelo holograma de algo que havia memorizado em seus estudos. William viu, pela primeira vez, um holograma, lembrou-se das propriedades da luz, percebeu que o holograma era uma distorção da luz e fez a conexão. Três conceitos, antes não relacionados em seu cérebro, estão agora sintetizados em uma única ideia — e tudo isso se deu quase na velocidade da luz. É incrível como somos capazes de pensar rápido!

Esse exemplo também mostra que a dialética, e até mesmo os processos retóricos do aprendizado, não estão presos a uma idade ou ano escolar específicos, mas acontecem com todos nós o tempo todo. Quando olhou para o holograma, William imediatamente aplicou um conceito fundamental sobre a luz, sem que ninguém lhe pedisse para fazê-lo. Como ainda era muito novo, eu não esperava que ele fosse entender de verdade sobre refração, reflexão e espectro. Eu apenas confiei que as propriedades da luz são uma coisa boa para um cientista saber de cor. E ele me surpreendeu assim como David no Salão dos Presidentes da Disney. William reconheceu as propriedades e utilizou o vocabulário adequado porque havia memorizado os fatos das principais características científicas. Ele estava no primeiro ano do Ensino Fundamental, então não parecia que memorizar aquilo lhe seria muito útil naquele momento. Agora, porém, que ele está no

Ensino Médio estudando conceitos de ciências físicas, as propriedades memorizadas da luz lhe são muito úteis.

No estágio dialético, a gramática põe a mão na massa e começam a surgir os desafios. Agora que vimos exemplos do salto da gramática para a dialética em matemática, idiomas e ciências, vejamos um exemplo dela em história. A gramática da história é basicamente igual para todos, pois simplesmente procuramos descobrir os fatos, mas é no estágio da dialética que a maior parte das nossas divergências se torna aparente. Por exemplo, todos nós concordamos que Colombo navegou para as Américas em 1492 enquanto comandava a *Niña*, a *Pinta* e a *Santa Maria*. No entanto, a descrição e compreensão dos seus propósitos para fazer essa expedição, as suas ações ao desembarcar e os resultados dessa expedição dependem da nossa capacidade de compreender o seu ponto de vista e de saber que a nossa própria perspectiva afeta a nossa compreensão dos seus motivos.

Não podemos nem sequer começar a avaliar ou entender as atitudes de Colombo se não concordarmos, antes, sobre os fatos históricos — a gramática básica. Assim, o aluno de dialética aprende a parar e dizer: “defina os seus termos”, antes que alguma discussão desnecessária tenha início. Uma vez que concordamos com os significados dos termos, como “colonização” ou “exploração”, podemos discutir com mais clareza e ponderar acerca do ponto de vista de nosso oponente, antes de determinar se a motivação de Colombo foi por ele ser um explorador heroico, um interesseiro ou qualquer outra coisa.

As perguntas quem, o quê, quando e onde geralmente nos oferecem respostas gramaticais. Tornamo-nos capazes de responder à pergunta dialética mais importante — “Por quê?” — somente depois que as outras perguntas foram respondidas. “Por quê?” na maior parte das vezes exige uma avaliação desconfortável, a compreensão do ponto de vista das outras pessoas e a determinação das nossas próprias ideologias e de como elas influenciam nossos processos de raciocínio. “Por quê?” é uma pergunta muito importante. Felizmente, podemos começar ensinando as crianças com versões mais didáticas dessa pergunta, tais como: “Por que mantemos o mesmo denominador nas adições?”, ou “Por que a refração dificulta pescar um peixe num rio com a lança?”.

Fazer essas perguntas e dar-lhes boas respostas são duas ações que obrigam uma pessoa a ajudar a outra a questionar dados e informações, consolidar ideias e desenvolver conclusões lógicas. Os

próprios pais já ajudam os seus filhos com essas habilidades básicas quando ensinam sobre suas mesadas, seu tempo com os amigos e a negociação das tarefas domésticas. Precisamos simplesmente aplicar essas mesmas habilidades às disciplinas escolares, pois, depois de muito esforço, o aluno finalmente aprenderá a usar as capacidades gramaticais e dialéticas de maneira adequada enquanto avança para o estágio retórico.

Conquistas acadêmicas por meio do estudo da retórica

Temos uma longa tradição de debates orais nos Estados Unidos e a série mais famosa deles são os debates entre Lincoln e Douglas, em 1858, que catapultaram o advogado franzino de Illinois para os holofotes de todo o país. Existe uma arte na comunicação verbal que, na cultura de hoje, relegamos ao campo do direito e dos profissionais da política, esquecendo-nos de que somos todos cidadãos responsáveis por nós mesmos. O desempenho acadêmico nas capacidades retóricas é parte de um pacote maior das Artes Liberais e que ajuda muitos jovens, independentemente de se tornarem professores, diretores financeiros, jornalistas, empresários ou médicos.

Nos estudos de retórica, realizados, aproximadamente, na época do Ensino Médio e da universidade, os alunos sob a educação clássica devem empregar suas habilidades de memorização desenvolvidas para dominar e interpretar com destreza os novos campos de conhecimento. Saber definir os termos e dominar o vocabulário lhes permite pesquisar, analisar e sintetizar novas matérias com mais facilidade. Durante o estágio retórico, é razoável pedir aos alunos artigos ou discursos sobre a ética nas pesquisas com células-tronco, ou sobre as ironias presentes nas obras de Jane Austen em comparação com Hilaire Belloc. A emoção em torno de tópicos politizados demais pode ser separada dos fatos da natureza ou da história do direito, sem confundir opinião com análise intelectual. Compreender um vocabulário irônico, entender um trocadilho ou uma alusão/referência e apresentar aos colegas de classe novas figuras de linguagem exige um intelecto que o estudante de retórica procura aguçar por meio de desafios acadêmicos. Uma vez que amadurece e adquire a prática de formular logicamente grandes questões e dar-lhes resposta, a mente do aluno aprende os cânones da retórica — invenção, arranjo, estilo, memória, e entrega.

Até mesmo a retórica tem o seu próprio jargão. A *invenção* é a arte de encontrar algo a dizer, enquanto o *arranjo* é a ordem em que essas coisas são ditas. O *estilo* diz respeito a como essas coisas são ditas. A

memória é sobre saber o que será dito, e, por fim, a *entrega* diz respeito a de que forma isso será apresentado. Os cânones da retórica não serão abordados neste livro, mas são considerados habilidades básicas a serem dominadas pela mente daqueles que recebem a educação clássica. Podemos ver como o estágio gramatical é importante para o desenvolvimento das habilidades de retórica. Quando nos preparamos para persuadir ou ensinar alguém, precisamos usar palavras que ofereçam clareza ao entendimento. Devemos saber como usar os termos mais precisos para alcançar o nosso público específico com a mensagem que temos a transmitir. É necessário utilizar as palavras-chave em uma ordem apropriada, além de saber se devemos escolher palavras informais ou acadêmicas. Precisamos armazenar muitas dessas ideias em nossa memória, não para fazer um discurso impecável, mas para que possamos acrescentar o que for necessário dependendo da reação do público. Além disso, precisamos ser capazes de adequar as palavras ao nosso discurso. Um poema ou canção muitas vezes exige mudanças nas estruturas frasais, enquanto um ensaio acadêmico obterá uma nota maior se respeitar as estruturas gramaticais tradicionais.

Famílias recuperam habilidades retóricas e, por consequência, os alunos passam a valorizar todo o esforço anterior necessário para estudar a gramática das disciplinas básicas. A gramática descrita posteriormente neste livro foi escolhida porque é fundamental para as disciplinas tipicamente estudadas por alunos de retórica. Mesmo que não estudem os cânones da retórica no Ensino Médio, os alunos ainda terão de ler e escrever redações, trabalhar em laboratórios e organizar pensamentos. Não podemos esperar que alunos do Ensino Médio se lembrem prontamente de todas as informações que aprenderam no Ensino Fundamental se não os mantiverem frescos na memória, utilizando-os em discussões e tarefas escritas. A revisão contínua do trabalho de memorização é essencial durante o Ensino Médio se quisermos integrar matérias como geografia, história, ciências e outras áreas disciplinares em suas tarefas escolares.

Alunos de retórica já terão dominado a estrutura da linguagem. E eu espero que eles a utilizem para expandir suas habilidades de leitura e escrita a fim de incluir todas as principais línguas românicas: latim, espanhol, português, francês e italiano. Costumo dizer aos meus alunos que eles não serão capazes de apreciar as melhores piadas de Shakespeare se não conseguirem acompanhar o seu uso do latim e do francês, idiomas estes compreendidos pelas pessoas comuns que assistiam às suas apresentações. Certamente os nossos alunos podem ser pelo menos tão fluentes em vários idiomas quanto as multidões

barulhentas da Londres elisabetana.

Os alunos também continuam a praticar as habilidades dialéticas enquanto aprendem a serem bons retóricos. Um verdadeiro retórico não simplesmente exprime uma opinião. Ele pesa as próprias palavras, dizendo-as da maneira certa e na hora certa a fim de comover o ouvinte da forma mais eficaz. E é neste ponto que devemos ser mais cuidadosos. Hitler foi um grande retórico, embora, é claro, tenha usado suas habilidades de persuasão de maneira completamente irresponsável. Para a minha família, praticar o trivium não é suficiente; o trivium deve ser explorado ou medido pela verdade, pela bondade e pela beleza. Essas qualidades fazem parte das categorias naturais de Aristóteles. Meu propósito na educação domiciliar é criar filhos que demonstrem autocontrole, compaixão e habilidades de estadistas ao comunicar ou exercer conhecimento. Acredito que o objetivo essencial da educação clássica é conduzir a criança, por meio do conhecimento e da aprendizagem, à sabedoria e à virtude. Se meus filhos utilizarem o seu conhecimento exclusivamente para interesses pessoais, então terei falhado como mãe educadora.

Um renascimento de cidadãos instruídos pela educação clássica

Renascença significa renascimento; a era conhecida como Renascença foi considerada uma época de recuperação de conhecimentos que haviam sido perdidos pelas massas (e até mesmo pelas pessoas de boa instrução). E é exatamente isso que eu estou defendendo novamente: um ressurgimento. Além da redescoberta de textos clássicos antigos e a sua reaplicação às questões modernas pelo cidadão médio, também defendo que a educação clássica será recuperada com mais facilidade no mesmo contexto dos heróis da Renascença anterior: em casa.

O modelo clássico funciona para os modernos. Alunos educados em casa pela educação clássica têm sido aceitos em diversas faculdades e universidades, como Wake Forest, Duke, Hillsdale, Grove City, Patrick Henry, Chapel Hill, West Point, Lee, Wofford, Clemson, e Georgia Tech, e, geralmente, com bolsas de estudo. É gratificante ver o sucesso desses alunos em um nível prático e saber que eles podem competir com os melhores alunos formados em todos os modelos de educação. Mas os participantes invisíveis são os pais que não receberam bolsas de estudo, mas estudaram os mesmos materiais que seus filhos.

Buscar o renascimento da educação clássica exige uma avaliação da sua utilidade para a vida adulta. Um dos fatores responsáveis pela rejeição desse método por parte de algumas famílias é a sua ênfase na linguagem, na lógica e na literatura, em vez de em habilidades profissionais. Não parece muito “prático” estudar uma língua morta e a lógica formal soa como um curso universitário difícil demais. Deixe-me lhe assegurar de que o latim não está morto; pergunte a qualquer médico, farmacêutico, advogado ou estudioso de literatura. E, embora eu concorde que o estudo da lógica formal seja difícil, não há dúvidas, porém, de que seja prático fazê-lo. E os educadores clássicos não ensinam disciplinas por mera praticidade, mas para treinar o aluno a pensar de maneira clara sobre questões difíceis.

Mesmo se for uma pessoa bastante quieta, que prefere ouvir a falar, haverá momentos em que você precisará se comunicar para ganhar a vida, adquirir um produto, ou mesmo desfrutar de um relacionamento. O uso de um bom vocabulário apropriado também reduz conflitos. Maridos e mulheres brigariam menos se escolhessem suas palavras com mais sabedoria. Os filhos compreenderiam melhor as expectativas de seus pais se estes apresentassem instruções de como arrumar a cama ou lavar a louça de forma mais clara. O modelo clássico consiste no ensino da gramática dos costumes e da cortesia comum.

Um chefe de cozinha talentoso é, na verdade, um retórico talentoso, assim como uma bailarina ou um compositor. Eles dominaram o vocabulário de sua área — palavras como “suflê”, “pliê”, “virtuoso”. Artesãos praticaram o seu ofício até entenderem como todos os detalhes se combinam em um componente perfeito. O mesmo se dá com quem trabalha com as palavras. O escritor precisa conhecer o significado dos termos e a relação entre eles antes de usá-los em uma história. Quando somos apaixonados por alguma arte, gostamos de compartilhar o nosso entusiasmo com um público interessado.

Eu acredito que o estudante médio de hoje conseguirá ser tão versado em uma variedade de assuntos quanto Da Vinci, Bacon ou Franklin se pararmos de nos especializar em temas específicos cedo demais e passarmos a cobrar que os alunos apliquem as ferramentas da educação em todas as áreas do conhecimento. Adquirir esse conhecimento é muito mais fácil atualmente, uma vez que possuímos uma riqueza de informações disponíveis para todos por meio da internet.

O uso apropriado de tecnologias globais

Tecnocratas e empresários utilizam diariamente o computador e o celular para abrir empresas e fazer cursos com pessoas de todo o mundo. Muitos adultos fazem do lar o centro da sua educação superior, aproveitando as vantagens das universidades on-line e dos cursos de ensino à distância. Os adultos têm infinitas opções para o avanço de seu aprendizado ao alcance de suas mãos. Se a tecnologia está mudando a forma como os adultos interagem uns com os outros, você pode ter certeza de que a vida dos nossos filhos também será afetada. Como a tecnologia sem fio proporcionou que o mundo se transformasse em uma grande sala de aula para os adultos, por que os nossos filhos não podem desfrutar das mesmas vantagens? Já existem escolas públicas nos EUA que oferecem laptops aos alunos para que eles estudem de casa o currículo escolar do estado. Com a crescente crise de orçamento na educação pública, é mais barato para as escolas não precisar construir e manter edifícios para os alunos. Máquinas são mais baratas que professores. O baixo custo e alto nível de acesso às tecnologias globais transformarão as estruturas da educação. O Hoover Institution, um *think tank* da universidade de Stanford, divulgou um estudo em março de 2008 prevendo que, até 2019, metade de todos os cursos do Ensino Médio serão ministrados on-line.

As oportunidades oferecidas pelas tecnologias globais também estão levando muitas famílias a considerar a educação domiciliar. Algum dia será possível ter um holograma de um grande professor de matemática de outro continente dentro da sua sala de estar para dar aulas aos seus filhos. Os meus filhos mais velhos já fazem algumas matérias on-line em seus cursos da universidade, e eu mesma estudei para o meu doutorado em um programa de ensino à distância. Gurus modernos da administração, como Peter Drucker e William Bridges, junto com tecnocratas famosos, como Bill Gates e Michael Dell, promovem o uso de computadores para o desenvolvimento da instrução individualizada que pode mover um aluno de um nível de domínio a outro superior. Os especialistas e os recursos do mundo são nossos. Esses fatores incentivarão um número cada vez maior de pais a esperar que os seus filhos aproveitem das mesmas oportunidades.

Por mais valiosa que a tecnologia seja para a educação, contudo, ainda devemos dar ouvidos ao aviso de Marshall McLuhan de que “o meio é a mensagem”. A mídia, por exemplo, molda a mensagem ao seu próprio centro natural. As crianças, no entanto, são organismos complexos, e não máquinas, e elas possuem um centro inerentemente diferente. Os computadores e celulares não podem ser mais que apenas uma *parte* da educação de uma pessoa. Com todas as nossas

tecnologias baratas, deveríamos ser capazes de recuperar o alto nível de letramento histórico de que o nosso país gozava quando as salas de aula só tinham giz e uma lousa, como era o caso de Laura Ingalls Wilder quando era professora no sertão. Eu, no entanto, alerta que as crianças receberiam uma educação melhor se não tivessem permissão para usar eletrônicos em seus estudos até se tornarem leitores e escritores proficientes usando apenas papel e caneta. A proliferação da tecnologia coincidiu com níveis gerais mais baixos de letramento. Mark Bauerlein, em *The Dumbest Generation* [“A Geração Mais Burra”], apresenta mais de duzentas páginas de estatísticas e explicações demonstrando que, para todas as oportunidades educacionais que os computadores e celulares oferecem, a maioria dos usuários apenas lê as manchetes ou vê as imagens como um prelúdio para chegar às suas redes sociais. A nova facilidade com que podemos acessar as informações é maravilhosa, mas está se tornando cada vez mais claro aos pais que educar seus filhos exige um *relacionamento* entre seres humanos. Precisamos considerar cuidadosamente como as crianças usam o computador e o celular.

A tecnologia pode trazer o melhor para a sua casa e até mesmo oferecer acesso a ótimos professores por meio de áudios e vídeos, mas ela é unilateral. Posso gritar o quanto quiser com a “cabeça falante” do noticiário na televisão, mas ele não pode me ouvir. O ensino é uma via de mão dupla. Não podemos confiar totalmente na tecnologia para auxiliar no processo de aprendizado de nossos filhos, a menos que participemos ativamente, junto com o uso da tecnologia. Imagine que o seu filho está estudando geometria e o programa de ensino digital tenha explicado muito bem as nove primeiras proposições euclidianas. Mas, agora, ele está tendo dificuldade para entender a décima proposição. Se os pais ou os tutores não estiverem familiarizados com as primeiras nove proposições, eles terão dificuldade para ajudá-lo a entender a décima. Os pais normalmente chegam à conclusão de que o problema é a falta de um currículo ou que os seus filhos não são bons em determinada matéria; na verdade, porém, o processo de aprendizado requer um mentor, um adulto que seja capaz de responder a perguntas espontâneas.

Por mais que eu ame a tecnologia e reconheça o seu valor na educação, a maior parte do aprendizado verdadeiro advém do estudo dedicado de conceitos difíceis e de discussões com outras pessoas. As novas tecnologias nos forçam a antecipar todas as mudanças empolgantes que possamos imaginar em um mundo diferente, mas também podem nos roubar o valioso relacionamento entre um aluno e seus tutores. Tuítes e mensagens de texto não são o suficiente. Não

preciso saber como resolver todos os problemas de matemática ou ler todo o material de literatura do currículo dos meus filhos, mas preciso saber como ajudá-los a interpretar dados e informações para que eles mesmos encontrem uma resposta. Só o fato de falar em voz alta com um adulto interessado, que não está ocupado demais para ajudá-los, ou com medo de não saber o que fazer, pode, muitas vezes, ser o suficiente para que um aluno interessado consiga resolver um problema.

Os educadores costumam dizer que o básico está sendo prejudicado pelo grande número de disciplinas diferentes ensinadas nas escolas, como tecnologia da computação. Eles argumentam que há mais conteúdo a ser ensinado no século XXI do que jamais houve antes. A globalização aproximou o mundo, as descobertas científicas aumentaram e a tecnologia cativou os nossos jovens. Essas realidades oferecem um argumento ainda mais poderoso para o ensino da leitura, escrita e aritmética do que qualquer outra coisa. Dominar o básico permite que os alunos enfrentem qualquer desafio com confiança. Eu mesma quero que minha família saiba que tudo o que fazemos substitui alguma outra coisa que não estamos fazendo e que precisamos nos esforçar para não escolher o caminho mais fácil. Não permitiremos que as tecnologias modernas determinem nossa forma de pensar. Ao contrário, usaremos as novas tecnologias apenas quando for apropriado, e não constantemente. As máquinas trabalham para nós e nos servem, e não o contrário. Prefiro que os meus filhos considerem que os computadores existem para jogar e o cérebro para pensar. O cérebro é muito mais poderoso.

E não, não sou contra o uso da tecnologia para auxiliar os estudos; sou contra modelos educacionais ruins que não enxergam a criança como um ser integral. Precisamos da tecnologia para contatar especialistas e acessar informações de todo o mundo. Mas, acima de tudo, precisamos de um modelo que inspire os alunos a estudarem diligentemente com seus pais e professores, e não de um que arraste as crianças de uma sala a outra, de um livro a outro e de uma matéria a outra (ou de um computador a outro). Precisamos ser exemplo de discipulado, especialmente para os nossos filhos mais vulneráveis. É preciso considerar a criança como um ser humano completo.

Realizações de vida por meio da sabedoria

Certa vez, uma mãe que passava dificuldades com seus filhos universitários me perguntou: “Como fazer para educar filhos que desejem ter uma carreira, diplomas universitários, fazer investimentos

e servir à comunidade, e que não simplesmente desejem, mas sejam capazes de fazê-lo?”. Ela não é a única preocupada com isso. A *Newsweek* relatou, em 2008, que aos 30 anos, apenas cerca de 30% dos homens assumiam responsabilidades de adulto, em comparação com 70% dos homens na década de 1960. Essa preocupação não afeta apenas uma família como a minha, com quatro filhos, mas também famílias com mulheres que desejam casar e construir uma família estável.

O aluno universitário que foi educado sob o método clássico conhece a história da humanidade, dedicou tempo para estudar as consequências da irresponsabilidade sem ter que se comportar de forma irresponsável, experimentou as vantagens da competência matemática e tem a capacidade de avaliar seus próprios talentos, seus conjuntos de habilidades e direcionar os seus pontos fortes a qualquer carreira. A maioria dos alunos que realmente estudou disciplinas como lógica, matemática avançada e línguas estrangeiras se mostra diligente em outras áreas. Conforme os alunos desenvolvem aptidões naturais, eles passam a desejar desafios mais maduros.

Porém apenas competência não é o suficiente. Se deixarmos os nossos alunos apenas com conhecimento e poder, teremos alimentado a mente, mas deixado a alma frágil. Andrew Kern, amigo meu, fundador do Instituto CiRCE, que oferece orientação para educadores clássicos, diz: “A educação é o cultivo da sabedoria e da virtude; a verdadeira instrução só é alcançada quando se alimenta a alma com a verdade, a bondade e a beleza”. Kern afirma que o conhecimento leva ao poder e, como afirmou Lord Acton: “O poder absoluto corrompe absolutamente”. Muitos líderes experientes e poderosos destruíram culturas inteiras com a sua capacidade de manipular intelectualmente as massas e impressionar os cidadãos com argumentos carismáticos. Conhecimento e poder são incompatíveis se não estiverem aliados a outros elementos. É por isso que Kern recomenda a sabedoria e a virtude, o propósito clássico da educação. Os clássicos são conhecidos por elevar a nossa alma, nos inspirar a ir além do cotidiano e a questionar de forma inteligente as grandes ideias e feitos da humanidade. O objetivo da educação clássica não é formar intelectuais esnobes, mas sim uma cultura de pensadores críticos.

Kern nos lembra de outra razão pela qual os pais são as pessoas mais aptas a liderar seus filhos. No fim das contas, “o desejo de todo menino é se tornar um homem, e de toda menina, uma mulher”. O tempo fará com que todos cresçam, mesmo as crianças completamente abandonadas por seus pais, mas muitos adultos se comportam como

crianças crescidas, e não como homens ou mulheres maduros. A melhor forma de ensinar uma criança a amadurecer é fazer com que os meninos convivam mais tempo com homens e com que as meninas desenvolvam relacionamentos fortes com mulheres, da mesma maneira que um aprendiz convive e aprende com seu mentor. O papel da família é implementar essa importante função, dedicando tempo de qualidade entre si. Embora eu queira que os meus filhos tenham carreiras produtivas, ou sejam líderes bem-sucedidos, meu maior desejo é que os homens com quem convivem lhes ensinem mais do que as ferramentas da educação. Eu também quero que eles os ensinem a serem bons, verdadeiros e belos. E a única maneira disso acontecer é se o meu marido e os outros homens com quem os meus filhos convivem e aprendem também estiverem buscando o bom, o belo e o verdadeiro.

É necessário muito esforço para apresentar boa música, belas obras de arte e as palavras repletas de verdade que clamem aos meus filhos a olharem para além da cultura popular. A cultura popular é popular porque é facilmente acessível. Sim, minha família também gosta de cultura popular; cantamos rap no carro e nos divertimos com as reprises de *O Rei do Pedaco*. A cultura pop sempre estará por perto, então vamos valorizá-la, mas sejamos sábios para reconhecer os seus limites. Escolha ouvir a rádio de música clássica quando estiver dirigindo. Desligue a televisão e leia os livros de aventura de Jack London. Faça aulas de arte e de dança de salão em família e convide outra família para acompanhá-los. Qualquer pai e mãe, independentemente de sua formação educacional, pode dar o exemplo aos seus filhos ao ler, ouvir e apreciar as artes e as literaturas clássicas. Uma vez que os pais cultivam esse interesse, torna-se mais fácil compartilhá-lo com seus filhos, lendo uma passagem ou citação comovente ou fechando os olhos para ouvir uma revigorante música de Vivaldi.

Por fim, só conseguiremos apreciar as competências acadêmicas que nos permitem estimar a verdade, a bondade e a beleza se fizermos o trabalho necessário para cultivá-las em nossa própria vida. Ensinar álgebra ou história pelo modelo clássico é, na verdade, uma tarefa fácil se comparada ao cultivo de uma vida enriquecedora. Inspirar as crianças a tornarem-se estadistas, líderes empresariais e pais responsáveis exige muito esforço. É por isso que os educadores clássicos valorizam tanto os séculos passados, repletos de grandes narrativas e ensinamentos dos quais podemos extrair inspiração. O desenvolvimento de uma cultura que valoriza as artes clássicas é apenas o primeiro passo para a restauração de uma renascença

moderna.

SEGUNDA PARTE

O ESSENCIAL DA
EDUCAÇÃO CLÁSSICA

CAPÍTULO 4

Leitura

Uma vez que aprender a ler, você estará livre para sempre.

— Frederick Douglass

Habilidades de leitura proficientes

A melhor forma de desenvolver a proficiência em qualquer área é dedicar-lhe energia e esforço. Assim como algumas pessoas fazem cursos de imersão em idiomas, ou participam de orquestras comunitárias para aprimorar suas habilidades musicais, aqueles que desejam adquirir um vocabulário rico e extenso devem dedicar tempo à leitura de livros com uma grande e variada quantidade de palavras. Nossos filhos precisam passar tempo com pessoas que amam ler, se queremos que eles também amem ler. De acordo com o relatório *Ler ou Não Ler* de 2007, do *National Endowment for the Arts*, aquilo que todos os leitores proficientes tinham em comum era o fato de morarem em um lar com mais de cem livros.

Poucos livros não fazem muita diferença. Agora, se alguém sacrificou tempo e dinheiro para adquirir uma grande coleção, então é porque tais obras são importantes para essa pessoa. Não é de se admirar que alguém com tanto amor pelos livros deseje compartilhar sua paixão com os outros. Não importa se os pais são ricos ou pobres, empresários ou operários, casados ou separados; enquanto houver uma quantidade grande de livros em casa, os filhos acabarão se tornando leitores proficientes. Os pais têm a responsabilidade de melhorar suas próprias habilidades de leitura e aumentar o desejo pessoal de ler — enchendo sua casa de livros. A melhor maneira de aprimorar a capacidade de leitura de seus filhos é aprimorando sua própria competência.

Felizmente, você pode aprofundar sua própria compreensão literária enquanto ajuda seus filhos a aprenderem a ler. As crianças

precisam de tempo com os livros de três maneiras:

1. **Leia para seus filhos livros que estejam acima da sua capacidade de leitura, visando aumentar o vocabulário oral deles.** Um bom leitor, de qualquer idade, se beneficia com a leitura oral, pois esse meio também aprimora suas habilidades de escuta. Costumamos ter mais facilidade na hora de ler palavras difíceis quando estamos acostumados a ouvi-las e dizê-las.
2. **Dê aos seus filhos livros fáceis, abaixo do nível de leitura deles, a fim de que dominem as palavras mais comuns.** A leitura de materiais abaixo do nosso nível de competência ajuda a aumentar a velocidade e a precisão da leitura; todos nós deveríamos dedicar mais tempo a esse tipo de conteúdo. A leitura de um livro que exige o uso do dicionário em cada página demanda muito mais tempo. Durante o processo em que estão se tornando leitores mais robustos, as crianças são naturalmente atraídas a livros divididos por capítulos. Considero importante permitir que nossos filhos leiam, caso gostem, toda a série de livros de *Star Wars* ou de *Nancy Drew*, pois são materiais que lhes proporcionarão um vocabulário simples. A capacidade de ler palavras fáceis sem gastar energia libera o cérebro das crianças para lidar com um vocabulário mais complexo.
3. **Insira leituras de complexidade gradativa, pois assim seus filhos evoluirão aos poucos.** Para que consigam ampliar a capacidade pessoal de leitura, os alunos precisam ler em quantidades e dificuldades paulatinas. Esse tipo de leitura requer um dicionário ou um leitor mais experiente por perto para ajudá-los com as palavras novas e deve ser feita oralmente ou discutida para que se possa avaliar a compreensão do aluno. A leitura nesse nível também compensa toda a literatura mais fácil consumida anteriormente, pois força o aluno a amadurecer gradativamente a seleção do material lido.

Até os leitores proficientes devem praticar a leitura nesses três níveis.

Ler em família é a forma mais eficaz de praticar todos esses níveis de leitura, tenha você um ou mais filhos. Nossa família costuma se reunir para ler duas vezes ao dia e lê individualmente ao longo do dia. Quando cada um dos membros da família lê em voz alta, ele pratica a enunciação, a pronúncia e o discurso em público, bem como expande o seu vocabulário e a sua velocidade de leitura. Além disso, a leitura em voz alta permite que você compartilhe falas engraçadas ou frases importantes com as pessoas que estão envolvidas na mesma história enquanto as ideias ainda estão frescas na cabeça.

A capacidade de ler bem e de amar as palavras exige algumas habilidades fundamentais. A maneira mais fácil de ensinar alguém, independentemente da idade, a ler bem é saber decodificar a fonética, explicar as regras ortográficas e definir os termos. Trata-se de um estudo das palavras e de suas estruturas. Conforme a capacidade de avaliação gramatical aumenta, a compreensão de leitura também se expande. Por sua vez, essa ampliação aumenta a confiança do aluno para encarar palavras ainda mais difíceis em conteúdos mais desafiadores.

O ensino de habilidades básicas de leitura é mais eficaz quando o pai ou professor se senta ao lado do aluno, e não na frente. Especialmente quando os seus filhos forem novos, coloque-os em seu colo, ou coloque um dos braços ao redor deles para incentivá-los a lerem livros difíceis em voz alta. Muitas vezes as nossas dificuldades resultam de uma falta de confiança emocional. Essa postura o ajudará a encorajar seu filho, pois é difícil perder a paciência com alguém que você está abraçando. Além disso, o proveito é ainda maior quando nossos filhos aprendem a ler ainda pequenos, então devemos aproveitar a oportunidade.

Ensinando as estruturas fonológicas e fonéticas

O educador clássico prefere ensinar o aluno a pensar em estruturas, pois assim ele aprende a fundamentar seus conhecimentos. Em vez de fazer um aluno memorizar dezenas de milhares de “vocábulo visuais”, ensinamos o nosso aluno a memorizar cerca de 70 sons associados a letras e, aproximadamente, 30 regras ortográficas que o ajudarão a combinar esses sons em sílabas e construir palavras. Dominados os sons e as regras ortográficas, a capacidade de ler palavras cada vez mais longas torna-se muito mais fácil. Se ainda não estiver familiarizado com os fonemas e com as regras ortográficas básicas da língua, então convém que você os estude bem antes de ensiná-los. A fonética, como método, associa um único som a um símbolo chamado fonograma. Por exemplo, “b” representa a primeira unidade sonora na palavra “barulho”, então o símbolo /b/ é um fonema. Fonema significa, literalmente, “som escrito”.

Os antigos ensinavam fonologia, fonética, caligrafia e soletração utilizando qualquer livro que tivessem em casa. O texto utilizado é irrelevante se o professor já conhece os fundamentos da leitura. Entre outros motivos, a leitura é considerada uma habilidade básica porque aquele que sabe ler deve ser capaz de ensinar outra pessoa a ler. O texto usado para esse ensino não importa. Se você entende de fonética, então pode escrever uma palavra na areia com os dedos e ensinar uma criança a ler a palavra.

A pessoa instruída não é alguém que simplesmente sabe alguma coisa, mas sim alguém capaz de explicar e transmitir seu próprio conhecimento. Décadas atrás, muitos acreditavam que o conhecimento aprendido com seus pais deveria ser passado para a próxima geração. Fico feliz quando meus alunos acertam uma pergunta, mas fico ainda mais feliz quando eles conseguem explicar a resposta. Muito me

agrada saber que o tempo que passaram aprendendo será útil não só para eles, mas também para a próxima geração. Portanto, é importante enfatizar o ensino básico da leitura, pois níveis avançados de letramento facilitam o desenvolvimento de competências em muitas outras áreas da vida. A capacidade de dividir e analisar uma palavra em seus componentes fundamentais expande nossas habilidades de leitura e nos permite ensinar outras pessoas a ler.

Recomendo o estudo da obra *The Writing Road to Reading* [“O Caminho Escrito para a Leitura”], pois os métodos das autoras me capacitaram a ensinar os componentes fundamentais da leitura e da ortografia. Trata-se de um livro popular há vinte e cinco anos no movimento de ensino domiciliar. As técnicas das autoras funcionam e são a base para o modelo de ensino oferecido a alunos com dificuldades cognitivas. O professor precisa praticar os mesmos fundamentos repetidas vezes quando se dispõe a ensinar crianças com dificuldades de aprendizado, pois a repetição as ajuda a superar suas dificuldades. Contudo, de igual modo os alunos com facilidade para leitura também devem aprender os mesmos fundamentos. A compreensão do básico da fonética e da ortografia levará os alunos a alcançarem níveis cada vez mais elevados.

Como educadora clássica e mãe ocupada que sou, gosto de aproveitar qualquer momento que possa ser usado para ensinar meus filhos. Graças aos nossos estudos de fonética e ortografia, qualquer palavra que apresente dificuldade pode ser usada como uma rápida revisão dos fonemas. De vez em quando, fazemos conexões linguísticas um tanto engraçadas, como com o som do “s”. Quando um dos meus filhos me pergunta: “Mãe, como se escreve ‘passarinho’: com um ‘s’, ou dois?”, eu respondo: “Lembre-se de que quando a consoante ‘s’ está entre duas vogais, essa letra apresenta o som de ‘z’. Se você escrever ‘passarinho’ com um ‘s’ só, como ficará a palavra?”. Ao que ele responde: “Pazarinho”, seguindo com uma risada. Dessa forma, o meu filho, por meio do som da palavra e das regras ortográficas, percebeu que ‘passarinho’ se escreve com ‘ss’.

Para ler, o cérebro inicialmente conecta os sons a um símbolo em uma ordem sequencial. Observemos algumas habilidades básicas de fonética e leitura. O exemplo a seguir pode parecer algo sem sentido, da mesma maneira que os símbolos escritos parecem sem sentido para crianças que não sabem ler, portanto tenha um pouco de paciência, pelo bem delas.

Tente ler a frase a seguir:

Você não consegue ler a menos que eu diga o som que acompanha cada símbolo. Agora compare essas palavras sem sentido com a mesma frase em português:

Olho por olho.

Neste idioma, o “?” representa “o”; o “!” representa “l”; o “:” representa “h”, e assim por diante.

Você consegue ler e, portanto, soletrar “olho por olho” nesses símbolos estranhos quando alguém lhe explica a que sons estão associados cada rabisco ou letra. Na verdade, aposto que você consegue escrever “rolo” ou “polo” nesse mesmo estranho idioma de símbolos, agora que conhece o código dessas letras. Tente.

Alguns alunos parecem aprender a ler sozinhos, sem muito esforço. Isso acontece porque, provavelmente, em algum momento do início do seu processo de aprendizagem, alguém mostrou a esses leitores naturais que cada símbolo representava um som e a partir daí a criança conseguiu decifrar o código da leitura sem muita ajuda. Alguns educadores acreditam que essas crianças apenas memorizaram algumas palavras e as identificam quando as veem em um texto, mas normalmente não é essa a realidade. O nosso cérebro é programado para identificar padrões. Quando lemos, estamos olhando para uma série de grafemas (letras) que se conectam a sons que formam uma palavra que se conecta a uma ideia em nossa mente. Os fonemas formam padrões regulares dentro das sílabas; portanto, uma vez que entende que existe um código fonético, o leitor, sem muita ajuda, consegue extrair significado das palavras. Afinal, existem apenas 26 letras que se combinam para formar dezenas de fonemas e a maioria das sílabas usa, no máximo, três grafemas. O aluno pode não estar sequer ciente de que está decifrando um código, porque já vem associando palavras muito usadas desde a infância, como “shopping” ou “McDonald’s”. Esse jovem leitor talvez já conheça os símbolos visuais conectados aos sons e padrões de linguagem de sua cultura. Assim como existem prodígios musicais, também existem vários níveis de prodígios na leitura.

Para maior clareza, analisemos a palavra “fonograma” utilizando as regras da fonética, fonologia e ortografia. Ela contém quatro sílabas: fo-no-gra-ma. A primeira sílaba, “Fo” possui dois fonogramas: “f”, “o”, em que o “f” produz seu som normal e o “o” é uma vogal

oral, pois seu som sai apenas pela boca. A segunda sílaba, “no” também possui dois fonogramas, em que o “n” representa o som que fazemos ao empurrar a língua contra parte do céu da boca e dos dentes superiores da frente, e, nesse caso, o “o” passa como vogal nasal, pois o som produzido nessa sílaba sai pela boca e pelas fossas nasais. (Experimente). A terceira sílaba, “gra” possui três fonogramas: o “g” é uma consoante oclusiva, o “r” uma consoante vibrante e o “a” uma vogal nasal. A quarta e última sílaba, “ma” possui dois fonogramas: o “m” é uma consoante nasal e o “a”, uma vogal oral, pois o ar sai apenas pela boca.

Toda essa análise pode parecer ridícula para quem sabe ler com facilidade, mas essas técnicas são fundamentais para explicar os princípios a uma criança com dificuldade em entender como funcionam as palavras. A boa notícia é que aprender todos os fonemas/fonogramas possíveis e as regras básicas da ortografia permite que o aluno seja capaz de enunciar, pronunciar e ler em mais de uma língua.

Alguns afirmam que há tantas regras gramaticais para aprender, que se faz necessário memorizar os vocábulos visuais. É verdade que há muitas palavras comuns que as crianças pequenas realmente decoram de vista, pois as veem com muita frequência. No entanto, os símbolos e sons da língua não quebram tanto as regras quanto algumas pessoas acreditam. A pronúncia de algumas letras é alterada dependendo da formação das palavras. Como o “gu”, por exemplo. Na palavra “gula”, o “g” possui um som próprio e o “u” também.

No entanto, a estrutura de “gu” pode tornar-se um dígrafo consonantal, isto é, quando a vogal “u” não é pronunciada e a sequência das duas letras forma um único som, como nas palavras “guerra” e “guitarra”, por exemplo. Portanto, memorizar vocábulos visuais só faz metade do trabalho, pois há muitas variáveis na pronúncia das mesmas letras dependendo de como cada palavra é formada. As palavras que parecem quebrar as regras fonéticas apresentam, na verdade, suas próprias regras, que são menos óbvias e, por vezes, advêm de uma língua estrangeira. O livro *The Writing Road to Reading* explica as regras até mesmo dos chamados “vocábulos visuais”.

A ironia de toda essa discussão é que, para o aluno que conhece bem a fonética, todas as palavras acabam se tornando vocábulos visuais; eles enxergam por meio do código de símbolos, seguem diretamente ao significado abstrato e leem além dos rabiscos da

página. As habilidades de decodificação se tornam tão fáceis para esses alunos que eles conseguem ler passagens difíceis de autores como Shakespeare ou Melville em voz alta pela primeira vez como se já tivessem lido todas aquelas palavras muitas vezes antes. Esse cenário fica bastante óbvio quando o professor dá aula de literatura clássica ou estrangeira a uma classe de alunos do Ensino Médio. Alguns alunos gaguejam e sentem dificuldade para decodificar as palavras novas, enquanto outros simplesmente “enxergam” a pronúncia. Uma boa compreensão da estrutura fonética faz toda a diferença na velocidade e na precisão para esses alunos que pronunciam corretamente palavras que nunca haviam visto antes.

Ensine regras de ortografia, não palavras

Assim como alguns alunos parecem ter uma facilidade natural para a fonética, outros, normalmente os mesmos alunos, têm a mesma facilidade para soletração. Crianças que conseguem identificar com clareza as sequências auditivas costumam ser muito boas na ortografia das palavras. A ortografia é a aplicação da fonologia e fonética no contexto das regras de divisão silábica. Boas habilidades ortográficas melhoram o desempenho dos alunos na divisão silábica, o que, por sua vez, leva à proficiência na leitura. Em outras palavras, o domínio das regras ortográficas ajuda os alunos a decodificar rápida e sequencialmente palavras de diferentes quantidades silábicas, o que resulta em velocidade e precisão na leitura.

A maioria dos alunos, no entanto, não é de prodígios da ortografia e precisa praticá-la tanto quanto precisam praticar música ou qualquer outra habilidade. Aprender ortografia sem conhecer as regras é difícil, quase impossível, a menos que a pessoa memorize a sequência das letras de cada palavra. O uso do dicionário também não ajuda muito quem não conhece ortografia. Portanto, a principal tarefa do professor clássico de ortografia é ensinar as regras ortográficas utilizadas nas mil palavras mais usadas no idioma. Felizmente, todas as regras fonéticas e ortográficas ensinadas nessa lista de mil palavras se aplicarão à capacidade crescente do aluno de escrever palavras das mais variadas complexidades.

Você pode encontrar com facilidade na internet a lista das mil palavras mais usadas na língua, mas, sendo sincera, eu aconselho que você se prepare para ensinar ortografia com a leitura de algum bom livro da área. (No meu caso, *Spelling Plus*, de Susan Anthony. De leitura fácil, complementou o que aprendi na obra *The Writing Road to Reading* (mencionado anteriormente), pois ajuda a compreender

melhor como ensinar as regras ortográficas para as palavras mais comuns em inglês. O *Spelling Plus* oferece um bom plano diário de ortografia para os alunos até que você tenha terminado de estudar o *The Writing Road to Reading*; logo em seguida, você estará livre para ensinar ortografia a partir de qualquer livro ou lista de palavras).

As teorias ortográficas modernas apresentam dois extremos — ou a ortografia correta das palavras é ignorada, ou um grande número de palavras de listas enormes precisa ser memorizado para testes de curto prazo, em que a maioria é apenas pesquisada. Os alunos escreverão melhor se memorizarem e aplicarem as regras ortográficas, fonológicas e fonéticas. Como educadores clássicos, tentamos garantir que as regras básicas da fonética e da ortografia sejam aprendidas, confiantes de que os alunos mais desenvolvidos serão capazes de aplicá-las a um vocabulário cada vez mais abrangente.

O *Spelling Plus* é fácil de usar porque os grupos de palavras são:

1. Listados em grupos de 15, do mais fácil ao mais difícil,
2. Mostrados em letra cursiva para a prática da escrita, e
3. Organizados por regras de ortografia.

As listas do *Spelling Plus* foram todas criadas em uma ordem sensata que torna o ensino da estrutura ortográfica acessível. Susan Anthony faz um ótimo trabalho ao explicar os meandros do ensino das regras ortográficas, mas sem dificultar, além de explicar a história por trás da ortografia. Pais ocupados não querem perder tempo ensinando palavras que não são usadas com frequência até que os alunos tenham dominado as mil palavras mais comuns de sua língua. Para que serve memorizar e soletrar corretamente a palavra “desconstitucionalização” se o seu filho ainda não consegue usar e escrever “mal” e “mau” corretamente? Durante o verão, separe minhas velhas listas de palavras e peço aos meus alunos do Ensino Médio que as solebrem para mim para que eles possam identificar quaisquer dificuldades e melhorar, treinando mais as regras de ortografia.

Se o seu aluno apresenta dificuldade em ortografia, trabalhe ainda mais na construção do seu vocabulário. Leia muitos livros de literatura avançada em voz alta para ele. Um vocabulário oral forte, mesmo que a pessoa não saiba ler ou escrever bem, revela inteligência. Por exemplo, com qual aluno você gostaria de trabalhar, o que envia um e-mail dizendo: “Eu gostaria de saber se há alguma oportunidade de emprego”, ou “Eu preciso de emprego”? Todos nós somos julgados pelo vocabulário que utilizamos. Treinar o uso das mil palavras mais

comuns do idioma de maneira adequada é uma forma mais fácil para o aluno que não recebeu ou que não tem oportunidade de receber uma educação melhor ser mais respeitado.

Leitores natos também precisam aprender o básico

Pessoas que apresentam facilidade para escrever são, normalmente, leitores vorazes e, portanto, as regras ortográficas podem parecer desnecessárias nesses casos. Eu mesma sempre tive facilidade para ler e escrever. Ler nunca é demais para mim; na minha visão, é uma prática divertida e prazerosa. No entanto, nunca havia estudado as regras ortográficas e fonéticas, até que a minha falta de conhecimento me trouxe dificuldade para ensinar meus próprios filhos a ler. Não estudei as regras de pontuação até os meus quarenta anos. Até pouco tempo atrás, eu não conseguiria usar o ponto e vírgula corretamente, como fiz algumas linhas atrás.

Antes de começar a aprender sobre o modelo clássico, eu achava que não precisava estudar fonologia ou pontuação porque meus professores e notas escolares indicavam que eu sabia ler e escrever melhor do que a maioria dos outros alunos da minha classe. Ao mergulhar no mundo da educação clássica, entretanto, descobri o quanto ainda podia melhorar. Estudar o básico da leitura fez uma diferença enorme na minha vida. Graças a ter estudado as regras básicas de ortografia e fonologia, consigo ler palavras estrangeiras, termos científicos e vocábulos raramente usados com muito mais facilidade e rapidez. E visto que com esses estudos o meu vocabulário se expandiu, agora consigo usar palavras mais descritivas e precisas quando escrevo.

Portanto, mesmo que você tenha um filho que seja um ótimo leitor e escritor nato, não deixe de conduzi-lo ao estudo das regras básicas de fonologia, fonética, ortografia e pontuação. Eis o porquê:

1. Os alunos têm a oportunidade de fortalecer a compreensão do porquê as regras funcionam da maneira como funcionam.
2. Os alunos podem confiar que aprenderam como aplicar as regras às novas palavras
3. Os alunos têm a oportunidade de identificar e fortalecer quaisquer áreas de dificuldade.

Quando os alunos conseguirem, de fato, escrever corretamente as mil palavras mais utilizadas de seu idioma, então passe a usar os seus trabalhos de escrita para ensinar-lhes a grafia de novos vocabulários. Peça que procurem novas palavras no dicionário, que as escrevam e as solem algumas vezes. Quando os alunos da minha classe leram *Billy*

Budd, de Melville, percebemos que o autor gostava muito de usar a palavra “cinosura”. Fizemos dela a palavra de vocabulário daquela semana. Não seria uma palavra que decoraríamos para algum teste ou lista, mas certamente a pesquisariamos e a utilizaríamos em nossas discussões literárias. E isso apenas porque os meus alunos estavam memorizando a grafia de centenas de palavras em latim naquela semana; caso contrário, não apenas pesquisariamos a palavra, como a estudariamos a fundo. A maioria das línguas românicas usa regras ortográficas semelhantes, e as pequenas diferenças fonéticas são interessantes quando se conhece as regras de ortografia básicas de um idioma.

Você também pode incentivar seus alunos a formularem uma lista básica de ortografia e adicionar prefixos ou sufixos. E, se já estiverem prontos para maiores desafios, não negligencie homônimos, abreviações e listas das palavras cuja grafia eles normalmente erram. As regras para esse tipo de extensão de palavras são bem explicadas no *Spelling Plus*.

Então, resumindo, antes de deixar os estudos de gramática...

- Todos devem ter memorizado determinados fonemas e 30 regras ortográficas;
- Todos devem ter dominado 90% das mil palavras mais usadas em seu idioma;
- Todos devem ter aprendido a usar o dicionário;
- Os alunos com facilidade em ortografia devem usar as próprias tarefas como oportunidade para estudar novas palavras.

Uma abordagem verdadeiramente clássica para o ensino das regras ortográficas consiste em ajudar os alunos a elaborarem o seu próprio programa de estudos de ortografia. Ensine aos seus alunos uma regra ortográfica ou fonética por semana, peça que eles façam uma lista de dez palavras apropriadas à faixa etária de cada um e verifique-as. Em seguida, peça aos alunos que leiam a regra ortográfica da semana, a lista de palavras e a sua sequência ortográfica usando um gravador e depois desenvolvam o seu próprio programa de ortografia. Este método também exigirá que os seus alunos aprendam a usar e unir programas de texto, um gravador, o dicionário e as regras ortográficas. Além disso, eles podem ganhar dinheiro criando livros de ortografia com aulas para alunos que não sabem escrever ou soletrar corretamente!

No início, essas habilidades de aprendizagem clássicas exigem, de fato, mais paciência do que os métodos contemporâneos aplicados em sala de aula. Por isso é tão importante escolher regras gramaticais relevantes para praticá-las e mantê-las até que sejam dominadas. O

modelo clássico ensina o aluno a depender de sua própria mente para reter informações, e não a depender de fontes externas para pensar em seu lugar. Se o trabalho preparatório for rigoroso, os estudos subsequentes serão muito mais fáceis.

A leitura de idiomas estrangeiros

Um dos objetivos da educação é ensinar o aluno a ler livros em vários idiomas, e não apenas em sua língua materna. Países cujo povo não tem a cultura de naturalmente aprender e falar mais de um idioma estão em desvantagem diante daqueles que cultivam esse hábito em sua sociedade. Mas o mundo está encolhendo e está na hora de nos juntarmos aos nossos vizinhos globais no estudo de línguas estrangeiras. O aluno que aprende regras fonológicas e fonéticas com diligência consegue aproveitar suas habilidades de decodificação não apenas para decifrar as palavras em seu idioma materno, mas também para aprender línguas estrangeiras.

Muitos pais costumam me perguntar se há algum idioma que deva ser ensinado antes de outro, ou se memorizar um conjunto de conjugações de um idioma antes de aprender as conjugações de outra língua pode ser confuso. Temos comerciais de televisão sobre o ensino de línguas estrangeiras, com adultos dizendo: “Nunca pensei que pudesse aprender uma língua estrangeira...”, enquanto em outros países, como a Índia e a Arábia Saudita, a educação infantil continua clássica e, portanto, se concentra em enfatizar os fundamentos da linguagem. Assim, os alunos, ainda bem jovens, aprendem três ou quatro línguas ao mesmo tempo, sem qualquer confusão.

A mente separará as diferentes pronúncias e terminações se dedicarmos tempo suficiente ao estudo de palavras estrangeiras. Aprender muitas coisas diferentes de maneiras distintas permite que o cérebro faça comparações, o que resulta em uma ampliação da aprendizagem. É uma boa prática permitir que o nosso cérebro resolva confusões mentais. O problema é que nós, povo moderno que abandonou as bases da educação clássica, acreditamos que aprender a ler em um novo idioma é difícil demais, então damos desculpas ou encontramos alguma outra forma de procrastinar, em vez de simplesmente nos esforçarmos para aprender a língua. Aprender algo novo dá trabalho. Não existe mágica. Bom, talvez...

Se entendermos de fato que todas as línguas usam símbolos para representar palavras e que essas palavras são organizadas em padrões de frase previsíveis, então veremos que é muito mais fácil aprender a

ler em outras línguas. É claro que a imersão em uma cultura é a maneira mais rápida de aprender um idioma, ou, pelo menos, de aprender o sotaque correto para que um nativo consiga compreender o que se diz, mas não moramos em todos os lugares o tempo todo. Felizmente, contudo, temos livros e áudios para nos ajudar nos estudos. Aprender a estrutura da linguagem tornará toda a tarefa de leitura de línguas estrangeiras muito mais fácil. Falarei mais um pouco sobre a estrutura da linguagem no capítulo seguinte, que trata da escrita.

Dificuldades e atrasos de leitura

Ensinar uma criança a ler pode exigir muita paciência se ela apresentar atrasos em seu desenvolvimento. Mas não desista! Mesmo o leitor mais resistente alcançará um estágio de maturação física que lhe permitirá ler. Visto que a leitura é fundamental para uma mente instruída, vale a pena investir, desde cedo, no aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem. Ao longo deste livro, pressuponho que o seu filho esteja dentro da média e se tornará um leitor voraz em algum momento quando tiver entre oito e onze anos. Se o seu filho não progredir de maneira regular dentro dessa faixa etária, sugiro que você procure um oftalmologista ou o seu médico de confiança.

Os meus quatro filhos se tornaram ávidos leitores em idades muito diferentes. Quando eu estava ensinando os nossos dois filhos mais velhos a ler, teria sido de grande ajuda se alguém tivesse me assegurado de que o atraso de leitura de ambos não era culpa de ninguém. Minha sogra, que foi professora assistente durante muitos anos, percebeu que eles não estavam lendo tão bem ou tão cedo quanto deveriam, e eu fui obrigada a concordar. Mas ela acabou não ficando tão preocupada, pois também percebeu que eles tinham um vocabulário maravilhoso, graças aos livros que líamos juntos. E, depois de um tempo, aconteceu. Foi como se um interruptor tivesse sido ligado na mente dos dois no dia em que os seus olhos e cérebros finalmente alcançaram o vocabulário. A partir de então, os dois passaram a ler qualquer livro com facilidade.

Um dos meus momentos preferidos como professora dos meus filhos aconteceu durante uma queda de energia. Um dos meus filhos, então com dezessete anos, que começou a gostar de ler bem mais tarde do que o normal, acendeu várias velas, pegou um livro de filosofia da prateleira e se sentou em um banquinho para ler durante a noite. Apenas um ano antes, ele jamais teria feito algo assim. Além disso, se não tivesse recebido uma educação clássica, duvido que ele

teria escolhido um livro de filosofia. Portanto, não desista; não diminua os seus padrões; não diga “o meu filho nunca vai gostar de ler”. Simplesmente continue lendo para eles e com eles até que os seus filhos leiam bem por conta própria. E depois, continuem lendo juntos, por puro prazer!

Dicas para a leitura diária

Para aumentar naturalmente o vocabulário dos seus filhos, certifique-se de lhes apresentar uma ampla variedade de literatura. Uma das falsas impressões que os livros sobre educação clássica podem passar é que todo livro lido deve ser um clássico histórico ou literário. Queremos que os nossos filhos se banqueteiem com uma grande variedade de palavras. Inclua, portanto, em sua lista de leituras ficção científica, romances históricos, livros sobre natureza, viagens, química e periódicos como jornais e revistas. Deixe que eles se divirtam com histórias em quadrinhos, fantasias sobre dragões e grandes heróis da mitologia. Não se sinta culpado por não seguir um plano determinado.

Alguns currículos clássicos exigem que a literatura seja lida cronologicamente, como se a sequência “correta” o tornasse um currículo clássico. Discordo totalmente. O modelo clássico exige que o aluno comece com a gramática básica e passe a construir seu conhecimento a partir dela. Se você se sente mais confortável com os ideais nacionais, sinta-se à vontade para ler sobre os heróis da nação e, depois, sobre os heróis antigos ou medievais para compará-los com os contemporâneos. Lemos sobre cientistas nacionais e contemporâneos e cientistas da Renascença e os comparamos. Lemos literatura antiga e literatura britânica e Christopher Paolini, tudo na mesma semana! A variedade de estilos e gêneros é saudável!

Para lermos bem, é necessário que dediquemos bastante tempo à leitura. Precisamos saborear as palavras, rir, chorar e lutar com elas. As palavras devem atingir nossa cabeça, nos derrubar e nos fazer pular. Elas devem ser os pensamentos que nos confortam, desafiam, aguçam, suavizam, amedrontam e encorajam (é de Franz Kafka a famosa frase: “Um livro deve ser o machado que parte o mar congelado dentro de nós”).

Há também uma arte para lermos cada livro da maneira certa. A maioria de nós lê todos os livros como se fossem um romance, porque nunca aprendemos a ler de outra forma. O meu guia de leituras preferido é o *How to Read Slowly*, de James W. Sire. Um semelhante,

embora mais pesado, é o *Como Ler Livros*, de Mortimer Adler e Charles Van Doren. A ironia destacada pelos autores dos dois livros é que as pessoas que precisam saber como ler um livro raramente sabem que elas próprias não sabem ler um livro. Aqueles que já são leitores ávidos tendem a ler esses livros e se perguntar por que nem todos os leem. Então, experimente lê-los; sua leitura tornará o estudo mais fácil.

Muitos pais me perguntam como consigo estudar tantos livros do tipo “como ensinar”. Quando os meninos eram pequenos, lia perto deles enquanto brincavam no riacho ou no parquinho. Ler histórias em voz alta para eles todas as noites também ajudou a aprimorar minhas próprias habilidades de leitura, fala e análise literária. Já mais velhos, eu ficava no carro para ler livros sobre ensino enquanto eles praticavam esportes. Às vezes, o livro que eu usava para lecionar era o livro didático dos meus filhos, ou então líamos e estudávamos juntos algum livro mais avançado. Eu lia uma passagem e perguntava se haviam entendido. Normalmente, meus filhos respondiam que não e, então, eu ia até a lousa para ensinar-lhes aquele determinado conceito. Ler e discutir acerca de livros é basicamente o que fazemos como família... quando não estamos reformando a casa, viajando ou brincando no quintal.

Nosso gênero de leitura muda constantemente. Leio para os meninos todas as noites desde 1983. Continuarei lendo para os meus filhos e, depois, para o meu marido pelo resto da vida. Mal posso esperar para ler para os meus netos um dia. Algumas noites, sinto falta de ler em voz alta porque estamos assistindo à televisão, ou porque não estou em casa, embora isso não me faça sentir culpada. Quando o meu mais novo terminar o Ensino Médio, terei lido para os meus filhos por quase 10 mil horas. Acredite em mim: nesse tempo, já teremos lido todos os gêneros e estilos possíveis, desde revistas de medicina e ciências a livros gerais e a revistas de piadas. Quando não temos uma programação de leitura planejada, simplesmente lemos o que queremos ler. Fácil!

Para desafiar as nossas habilidades de leitura, lemos e discutimos a Bíblia todas as manhãs e a comparamos com outras formas de literatura. Temos uma coleção (esgotada) de vários volumes que dividem a Bíblia em várias seções. Cada capítulo inclui a versão King James das Escrituras acompanhada por obras de arte famosas, poesia e histórias entrelaçadas em partes apropriadas. Cada capítulo também inclui mapas ou fotos da geografia mencionada, bem como imagens de artefatos arqueológicos relacionados. Há também comentários sobre o

contexto histórico.

Nós não só usamos esse tempo para estudar a Bíblia, mas a discussão nos leva a muitos assuntos diferentes, como filosofia, literatura e matemática. O guia de estudos inspira conversas incríveis, pois o livro inclui perguntas e análises das obras de arte e poesias contidas nele. Amamos a beleza da linguagem da versão King James e pesquisamos diferentes versões quando o vocabulário nos confunde. Ao final dos trinta minutos que dedicamos a isso, o resultado será uma aula acadêmica e espiritual riquíssima estando nós ainda de pijama.

Nossas leituras matinais realmente desafiam o nosso vocabulário. Passamos o resto da manhã lendo materiais mais leves, enquanto meus filhos participam de suas aulas e aumentam o vocabulário. Mais tarde, eles leem em silêncio aquilo que quiserem. Essa sequência lhes permite aumentar a velocidade e precisão de leitura. Quando o dia termina, meus filhos leram conteúdos abaixo do seu nível de leitura, exatamente em seu nível de leitura, e alguém terá lido para eles algum material acima do seu nível de leitura.

Lemos novamente à noite e, desta vez, deixamos os mais novos assumirem a liderança. Cada criança escolhe um livro ilustrado ou uma passagem de algum livro para ler em voz alta. Os livros ilustrados — e, ainda por cima, vencedores de prêmios — são prazerosos para todas as idades. É sempre cômico ouvir um clássico infantil interpretado por um adolescente como se fosse um show de comédia, ou ver uma querida história de dormir trazer lágrimas aos olhos de um filho mais velho que só agora consegue entender que vive em um mundo conturbado. Então, é a minha vez de ler um livro preferido em voz alta. Depois de tudo isso, os meninos adormecem silenciosamente lendo livros de sua escolha.

Ler e discutir sobre literatura juntos é o passatempo preferido da nossa família. Se não existisse uma igreja para congregarmos, nenhum trabalho para ocupar o nosso tempo, ou nenhum vizinho ou amigo com os quais nos distrair, continuaríamos nos sentindo conectados com o mundo por meio dos livros. Toda família tem seus valores; famílias clássicas dedicam grande parte de seu tempo discutindo sobre os grandes pensamentos da humanidade.

Construindo o seu vocabulário naturalmente

Usamos palavras para ensinar uma criança a guardar seus brinquedos. Quando aprendemos um novo idioma, usamos as

palavras. Valemo-nos das palavras quando contamos uma piada a um amigo, ou quando resolvemos um problema de matemática. Começamos a falar com o bebê assim que ele nasce, pois queremos atraí-lo com o som reproduzido por nossas palavras. Todo recém-nascido aprende a sua língua materna porque ouve sons relevantes repetidamente. O cérebro humano é projetado para captar esses sons e organizá-los em um sistema de recuperação fácil.

Helen Keller foi capaz de superar suas deficiências depois de perceber que tudo estava ligado às palavras — ideias que podia guardar em sua mente, mesmo que não pudesse ouvi-las. Helen não tinha à disposição nenhuma imagem, nenhum som, nenhum símbolo — apenas o tato. Mesmo assim, ela própria escreveu livros que foram lidos mundo afora e palestrava com frequência para grandes multidões e líderes mundiais. Não importa a gravidade da deficiência que alguém possa ter, todos nos comunicamos por meio das palavras.

Como pais, acabamos tendendo a dizer as mesmas coisas, repetidamente, na esfera da vida familiar, mas não na esfera dos estudos. Pais e mães costumam falar coisas como “Não, está quente!”, ou “Arrume o seu quarto!”. Normalmente somos pacientes quando ensinamos algumas palavras aos nossos filhos pequenos, até que adquiram um vocabulário amplo o suficiente para a comunicação geral. Contudo, por vezes passamos a abordar essa ampliação de vocabulário como uma tarefa escolar, e não como uma simples atividade familiar normal. Não temos tanta facilidade para dizer “Você terminou a conta?”, ou “Você já memorizou os verbos irregulares?”.

A leitura em família permite que as crianças construam um vocabulário rico e extenso enquanto se apaixonam por diferentes histórias — sejam aventuras de heróis, sejam fascinantes histórias reais. Uma das coisas mais incríveis que um filho pode dizer ao seu pai ou à sua mãe é: “Podemos ler mais um capítulo?”. Se os pais são capazes de ensinar seus filhos a falar e andar, as práticas mais complexas que o ser humano aprende, então, certamente, também podem ser seus melhores professores de leitura.

A criança pratica a gramática da leitura aprendendo a:

- Escutar;
- Identificar a ligação entre sons e letras (fonemas, fonogramas);
- Identificar a ligação entre ideias e palavras (regras ortográficas);
- Reconhecer com facilidade os padrões de frases bem escritas.

A leitura se torna um prazer quando conseguimos ler sem tropeçar num monte de palavras novas em cada página. Nossos olhos aprendem a percorrer as páginas com facilidade, compreendendo, simultaneamente, o que o autor quis dizer, quando praticamos o básico por meio da leitura de uma ampla variedade de literatura em diferentes níveis de leitura.

CAPÍTULO 5

Escrita

Meus filhos (de sete e cinco anos) são bilíngues: falam árabe e inglês. Eles estão no Ensino Fundamental numa escola que fica em Riade e também fazem oito horas de aulas de francês por semana. Percebi que as regras gramaticais formais são parte integrante do ensino de árabe e francês em sua escola e esse parece ser o costume geral no mundo árabe.

— Omar Johnstone, *professor de inglês
em uma universidade em Riade, Arábia Saudita*

Imitando grandes pensamentos no papel

Escrever bem é muito difícil. Escrever requer muita maturidade, pois o escritor aplica pensamentos abstratos de sua mente ao papel por meio de sua mão. A arte da escrita exige que o autor pegue uma ideia ou imagem de sua mente e a transmita de maneira precisa à mente de outras pessoas por meio de palavras claras. Escrever é pensar no papel. Visto que pode ser bem difícil ensinar as habilidades da escrita, muitas vezes erramos exigindo dos alunos inúmeras redações criativas, mas sem preparar autores capazes de explicar como estruturar uma frase complexa ou como escrever um parágrafo coerente. Aprender as ferramentas da escrita permite que o autor seja criativo e cognoscível.

Embora o nosso objetivo seja ensinar a criança a produzir uma redação breve e interessante até que complete o sexto ano, nossa maior preocupação deveria ser com sua capacidade de estruturar uma frase corretamente e de escrever um parágrafo composto por frases devidamente relacionadas.

Crianças se sentem mais dispostas e incentivadas a fazer coisas difíceis quando sabem que foram capazes de realizar algo de valor. Os alunos detectam com facilidade a lisonja quando são elogiados por um texto que eles sabem não estar bom porque as palavras apresentam grafia incorreta, os raciocínios estão incompletos e as ideias

desconectadas. Essa bajulação desenvolve, no mínimo, uma aversão à escrita e, na pior das hipóteses, um cinismo em fazer as coisas bem feitas. Não faça falsos elogios aos seus alunos. Sempre os incentive e, em seguida, passe para as críticas construtivas.

Por mais difícil que seja ensinar a escrever, seja sincero na avaliação de seus alunos e gaste a maior parte do tempo ensinando as ferramentas da escrita. Dessa forma, quando o impulso criativo surgir em seus corações, eles estarão preparados.

Nunca é tarde demais para começar o ensino do básico da escrita. Eu, que sou adulta, ainda fico frustrada com as minhas próprias habilidades de escrita. As habilidades básicas do uso de palavras, da estrutura adequada das frases, da concordância entre verbo e substantivos e da colocação de orações preposicionadas são sempre basilares para alunos de todas as idades. Portanto, se você encontrar dificuldades para ensinar um aluno mais velho a escrever, comece pelas mesmas ferramentas básicas que você utilizaria para ensinar crianças mais novas.

As habilidades que devem estar desenvolvidas antes da escrita incluem atividades físicas, como organização, espaçamento e motricidade fina, e atividades mecânicas, como pontuação, letras maiúsculas e posicionamento adequado de termos e orações dentro da estrutura frasal. Visto que escrever pode ser uma prática difícil, professores frustrados às vezes tentam afrouxar as regras, permitindo que a “ortografia criativa” substitua a prática das regras ortográficas, ou dando crédito às crianças por suas histórias criativas, enquanto ignoram seus erros gramaticais.

Em meu ensino domiciliar, considero qual destas três importantes tarefas serão enfatizadas:

1. Que elas posicionem o corpo corretamente (sentem-se eretas na cadeira);
2. Que elas tenham em mente toda a mecânica da escrita; ou
3. Que elas esclareçam as ideias que desejam expressar.

Apenas um desses processos pode ser praticado por vez. Avaliar a tarefa específica que os meus filhos estão praticando no momento e, então, oferecer críticas construtivas que eles sejam realmente capazes de seguir os ajudará a desenvolver melhores hábitos de escrita. À medida que forem ganhando mais experiência na prática dessas tarefas individuais, esses jovens escritores passarão a uni-los naturalmente.

Como pai ou mãe, você pode ajudar seu filho a aprender a sentar-se e a segurar o papel e o lápis corretamente. Seus filhos menores podem praticar isso quando estiverem pintando ou desenhando. A mecânica da escrita pode ser ensinada inicialmente sem o foco na postura ou expressão. A melhor maneira de ensinar as conjugações verbais a crianças de oito anos, por exemplo, é ajudá-las a escrever as terminações dos verbos em um pedaço grande de papel pardo no chão. Somente depois que a criança consegue se sentar corretamente e escrever uma oração correta formal e mecanicamente, é que ela deve se preocupar em pensar em temas originais para escrever. A avaliação correta dos processos de escrita e a crítica construtiva prepararão a criança para manifestar por escrito suas próprias ideias.

Caligrafia e cópia

Ao orientar muitos pais em seminários sobre educação clássica, percebi que nem sempre valorizamos a importância das práticas aparentemente pequenas. Não dedicamos tempo suficiente à definição das ferramentas básicas a fim de sabermos o que ensinar aos nossos filhos ou de que forma ensiná-los. A caligrafia e a cópia são um exemplo dessas pequenas práticas que acabam por se revelar fundamentais para uma boa escrita.

Em 1995, lecionei em uma escola missionária cristã jamaicana durante duas semanas. Quando entrei pela primeira vez na sala de aula, fiquei chocada com as tarefas passadas aos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. As crianças sentavam-se, todas as manhãs, por cerca de uma hora para copiar, em letra cursiva, uma longa passagem das Escrituras na lousa. Enquanto a classe copiava, a professora ajudava, individualmente, os alunos que tinham dificuldade. Tudo o que eu conseguia pensar era: “Que chatice!”.

No entanto, até o final do meu período naquela escola, mudei de opinião drasticamente, pois percebi o presente que aquelas crianças estavam recebendo.

- Todas elas ficavam sentadas em silêncio durante muito tempo.
- Todas conseguiam ler as palavras mais difíceis.
- Todas haviam memorizado várias passagens das Escrituras.
- Todas haviam desenvolvido as habilidades motoras finas necessárias para reproduzir no papel o que estava escrito no quadro.
- Todas conseguiam segurar o lápis corretamente e durante um longo tempo.
- Todas elas tinham uma caligrafia linda.

Aquilo tudo me parecia “trabalhoso” demais quando havia tantas coisas mais interessantes para se fazer com os alunos. Porém, no final das minhas duas semanas na escola, comecei a perceber que aqueles métodos funcionavam, enquanto os meus métodos é que eram de fato trabalhosos, porém infrutíferos. Depois daquela experiência, dediquei-me a refletir sobre esses métodos e a tentar imitar seus resultados, especialmente porque me abriram a mente para aquilo que outros educadores queriam dizer quando se referiam ao modelo clássico de educação. O que testemunhei foi um método de ensino que tem sido utilizado ao longo da história, mas que até então era estranho para mim. As escolas de hoje menosprezam demais as pequenas práticas — as quais, na verdade, definem os princípios mais basilares.

Não menospreze as pequenas práticas

Vejamos esses princípios básicos com mais profundidade.

Todas as crianças ficavam sentadas em silêncio durante muito tempo. Ensinar o autocontrole às crianças as capacita a estudar, ouvir e pensar por longos períodos de tempo. Se o seu filho sente dificuldade com tempos mais prolongados de concentração nos estudos, saiba que o corpo dele pode ser treinado para cooperar. Se consegue ficar sentado em silêncio diante de um computador ou de uma televisão, então é porque ele tem autocontrole. Sim, talvez seu filho precise ser emocionalmente treinado para conseguir ficar sentado e quieto quando não estiver sendo entretido por uma tela, mas você sabe que ele é capaz disso. Ensine-o aos poucos, de acordo com a capacidade do seu filho, a copiar um pequeno artigo à mão. Comece com cinco minutos por dia e vá aumentando o tempo de cópia à medida que ele for se acostumando a ficar sentado por um pouco mais de tempo.

Todas as crianças conseguiam ler as palavras mais difíceis. Ler, copiar e repetir a mesma pequena quantidade de conteúdo ajuda a desenvolver a velocidade e a precisão que leva os alunos, rapidamente, a níveis mais elevados de letramento.

Todas as crianças memorizaram várias passagens literárias. Copiar passagens bíblicas, poemas, canções ou discursos é uma das muitas ferramentas utilizadas pelos educadores clássicos para desenvolver as habilidades de memorização e fortalecer a mente dos alunos.

Todas as crianças haviam desenvolvido as habilidades motoras finas necessárias para reproduzir no papel o que estava escrito no quadro. Essa parte pode ser mais difícil para as crianças pequenas. Decodificar imagens e reproduzi-las em outro meio exige autocontrole físico e

treina o cérebro para reter ideias. Controlar a nossa cabeça, os nossos olhos e mãos enquanto simplesmente copiamos nos permite, como adultos, pesquisar palavras e ideias, compará-las com outro livro e, em seguida, escrever em nossos próprios cadernos. Um pesquisador, por exemplo, tem prática na arte de olhar para várias imagens diferentes e replicá-las. Essa capacidade é fundamental para a formação da mente do jovem.

Todas as crianças conseguiam segurar o lápis corretamente e durante um longo tempo. Atualmente, as escolas contratam fisioterapeutas para trabalhar com os alunos e fortalecer suas mãos para que consigam segurar o lápis adequadamente. Já se foram os dias em que bater manteiga e amassar pão fortalecia as mãos, os braços e os músculos das costas das crianças.

Todas as crianças tinham uma caligrafia linda. Embora não seja mais importante para a comunicação desde o advento do teclado, a prática da caligrafia é essencial para que os alunos desenvolvam um olhar artístico aos detalhes. A caligrafia nos ajuda a notar os prefixos, sufixos, pontuação e outras “pequenas” coisas que facilitam a prática mais difícil, que é escrever.

O trabalho de cópia é a ferramenta utilizada para o desenvolvimento de todas as habilidades descritas acima. A arte e o controle motor fino andam de mãos dadas. Qualquer coisa que as crianças consigam copiar com maestria lhes ensina paciência e orgulho por um trabalho de qualidade.

Na época em que lecionei nessa escola missionária, meus dois primeiros filhos, embora mais velhos do que aquelas crianças jamaicanas, não conseguiam fazer bem nenhuma dessas coisas que destaquei anteriormente. Mas eles, com certeza, sabiam como se divertir! A autodisciplina que os alunos jamaicanos aprenderam na escola munuiu-os com as habilidades básicas necessárias para qualquer conteúdo que viessem a estudar, em qualquer situação. Eu estava grávida na época e sabia que o meu próximo filho aprenderia aquelas ferramentas que estava testemunhando. Aquelas crianças eram muito pobres e tinham algumas das mesmas dificuldades de aprendizagem que crianças de outros lugares do mundo, mas não havia ninguém para ajudá-las em suas fraquezas. As tarefas atribuídas eram simples, completas e dominadas por todas as crianças. Essa é a beleza de dominar a base do conhecimento em vez de nos apressarmos para pesquisar tudo o que devemos ensinar aos nossos filhos para que não falte nada na educação deles.

À medida que compreendi a diferença entre os sucessos de uma educação do passado comparados aos modelos modernos, percebi que aquela sala de aula jamaicana havia me apresentado ao modelo clássico. Anualmente, a capital dos EUA gasta mais de treze mil dólares por aluno na educação das escolas de Washington, D.C. Os professores jamaicanos gastavam pouquíssimo em papel e lápis, mas faziam um ótimo trabalho na preparação de seus alunos. Eles tinham uma situação muito semelhante à das escolas domiciliares no passado dos EUA — que, embora tivessem uma única sala de aula, usufruíram de tanto sucesso — e suas expectativas eram que os alunos se esforçassem usando apenas a mente, o papel e o lápis (ou giz e lousa). Não havia livros didáticos ou apostilas. Nada de computadores para tornar as coisas divertidas ou “relevantes”. Tudo o que eles tinham eram professores para transferir as informações de suas mentes para as dos alunos. O foco nas pequenas práticas trouxe grandes resultados para aquelas crianças.

Quando falamos de cópia, a caligrafia geralmente nos vem à mente. O modelo clássico enfatiza a arte da bela caligrafia por meio da letra cursiva. A letra cursiva elimina a dislexia temporária das crianças pequenas, pois não existe letra ao contrário nesse modelo de escrita. Como todos os traços são escritos para a frente em uma linha contínua, os alunos não podem escrever uma letra ao contrário. Embora nosso trabalho como educadores clássicos seja ensinar o aluno a se esforçar por ser minimamente organizado, queremos, de preferência, incentivá-lo a ter objetivos mais elevados, ensinando-o a escrever com beleza. Eu de fato acredito que as coisas feitas com qualidade contribuem para a nossa liberdade. Certa vez, entreguei uma cópia da Declaração de Independência dos EUA original para os meus filhos. Eles não conseguiram ler porque, na época, não conheciam a letra cursiva spenceriana, na qual o documento havia sido escrito. Foi isso que me motivou a ensiná-los a ler e escrever em letra cursiva.

Um currículo para o ensino da escrita

A prática de copiar frases bem escritas prepara o aluno para os aspectos mais difíceis da escrita, como a estruturação de orações com verbos fortes, substantivos descritivos, estruturas com gerúndio, ordens frasais variadas e palavras poderosas. Precisamos ajudar o aluno a praticar os princípios básicos com calma e determinação, auxiliando-o a desenvolver ferramentas de escrita competentes antes de tornar-se um pensador abstrato. Um aluno do Ensino Médio que

não consegue se comunicar bem e se sente frustrado pode se tornar agressivo quando acredita que não está sendo ouvido ou compreendido. Em minha concepção, veríamos menos violência nas escolas se os adolescentes pudessem expressar suas ideias de forma adequada, sendo ouvidos de verdade. Pessoas enraivecidas querem ser ouvidas. Somos seres comunicativos; quando não conseguimos articular nossos pensamentos com clareza, tendemos à agressividade ou à desistência. Os alunos do Ensino Fundamental deveriam se concentrar mais no estudo da gramática da escrita — suas regras e estruturas — e se preparar para quando de fato precisarem se expressar adequadamente.

Analisemos um currículo anual para o ensino da escrita que é alterado de acordo com o crescimento natural das crianças. Nenhuma criança aprenderá exatamente da maneira descrita a seguir. O que tento fazer é demonstrar que, se focarmos na gramática e deixarmos a escrita criativa para depois, haverá tempo suficiente para o bom ensino da redação. Também desejo mostrar que se começássemos mais cedo e com calma, aprender a escrever seria um processo mais agradável para toda a família.

Crianças de quatro anos ou menos podem aprender a obedecer aos pais e a amar as palavras ao ouvi-los ler em família.

Crianças de cinco anos podem aprender a sentar quietas para desenhar ou colorir, a fim de que aprendam a controlar as mãos e braços diante do papel e a ter boa postura corporal. Trata-se de uma prática difícil para essas crianças e os pais precisam ajudá-las com paciência.

Crianças de seis anos podem copiar palavras de livros e lousas em folhas de papel ou pequenos quadros personalizados. O exercício de cópia é difícil nessa idade, mas ele treina o aluno a ser cuidadoso com o seu trabalho e a se dedicar à tarefa. Escrever em uma linha reta com todas as letras em tamanho proporcional, preenchendo uma página de maneira uniforme também é difícil.

Crianças de sete anos podem aprender fonologia, fonética e as regras ortográficas.

Crianças de oito anos podem aprender a escrever orações complexas.

Crianças de nove anos podem aprender a provar que uma oração está corretamente estruturada por meio da análise sintática.

Crianças de dez anos podem aprender a posicionar orações corretamente em parágrafos.

Crianças de onze anos podem aprender a formular orações concisas e claras.

Crianças de doze anos já podem juntar diversos parágrafos para formar uma redação ou história coerente, usando palavras bonitas e interessantes.

De acordo com a *National Assessment of Educational Progress* (NAEP), pouquíssimos americanos adultos são capazes de escrever um texto lógico e coerente. Precisamos, portanto, ajudar o aluno a aprofundar seu conhecimento das ferramentas da construção de frases básicas durante o Ensino Fundamental. Dessa forma, a escrita criativa, a composição de argumentos e a análise de pensamentos serão possíveis quando eles chegarem ao estágio da retórica.

Muitos educadores esperam até que os alunos sejam capazes de pensar dialeticamente para praticar a escrita, criando grandes expectativas, sem se dar conta, porém, de que as habilidades gramaticais desses alunos não foram bem desenvolvidas. Já o educador clássico, por outro lado, reconhece o valor da diligência e da eficácia de trabalhar as mesmas ideias repetidamente. Portanto, a partir do momento em que a criança é capaz de controlar um lápis, recomendo que ela copie uma frase de qualidade por dia. O exercício da cópia de uma única frase pode ser fundamental para a prática da caligrafia, ortografia, pontuação e uso de letras maiúsculas nos primeiros anos escolares.

Peça aos alunos que respondam as seguintes perguntas, para que assim possam analisar o próprio trabalho e corrigir seus erros:

1. A oração foi escrita de forma organizada, proporcional e precisa?
2. Todas as palavras foram escritas corretamente? Há alguma regra ortográfica que possa ser revisada?
3. Os nomes próprios estão escritos com letra maiúscula, assim como as primeiras palavras de cada frase? A pontuação está correta (pontos-finais, pontos de interrogação e exclamação e vírgulas)? Você pode explicar por que usou as letras maiúsculas e as pontuações?

Compor uma imagem precisa pelo uso das palavras leva tempo, assim como pintar um retrato. Perceber e replicar detalhes atentamente ajuda na produção da arte de qualidade. E, sim, nós

desejamos que nossos filhos sejam artistas das palavras.

À medida que a criança amadurece, as orações diárias podem incluir exercícios em que ela precise substituir uma palavra comum por termos mais descritivos e alterar a estrutura da frase, adicionando estruturas mais complexas. Chegará o dia em que as frases diárias serão utilizadas para o ensino das estruturas oracionais básicas, suas formas, padrões, termos essenciais e elementos constituintes (veja mais abaixo). A criança que se dedica a melhorar sua construção de frases e torná-las cada vez mais complexas, começando no primeiro e prosseguindo até o sétimo ano do Fundamental, não terá nenhuma dificuldade para escrever um bom parágrafo no oitavo ano, ou para elaborar uma excelente redação no Ensino Médio.

O propósito das aulas de produção textual no Ensino Fundamental não deve ser a escrita criativa, mas o ensino das ferramentas das estruturas frasais. Os músicos aprendem a tocar piano praticando as mesmas escalas de todos os outros músicos e, depois, reproduzindo as músicas de mestres como Bach e Beethoven. Aprender a escrever requer que os autores em desenvolvimento copiem boas frases originalmente compostas por outra pessoa. Aprendemos a reconhecer padrões, estruturas e gêneros frasais ao copiar frases bem construídas. Você jamais pediria que um aluno de música compusesse uma melodia original até que tivesse praticado o uso de um instrumento e reproduzido as melhores composições. O mesmo deve ser feito com os alunos que estão aprendendo a compor textos.

Ser capaz de compreender a simplicidade e a riqueza do exercício de copiar boas frases forma bons escritores. Gosto de chamar esse processo de abordagem do “chá gelado” do ensino da escrita, porque, na verdade, não preciso ensinar nada. Posso simplesmente sentar na varanda tomando um chá gelado enquanto as crianças fazem todo o trabalho de copiar as frases. E isso tudo é muito bom, afinal preciso de um descanso entre ensiná-las a sentarem para copiar e a próxima ferramenta necessária para o seu desenvolvimento na escrita: a estrutura das frases!

Descobrimos a essência

Omar Johnstone, professor de inglês em Riade (citado no início deste capítulo), descreve a educação na Arábia Saudita da seguinte forma:

Quando chegam ao terceiro ano do Ensino Fundamental, as crianças já conseguem distinguir verbos de substantivos, descrever a função e o uso dos advérbios e adjetivos e já

conhecem o vocabulário técnico da língua nos dois idiomas. Ensino gramática do inglês em uma universidade de Riade. Essa tarefa é consideravelmente facilitada graças ao sólido conhecimento que os alunos têm da terminologia árabe utilizada para descrevê-la [...] Um dos problemas culturais dos países de língua inglesa é que eles estão separados de sua fonte, da experiência comum entre os povos que também falavam o inglês há sete séculos.

Durante quarenta anos, não fiz ideia de que, nos EUA de antigamente, havia uma organização fundamental da linguagem que todo aluno aprendia com os próprios pais ou na escola. Sim, eu sabia que existiam milhares de palavras na língua inglesa e trilhões de maneiras de combiná-las, mas não sabia que existia uma ordem bastante específica, uma base de informações necessárias para o estudo dos idiomas. Aparentemente, as crianças das nações árabes aprendem a ordem da língua. Por que nossos alunos não precisariam ser tão bem instruídos quanto eles?

Eu mesma não aprendi gramática no Ensino Fundamental, então, mais tarde, precisei aprender sozinha. Agora que conheço a terminologia e o sistema específicos que sustentam a arte da linguagem, consigo ensinar meus filhos a aprender qualquer idioma, assim como Omar Johnstone ensina os seus alunos. O aprendizado de gramática nos permite ensinar qualquer coisa no mundo natural. Se, por exemplo, soubermos classificar as orações e conhecermos as classes gramaticais, poderemos escrever uma frase clara. Se conhecermos as principais leis matemáticas e as quatro operações fundamentais, conseguiremos estudar trigonometria e cálculo por conta própria. Se estivermos familiarizados com as constelações, nunca nos perderemos à noite.

Tenho me esforçado para aprender idiomas por conta própria desde 1997, e o inglês, em particular, desde 2002. Quando comecei a estudar idiomas estrangeiros com os meus filhos mais velhos, percebi que não sabia a que os textos se referiam porque não conhecia os termos utilizados para descrever as classes gramaticais do meu próprio idioma. O que seriam verbos modais? O que seria o tempo progressivo, ou um verbo transitivo? Essas eram algumas das perguntas feitas sobre classes gramaticais nos nossos estudos de idiomas estrangeiros. Eu, então, voltei a estudar o inglês e descobri que deveria estar familiarizada com as mesmas classes gramaticais e suas funções na minha língua materna.

Não queria que os meus próprios filhos tivessem a mesma dificuldade que eu tinha. Então, durante a última década, tenho tentado descobrir os aspectos mais cruciais da linguagem para organizá-los em um sistema de tarefas simples que possam ser

compreendidas por qualquer pessoa. Os meus estudos, é claro, têm como base o modelo clássico utilizado no passado nos EUA, quando todos os alunos sabiam declinar e conjugar verbos, assim como fazer a análise sintática dos verbos.

Bom, após sete anos ensinando os fundamentos do inglês aos meus dois filhos mais novos, hoje consigo ver os frutos do meu esforço. (Perceba: levei sete anos, então seja paciente com sua família). Meu filho mais velho teve dificuldade para estudar os nominativos e acusativos no latim, mas, por fim, teve êxito. Estamos, por outro lado, vivendo uma surpresa muito agradável com o seu irmão mais novo, que lê normalmente em latim, embora ele mesmo não saiba como consegue ler assim. Ele tem apenas onze anos e não consegue explicar como é capaz de aplicar as regras gramaticais do inglês a outra língua — ele simplesmente o faz. Parece muito aquelas crianças que conseguem resolver um problema de matemática de cabeça, mas não sabem explicar como. Ele tira notas baixas nos testes de latim do livro de estudo, mas consegue traduzir o latim para o inglês muito bem. Acredito que isso se deve ao fato de ele ter internalizado muitos conceitos linguísticos. Ou seja, ele é como uma criança de cinco anos que sabe ler em sua língua materna, mesmo sem conseguir explicar as regras fonéticas ou gramaticais.

Suas notas baixas nos testes me deixam curiosa. Continuarei observando o seu progresso e verei o que acontece quando ele for capaz de explicar como consegue ler as palavras em latim. Até hoje tenho dificuldade com determinadas conjugações e preciso conferir todas as frases que ele traduz comigo. Meu filho simplesmente espera eu verificar a declinação e sorri para mim, pois sempre acerta. Eu sorrio e pergunto: “Como você faz isso?”.

A estrutura do inglês

Algumas línguas apresentam uma estrutura diferente da estrutura do inglês, mas permanecem análogas. Em alguns idiomas, o objeto direto não vem depois do verbo, como acontece no inglês; e daí surge ao aluno a seguinte dúvida: “Certo, mas onde está o objeto direto?”, pois sabe que em algum lugar da frase ele deve estar. Se a língua estrangeira não usar os tempos verbais usados pelas línguas românicas, o aluno vai se perguntar: “Como distinguir, então, o tempo verbal neste idioma?”. Talvez pelos advérbios, como o mandarim, em vez de verbos auxiliares e sufixos, como no inglês. O importante é que o aluno sabe que perguntas fazer e, quando conhece os detalhes de sua própria língua, consegue entender as respostas. Ele pode comparar as

novas informações com os conceitos com os quais já está familiarizado. O educador clássico ensina aos alunos as regras e origens de sua língua materna para que assim possam explorar todas as línguas.

Por exemplo, esta é a estrutura básica do inglês:

1. Há quatro estruturas oracionais: simples, composta, complexa, composta-complexa (*simple, compound, complex, compound-complex*). Todas as orações ou são simples, ou usam conjunções para ligar as orações simples e formar uma oração composta, complexa, ou composta-complexa.
2. As orações podem ser: declarativa (com ponto-final), exclamativa (com um ponto de exclamação), interrogativa (com um ponto de interrogação) e imperativa (sem sujeito e com um ponto-final/de exclamação, como em uma ordem).
3. Há sete padrões que formam uma oração simples, com seus termos essenciais e elementos constituintes:
 - a. Sujeito – Verbo Intransitivo
 - b. Sujeito – Verbo Transitivo – Objeto Direto
 - c. Sujeito – Verbo de Ligação – Predicativo do Sujeito (Substantivo)
 - d. Sujeito – Verbo de Ligação – Predicativo do Sujeito (Adjetivo)
 - e. Sujeito – Verbo Transitivo – Objeto Indireto – Objeto Direto
 - f. Sujeito – Verbo Transitivo – Objeto Direto – Complemento Nominal (Substantivo)
 - g. Sujeito – Verbo Transitivo – Complemento Nominal (Adjetivo)
4. Em inglês, uma oração completa (que forma um pensamento integral) contém letras maiúsculas, pontuação, um sujeito, um verbo, geralmente um objeto direto.
5. Os termos em inglês são substantivos, pronomes, verbos, advérbios, conjunções, interjeições, preposições ou adjetivos.
6. Acrescenta-se na oração uma locução para modificar uma classe gramatical.

Esses seis conceitos são a base de toda língua, cujas orações se constroem por meio deles. As regras são maravilhosamente simples e infinitamente úteis. E, o melhor de tudo, qualquer criança pode aprendê-las antes dos doze anos. Crianças que estudam diariamente e compreendem bem as regras de sua própria língua são capazes de aplicá-las a outros idiomas.

O poder cerebral para a interpretação das palavras é imenso, mas sabemos que as crianças estão programadas para aprender dessa forma, uma vez que são capazes de falar desde muito cedo. É o hábito da “prática diária” e a atitude de acreditar que aprender o conteúdo é possível que incentiva os alunos a continuarem se esforçando. Aprender a ler e escrever é a prática mais complexa à mente do ser humano. O domínio das ferramentas do idioma permite que o seu filho aprenda qualquer coisa. É por isso que os educadores clássicos promovem as Artes Liberais — as Artes Liberais são, de fato, as artes de um povo livre.

Se, neste momento, estiver na posição de ensinar gramática para o seu filho, você pode estar se perguntando se é realmente necessário que ele aprenda tanta coisa. Os educadores clássicos estão convencidos de que a gramática é, sim, muito útil, mas, mais do que isso, que é linda. É difícil saber quais capacidades serão necessárias aos nossos filhos no futuro, portanto ensine-lhes o básico, pareça ou não imediatamente útil. Talvez um de seus filhos se torne um escritor e venha a precisar desse conhecimento. Ou, quem sabe, pode ser que precise ter o domínio dessas ferramentas para um dia ensinar ao seu próprio filho que deseje ser escritor. Um dos objetivos da educação é transmitir conhecimento e habilidades para a próxima geração. Logo, mesmo que uma habilidade básica não pareça ser útil para mim, talvez eu possa utilizá-la para ajudar outra pessoa. Como engenheira aeroespacial, nunca pensei que precisaria aprender todos os detalhes da linguagem. Meus estudos de engenharia foram mais práticos e voltados a um único campo de estudo. Quem poderia imaginar que um dia eu estaria ensinando meus filhos em casa, gerindo uma editora de materiais didáticos, publicando livros e viajando como palestrante? Minha rede de apoio de pais que também ensinam o modelo clássico está constantemente corrigindo as minhas técnicas de escrita e o meu uso de palavras. Trabalhamos em conjunto para aprimorar o nosso conhecimento enquanto recuperamos as ferramentas da educação com nossas famílias. Muito me alegra o fato de nunca ser tarde demais para aprender. E nunca é tarde demais para aprender a ensinar.

É necessário comprometimento para tornar o estudo das palavras uma parte natural da sua vida doméstica, especialmente nesses tempos de monólogos paralelos, quando vemos várias pessoas gritando suas opiniões nos noticiários. Nem tudo será fácil no início. Divirta-se ao aprender o material com seus filhos. Esteja preparado para aprender e, então, desaprender “fatos” que forem refutados por novas informações e conhecimentos. Isso apenas mostra que você é capaz de pensar. Por exemplo, pode-se aprender que a soma dos ângulos internos de um triângulo é 180° . Então, mais tarde, você aprende que isso só é verdade se o triângulo for plano, ou bidimensional, como em um pedaço de papel. Se você desenhar o triângulo em uma esfera, como um globo, então os seus ângulos somam mais de 180° . O fato em si não mudou, apenas a forma como foi utilizado.

Pode-se levar anos para compreender de fato o modelo de educação clássica. Para escrever, em especial, é importante dominar a arte ou capacidade do uso correto das palavras e da estruturação das frases para que se produza um texto de qualidade — isto é, um texto claro e interessante. Concentre-se em fazer perguntas e encontrar

respostas sobre a escrita com os seus alunos. Ajude-os a formular perguntas sobre a linguagem para que eles desenvolvam o seu próprio interesse pelo material. Aprender as raízes das palavras, a posição das locuções e os truques de pontuação podem levar a perguntas adicionais, transformando a estruturação das frases em um quebra-cabeça que nos proporciona o prazer de montar uma bela imagem, em vez de ter dificuldade para realizar uma tarefa que não compreendemos de verdade.

Pontuação e uso de letras maiúsculas

É fácil de ensinar dialeticamente o uso da pontuação e das letras maiúsculas. Embora o foco deste livro seja a gramática, a arte de questionar e comparar pode ser praticada com base em regras gramaticais. “Dialeticamente” significa que as respostas devem inspirar uma conversa entre o professor e os alunos enquanto comparam conceitos já dominados com conceitos novos. Depois de explicar uma regra simples, como o uso da letra maiúscula para substantivos próprios, por exemplo, peça para o aluno repetir a regra sempre que a usar incorretamente em algum texto. Você pode perguntar assim: “Vejo que você confundiu o uso da letra maiúscula nesta frase. Você se lembra da regra?”. Quando tem uma pergunta em sua mente, a criança consegue aplicar a regra memorizada e começar a fazer a ligação mental com a sua utilização. Fale frequentemente sobre pontuação e letras maiúsculas. Pela minha experiência, as crianças não dominam essas regras até os doze anos, no mínimo. Antes dessa idade, elas normalmente estão pensando em ideias. Depois dessa idade, se tiverem praticado o ato de copiar, o uso da pontuação e de letras maiúsculas se torna muito mais automático enquanto pensam e escrevem.

Há muitos livros que tratam de pontuação e do uso de letras maiúsculas — e, para ser sincera, gosto muito deles. Use-os para praticar quando tiver um dia agitado, ou naqueles dias em que a família passa bastante tempo no carro e precisa aproveitar qualquer momento possível para incentivar as crianças a revisarem o básico, ou até se você estiver cansada demais por ter passado a noite em claro com o bebê e não tiver condições de se dedicar como de costume às aulas. Em dias normais, ensine as regras de pontuação enquanto seus filhos fazem suas tarefas diárias de redação.

Quando se trata de pontuação, o autor geralmente faz escolhas. Como em todos os aspectos da escrita, há regras e também estilos. O estilo permite que o escritor faça escolhas. No entanto, minhas

escolhas serão melhores se eu entender bem as regras gramaticais. Posso, por exemplo, escolher inserir informações explicativas entre parênteses, ou optar por incorporá-las na narrativa de forma mais orgânica.

Por exemplo: Eu comia minhocas. (Passei a amá-las quando morei na selva). Eram muito gostosas!

Versus

Eu comia minhocas; eram muito gostosas! Passei a amá-las quando morei na selva.

Os dois exemplos estão pontuados corretamente, mas há uma diferença na fluidez da história. Portanto, se o seu aluno escolher utilizar uma pontuação diferente da resposta “correta” apresentada no final do livro didático, pense bem e pegue uma boa gramática, e veja se e por que pode haver mais de uma maneira de pontuar uma frase. O propósito da pontuação é a clareza do significado, e não a obediência cega às regras. Existem usos diferentes de regras em diferentes livros de diferentes autores. As regras de cada símbolo de pontuação são quase universais, mas há certa flexibilidade em suas aplicações. Na língua inglesa, para iniciantes eu gosto do *Our Mother Tongue*, de Nancy Wilson, e do *Warriner’s Grammar and Composition* para as questões mais difíceis de pontuação.

Lembre-se de que crianças pequenas só conseguem trabalhar em um novo processo de cada vez. Se os seus filhos pequenos estão aprendendo escrita criativa, pontuação, o uso de letras maiúsculas e ortografia ao mesmo tempo, esteja preparado para encontrar erros. É por isso que precisamos passar vários rascunhos de redação. Se os seus filhos estiverem estudando as regras técnicas da escrita, suas frases serão menos criativas. Só depois que eles tiverem praticado bastante em todas essas áreas é que suas habilidades criativas se unirão ao uso correto das regras. Seja paciente e repetitivo, ajudando-os a utilizar as mesmas ferramentas a partir de ângulos diferentes.

A seguir, elaborei uma lista das regras de pontuação fundamentais. Essa lista — especialmente as cinco primeiras regras —, quando utilizada de forma consistente, ajudará os alunos até mesmo nas provas. A prática dessas regras de pontuação e de uso de letras maiúsculas é muito importante para escritores iniciantes. Os alunos inexperientes devem dominar as cinco primeiras regras de forma consistente para, então, trabalhar nas restantes.

Lista de pontuação e uso de letras maiúsculas

1. Depois de ponto-final, de exclamação ou de interrogação, a primeira letra de toda frase deve ser maiúscula.
2. Toda frase conclui com alguma pontuação: o ponto-final (.), a exclamação (!), a interrogação (?).
3. Todo substantivo próprio deve iniciar com letra maiúscula. *Eu amo o Roberto.*
4. Além dos substantivos próprios e após a primeira palavra depois do ponto-final, caso não haja alguma exceção específica, todas as demais palavras nessa mesma frase são escritas em letra minúscula. *Eu amo os animais.*
5. Indica-se a abreviação com ponto ao final. *As ilustrações começam na **pág. 10, Sr. Marcos.***
6. Na maioria dos casos, vírgulas separam termos independentes. *O menino comeu sanduíche, pipoca, algodão-doce e sorvete.* (Nesse caso, as vírgulas separaram substantivos).
7. Apostos explicativos são separados por vírgulas. *Paula, **minha irmã**, deu-me uma bolsa de aniversário.*
8. Via de regra, períodos compostos recebem vírgula antes de algumas conjunções. *João e Maria são legais, **mas** eu sou mais legal.*
9. Em períodos compostos, pode-se separar a oração principal das demais por vírgula. *Eu e João, que somos amigos desde a infância, nunca deixamos de nos falar. Embora eu e João sejamos amigos desde a infância, nunca deixamos de nos falar.*
10. Por norma, citações são transcritas entre aspas (“ ”). Se a frase começa e termina com aspas, a pontuação deve ficar dentro das aspas. *O homem gritou: “**Todos estão vivos!**”.* Quando a frase não começa e termina com aspas, a pontuação deve ficar fora das aspas. *Segundo o homem, “**todos estavam vivos**”.* (Observe o uso dos dois-pontos antes da frase exclamativa e da vírgula antes da citação).
11. Travessões são usados para indicar uma interrupção abrupta no raciocínio, ou como alternativa ao uso de parênteses. *Nós **lhe demos o direito de tornar-se presidente** — não ditador.*
12. Utiliza-se o hífen para separar substantivos compostos e para indicar a quebra de uma palavra quando ela não cabe em uma linha. *Muitos **ex-alunos** compareceram ao jantar de aposentadoria de uma professora muito conhecida na região.*
13. O ponto e vírgula pode ser usado para conectar orações independentes em períodos compostos. *Gostamos muito de ir à piscina; contudo, amamos ir à praia.*
14. Os dois-pontos indicam o que “vem a seguir”, ou podem ser usados em citações bíblicas para separar o capítulo dos versículos. *Leiam as seguintes passagens: Gênesis 2:5–10 e João 3:15–30.*
15. Os parênteses são utilizados para posicionar informações relacionadas ao texto, porém não absolutamente essenciais ao raciocínio. *Harriet Tubman (1820–1913) liderou a ferrovia subterrânea Underground Railroad.*

Torna-se mais fácil ensinar a escrever um parágrafo quando a criança já praticou períodos compostos durante muitos anos. Caso contrário, elas se perdem corrigindo as regras e se esquecem de focar no tema do parágrafo. Sou adulta e ainda tenho dificuldade para compor parágrafos mais complexos. Escrever é difícil, portanto saiba que sua prática ocupará a maior parte das suas aulas.

O segredo para ensinar como escrever bons parágrafos é o mesmo para escrever boas frases. Cópia. Imitar autores de excelência. Mais uma vez, os alunos serão capazes de expressar criatividade com mais facilidade se, antes, praticarem o exercício de copiar bons parágrafos.

Depois que tiverem dedicado cerca de quinze semanas à cópia, daí então começarão a resistir e desejarão escrever seus próprios parágrafos, e os resultados serão bons, uma vez que respeitaram o processo. Costumo dizer aos meus alunos que eles têm duas alternativas: esforçar-se pela criatividade, estruturar bem seus parágrafos e conferir todas as regras, ou se dedicar ao que parece trabalhoso demais durante algumas semanas a fim de aprender corretamente a estrutura de um parágrafo para, então, poder colocar toda a sua criatividade em ação e escrever livremente.

Quando o aluno terminar a cópia de um parágrafo, faça as seguintes perguntas:

1. O que você entendeu do primeiro período?
2. O que você entendeu do último período?
3. Como o autor ligou as ideias apresentadas no primeiro período às ideias apresentadas no último?
4. O parágrafo tratava a respeito de que assunto?
5. Você notou o recuo no início do parágrafo? Por que os parágrafos começam com recuo?

Quando o aluno for capaz de explicar que o primeiro período inicia o parágrafo, os próximos esclarecem a frase introdutória e que o último período repete a ideia principal da primeira frase, então ele estará pronto para escrever seu próprio parágrafo. Não é assim que todo parágrafo deve ser escrito, mas é uma boa fórmula para iniciantes. Quando o aluno consegue identificar os elementos essenciais e fundamentais de um parágrafo e escrever por si só um parágrafo coerente, ele pode, então, seguir para textos com cinco parágrafos.

Professores e pais muitas vezes querem que os alunos escrevam longos textos antes de estarem realmente preparados, daí todos ficam frustrados com o resultado e sentem vontade de desistir. Trabalhe em frases muito bem escritas e, depois, parágrafos coesos; as redações e relatórios virão a seguir. O objetivo dos educadores clássicos é que a escrita seja tão natural e praticada que os alunos continuem escrevendo pelo resto da vida, e não apenas até se formarem. Ao praticar o modelo clássico, com o passar do tempo, você verá que pode seguir mais rápido o que eu descrevi; seja, porém, paciente durante os primeiros anos.

Então, o que os educadores clássicos ensinam exatamente, além de fazer os alunos copiarem frases e parágrafos, para que aprendam a escrever bem? Lemos muitos livros, então o vocabulário “mental” dos alunos é muito maior que o vocabulário de escrita. Também

dedicamos muito tempo ensinando o aluno a copiar as ideias de outros autores, colocando-as em suas palavras. Foi assim que Benjamin Franklin aprendeu a escrever sozinho. Ele escolhia uma passagem bem escrita e fazia anotações sobre as ideias principais. Depois, refletia sobre o que o autor estava dizendo com aquelas palavras e, por fim, tentava replicar o que o autor havia escrito, usando apenas as suas anotações sobre o texto. Quando conseguia fazer isso com êxito, então reescrevia a passagem quantas vezes fossem necessárias até que considerasse a sua versão melhor do que a original. Ele consultava a passagem original apenas para corrigir seus erros.

Uma aula de redação clássica é mais ou menos assim:

Precisamos de espaço para elaborar nossas ideias, e uma cadeira é limitada demais para esse processo.

Comece copiando e aprimorando um único parágrafo. Depois, avance para passagens mais longas e, então, para várias passagens de diferentes fontes. Descobri que ao chegarem ao oitavo ano, se eu os ajudasse com palavras-chave do texto e com um esboço, a maioria dos alunos conseguia ler um livro inteiro, identificar o tema ou responder à pergunta da tarefa sobre o livro, apresentar a tarefa, escrever três parágrafos de apoio com citações e elaborar um parágrafo de conclusão.

Sente-se e

1. Leia um parágrafo sobre qualquer assunto e faça anotações que reflitam as ideias principais do autor
2. Converse sobre o parágrafo e sobre suas anotações

Levante-se e

1. Dirija-se à lousa e, juntos, escrevam frases de suas anotações
2. Analisem os períodos e substituam palavras fracas por ideias fortes
3. Compare os seus próprios períodos às ideias originais do autor e corrija-os de acordo com o texto original

Sente-se novamente e

1. Faça o primeiro rascunho das suas frases
2. Faça um rascunho final com todos os erros técnicos corrigidos

Quando comecei a dar aulas de redação clássica, precisava me esforçar muito para conseguir fazer com que meus alunos do primeiro ano do Ensino Médio ao menos *tentassem* escrever 500 palavras. Era um desafio enorme e eles tinham pouca prática. Atualmente, 500 palavras sobre um único tema não são suficientes para as minhas aulas de redação do Ensino Médio, pois os alunos foram ensinados pelo método de educação clássica durante a maior parte da vida. Eles escrevem duas ou três redações por semana. Sou obrigada a limitá-los a lerem as 50 melhores palavras em voz alta durante a aula, pois, caso contrário, ficaríamos ouvindo o dia inteiro. Todos querem ler e discutir suas redações, e não posso culpá-los, pois eles se esforçaram muito para escrevê-las.

Até agora neste ano o que temos feito é a “leitura das 50 palavras” por cerca de dez semanas, e com isso percebi que essas 50 palavras estão melhorando cada vez mais rápido. Em vez de escolherem um parágrafo aleatório, meus alunos estão escolhendo parágrafos resumidos que apresentam a análise. Quando o professor ensina o aluno do Fundamental a copiar grandes ideias de autores diversos, é normal que esse mesmo aluno não tenha dificuldades para produzir ideias originais quando chegar ao estágio da retórica.

Um dos meus próprios filhos não é um escritor entusiasta e planeja duas horas para escrever cada redação de 500 palavras. Ele não se importa em escrever bem para as aulas, então faz o mínimo de esforço possível em suas redações. Ele me consulta no início do seu processo de elaboração do texto para se certificar de que está no caminho certo. Em seguida, escreve até estar pronto para a minha correção. Depois dos meus comentários, faz as correções finais e está pronto. Por outro lado, ele está sempre escrevendo por prazer, porque gosta de elaborar estratégias de jogo. Eu, portanto, fico satisfeita com suas redações curtas, coerentes e analíticas e o libero para que ele escreva sobre assuntos que lhe interessam.

Já o meu filho mais novo, que foi educado pelo modelo clássico desde que nasceu, se esforça ao máximo até encontrar a palavra certa para cada ideia. É um menino muito agitado, então pensa melhor quando se movimenta. Lembre-se de que sentar e pensar são dois processos diferentes. Quando acaba de pensar, ele se senta e escreve. Suas redações já exibem um vocabulário amplo. Eu agora insisto para que ele fique em silêncio enquanto pensa, pois processa tudo em voz alta e, normalmente, os outros meninos e eu também estamos pensando em nossas próprias tarefas. Mas eu deixo ele se revirar no chão o quanto quiser. Então reviso os seus textos de cinco parágrafos,

um parágrafo de cada vez, porque aos onze anos ele ainda precisa de muitas instruções técnicas de escrita. Esse meu filho ficava chateado com todas as marcas da minha caneta vermelha nos cinco parágrafos, mas não se intimida com um único parágrafo corrigido.

A imitação é fundamental para que a pessoa se torne um grande autor ou artista. A imitação, na verdade, é fundamental para ser bom em qualquer coisa. Você é bom nas coisas de que gosta porque dedica tempo a elas e busca ajuda, orientação e inspiração de especialistas. Reflita sobre os seus dons enquanto ensina seus filhos. Identifique as habilidades e disciplinas com as quais se sente mais confortável e, então, use essa autoavaliação para ajudar seus próprios filhos quando tiverem dificuldade. Além disso, compartilhe com eles as áreas de estudo com as quais você tem mais dificuldade e ressalte a importância do esforço para superá-las. A parte mais assustadora, mas também a melhor do ensino domiciliar é saber que os nossos filhos nos imitarão.

Matemática

O principal objetivo de todas as investigações do mundo externo deve ser descobrir a ordem e a harmonia racionais que lhe foram impostas por Deus e que ele nos revelou na linguagem da matemática [...] Assim como os olhos foram feitos para enxergar as cores e o ouvido para ouvir os sons, a mente humana foi feita para entender a quantidade.

— Johannes Kepler

A essência de um currículo clássico de matemática

Um currículo clássico de matemática exige que os alunos dominem um conjunto básico de fatos matemáticos. Felizmente, as crianças adquirem essa base de informações de forma fácil e regular quando decoram as tabuadas de multiplicação até dez vezes dez. Como educadores clássicos, desejamos ensinar os nossos filhos a memorizar o conteúdo das tabuadas aliado a outros ensinamentos que eles precisam memorizar desde pequenos. Espere que os seus alunos também:

1. Memorizem as tabelas até 20x20,
2. Multipliquem e dividam rapidamente números de dois dígitos,
3. Memorizem os quadrados e cubos perfeitos,
4. Identifiquem as leis em problemas matemáticos,
5. Somem e subtraíam dígitos múltiplos de cabeça,
6. Estudem sobre igualdade numérica e
7. Dominem as formas básicas dos números.

Existem muitos outros conceitos que eles deverão dominar, como formas, padrões, valor relativo ou posicional e medidas. Em geral, há três ideias principais associadas a qualquer problema matemático:

1. Numeração: quais tipos de números estão no problema e como eles funcionam? Na aritmética, os alunos aprendem sobre números inteiros, números naturais, frações, números mistos, decimais, porcentagens, proporções e notação científica.
2. Operações: quais processos mentais os símbolos representam? Além da adição, subtração, multiplicação e divisão, os alunos devem estar confortáveis com expoentes

e raízes.

3. Leis: quais leis da matemática me permitem manipular as variáveis e os coeficientes para encontrar uma solução? Crianças devem praticar (até decorar e torná-las automáticas) as seguintes leis da matemática: a propriedade associativa, a propriedade comutativa, a propriedade distributiva e a propriedade de identidade.

Essa gramática básica é frequentemente esquecida, pois os alunos apressam-se para resolver os problemas de matemática e tirar boas notas, mas sem de fato estudar a explicação e os exemplos enquanto memorizam termos-chave, como “o menor múltiplo comum” ou “recíproco”. Passando algum tempo com alunos de uma aula de matemática, você certamente ouvirá deles algum dia: “Nos mostre logo como resolver o problema!”. Não há problema em aprender dessa forma, porém não devemos ensiná-los *exclusivamente* dessa forma. Entender os algoritmos matemáticos (processos) é tão importante quanto chegar às respostas matemáticas (resultados).

A melhor maneira de ensinar o básico é pedir constantemente que os alunos identifiquem por que eles resolvem um problema de matemática de determinada forma. Sim, esse método pode irritá-los bastante, pois a única coisa que eles querem é seguir o algoritmo e encontrar a resposta. E eles conseguem fazer isso até o final dos estudos de aritmética. Então, de repente, a matemática fica difícil e eles deixam de gostar da matéria. Peça, portanto, que os seus filhos expliquem quais leis e operações matemáticas eles estão tentando utilizar quando tiverem alguma dúvida. Por exemplo:

$$3,4 (2,4 + 5,4) = 3,4 (7,8)$$

devido à adição e à propriedade associativa,

E

$$3,4 (7,8) = 26,52 \text{ devido à multiplicação.}$$

Todos os números usados são decimais.

Um aluno do sexto ano consegue resolver esse problema com facilidade, mas provavelmente terá dificuldade para explicar como o resolve facilmente. O modelo clássico de ensino de matemática enfatiza a memorização de fatos para aumentar a velocidade e a precisão da resolução dos problemas, assim como melhorar a discussão sobre os números, as operações e as leis visando sua compreensão.

Existem muitos currículos de matemática excelentes, mas

precisamos abandonar o hábito de simplesmente estudar o conteúdo didático, tirar boas notas e passar para o próximo nível. Se realmente desejamos recuperar a competência matemática, então precisamos desacelerar e compreender a matemática, de que forma ela funciona e por que ela parece uma língua estrangeira.

O restante deste capítulo discutirá soluções para aquilo que impede a compreensão precisa da matemática e como vencer o nosso analfabetismo matemático cultural. Depois que você aprender a estudar matemática, qualquer livro didático funcionará perfeitamente. Temos o hábito de culpar nossos professores, os livros utilizados ou uma dificuldade inata pela nossa aversão à matemática. Como é o caso com a maior parte das coisas que culpamos, elas não são as verdadeiras culpadas. O verdadeiro problema é que a matemática, assim como uma língua estrangeira, usa símbolos, estruturas e regras gramaticais desconhecidas. Portanto, a melhor forma de nos tornarmos fluentes em matemática é mergulhando em sua linguagem.

Recuperando as habilidades de cálculo

Lendo outros livros sobre educação clássica, talvez em algum momento você leia que o modelo de educação clássica adia os estudos de matemática. O quadrivium, que complementa e segue o trivium, era baseado no estudo da matemática avançada. Depois que as habilidades básicas de gramática, dialética e retórica haviam sido introduzidas, esperava-se que os alunos aplicassem essas habilidades a conceitos de nível superior, como música (harmonia), astronomia, geometria e álgebra. Pode-se argumentar que, nos moldes clássicos, o estudo formal de conceitos matemáticos abstratos (como forma de especialização) era adiado, mas que a gramática e a aplicação prática da matemática eram ensinadas naturalmente em casa. Ora, sem dominar as operações básicas, o aluno sob o modelo clássico jamais alcançaria o estudo do quadrivium. Além disso, os livros didáticos mais antigos revelam altas expectativas quanto à capacidade de cálculo do aluno.

Antes da década de 1950, normalmente exigia-se de um formando do Ensino Fundamental nos EUA o domínio da gramática de geometria, de álgebra e da multiplicação e divisão de múltiplos dígitos. Os alunos recitavam aquilo que sabiam e, então, resolviam alguns problemas de matemática na lousa. Jovens de escolas domésticas de uma única sala de aula ensinavam matemática usando livros bem pequenos, como o *Aritmética de Ray*, ou *Geometria de Euclides*. A única calculadora presente era o cérebro dos professores e

alunos. Numa época em que cada acre, madeira, tecido e grama eram medidos para o sustento, as pessoas sabiam matemática. Minha família compra tudo no mercado, então a única habilidade matemática que precisamos praticar com frequência é a multiplicação de porcentagens nas vendas e descontos. Eu mesma preciso ensinar matemática aos meus filhos de forma deliberada, *desde muito cedo*.

A matemática parece difícil porque exige que embrulhemos muitos significados em símbolos desconhecidos que não pertencem ao alfabeto verbal. Costumo dizer aos meus alunos que os matemáticos são preguiçosos (e tenho propriedade para dizer isso, afinal sou engenheira formada). Queremos escrever o mínimo possível para que possamos pensar o máximo possível. Por exemplo:

Primeiro, aprendemos a contar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Depois, aprendemos a somar $3 + 3 + 3 = 9$.

Então, aprendemos a multiplicar $3 \times 3 = 9$.

Por fim, aprendemos os expoentes para calcular $3^2 = 9$.

Todos esses processos chegam ao número 9, mas cada vez escrevemos menos símbolos e queremos dizer mais por meio deles. Se não decorarmos e praticarmos os símbolos preliminares, a ponto de se tornarem automáticos, nossa mente — a não ser que alguém nos mostre o caminho e nos ajude a ver desde onde nos perdemos — ficará bloqueada e se recusará a progredir nos estudos da matemática. O matemático maduro consegue resolver sozinho sua própria confusão.

O objetivo principal da aritmética, que é a gramática da matemática, é desenvolver habilidades de cálculo e a memorização de leis e fórmulas básicas. Em outras palavras, quando me deparo com equações longas ou com conceitos novos e difíceis, quero que as respostas às operações básicas me sejam tão óbvias que a minha mente fique livre para se concentrar na nova aplicação das leis matemáticas diante de mim. Você sabe que o seu aluno do Ensino Médio tem um déficit em habilidades matemáticas básicas quando ele precisa de uma calculadora para resolver um problema simples do sétimo ano, como: $x = 112 + 25\frac{1}{2}$. (A resposta é $x = 121 + 5 = 126$). Portanto, independentemente de começar os estudos basais de matemática usando um livro didático ou praticando as operações e habilidades de cálculo (fatos matemáticos) com seus filhos pequenos, certifique-se, ao longo dos dias, de que eles estão desenvolvendo a calculadora mental, para que ela seja rápida e precisa.

A competência de cálculo inspira o prazer pela matemática

Resolver problemas de matemática é uma das minhas atividades preferidas. Amo resolver os mistérios de um livro de suspense antes de terminar a leitura e gosto de resolver problemas de sistema em administração de empresas. Quando consigo solucionar esses problemas, fico satisfeita por ter sido capaz de resolver aquele enigma. Porém, trata-se de atividades que levam tempo, que adiam, portanto, a satisfação que pretendia ser imediata. Em comparação, em apenas alguns minutos, consigo sozinha resolver vários mistérios da matemática, verificar se estão corretos e, assim, sentir o meu cérebro liberar, naturalmente, endorfinas de prazer e satisfação. Como diz meu amigo Andrew Pudewa: “Esse prazer é útil para nós, que não usamos drogas”. Resolver alguns problemas matemáticos com os meus filhos me dá a mesma satisfação que algumas pessoas sentem quando cumprem todos os itens de sua “lista de afazeres”.

Todo problema matemático apresenta um pequeno exemplo para a prática das habilidades de aprendizagem. Os alunos demonstram que dominaram os termos utilizados na matemática (gramática) e que entenderam as regras e estratégias do problema a fim de resolvê-lo (dialética). Por fim, os alunos explicam, retoricamente, como resolveram aquele problema, mostrando, dessa forma, que entenderam o algoritmo.

Hábitos de estudo consistentes são a parte mais importante do aprendizado da matemática. Alunos no estágio da gramática avançarão com mais facilidade para a matemática dialética e abstrata se os seus pais os ajudarem a desenvolver os seguintes hábitos:

- Praticar problemas e questões de matemática todos os dias.
- Treinar e praticar velocidade e precisão na resolução dos problemas.
- Estudar, sem pressa, as ideias fundamentais por meio da prática repetitiva dos conceitos.
- Apresentar cálculos organizados para a resolução dos problemas.
- Aprender operações inversas para a prática adicional e para a verificação de respostas.
- Aprender a criar e explicar problemas para demonstrar a sua compreensão de um conceito.
- Não permitir o uso de calculadoras até o ensino de trigonometria.
- Copiar todos os problemas e todas as suas etapas para verificar o próprio trabalho e identificar onde precisa de ajuda.

Essa lista pode instigar muitos desentendimentos entre professores e alunos, principalmente entre os mais inteligentes dos alunos

imaturos. É fácil calcular problemas aritméticos sem organização, sem anotar as etapas do raciocínio, ou até mesmo sem usar lápis e papel. É claro que $2 + 3 + 5$ é 10, e a maioria das crianças consegue acertar a resposta sem precisar escrever qualquer coisa. Mas os problemas não serão tão fáceis por muito tempo. Nós, adultos maduros, sabemos que as dificuldades virão, mas nossos alunos normalmente não acreditam em nossa palavra.

Quando alguém cria qualquer coisa, há dois aspectos da criação a serem considerados: o processo e o resultado. Assim como ler e escrever, a matemática é uma habilidade básica, porque aprender o processo é tão importante quanto obter a resposta correta. Ao ensinar as ferramentas básicas de matemática e de redação, nosso intuito é que os alunos cheguem à resposta certa, ou escrevam um texto legível (resultados), mas o processo de derivação da resposta ou da composição textual também é muito importante e exige esforço e paciência. A competência matemática também está ligada à competência de leitura, uma vez que nos é impossível escrever ou resolver um problema matemático se não soubermos ler.

Portanto, como uma mãe que deseja que seus filhos amem matemática, tenho duas tarefas diametralmente opostas, mas igualmente importantes: oferecer muitas oportunidades para cálculos mentais e para cálculos no papel. É por isso que em nossa casa, os meninos praticam adição, subtração, multiplicação, divisão, expoentes e raízes e os fazemos sentar para trabalhar em textos de matemática. Isso às vezes os confunde. “O que você quer, mãe? Que eu os resolva de cabeça ou por escrito?” A resposta é não apenas fazer as duas coisas, como também saber quando cada uma dessas abordagens é apropriada. Essas habilidades são análogas à escrita. Afinal, embora eu queira que a ortografia e a pontuação estejam tão absorvidas (assim como os fatos matemáticos) na mente deles, que fluam naturalmente, também quero que eles se esforcem para expressar com clareza os conceitos matemáticos por escrito.

Essa discussão destaca, mais uma vez, a diferença entre a educação contemporânea e a clássica, pois os educadores clássicos reconhecem que as mesmas habilidades são necessárias, tanto para a escrita quanto para a matemática. O básico é sempre fundamental e digno da maior parte do tempo dos nossos filhos na sua instrução acadêmica.

Hoje, um dos livros de matemática mais populares usados nas escolas fundamentais dos EUA é a série *Everyday Math*. Em vez de

aprender a decorar números de três e quatro dígitos durante a multiplicação e até chegar à solução, os alunos aprendem a desenhar uma tabela, inserir os números em cada linha da tabela e, então, somar os dígitos.

Esses alunos estão, basicamente, aprendendo a elaborar um projeto de artes, ineficiente para qualquer problema de multiplicação com mais de dois dígitos vezes dois dígitos. Essa metodologia cria dois problemas: primeiro, os alunos precisam usar uma calculadora para resolver problemas maiores; segundo, até mesmo os pais mais engajados são prejudicados por esse método na hora de ajudar seus filhos nas tarefas de casa. Os pais sabem como resolver problemas de multiplicação da mesma maneira que todas as pessoas no mundo ocidental os resolveram por 2500 anos. As crianças modernas aprendem a fazer uma tabela e, depois, a usar uma calculadora para calcular o resultado de multiplicações com mais de dois dígitos.

A ênfase nas habilidades de cálculo sem o uso de calculadoras também foi substituída por imagens em livros didáticos modernos.

Ao compararem um livro didático de álgebra de 1973 com um livro didático de “matemática contemporânea” de 1998, Williamson Evers e Paul Clopton encontraram uma mudança dramática nos tópicos. No livro de 1973, por exemplo, o índice para a letra “F” incluía “fatores, fatoração, falácia, decimal finito, conjunto finito, fórmulas, frações e funções”. No livro de 1998, o índice listava “famílias (em dados de pobreza), dados de nutrição de fast food, gordura em fast food, filantropia, flores, fascínio, futebol, Ford Mustang, franquias e arrecadação de fundos para feiras.

— Diane Ravitch

Em um artigo de maio de 2005 que refutava os padrões atuais de ensino de matemática do Conselho Nacional de Professores de Matemática (NCTM), um grupo de professores universitários de matemática enumerou suas preocupações acerca dos seguintes pontos:

1. A descoberta autônoma de novos conceitos pelos alunos consome mais tempo do que a explicação e orientação do professor.
2. As crianças que não dominam as operações básicas a ponto de automaticidade demonstram dificuldade para compreender os conceitos de álgebra. “O desprezo, ou omissão total do algoritmo de divisão longa nos currículos baseados no Conselho Nacional de Professores de Matemática pode ser o único responsável pela morte matemática de seus alunos. A divisão longa é uma pré-habilidade que todos os alunos devem dominar de maneira automática para o estudo de álgebra (divisão longa de polinômios), pré-cálculo (encontrar raízes e assíntotas) e cálculo (por exemplo, integração de funções racionais e transformadas de Laplace). A sua demanda por capacidade de estimativa e cálculo durante o processo desenvolve o senso numérico e facilidade com o sistema decimal de notação no aluno como nenhuma outra operação aritmética”.
3. Embora desejemos que os nossos filhos compreendam por que a matemática funciona e a importância dos conceitos matemáticos, o domínio da habilidade precede a aplicação abstrata. “O ponto de partida para o desenvolvimento da capacidade e da criatividade

das crianças devem ser os conceitos e algoritmos estabelecidos [...] O sucesso em matemática deve estar fundamentado em algoritmos aprendidos corretamente, bem como na compreensão dos conceitos [...] Os alunos só se lembrarão daquilo que praticaram extensivamente — e eles só se lembrarão por longo prazo daquilo que praticaram de forma consistente durante muitos anos. Essa realidade não pode ser contornada”.

4. Crianças com dificuldades de aprendizagem ou com atrasos cognitivos apresentam bons resultados quando há expectativas comuns que aumentam gradativamente, de acordo com o domínio das suas habilidades. Essa é a abordagem de Saxon, de contagem por meio de textos de cálculo e física. John Saxon rejeitava a abordagem conceitual e experimental e enfatizava a estrutura e o exercício. “Dados agregados da Califórnia e de outros países mostram que crianças com dificuldades de aprendizagem se saem muito melhor em ambientes de aprendizado mais estruturados”.
5. De acordo com um estudo da Universidade Johns Hopkins, existe uma forte correlação entre o uso precoce de calculadoras e o baixo desempenho em cálculo. E, quando comparados com países estrangeiros cujos alunos não usam calculadoras, os alunos americanos revelam o pior desempenho.
6. Problemas com palavras e problemas contextuais devem ser poucos, se comparados com a prática de algoritmos e operações.

Livros de matemática

Pais muitas vezes se perguntam qual currículo de matemática usar em casa. Eu mesma já usei uma grande variedade e descobri que a maioria dos livros populares entre as famílias adeptas ao ensino domiciliar funciona bem. Escolha um currículo de aritmética que enfatize os exercícios, e não imagens bonitas e valores sociais.

Quanto à minha escolha, prefiro usar o livro ao invés de ser usada por ele. Não sou escrava dos planos de aula dos livros, mas sou livre para ensinar meus filhos a usá-los como referência. Em outras palavras, se a lição propõe 30 problemas, mas os meninos tiveram dificuldade com um novo conceito e só conseguiram terminar 15 problemas no tempo da aula, não sinto como se tivéssemos fracassado. O restante pode ser terminado no dia seguinte. Um dos benefícios do ensino domiciliar é a possibilidade de seguir o ritmo que permita ao aluno dominar o conteúdo ensinado. Por outro lado, se o meu filho termina uma lição, ou até mesmo uma leitura antes do tempo, normalmente fazemos tudo de novo. Eu simplesmente *falharia* no ensino do meu filho se permitisse que ele passasse para o próximo nível no estudo da matemática sem dominar completamente os fundamentos da disciplina. Às vezes, resolvemos juntos os problemas ímpares e eu o deixo fazer sozinho os pares.

Nisso tudo, porém, eu *nunca* permito que os meus alunos pulem um problema. Para mim, não existe aquela história de saber demais, ser rápido demais ou excessivamente preciso na resolução de problemas. Se os problemas estiverem fáceis, ótimo! Faça um teste cronometrado e deixe que os alunos terminem a aula mais cedo

naquele dia. É bom ter um dia mais tranquilo de vez em quando. Mas não deixe que eles se esqueçam desses dias na próxima vez em que a lição demorar mais para ser concluída. O objetivo dos livros de matemática é oferecer um pouco de instrução diária e muitos exercícios práticos, a fim de que os alunos sejam capazes de calcular e compreender os conceitos o mais rápido possível.

Lá em casa, usamos o material da Saxon como base do ensino de matemática. Por base quero dizer os livros que os meus filhos estudarão desde a Educação Infantil até o fim do Ensino Médio. Como nenhum livro é perfeito para todas as crianças em todos os estágios de desenvolvimento, muitas vezes deixamos essa série de lado, quando o conteúdo fica difícil demais, e passamos a usar outros livros para treinar alguns conceitos até que estejam dominados o suficiente para voltarmos a usar o material da Saxon. Se você usar uma série de livros de matemática que não seja projetada para ir da educação infantil até o Ensino Médio, então corre o risco de perder conceitos importantes que podem ser necessários um ou dois anos depois. Por outro lado, se os seus filhos são gênios da matemática e você sabe como ensinar todos os conceitos... bom, eu ainda assim recomendaria que vocês usassem uma série que cubra todos os anos de ensino de matemática como base. Não existe prática excessiva dos conceitos matemáticos. Repita isso sempre aos seus filhos: “Não existe prática excessiva dos conceitos matemáticos”.

Gosto de fazer uma analogia com os jogadores Tim Tebow ou Michael Jordan quando discuto sobre a prática da matemática com meus filhos. Quando esses homens alcançaram o sucesso nos esportes, acaso pararam de treinar o básico? Portanto, mesmo que os seus filhos sejam gênios da matemática, pratiquem bastante o básico e lembre-se de que eles nunca estão estudando mera matemática; seus filhos estão aprendendo a controlar o corpo e a mente por longos períodos de tempo enquanto pensam.

Preparação para processos dialéticos

Muitos professores afirmam desejar que seus alunos entendam os conceitos matemáticos, mas não se preocupam com a base dos cálculos. O educador clássico pratica ambos. O domínio das operações básicas ajuda na compreensão geral. Na verdade, não há como entender os conceitos se não souber o básico.

A seguir, está um problema de matemática típico de um livro de sexto ano que ilustra a importância de praticar tanto o processo

quanto o resultado:

Encontre o produto da diferença entre 8 e 5 e a soma de 2 e 3.

Percebe quão abstratas são as ideias desse problema para um aluno do sexto ano? É impossível resolver esse problema se a pessoa não souber a definição de soma, diferença e produto. O problema precisa ser traduzido para a linguagem simbólica a fim de demonstrar o processo para encontrar a solução:

$$(8 - 5) \times (2 + 3)$$

Porém, resolver o problema a partir dessa fórmula também é difícil se a pessoa não estiver familiarizada com o uso de parênteses e com a ordem das operações. Então, os processos lógicos precisam ser aplicados para que se descubra que o resultado é $3 \times 5 = 15$. Aprender a resolver esse problema aritmético requer que o professor e o aluno se comuniquem na linguagem universal da matemática. O aluno só reterá em sua mente as definições de soma, produto e diferença, junto de seus processos lógicos apropriados para a resolução dos problemas se praticar muitos problemas semelhantes por um longo período de tempo.

Em nossa casa, praticamos a resolução de equações básicas, como a anterior, até que sejam dominadas e os alunos possam compreender a seguinte equação quando chegarem ao Ensino Médio:

*Encontre o produto da diferença de 8 ($z + y$) e 5 ($z + y$),
e a soma de 2 ($z + y$) e 3 ($z + y$).*

Se esse segundo problema lhe parece difícil, é porque você não entende de verdade as operações aparentemente simples de adição, subtração e multiplicação. O problema apenas exige que você adicione, subtraia e multiplique para encontrar o resultado. É daí que eu digo: por vezes, achamos que entendemos as operações básicas; porém, quando nos deparamos com a álgebra, descobrimos que nem sequer começamos a aprender a somar e subtrair. Em seguida, culpamos a álgebra — e não os verdadeiros culpados, o fato de não aprendermos verdadeiramente as operações básicas — e concluímos que a disciplina algébrica é difícil demais. Na verdade, as operações básicas são complexas e precisam receber mais atenção, caso o aluno deseje verdadeiramente ter um desempenho melhor em álgebra. A aritmética é a linguagem básica da matemática. Trata-se de uma disciplina que exige muito mais prática do que a maioria de nós

imagina antes de nos tornarmos fluentes na tradução das operações básicas praticadas em problemas simples para problemas mais difíceis. Aqui está a resposta do problema anterior:

$$3(z + y) \times 5(z + y) = 15(z + y)^2$$

O problema é muito semelhante, em sua forma, ao problema anterior:

$$3 \times 5 = 15$$

A álgebra nada mais é que a aplicação da aritmética. Nosso objetivo ao ensinar aritmética é tornar as operações básicas tão fáceis que o aluno não precisará nem mesmo raciociná-las (automaticidade) quando estiver tentando resolver conceitos de álgebra muito mais difíceis.

Muitas habilidades e capacidades linguísticas foram necessárias a fim de que as equações anteriores pudessem ser explicadas. Enquanto escrevia esse capítulo, pressupus que você conseguiria fazer a ligação entre a palavra “soma” e o símbolo de adição (+). Também pressupus que você conhece as regras básicas das operações de adição, subtração e multiplicação. Como professora, preciso conhecer a linguagem matemática e os processos operacionais bem o suficiente para explicá-los a alguém que possa não os conhecer.

Agora, como saber que tive sucesso no esforço de ensinar alguém que não entendia o conteúdo? O meu aluno deve ser capaz de demonstrar sua compreensão explicando para mim um problema semelhante, tanto oralmente quanto por escrito. Se não conseguir me explicar um conceito ou problema, então talvez seja necessário que eu dedique mais tempo para ensiná-lo o conceito com o qual esse meu aluno está tendo dificuldade. Talvez eu precise empregar palavras ou símbolos diferentes (linguagem) para explicar de outra maneira, ou usar um exemplo diferente. Qualquer que seja o caso, a compreensão matemática requer que o professor e o aluno utilizem as palavras e os símbolos adequados ao contexto abordado.

Os alunos de matemática precisam utilizar as mesmas ferramentas que usam para aprender espanhol ou redação. Eles devem aprender o vocabulário e as regras estruturais básicas para, então, praticá-los até que se tornem naturais.

No entanto, em vez disso, o aluno médio passa muito rápido para

problemas mais abstratos antes de compreender as operações básicas. Embora a compreensão exija mais maturidade e agilidade mental do que a memorização de fatos matemáticos, a agilidade mental começa a ser desenvolvida pelo exercício de memorização. Memorizar fatos matemáticos facilita a compreensão das operações. O professor de matemática precisa, antes de tudo, ensinar o aluno a memorizar os fatos matemáticos para que então consiga, depois, ensiná-lo a demonstrar o que entendeu sobre os algoritmos e conceitos, escrevendo cada etapa do processo.

Fazendo um adendo, sinto que, nesse ponto, talvez eu possa estar sendo interpretada indevidamente, uma vez que todo aprendizado é, na verdade, cíclico. A palavra “enciclopédia” refere-se à maneira como aprendemos. Os modernos pensam que o termo significa uma série de livros com assuntos organizados por ordem alfabética. Mas, conforme seu uso clássico, a palavra significa, na verdade, adquirir conhecimento por meio do ensino circular, repetitivo. De acordo com o dicionário de inglês Oxford, “educação encíclica” é “a esfera das artes e ciências consideradas pelos gregos como fundamentais para uma educação liberal”. Toda vez que retornamos a informações já aprendidas, nós as encontramos com a mente diferente da vez anterior. A gramática antiga é dominada e, então, dialeticamente comparada com novos conhecimentos, até que os novos conhecimentos se tornam velhos e podem ser comparados com os próximos saberes adquiridos. Enquanto se pensa sobre a gramática antiga, integra-se a nova à memória do cérebro. Assim, os alunos aprofundarão a sua compreensão da aplicação das operações de adição e subtração enquanto memorizam as tabelas de multiplicação. A questão é que, quando o aluno simplesmente trava e não consegue compreender algum conceito, geralmente é porque algo mais simples está sendo ignorado, ou ainda não foi dominado por ele. Desenvolver um conhecimento básico de gramática prepara o aluno para comparar pensamentos e pensar dialeticamente.

A seguir, compartilho um artigo que escrevi alguns anos atrás, descrevendo uma aula de matemática específica que tive com meus filhos pequenos. A transcrição da aula é de 2006. Agora, em 2009, esses mesmos meninos continuam usando os livros da Saxon, raramente fazem perguntas ou precisam de ajuda e continuam rindo em voz alta dos problemas de matemática que resolvem. Meu William, aos treze anos, encontra aplicações práticas constantemente para os problemas que estuda em todo o currículo.

Uma hora real de tarefas de matemática

Gosto dos materiais de matemática da Saxon porque eles inspiram muitas discussões diárias em nossa família, e estas contribuem para o nosso amor ao ensino domiciliar. Os autores desse material se esforçaram para incluir problemas de matemática divertidos e culturalmente variados, assim como aplicações muito sérias e até mesmo patrióticas.

Meu filho William, por exemplo, de dez anos, teve dificuldade com uma palavra que encontrou enquanto resolvia um problema desse material. A palavra era “asno”. Ele perguntou: “O que é isso?”. Eu respondi: “É outro nome para burro”. Então, ele disse: “Existem tantos nomes para burro — jegue, asno...”. Tudo isso lhe proporcionou uma breve aula de sinônimos e uma chance de dizer uma palavra “feia” sem ser repreendido.

Essa conversa causou menos de um minuto de interrupção das nossas atividades. Visto que costumo ficar sentada à mesa com os meninos e escrever enquanto eles fazem as suas tarefas, então, quando tivemos essa pequena conversa, o meu filho David, de oito anos, também estava ouvindo.

Enquanto William continuou fazendo sua lição, David precisou da minha ajuda para desenhar vários triângulos para medir e contar dentro de formas maiores. David adora qualquer material novo de matemática. Os dois meninos se alegram quando encontram novos conceitos matemáticos, ao invés de ficarem apreensivos, porque ambos foram treinados a repetir os mesmos problemas dentro do seu nível de instrução e de níveis inferiores *ad nauseam*. Meu intuito é que eles dominem os conceitos antigos, o que significa rememorá-los com rapidez e facilidade. Quero que os novos conceitos sejam um prazer para os meus alunos. O processo utilizado pelo material da Saxon permite que esse processo aconteça diariamente. David já leu este ano dois livros de matemática adicionais para alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental. Esses livros, que enfatizam os exercícios, o prepararam para ser capaz de concluir o equivalente a cerca de cinco aulas de matemática do material da Saxon por hora, incluindo os intervalos para beijos e abraços.

Ele me perguntou: “O que significa vertical, mesmo?” Eu respondi: “Diga você”. Ele, então, disse: “Para cima e para baixo?”, ao que eu respondi: “Muito bem”, e continuei escrevendo. Depois, ele me interrompeu para ajudá-lo a fazer o

seu primeiro diagrama de Venn. William olhou do seu lado da mesa e exclamou: “Ah, esse é divertido! É fácil!”. Então, ensinei David a fazer o seu primeiro diagrama de Venn. Havia outro diagrama na página seguinte do livro para ele tentar fazer sozinho. Se não conseguisse, eu o ajudaria novamente. Se conseguisse, então eu poderia cobri-lo de elogios... E o veredicto foi: ele conseguiu fazer sozinho e resolver o problema e me deu muitos beijos quando eu disse: “Muito bom!”. Depois disso, David quis pular o resto dos problemas para fazer vários diagramas de Venn, ao que eu o interrompi: “Não, resolva todos os problemas da página”.

Ao fazer isso eu destruí o seu prazer pelos diagramas? Talvez; mas eu já havia elogiado o seu desempenho e dado muitos beijinhos, agora era hora de voltar ao trabalho. É importante que os pais lembrem seus filhos de voltar ao trabalho depois das comemorações. Se eu tivesse de ensiná-lo a fazer o diagrama de Venn novamente no dia seguinte, então isso significaria que o sucesso daquele dia havia sido incorporado apenas em sua memória de curto prazo.

Enquanto isso, William está estudando quase exclusivamente as frações hoje, embora elas sejam apresentadas em uma variedade de formas no material da Saxon. Se alguém olhasse a página de exercícios não perceberia que ali estão apenas exercícios de frações, por causa dos diferentes símbolos, palavras e gráficos presentes na folha. Não parecem exercícios de fração. Ele não é obrigado a trabalhar com um único padrão, exatamente igual sempre; ao contrário, meu filho deve exercitar o seu cérebro de forma constante e aplicar repetitivamente o processo de multiplicação de frações em diferentes contextos e formas. Para aprender, ele processa em voz alta tudo o que parece novo. William me conta o passo a passo que seguiu e os números e respostas. Daí simplesmente continuo escrevendo, sem prestar atenção de verdade. Quando ele para de falar, como se estivesse pensando ou em dúvida sobre alguma coisa, eu paro, olho para ele e ofereço ajuda, pois sei que está tendo alguma dificuldade. Ele não precisa muito da minha ajuda de fato, mas sim de um rosto para conversar enquanto raciocina. Se os meus filhos se sentem confiantes sobre algum conceito matemático, há muitos exercícios para prática no material da Saxon. Se não estão confiantes, elaboro alguns problemas na lousa para resolver com eles. Se isso não for suficiente, pego outro livro de matemática e procuro exercícios semelhantes.

Neste momento, William terminou os seus exercícios do material da Saxon e está corrigindo tudo por conta própria. Ele marca os exercícios que errou para depois fazer de novo. Ontem mesmo ele encontrou uma resposta errada no material. No texto, um divisor e um dividendo foram trocados, então a resposta estava errada. Ele descobriu isso porque não estava conseguindo acertar a resposta, mesmo depois de várias tentativas e me chamou para ajudá-lo. Fiquei confusa por um momento, porque as respostas do livro raramente estão erradas. Nós, então, chamamos o “especialista” — o papai. Foi ele que descobriu onde estava o erro. Era uma resposta de duas partes e as duas respostas estariam corretas se dois números do problema original fossem trocados.

Essa situação revela os variados níveis de compreensão da matemática. William está tentando memorizar e aplicar as regras. Eu consegui encontrar a resposta certa consistente com os dados do texto. Mas o meu marido foi capaz de pensar na intenção do autor e na lição que tentou passar por meio daquele problema para avaliar por que, antes de tudo, o erro ocorreu. William e eu esperamos um dia entender de matemática tão bem quanto o papai.

William está “atrasado” em matemática e, por isso, está estudando o mesmo material pela segunda vez. Ele errou a resposta de muitos exercícios na primeira vez e teve dificuldade para corrigi-los sozinho. Mas, agora, quando errar alguma resposta, ele não sentirá a mesma dificuldade de encontrar o erro. Ele está amadurecendo mentalmente, e não simplesmente tentando encontrar a resposta certa; meu filho está no processo de entender os conceitos. William tem facilidade com as palavras. Matemática é uma língua estrangeira. Portanto, estamos abordando a matemática da maneira mais verbal possível para que ele consiga usar as ferramentas que conhece bem — a análise de palavras e definições — e aplicá-las ao que não conhece tão bem — os padrões matemáticos.

Eu mesma também não tenho uma aptidão natural para padrões matemáticos. Precisão é algo muito difícil para mim, embora eu não cometa tantos erros quando diminuo o ritmo. Dedico-me tanto ao estudo de matemática que as pessoas pensam que tenho facilidade, pois consigo explicar os conceitos básicos de muitas maneiras diferentes. Mas não tenho essa facilidade. Quem tem é o meu marido, pois ele se dedica não só a entender os

conceitos, como também a verificar os cálculos.

David é naturalmente bom em matemática, mas eu não deixo que ele avance rápido demais. Há muitas habilidades básicas a serem praticadas, que vão além de entender os conceitos. David terá permissão para acelerar o seu progresso depois que estiver maduro o suficiente para escrever o passo a passo de cada problema, ficar sentado durante uma hora e conferir seu próprio esforço. Essas são habilidades cruciais que seriam perdidas se eu o deixasse seguir em frente simplesmente porque tem facilidade na matéria. Meu filho continuará tendo facilidade. E eu, como mãe, devo ajudá-lo a desenvolver a disciplina necessária para que ele fortaleça as áreas de que precisa — força que o capacitará a melhorar até mesmo seus pontos fortes! Por isso praticamos repetidamente problemas fáceis, pois essa repetição não é simplesmente revisitar os estudos; o que estamos fazendo é usar problemas de matemática para praticar habilidades de estudo e treinamento do cérebro.

Nossa família também usa o material da Saxon como parte da leitura diária de David. As palavras empregadas nos livros estão acima do seu nível escolar; por exemplo, “oblíquo” e “vertical” não são termos comuns para alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental. Mas, graças a Saxon, lemos algumas palavras novas como essas todos os dias e dominamos o seu significado aplicando-as aos problemas matemáticos.

David também adora os problemas. Ele terminou a sua lição de hoje se aninhando em meu colo e dizendo: “Mãe, olha este problema, que engraçado!”. Era um problema de lógica sobre umas meias esquisitas. Não tinha nada de engraçado, mas, por algum motivo, todas aquelas meias bobas e coloridas divertiram o meu menino de oito anos. Ter dado risada por causa de um problema de matemática me alegrou também.

Meu William, aos treze anos, encontra aplicações práticas constantemente ao longo do currículo enquanto estuda latim, lógica, ciências físicas e história da ciência e, além disso, começou a ganhar um salário. Ele aprendeu a perguntar: “Quem usa essa matemática?”,

ao invés de fazer pergunta mais comum: “Por que eu preciso aprender isso?”.

Meu David, aos dez anos, alegrou meu coração em fevereiro deste ano quando me disse que estudaria o livro de matemática que estava usando desde o início novamente. Ele já estava quase terminando o material, mas sentiu que ainda cometia muitos erros bobos. Visto que estudamos matemática todos os dias, assim como trabalhamos a leitura diariamente, ele consegue concluir alguns livros de matemática por ano. Seu objetivo não é concluir a leitura do livro de matemática. Tampouco é ficar livre dos estudos da matéria. Ele simplesmente decidiu, sem consultar seus pais, que deveria ser bom em matemática.

David precisou fazer diagramas de Venn em sua lição de matemática de hoje, assim como fez três anos atrás. Ele precisou aplicar diagramas de Venn a um conceito de geometria. David então precisou da minha ajuda, mostrando, mais uma vez, que são necessários anos de prática e estudo sobre o mesmo assunto, visto de várias maneiras diferentes até que se tenha domínio sobre ele. Se alguém tivesse me perguntado antes de ontem: “O David sabe usar os diagramas de Venn?”, eu teria respondido que sim, mas, em parte, estaria errada. Eu mesma preciso me lembrar de que ele ainda pensa concretamente — afinal, estamos falando de uma criança. Minha resposta a essa pergunta hipotética deveria ser: “Sim, ele sabe usá-los para resolver os problemas que está acostumado a resolver”. Quando David estiver mais velho e tiver se tornado um pensador mais abstrato, como professora dele terei feito um bom trabalho se puder responder: “Sim, ele consegue aplicar os diagramas de Venn a qualquer tipo de problema”. Por enquanto, preciso ter paciência para esperar que ele desenvolva suas habilidades dialéticas.

A polêmica sobre calculadoras

Há algum tempo, em uma aula de matemática, tive uma aluna que não tinha nenhum problema em admitir que era péssima em matemática e que não se saía tão bem quanto poderia justamente por detestar tanto a matéria. Tanto ela própria quanto seus pais, irmãos e até eu fizemos o possível para ajudá-la em seu desempenho de álgebra durante o Ensino Médio. Ela acabou conseguindo uma bolsa integral para estudar em uma escola particular bastante requisitada que exigia que seus alunos passassem por aulas de álgebra de nível universitário. Eu só pude ouvir os seus gemidos e ver seus olhos revirando quando ela soube da notícia.

Algumas semanas após o início das aulas de matemática, aquela aluna me ligou para contar a seguinte história. Ela havia entregado seus exercícios de gráfico ao professor que logo os devolveu, dizendo que ela havia se esquecido de entregar a via da calculadora. Essa aluna perguntou o que era uma via de calculadora, e ele explicou que era o registro que a calculadora gráfica fazia para mostrar como as respostas haviam sido calculadas. Ela explicou, então, que não tinha uma calculadora gráfica e que havia resolvido todos os problemas e gráficos com lápis e papel. O professor não acreditou que ela havia feito os exercícios sem o uso da calculadora, e depois ela me ligou para contar como estava indignada com aquilo.

Como declarou Kepler, no início deste capítulo, nossa mente foi projetada para compreender a quantidade. Imagine o que esta aluna poderia ter feito se mudasse sua atitude e tentasse, de verdade, gostar de matemática! É bom ter grandes expectativas, mesmo em relação àqueles que afirmam odiar a disciplina, e acreditar que são capazes de aprender, mesmo quando eles mesmos não acreditam nisso. Pois, assim como Kepler, um dia eles talvez vejam que existe harmonia e ordem no universo e que as suas mentes foram criadas e projetadas para avaliar as quantidades que descrevem o mundo natural.

Geografia

De acordo com a pesquisa da *National Geographic*, publicada em maio de 2006, apenas metade dos alunos nos EUA estuda geografia antes de se formar no Ensino Médio e, mesmo entre esses, apenas cerca de um terço dos adultos entre 18 e 24 anos é capaz de localizar em um mapa locais afetados por acontecimentos recentes, como as guerras no Iraque e no Afeganistão ou as enchentes em Nova Orleans e na Indonésia. O relatório da pesquisa tenta fazer as coisas parecerem melhores do que na realidade são, ressaltando repetidamente como algo positivo o fato de que a maioria dos alunos tem acesso a mapas geográficos e a notícias pela internet. Sendo nós educadores clássicos, sabemos que o acesso à informação não aumentou o número de alunos que escolhem dedicar seu tempo em busca desse conhecimento. Pelo contrário, o acesso à informação apenas os levou a passar mais tempo conversando com amigos, e menos tempo se dedicando à leitura de romances, livros de referência e mapas.

O estudo da geografia é, na verdade, uma atividade fácil de tornar divertida e informativa desde cedo, mesmo enquanto se trabalha o básico da disciplina. É uma matéria fácil de ser bem ensinada, pois consegue atrair a mente de todas as idades e com diferentes estilos de aprendizado. No entanto, geografia é outra disciplina negligenciada na educação. Ter uma imagem básica do mapa em nossa mente nos ajuda a formar imagens precisas de conflitos internacionais, a reviver aventuras de heróis históricos, a sentir empatia pelas dificuldades das pessoas afetadas por desastres naturais.

O conhecimento de geografia dá estrutura a histórias reais. Seria bem improvável de se perder na neve do Saara, embora seja possível morrer congelado com o frio que faz nele. É difícil de escalar as Grandes Planícies, mas é necessário que se chegue a determinada altura para aproximar-se delas. É mais fácil de ser caridoso quando se consegue ter alguma empatia pelas condições econômicas ou ecológicas de algum lugar ou de alguém. Também é mais fácil de ser

politicamente inteligente quando ocorrem guerras reais em lugares que consideramos pessoalmente relevantes.

Estou em Patna, Bihar, na Índia enquanto escrevo estas palavras. O que você sabe sobre Patna? Você consegue vê-la num mapa em sua mente, ou precisaria pesquisar a sua localização? Se você é capaz de identificá-la mentalmente, então provavelmente valoriza o fato de que ela já foi a cidade mais populosa do mundo antes de 400 a.C. Se não a conhece, é mais provável que deixe essa informação fascinante passar sem dar muita atenção, pois a sua mente não detém o contexto necessário para admirá-la. Você deveria ser capaz de perguntar: “Sério? Patna fica no meio da Índia, e a Índia é uma península cortada pelo Himalaia. Como tantas pessoas conseguiram chegar até lá?”. Há muitos mistérios interessantes a serem resolvidos por aqueles que conseguem ligar, com precisão, a história com um lugar físico.

Segundo a *National Geographic*, muitos de nós não somos capazes de imaginar com precisão onde está localizado o subcontinente da Índia, muito menos imaginar a localização de um de seus estados historicamente importantes. E, além disso, ainda há inúmeras aldeias, cidades, lagos, rios e montanhas na Índia. Como decidimos sobre quais lugares estudar? A resposta dos dias de hoje seria dizer que há muitos lugares e, portanto, a melhor coisa a fazer é ensinar os alunos a pesquisá-los. Bom, sendo bem sincera, quero, sim, que os meus filhos também desenvolvam a habilidade de usar atlas e globos para pesquisa, mas não dependam desse uso toda vez que encontrarem o nome de um lugar em um livro, filme ou conversa. Essa dependência torna o processo de leitura mais lento, ou os desmotiva a parar e pesquisar sobre o local, fazendo com que percam informações importantes. O conhecimento gera mais curiosidade e interesse.

O primeiro passo para a restauração da educação geográfica é ensinar os alunos a memorizar mapas. Pode parecer algo entediante, até que você se dê conta de como desenhar e colorir pode ser relaxante. Espere, eu realmente disse “desenhar e colorir”? Sim! Os alunos no início de seus estudos em geografia devem começar com a cartografia — a arte de desenhar mapas. Repito, a restauração da educação clássica eficiente “mata dois coelhos com uma cajadada só”. Os alunos podem praticar a cartografia enquanto escutam música clássica ou conversam com outro membro da família que esteja desenhando e memorizando o mapa com eles.

Para alguns, copiar mapas pode parecer simples demais. Não precisamos estudar a cultura, o governo e a religião dos lugares? É

claro que sim, e em algum momento isso será feito, mas ter um bom mapa-múndi armazenado em sua mente facilitará a contextualização de todos esses outros aspectos geográficos mais tarde, conforme forem estudados — e desenhar ou colorir mapas é uma excelente maneira para as crianças darem início a esse processo.

Para outros, copiar mapas parece ser uma resposta difícil demais. Alguns se consideram incapazes de elaborar com precisão um mapa do mundo de cabeça. De fato, uma boa educação exige padrões elevados, mas não sem oferecer aos alunos as ferramentas necessárias para que cumpram o objetivo proposto. Até a década de 1950, todas as crianças desenhavam mapas para estudar geografia. A atual geração de adultos não foi obrigada a elaborar mapas na escola, por isso não conseguimos entender como essa é uma habilidade útil. Muitos pensam também que se trata de uma atividade excessivamente difícil para um aluno do Ensino Fundamental copiar, pacientemente, grandes quantidades de informação. Crescemos na era das copiadoras, então nos esquecemos de que antigamente todos os alunos precisavam copiar mapas geográficos à mão.

Normalmente, os alunos acreditam que estão aprendendo geografia quando preenchem lacunas em branco com os nomes dos lugares em mapas que já estão impressos. Assim é muito fácil! Nenhum esforço mental se faz necessário, então os alunos retêm aquelas informações apenas em sua memória de curto prazo para fazer os testes escolares. Ao contrário disso, desenhar mapas à mão repetidamente desenvolve tantas vias cerebrais diferentes que fica mais fácil se lembrar dos lugares posteriormente.

Então, vejamos por onde começar. Este plano funciona para alunos com pelo menos cinco anos, embora adultos de trinta e três normalmente sejam os que dele mais façam usufruto.

Encontre um bom mapa-múndi em um atlas ou na internet em tamanho A4 e que tenha linhas claras para os principais Paralelos e para os contornos dos sete continentes. (Os cinco Grandes Paralelos são as linhas latitudinais do Círculo Polar Ártico, do Círculo Polar Antártico, do Equador, do Trópico de Câncer e do Trópico de Capricórnio). Mantenha este mapa em mãos durante muito tempo.

O esquema a seguir é um bom ponto de partida para que os grandes paralelos sejam traçados proporcionalmente. O objetivo é fazer um esboço preciso do mapa-múndi no esquema. Nossa família aumentou o tamanho do mapa para A3 e fez cem cópias. Todo esse

trabalho possibilita a prática constante.

Círculo Polar Ártico		
Trópico de Câncer		
Equador		
Trópico de Capricórnio		
Círculo Polar Antártico		

Sei bem que isso não parece uma atividade acadêmica rigorosa, mas prometo que é — especialmente para crianças. Aqui está uma pequena lista com algumas das habilidades que elas estarão trabalhando:

1. Ficar sentadas
2. Segurar o lápis corretamente
3. Desenhar linhas retas sem o uso da régua
4. Dobradura de papel
5. Ouvir boa música
6. Analisar detalhes em um mapa
7. Memorizar os Grandes Paralelos
8. Memorizar os continentes
9. Memorizar os oceanos
10. Passar tempo com a família
11. Alinhar linhas verticais e horizontais
12. Analisar um recurso e copiar informações contidas nele em outro diferente (a folha de papel)
13. Transformar imagens 3-D em 2-D.

Lição 1: classificar os grandes paralelos

Se quiser seguir o modelo clássico e não utilizar copiadoras, você pode fazer o seu próprio esquema para a elaboração do mapa-múndi, seguindo as seguintes instruções:

1. Dobre uma folha de papel A4 ao meio no sentido do seu comprimento e, em seguida, trace uma linha por cima da dobra. Este será o seu Equador.
2. Alinhe o pedaço de papel ao atlas para que o Equador do atlas e o Equador do seu papel formem uma linha longa. Olhando para o atlas, estenda os outros quatro grandes

paralelos em sua folha de papel. Você terá cinco linhas desenhadas em seu papel, proporcionais ao atlas que escolheu usar como referência. Essas linhas são os seus Grandes Paralelos. Classifique-os de cima para baixo, assim como no atlas. Deixo os alunos mais novos classificarem as linhas com abreviações enquanto dizem em voz alta os nomes dos Paralelos. Já os alunos mais velhos devem escrever: Círculo Polar Antártico, Equador, Trópico de Câncer, Trópico de Capricórnio e Círculo Polar Ártico.

3. Desenhe novamente os Grandes Paralelos no verso da folha para praticar um pouco mais e, então, a Lição 1 estará completa. Aprender a desenhar os Grandes Paralelos nos ajudará a preencher o restante do mapa-múndi, já que eles serão os nossos melhores pontos de referência.

Lição 2: praticar a lição 1

Repita a Lição 1 até ficar fácil. Essa é outra maneira de restaurar a educação: ensinar o aluno a fazer algo até que seja capaz de fazê-lo de olhos fechados.

Lição 3: o primeiro meridiano e a linha internacional de data

Desenhe e classifique os Cinco Grandes Paralelos novamente. Essas linhas horizontais são chamadas linhas de latitude (pense em “LADEIRAtude”, pois você pode subir a ladeira do Polo Sul ao Polo Norte). Depois, acrescente a linha de longitude (vertical). Trace uma linha reta no meio da página e escreva Primeiro Meridiano (PM para os alunos mais novos).

Isso só funcionará se o mapa-múndi escolhido por você como referência tiver o Primeiro Meridiano no centro. Esse meridiano atravessa a Inglaterra e a África Ocidental. Se o seu mapa de referência não tiver esse meridiano no centro, você precisará ajustar proporcionalmente o espaçamento dos continentes. Dessa forma, você terá criado o esquema que utilizará para desenhar os continentes.

Existem mapas com a Europa no meio (incluindo o Primeiro Meridiano) e outros mapas que colocam as Américas no meio. Aposto que os asiáticos também têm um mapa com o seu continente no centro. Isso não deveria importar já que o mundo é

uma esfera. Apenas esteja ciente de que o Primeiro Meridiano é uma boa referência de linha longitudinal (linha traçada verticalmente, de cima para baixo). Isso me lembra de outra aptidão que a geografia nos força a praticar: transformar uma forma tridimensional (o globo) em uma forma bidimensional (o mapa).

Se ficar confuso, simplesmente coloque o seu Primeiro Meridiano no mesmo lugar do seu mapa de referência. Entendo que visualizar essas instruções pode ser difícil sem um vídeo. E é justamente por isso que precisamos restaurar a educação clássica. Pensar em coisas difíceis, como traçar linhas em mapas que não estão exatamente onde você imaginou que estariam, nos desanima. Se não prestamos atenção como deveríamos às aulas de geometria, traçar linhas pode parecer algo difícil. Ignore o Primeiro Meridiano por enquanto se ele estiver dificultando — em algum momento você saberá onde colocá-lo.

No lado oposto do mundo está a Linha Internacional de Data. Essa linha imaginária atravessa o Alasca e a Rússia pelo Oceano Pacífico. Se você desenhou um mapa com a Linha Internacional de Data no centro, a Ásia ficará do lado esquerdo e as Américas do lado direito do mapa. Não há nada de errado em fazer um mapa dessa forma, mas como normalmente chamamos de Hemisfério Ocidental, faz mais sentido colocar as Américas no lado ocidental, ou esquerdo do mapa e usar o Primeiro Meridiano como nosso ponto de referência vertical.

Lição 4: aprender é prazeroso

Tudo bem, sei que você é um adulto ocupado, mas acredite em mim: para a Lição 4, reúna a sua família, coloque uma música clássica, ou um audiolivro, pegue vários lápis de cor, muitas folhas de papel em branco e você ficará maravilhado em como isso pode ser divertido. Você pode usar a criatividade e organizar a “festa do mapa” como uma “reunião de tupperware”. As mulheres podem se juntar para desenhar, comer, comprar mapas caros e premiar seus filhos com bandeiras de todos os países ou uma viagem, por exemplo.

Experimente copiar algum mapa, qualquer mapa, sentada em uma varanda durante uma agradável tarde de primavera. Você pode se deleitar na beleza do mundo enquanto o recria com seus alunos. Aprender a aprender é prazeroso.

Lição 5: acrescentando a África

Essa lição é um pouco difícil para crianças mais novas, portanto, nesta etapa, aceitamos o que eu chamo de “desenhos de bolhas continentais”. O objetivo é ajudar os alunos a desenhar os continentes de forma proporcional. Comece pela África, pois o Continente Africano está no centro do mapa e isso o ajudará a desenhar o resto dos continentes de maneira proporcional. Observe o mapa do seu atlas e veja como o contorno do Continente Africano é longo. Ele começa acima ou abaixo do Trópico de Câncer? Ele ultrapassa o Trópico de Capricórnio? Ele se estende mais para o leste do que a Europa? Ou mais para o oeste do que a Europa? Ele alcança a mesma linha da Austrália? Ele é atravessado pelo Primeiro Meridiano? Perguntas como essas, feitas e respondidas em voz alta, ajudarão seus alunos a observarem a posição do Continente Africano no esquema dos Grandes Paralelos. Desenhe, em seguida, uma bolha na sua folha de papel, mostrando onde fica a África no globo. Não precisa ser perfeito. Basta desenhar um esboço geral do continente.

Lição 6: repita a lição 5

Você provavelmente não está feliz com o mapa que desenhou na Lição 5. Assim que desenhou sua bolha, você provavelmente sabia que estava desenhando algo errado. Tudo bem. Desenhe a bolha do contorno da África de novo na mesma folha de papel. Isso que significa praticar. Você jogará o papel fora de qualquer maneira, então desenhe o contorno do continente umas três ou quatro vezes por cima do primeiro rascunho mesmo. Faça o mapa mais uma vez no verso da folha (para evitar o desperdício de papel). Depois, jogue o papel fora.

Lição 7: rascunhos dos continentes

Agora pegue uma folha de papel em branco e desenhe o seu esquema dos Grandes Paralelos. Em seguida, desenhe a sua “bolha da África”. Então, desenhe bolhas que aproximem todos os outros continentes. Lembre-se: o objetivo é apenas visualizar como eles se posicionam um em relação ao outro em seu esquema. Não se preocupe em juntar a Ásia à Europa. Faça apenas uma bolha para cada um desses continentes. Essa parte deve ser fácil, apenas para fazer você prestar atenção na posição dos continentes nos Grandes

Paralelos em relação uns aos outros. A principal habilidade que deve ser aprendida por meio dessa atividade é desenvolver o nosso olhar para que sejamos capazes de observar algo e replicá-lo de maneira proporcional.

Lição 8: classifique os oceanos

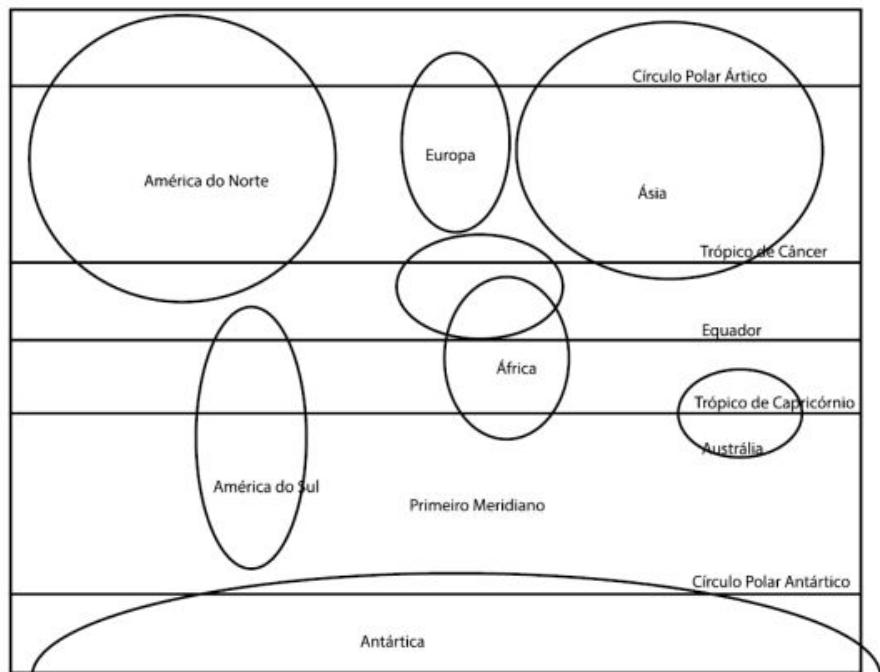
Repita a Lição 7, mas desta vez coloque os nomes dos continentes e dos Oceanos Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico.

Lição 9: aperfeiçoamento

Pratique o desenho do rascunho dos seus continentes até que eles atravessem os Grandes Paralelos de maneira precisa, ou até que você esteja satisfeito.

Lição 10: projeto final

Sem consultar o mapa de referência, desenhe o seu esquema de Grandes Paralelos e os continentes, colocando os nomes deles e dos oceanos da maneira mais organizada possível. Depois, olhe o mapa de referência para corrigir possíveis erros. Repita até obter o resultado desejado. O exemplo a seguir mostra como você pode começar de uma maneira muito simples, e mesmo assim transmitir boas informações básicas. Embora uma criança de cinco anos seja capaz de desenhar essas linhas e círculos, poucos adultos conseguem descrever ou fazer um esboço de onde os continentes se situam em relação aos Grandes Paralelos.

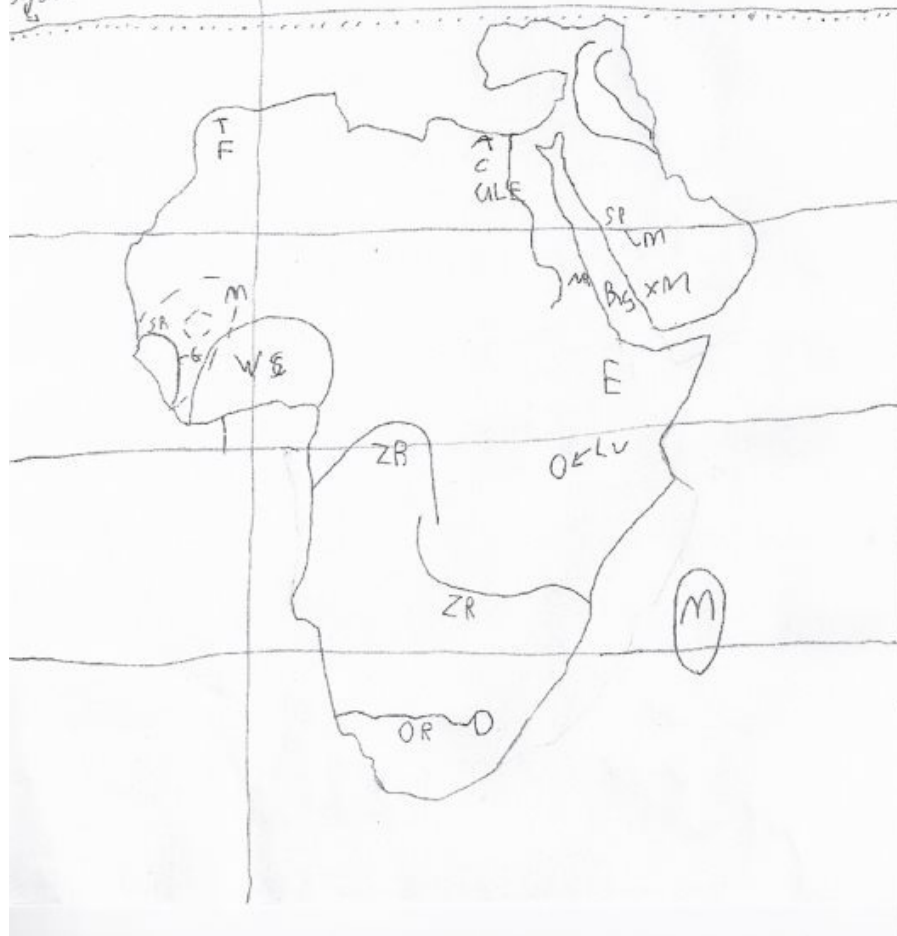


Nós, adultos, não percebemos o valor dessas habilidades porque já as temos absorvidas. As crianças, por sua vez, precisam praticar essa atividade, aparentemente simples, de “olhar” de uma folha de papel a outra, ou de rastrear as informações com os olhos, movendo a cabeça de um lado para o outro. Elas precisam da prática de manter o papel parado enquanto escrevem nele. Elas precisam praticar como se escreve “Antártica”. Por outro lado, quantos adultos você conhece capazes de desenhar um mapa-múndi de forma proporcional ou classificar corretamente os continentes e oceanos?

Essa atividade simples transformará a sua capacidade de ler e pensar, além de aumentar globalmente os seus horizontes. Nunca foi tão importante conhecer o nosso globo quanto atualmente, quando os acordos comerciais globais e as resoluções das Nações Unidas afetam tantos de nós. A maioria não sabe localizar os continentes com precisão, muito menos localizar uma antiga cidade-estado como Bihar, na Índia. E isso não precisa ser assim, especialmente depois de vermos como é fácil desenhar mapas e reconhecer que existem apenas sete continentes — e eles não se moveram nos milhares de anos em que o homem tem feito mapas. Os educadores clássicos desejam capacitar as crianças para que elas se sintam em casa em qualquer lugar do planeta.

A magia dessas pequenas lições está na satisfação que os alunos sentem após copiar pacientemente o mapa. Não é uma atividade difícil, mas de fato leva tempo, principalmente quando atingem o estágio mais avançado, em que o aluno precisa desenhar os mapas com mais detalhes. A seguir, está um exemplo de desenho simples da África, feito por uma criança de oito anos. Observe o seu esquema, os contornos básicos, algumas características físicas e as iniciais que estão incluídas. Levaria tempo para uma criança de oito anos escrever os nomes dos locais, pois são difíceis e novos para ela, além de que as iniciais são suficientes para que ela se lembre dos nomes. Esse aluno está estudando geografia e cartografia. Quando já estiver fácil, poderemos avançar para o estudo da grafia correta dos nomes dos lugares. No início, o principal é que ele decore os nomes desses lugares.

sych



Se você acredita que o mapa-múndi será muito difícil para os seus filhos, observe o exemplo a seguir de um mapa dos EUA desenhado à mão por um menino de dez anos. Ele gosta de desenhar e é bom nisso porque pratica. Esse aluno dedica tempo a isso e faz os mesmos desenhos várias vezes. Na imagem a seguir está um mapa que ele desenhou à mão, copiando de um atlas. Praticando esse desenho uma

vez por dia durante um semestre inteiro, ele começou fazendo apenas os traçados, depois passou a copiar e, por fim, a desenhar à mão livre. Esse mesmo aluno, agora, está praticando os sete continentes e fará isso durante um ano, até que consiga reproduzi-los detalhadamente em um mapa-múndi. Ele avançou bastante desde o estágio dos rascunhos de círculos, mas foi com aqueles esboços que começou a praticar aos cinco anos até chegar ao nível em que está agora. Se ele conseguiu, os seus filhos também conseguirão.



Então, agora que vimos as possibilidades, sigamos em frente. Não me aprofundarei em detalhes para o resto das aulas de geografia, porque você já aprendeu a ferramenta necessária para a memorização do mundo em geral nas dez primeiras lições. Tudo o que você precisa fazer é aplicar essa capacidade de observação das proporções de um mapa original e se lembrar delas ao fazer o contorno do seu mapa em um esquema vazio. Chegará o momento em que você será capaz de fazer isso de forma cada vez mais detalhada em mapas do Brasil, de Portugal, dos Estados Unidos, de países da América do Norte e do Sul, da Europa, da Ásia, ou até das cidades e estados do seu país.

Agora que consegue desenhar as principais características de um mapa, atenha-se aos detalhes de cada continente, um de cada vez. Prefiro começar pela América do Sul. Esse continente tem uma forma

fácil e boa de desenhar e possui apenas treze países. Utilizaremos o mesmo procedimento descrito anteriormente.

Repita esse mesmo processo para cada um dos continentes. Isso pode levar um mês de lições diárias de meia hora para um adolescente, ou sete anos de lições semanais se a criança começar aos cinco anos. O objetivo final é torná-los capazes de desenhar o mundo inteiro de cabeça com, pelo menos, duzentas características rotuladas corretamente.

Quanto mais as crianças desenharem mapas, mais facilidade terão para lembrar de fatos, como, por exemplo, que os elefantes asiáticos têm orelhas menores do que as dos africanos, pois se lembrarão da origem desses animais.

À medida que o aluno for melhorando nos desenhos dos sete continentes do mapa, tenha o costume de perguntar: “Você desenhou todos os lugares possíveis?”. É claro que não, mas aposto que na próxima vez em que ouvir uma notícia sobre guerras ou desastres no sul da Mongólia, ou a oeste do Brasil, um mapa se desdobrará na mente do aluno e ele terá mais facilidade em contextualizar as notícias. Além disso, ao pesquisar lugares desconhecidos, provavelmente será mais fácil se lembrar deles na próxima vez que forem mencionados.

Se, agora, você já está convencido de que seus alunos devem desenhar mapas, eis um plano fácil: desenhe e escreva os nomes dos lugares uma vez por semana. Em outro momento a cada semana, reveja os mapas feitos pelos alunos quando eles eram mais novos.

Educação Infantil: Esquema dos Grandes Paralelos e os Círculos Continentais

Primeiro ano: Austrália

Segundo ano: América do Sul

Terceiro ano: África

Quarto ano: América do Norte

Quinto ano: Europa

Sexto ano: Ásia

Sétimo ano: Mapa-múndi

Oitavo ano: Indonésia e Antártica

1. Encontre um bom mapa de tamanho A4 da América do Sul com os Grandes Paralelos indicados no mapa.
2. Desenhe os Grandes Paralelos que atravessam a América do Sul em sua folha de papel, em formato retangular (com a borda estreita do papel para cima), de modo que correspondam exatamente ao mapa. Agora você tem o seu esquema.
3. Pratique o contorno da América do Sul até que fique o mais preciso possível, de acordo com a sua idade e habilidade manual. Não precisa ser perfeito. Apenas pratique!
4. Assim que tiver um contorno decente, comece a desenhar as fronteiras dos países. Não se esqueça, você está ajudando o seu aluno a “ver” onde os países ficam localizados dentro de seus respectivos continentes ao redor do mundo. Converse com ele sobre onde as fronteiras começam, onde elas se curvam (muitas vezes por causa de rios existentes no local) e onde terminam.
5. Quando estiver satisfeito com as fronteiras desenhadas, insira os nomes dos países.
6. Tente desenhar tudo de cabeça. Corrija quaisquer erros e aprimore seus esboços até que alguém que entenda de geografia possa olhar para o seu mapa e dizer: “Nossa, que bela América do Sul!”.
7. Pesquise em um mapa da América do Sul algumas características específicas, como rios, montanhas, lagos, o que você quiser, e desenhe-os com o máximo de precisão que conseguir.
8. Quando você conseguir desenhar o contorno, os países e dez características deles de memória, pratique olhando para o original, apenas para verificar a sua precisão.

9. Agora, acrescente as capitais dos treze países.

10. Por fim, emoldure o seu melhor desenho da América do Sul.

Para pais e professores que estão preocupados porque os seus filhos são mais velhos, tente fazer um continente por semestre. Se você for adulto ou um aluno do Ensino Médio, tente desenhar um continente a cada duas semanas e terá terminado em um semestre. O mapa-múndi provavelmente não permanecerá dominado durante toda a sua vida, a menos que você se lembre de fazer um esboço dele de vez em quando para revisá-lo. Pense bem: em vez de rabiscar quando estiver entediado, você pode revisar o seu mapa-múndi.

Existem algumas regras básicas para que sua capacidade de esboçar mapas dure uma vida inteira:

1. Nunca utilize mapas prontos de preencher — use exclusivamente a sua mente, um atlas, papel e lápis.
2. Pratique bastante.
3. Não precisa ser perfeito — apenas desenhe até que os continentes possam ser identificados com facilidade. Concentre-se em desenhar corretamente uma linha de cada vez. Se tentar fazer o mapa inteiro de uma vez só, você ficará frustrado.
4. Lembre-se de aproveitar o momento, ouvindo música ou um audiolivro. Levará algum tempo até que você fique bom nos detalhes, então torne esse tempo agradável.

E quanto a todas as outras áreas da geografia que podem ser ensinadas aos alunos, como as religiosas, culturais, ambientais, industriais e econômicas? Quando você tiver as principais características físicas e os limites políticos bem definidos, os demais conceitos serão então devidamente contextualizados. Que, se assim desejar, a localização das religiões mundiais, as indicações sobre colheitas de trigo ou o PIB dos países sejam acréscimos ao seu mapa. O céu é o limite agora que você aprendeu o mais fundamental.

Dominar os fundamentos é crucial para restaurar a educação. Os métodos educacionais modernos desprezam a memorização de conteúdo, já que o aluno pode facilmente pesquisá-lo e, assim, não precisa dominar *nada*. Os alunos não precisam dominar as ferramentas de geografia, matemática, ou de qualquer outra disciplina e, portanto,

ninguém recebe a instrução necessária. O conteúdo decorado é apenas o material que possibilita que as habilidades sejam dominadas. Uma pessoa instruída possui habilidades acadêmicas justamente porque praticou os processos repetidamente, utilizando um conteúdo excelente. Aprender informações valiosas e fundamentais é um grande bônus!

Se você trabalha em uma sala de aula, é bom que tenha um grande mapa-múndi na parede e um bom globo. Utilize essas ferramentas para verificar detalhes geográficos quando aparecerem em outra disciplina. Se o mapa-múndi for grande o bastante, poderá ser utilizado para os exercícios descritos anteriormente. Vários alunos podem se sentar em suas carteiras e olhar o mapa enquanto o copiam em suas folhas de papel. Olhar para cima e para baixo enquanto copia algo muito maior em um espaço menor é difícil para as crianças e exige muita prática. Considero esse processo mais lento do que entregar um mapa para cada aluno copiar, mas talvez seja mais prático no contexto da sala de aula.

Professores em sala de aula podem usar a cópia dos mapas como uma maneira construtiva de entreter aqueles alunos que terminam rápido as suas tarefas e precisam esperar o resto da turma para seguir a aula. Essa é uma ótima forma de ensinar algo a mais aos alunos mais rápidos sem precisar separar tempo só para isso. Na verdade, pense em quanto tempo poderia ser economizado se os professores tivessem conceitos de memorização pendurados nas paredes, para que os alunos pudessem revisá-los quando acabassem suas tarefas mais cedo.

Ou que tal integrar a geografia com as outras disciplinas? Eu mesma não tenho muito tempo disponível para cobrir todas as prioridades acadêmicas com os meus alunos. Com alunos do Ensino Fundamental, eu me preocupo mais em fazê-los dominar o básico do que com a integração de todo o currículo. Mas sempre que há a possibilidade de ensinar algo a mais, eu a aproveito. Portanto, se estamos lendo sobre um novo lugar na aula de literatura, peço aos alunos que façam um desenho rápido de sua localização. Se estou em casa, assistindo à televisão com a minha família e determinado lugar é mencionado, pego um globo para que meus filhos o localizem. Se isso acontece durante um filme, pausamos e pegamos uma enciclopédia. E se eu estivesse em uma sala de aula, certamente incluiria alguns termos geográficos nas tarefas de soletração e ditado.

Comecei a escrever este capítulo pensando nas famílias educadoras e estou terminando pensando nos professores em sala de

aula. De toda forma, gostaria que qualquer adulto que tenha algum contato com crianças dedicasse algumas horas para memorizar o mapa-múndi. Adultos conseguem aprender com rapidez porque já conhecem os contextos. Assistimos a noticiários, dirigimos, viajamos para perto e para longe. Compreendemos o tamanho do mundo. Compreendemos também a diferença entre espaços 3D e 2D. Dedique o tempo que for para aprimorar o seu conhecimento geográfico, para que quando uma criança fizer uma pergunta sobre algum lugar, ela encontre um adulto interessado que saiba a resposta. Pode ser que alguém da família lhe faça uma pergunta sem que você esteja com seu celular ou um mapa por perto. Mostre aos seus filhos como é útil ter um mapa mental. Talvez eles passem a considerar até mesmo normal a familiaridade com o próprio planeta em que vivem!

CAPÍTULO 8

História

Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo.

— George Santayana

É difícil avaliar a análise de um historiador sobre acontecimentos mundiais quando não sabemos os nomes das pessoas, dos lugares ou as datas aos quais ele se refere. Não podemos analisar as causas dos eventos históricos se não soubermos, primeiro, quem agiu, onde e quando, da mesma forma que não podemos analisar as causas de qualquer tema até que tenhamos uma compreensão básica de seus termos e das ideias principais associadas a ele.

Nos capítulos anteriores, mencionei a memorização de uma linha do tempo histórica. Muitas escolas organizam competições em que os alunos ganham prêmios se memorizarem uma linha do tempo dos presidentes, ou uma lista com os nomes dos monarcas de um determinado país, ou das capitais dos estados. Embora esses eventos sejam ótimos para mostrar aos alunos o poder de sua capacidade mental, se os itens não forem revisados regularmente ao longo de muitos anos, logo serão esquecidos. O objetivo dos educadores clássicos é fazer com que as crianças memorizem uma linha do tempo longa por bastante tempo, para que ela permaneça na memória de longo prazo.

Os alunos do grupo *Classical Conversations* estudam a gramática da História de quatro maneiras:

1. Da Educação Infantil ao sétimo ano do Fundamental, memorizando uma linha do tempo com 204 pontos de acontecimentos mundiais e com os nomes dos presidentes.
2. Memorizando seis pequenas histórias, com doze períodos cada, que resumam uma era importante.
3. Lendo diversas narrativas relacionadas à linha do tempo memorizada e aos resumos do ponto 2.

Memorizando uma linha do tempo

Essa é uma tarefa difícil para os pais, mas os filhos conseguem cumpri-la. Quando consegue recitar 204 acontecimentos pela primeira vez, a criança percebe que pode memorizar qualquer coisa. Esse tipo de realização acadêmica empolga as crianças com a alegria verdadeira que resulta de ter feito algo bem e é um crédito da sua inteligência inata. Felizmente, elas gostam de memorizar; se você ler para uma criança com frequência, ela logo perceberá como é bom recitar os nomes de todas aquelas pessoas, lugares e datas diariamente, pois as encontrará em sua leitura (como no ponto 3).

Com a memorização de alguns fatos da linha do tempo a cada semana, levaria cerca de 25 semanas para percorrer a lista inteira. Os primeiros 160 fatos são memorizados 8 de cada vez, uma semana para cada grupo. Oito fatos por semana durante vinte semanas equivalem a 160 fatos. Do fato 161 em diante abordo uma lista dos presidentes dos Estados Unidos. Cantamos os nomes dos presidentes e as crianças levam apenas algumas semanas para decorar a música. Depois, continuamos a revisar a música pelo resto dos seus anos escolares.

A forma mais fácil que conheço para memorizar tantos acontecimentos sem ligação entre si é escrever oito deles em um quadro e recitá-los em ordem. Em seguida, apague um deles e repita todos os oito novamente. Continue fazendo isso até que todos os oito acontecimentos estejam apagados e cada criança consiga dizê-los de cabeça, sem precisar de ajuda visual. Você pode fazer a mesma atividade com uma linha do tempo escrita em cartões de memorização, ou *flashcards*. Trabalhe nos mesmos oito acontecimentos durante toda a semana e, então, reserve alguns minutos de cada dia para revisar o que foi memorizado nas semanas anteriores. Chegará o dia em que você terá memorizado tantos acontecimentos que desejará decorar os oito daquela semana e ainda revisar uma pequena parte do que estudou anteriormente. Eu bem que gostaria de fazer isso parecer mais complicado, mas realmente tudo o que você precisa fazer é repetir a mesma coisa várias vezes. Peço aos meus filhos que recitem a linha do tempo nem que seja para o cachorro quando não houver ninguém para ouvi-los.

Memorizando uma história curta

Encontre doze ideias que estejam vinculadas a uma mesma época. Escreva, por exemplo, uma frase com o seu filho sobre Cristóvão Colombo e acrescente mais dez frases cronológicas sobre os Estados Unidos, terminando com uma décima segunda frase sobre a Guerra ao Terror e vocês terão uma narrativa breve. Para fazer isso, usei um livro de história infantil já esgotado para compor as frases que a nossa família deveria memorizar.

Você mesmo pode encontrar frases de história em inúmeras fontes, mas o *Classical Conversations* disponibiliza as suas frases em: www.classicalconversations.com.

A cada frase memorizada pelo seu filho, faça com que ele utilize uma conjunção simples ou uma locução para juntar a frase memorizada à próxima. “Em 1492, Colombo partiu em busca das Índias, mas em vez disso encontrou um novo continente e, mais tarde, os peregrinos chegaram à Nova Inglaterra a bordo do Mayflower, em 1620”. Nós, por exemplo, escolhemos frases muito mais longas para preencher fatos importantes sobre o Mayflower e Cristóvão Colombo, mas, para começar, as frases podem ser mais curtas, como no exemplo anterior.

Memorizamos duas histórias sobre o mundo antigo, duas sobre a Idade Média e uma história mais longa sobre os Estados Unidos (o equivalente a duas histórias de doze frases). As histórias oferecem aos alunos uma maneira de ligar os detalhes à sua linha do tempo, que é muito mais longa. O objetivo é poder um dia pedir ao seu filho: “Conte a história dos Estados Unidos à vovó” e ele conseguir fazer isso! Um dia, seu filho será capaz de contar à vovó não só a história, mas também recitar os nomes dos presidentes na ordem certa e contar a história das grandes civilizações que vieram antes e promoveram a jornada até a América.

Os pais muitas vezes desejam saber o que mais podem ensinar sobre história no Ensino Fundamental. Memorizar eventos históricos não parece ser suficiente. Ou, ao contrário, lhes parece difícil demais ater-se a tantos acontecimentos por um longo período de tempo. Bom, para mim é este o propósito da memorização da gramática dos principais acontecimentos históricos: sempre que os meus alunos aprendem um fato novo, eles são capazes de dar novas descrições, como: “Isso aconteceu depois da Guerra Civil”, ou: “As histórias do rei Artur me lembram Carlos Magno e Pepino, o Breve”. Os alunos precisam de um contexto sólido para o resto dos seus estudos ao longo da vida. As narrativas esplêndidas da História se tornam mais

significativas quando conseguimos identificar onde e quando elas aconteceram.

Talvez esta seja uma maneira mais simples de perguntar: você, que já é adulto, pode me contar, em ordem cronológica, mais de duzentos acontecimentos históricos e resumir grandes eras da história mundial? Esse, afinal, parece ser um objetivo óbvio dos estudos de história. Os educadores clássicos sabem que as crianças podem tanto conhecer quanto gostar desse campo de conhecimento. Eu diria que quanto mais de história conhecemos, mais da História passamos a admirar.

Memorizando passagens da história

Crianças pequenas aprendem cantigas infantis como uma forma de construir vocabulário, aprender valores morais e desenvolver habilidades básicas de leitura. Elas memorizam com facilidade dezenas de canções, rimas e músicas bobinhas. Os educadores clássicos vão além e incentivam o aluno a memorizar importantes temas históricos (nos EUA, textos como o Juramento à Bandeira Nacional, a Declaração de Direitos, a introdução à Constituição Nacional e o início da Declaração da Independência). Memorize esses documentos importantes com os seus filhos enquanto vocês esperam a consulta ao dentista, por exemplo, ou enquanto esperam a aula de futebol do irmão acabar.

Infelizmente, a maioria dos adultos de hoje não memorizaram cantigas infantis quando crianças, muito menos passagens históricas importantes. Tentemos, portanto, remediar essa situação fazendo isso agora. Duas gerações podem trabalhar juntas memorizando textos leves, como canções de ninar, ou intimidadoras, como *Beowulf*, ou inspiradoras ao nosso espírito cívico, como o Discurso de Gettysburg, de Abraham Lincoln. A frase: “Oitenta e sete anos atrás” me faz lembrar que a Revolução Americana ocorreu oitenta e sete anos antes da Guerra Civil, quando Lincoln escreveu essas famosas palavras. Até a matemática se mete nas conversas clássicas!

Os pais de mentalidade clássica citam autores importantes, como Aristóteles, Austen, C. S. Lewis e Lewis Carroll com tanta frequência que os seus filhos começam a pensar que são parentes que moram em outra cidade. Para as famílias que educam pelo método clássico, Cícero e César são mais que meros “homens brancos mortos” — suas palavras nos alertam que perderemos valores estimados se nos esquecermos do passado.

Não sem frequência é apresentada uma tensão artificial entre o ensino de habilidades básicas e o conteúdo principal. Para os educadores clássicos, ambos são necessários. Embora enfatizemos a prática de habilidades, precisamos de um material excelente para as praticarmos. O educador clássico se esforça ao máximo para garantir que o conteúdo estudado seja de qualidade duradoura. Em um primeiro momento, caso não valorizemos a diligência acadêmica, o domínio do conteúdo principal do modelo clássico pode parecer uma tortura. Porém, chega o dia em que estudar história por meio da literatura escolástica se torna algo natural e passa a ser algo agradável.

Não faz muito tempo que o meu filho que está no Ensino Médio estava preocupado porque teria de memorizar um conteúdo bastante extenso em latim. Nós, então, revisamos o processo de memorização, os fatos que precisavam ser recitados e o prazo que teria para estudar o conteúdo. Ele terminou nossa conversa com um suspiro de alívio e perguntou: “Ah, é só isso?!”. Meu filho se lembra até hoje de quanto precisou estudar e se esforçar. E, embora sua primeira reação quando se depara com conteúdos novos seja de apreensão, ele tem praticado essas habilidades há tanto tempo que, quando compreende o objetivo, a dimensão do conteúdo não o atrapalha mais. Ou seja, quando esse meu filho estiver mais velho, ele finalmente terá confiança em suas habilidades e em seu domínio do conteúdo estudado.

Histórias sobre a história

Não há necessidade de se limitar a uma lista cronológica planejada da literatura histórica mundial. Simplesmente leia o que a sua família quiser ler. A linha do tempo memorizada nos ajuda a reunir os eventos à sua ordem adequada na História. Da mesma forma, ler e discutir literatura nos ajuda a manter a linha do tempo fresca em nossa mente. Analisamos histórias envolventes sobre a História, mas não em detrimento da memorização da linha do tempo. Só depois que os meus alunos se tornam pensadores abstratos que aí mergulhamos, propositalmente, na análise da História.

Argumenta-se que as crianças podem começar a apreciar estudos mais profundos de história desde muito cedo, e eu concordo com isso. Como veremos a seguir, nós nos aprofundamos. Minha preocupação em relação ao Ensino Fundamental de hoje é que ele dedica tanto tempo à análise da História que os alunos chegam ao Ensino Médio sem dominar o básico da disciplina. Afinal, eles se divertiram nos anos

anteriores, explorando história, literatura e ciências, mas não conhecem, de fato, nada sobre essas matérias. O estudo do básico exige tanta prática diligente que, em nossa casa, a parte “divertida” dos estudos é encarada de forma mais informal, e não como resultado de um planejamento para se divertir. Sou uma mãe ocupada e não tenho muito tempo para me dedicar a estudos intensos. O tempo que temos programado para isso precisa ser intencional e rigoroso. Eu mesma preciso ser um exemplo de alguém que ama estudar, se desejo que os meus filhos também amem os estudos.

Quando eram mais novos e entravam de férias das aulas de futebol e esgrima, meus filhos passavam o tempo livre brincando com LEGO enquanto ouviam um dos livros de Susan Wise Bauer, *A História do Mundo* [Filocalia]. Quando estava muito quente para ficar do lado de fora, ouvíamos outros audiolivros. Agora que eles são mais velhos, ouvimos audiolivros durante viagens mais longas de carro, ou à noite enquanto desenhamos um mapa juntos. Gostamos particularmente dos áudios de *A História do Mundo*, de Bauer, porque contam boas histórias. Embora os eventos sejam apresentados cronologicamente e, aos poucos, avancem para níveis de leitura mais difíceis, ouvimos os áudios em ordem aleatória. Os meninos simplesmente escolhem qualquer livro em áudio e então ouvimos. Ainda que as histórias venham em formato de livro e até mesmo incluam manuais do professor com atividades, lá em casa preferimos apenas ouvir a versão em áudio e deixar para ler outros materiais. Já leio bastante para os meus filhos e, por isso, também gosto de ouvir outro adulto ler por mim.

Uma história que gostamos de ouvir foi a da vida de Odisseu, herói da mitologia grega. Já lemos várias versões de Homero e a interpretação de *A História do Mundo* gerou conversas sobre outras versões que havíamos lido. Quando estávamos ouvindo sobre o mistério das cidadelas ao longo do rio Indo (uma história sobre a Índia antiga), comentamos sobre como poderíamos perguntar mais a esse respeito ao nosso amigo indiano quando ele viesse nos visitar. Quando a narradora pronunciou “micênico”, ela o fez com um sotaque diferente do nosso. Fiquei me perguntando quem estaria certo. Será que a civilização micênica segue a mesma pronúncia dos gregos modernos? Pronunciamos essa palavra de forma correta? Quando pesquisamos sobre a pronúncia de “*Amenhotep*”, outro nome incomum, encontramos quatro pronúncias diferentes, pois ninguém sabe qual das sílabas deve ser enfatizada.

Os meninos estavam trabalhando juntos e se ajudando na

construção de um helicóptero de brinquedo enquanto o áudio do *A História do Mundo* falava sobre a virtude entre os gregos, e foi então que aproveitei aquele momento para destacar que eles estavam demonstrando as mesmas virtudes de bondade que os gregos tanto prezavam. Quando eles brigam, eu os lembro de Aquiles e Agamenon. Quando ouvimos a história do nascimento de Ciro, discutimos sobre como a infância dele foi parecida com a história da Branca de Neve.

Essas pesquisas aparentemente aleatórias e tentativas de discussões surgiram graças às histórias dos audiolivros. Esforce-se para iniciar e identificar momentos propícios para aprender. Esse aprendizado significa deixar qualquer coisa que estejamos fazendo no momento para procurar a resposta a uma pergunta, ou tentar entender o que podemos aprender com algo que acabou de acontecer. Tenha em mente o seguinte: no momento exato da dúvida, crianças tendem a prestar mais atenção. Um dos principais benefícios do ensino domiciliar é a capacidade que temos de responder às perguntas de cada aluno e estimular a sua curiosidade, já que são poucos no mesmo ambiente.

Minha família não se debruça sobre a História com livros didáticos, a menos que os próprios alunos escolham utilizá-los. Para o Ensino Médio, lemos artigos de instituições políticas ou de liderança, reescrevemos documentos históricos com nossas próprias palavras, analisamos os discursos mais importantes e estudamos livros de economia. Assistimos no YouTube ao famoso discurso “Eu Tenho um Sonho”, proferido por Martin Luther King Jr. em frente ao Memorial Lincoln, e aprendemos sobre o sacrifício de Leônidas, o rei de Esparta, no Discovery Channel. Assistimos à ópera para ouvir “La Traviata”, de Verdi, reescrevemos os sermões de puritanos famosos como Increase Mather e Cotton Mather e, praticando nossas habilidades dialéticas e retóricas, debatemos sobre as políticas de comércio. O discernimento abstrato virá se as habilidades de gramática estiverem consolidadas.

Usei a série *A História do Mundo* como exemplo de integração das histórias com situações da vida real, mas é claro que existem muitos outros livros interessantes sobre história. Leia os vencedores da Medalha Newbery, os Dover Classics e até mesmo versões resumidas da história em livros ilustrados. Gostamos muito das histórias em quadrinhos de Hergé, em sua famosa série *As Aventuras de Tintim*. E, mesmo para o Ensino Médio, gostamos bastante da série *Adventures in Odyssey* [Aventuras pela Odisseia], do ministério *Focus on the Family*. Você nunca sabe onde vai parar quando começa um dos livros. Por mais piegas que possa parecer, esses livros incluem histórias muito

boas que fazem a História ganhar vida.

Os pais costumam carregar muita culpa. Queremos proporcionar tudo para os nossos filhos, mas muitas vezes deixamos passar o que é melhor para eles. Sim, sei que os meus filhos memorizaram quase trezentos acontecimentos históricos e centenas de localizações geográficas. E como eu sei isso? Porque eles falam naturalmente sobre esses temas. Essa é uma área em que tenho confiança de que eles receberam a melhor educação possível quando novos, mesmo tendo pais bastante ocupados.

Escrevendo sobre a história

Após adquirir o hábito de memorizar linhas do tempo e de ler sobre história, é hora de desenvolver o hábito de escrever a seu respeito. Hábito é aquilo que fazemos regularmente. Memorizar, ler e escrever sobre história devem ser os hábitos de um estudioso desse campo de conhecimento. Como expliquei acerca da escrita no Capítulo 5, o educador clássico está mais preocupado com que os alunos, desde novos, aprendam a imitar bons autores de história, copiando suas obras, do que escrevam textos criativos e originais. Chegará o tempo da originalidade.

Na seguinte passagem, extraída da *Autobiografia de Benjamin Franklin*, o Pai Fundador descreve como ele aprendeu a escrever:

Mais ou menos nessa época, encontrei um volume ímpar do *Spectator*. Era o terceiro. Eu jamais vira algum deles. Comprei-o, li-o várias vezes e nele tive deleite. Considerei a escrita excelente e desejei, fosse possível, imitá-la. Com essa visão, peguei alguns artigos e comecei a fazer breves observações sobre os conceitos gerais de cada período, deixava-os de lado por alguns dias e, depois, sem consultar o texto, tentava reescrevê-los, expressando cada conceito destacado, desenvolvendo-os com a mesma composição extensa e sólida, com quaisquer palavras adequadas que viessem à minha mente. Depois, comparava o meu texto ao original, identificava alguns erros e os corrigia.

Algumas vezes também misturava as minhas observações do texto, criando algo confuso, que, depois de algumas semanas, precisava ser reduzido em tamanho e ordenado antes que eu pudesse formar períodos completos e terminar o artigo. Eu assim procedia para aprender o método de organização dos pensamentos. Ao comparar, posteriormente, o meu trabalho com o original, encontrava erros insistentes e os corrigia; mas, às vezes, tinha o prazer de crer que, em certos detalhes de pequena importância, eu tivera a sorte de aprimorar o método ou a linguagem e isso me encorajava a imaginar que, com o tempo, poderia vir a ser um escritor tolerável, o que era, de fato, a minha grande ambição.

Este mesmo método é descrito por Jean Lee Latham, em sua biografia de Nathaniel Bowditch, antigo matemático americano, e a arte de imitar a escrita é frequentemente mencionada na literatura infantil sobre as escolas situadas antes da década de 1950. Dorothy

Sayers, em seu famoso ensaio *As Ferramentas Perdidas da Educação* (mencionado em capítulos anteriores), descreveu a arte de escrever com as seguintes palavras:

Em algumas atividades de artes e artesanato, exigimos que a criança “se expresse” por meio da pintura antes de ensiná-la a manusear as tintas e o pincel. Há uma escola de pensamento que acredita ser esta a maneira certa de iniciar o trabalho. Mas observe: não é dessa maneira que um artesão ou artista aprende algo novo. Ele, tendo aprendido por meio da própria experiência — a melhor forma de economizar esforço e alcançar o fim desejado — começará rabiscando qualquer coisa em um material, a fim de “sentir o toque do material”.

Antes de pedirmos aos nossos alunos que elaborem um relatório de história ou um artigo analítico, precisamos dar-lhes o tempo necessário para praticar as ferramentas da escrita. O educador clássico, portanto, dedica tempo considerável praticando com seus alunos as técnicas da escrita e copiando os textos de grandes historiadores. Depois de praticar as ferramentas da escrita, ensinamos o aluno a anotar as palavras-chave de passagens curtas da história. Então, exatamente como Benjamin Franklin explicou, eles recontam a mesma passagem com suas próprias palavras, utilizando as palavras-chave apenas no intuito de despertar a memória para a mensagem do autor.

O educador clássico aproveita a oportunidade para explicar aos alunos sobre a arte de elaboração dos parágrafos durante suas discussões tratando das cópias de passagens famosas. O aluno então copia frases para aprender mecanismos e parágrafos a fim de aprender a arte de imitar grandes ideias no papel. Durante a última revisão do parágrafo, volte a atenção dos alunos à correção dos erros gramaticais, de ortografia e de pontuação de cada período.

A cópia de parágrafos que abordam eventos históricos não só ensinará o aluno a organizar seus pensamentos de maneira ordenada, como propôs Franklin, mas também o ensinará um pouco de história. Se já tiver memorizado uma linha do tempo, o aluno aprenderá ainda mais sobre a história quando copiar os textos de grandes autores. Tendo isso em mente, o educador clássico se concentra em instruir as crianças nas artes da memorização, leitura e cópia de passagens da história até que tenham idade suficiente para reescrever essas passagens de cabeça, sem precisar consultar o texto original. A prática intencional dessas habilidades básicas permitirá que os seus alunos desenvolvam um princípio de conhecimento histórico ao qual recorrer quando adultos. Conforme envelhecem, os alunos vão conseguindo aplicar, com competência, o conhecimento retido de história a contextos mais amplos e expressar de forma mais articulada sua

análise sobre a relevância histórica em suas próprias vidas.

Alunos apresentando o aprendizado de história

Os alunos no estágio da gramática que estudaram pelo modelo clássico de educação desenvolvem competência em história por meio de:

1. Jogos e competições que facilitem a memorização de linhas do tempo e textos de história,
2. Ler e escutar eventos e narrativas,
3. Cópia das melhores narrativas históricas e
4. Prática das habilidades de apresentação, contando o que aprenderam a outras pessoas (como contar à vovó sobre a história dos EUA, conforme mencionado anteriormente).

Durante o estágio da gramática, não se considera importante escrever e apresentar trabalhos. No entanto, uma vez que a linha do tempo esteja bem trabalhada, assim como as práticas de leitura e cópia, aconselho que os alunos escrevam e apresentem um texto por semana à sua família, ou sala de aula, para praticar a memória. Antes que você comece a se preocupar por ter que acrescentar mais uma atividade à sua rotina, deixe-me mostrar como essa atividade pode acontecer naturalmente.

Desde a idade da Educação Infantil até o segundo ano do Ensino Fundamental, deixe que a criança faça pequenas apresentações em que conte algo que aconteceu ou mostre um presente que ganhou no Natal.

Quando estiverem no terceiro ou no quarto ano, deixe que os alunos apresentem uma pequena passagem da literatura histórica de que tenham gostado.

Do quinto ao sexto ano, peça de vez em quando cinco frases que exijam a reescrita de uma passagem de história de sua escolha. Contudo, permita também que os seus filhos tenham a liberdade de apresentar parágrafos originais contando sobre aquilo de que gostam. Se ainda não gostarem de escrever com essa idade, deixe-os apresentar seus parágrafos copiados ou reescritos.

Muitos adultos têm medo de falar em público. Alunos educados pelo modelo clássico devem praticar apresentações regularmente, para que cresçam com menos medo de expressar de forma inteligente suas

ideias publicamente. O foco dessas apresentações não deve ser o material apresentado, mas o desenvolvimento da confiança e da atitude da criança. Ao longo do Ensino Fundamental, faça com que os alunos sejam capazes de realizar uma apresentação de três minutos. A parte mais difícil provavelmente será fazê-los *terminar* a apresentação, e não dar início. Dedicando-se a apresentações breves e regulares, seu filho não só domina os principais recursos usados na educação clássica como adquire muito mais a dizer do que apenas três minutos permitem.

A criança deve ficar diante do seu público, olhar para cada pessoa presente, apresentar-se, fazer sua exposição e, então, perguntar se alguém tem alguma dúvida. Esse método pode ser praticado enquanto a criança fala sobre o seu brinquedo preferido, lê uma passagem de algum discurso político ou recita um poema. O público pode ser formado pela família, amigos da igreja, a comunidade de alunos do modelo clássico ou os brinquedos e bichinhos de pelúcia enfileirados na cama.

Se você não começou a educação dos seus filhos seguindo o modelo clássico, faça com que a partir de agora eles sigam o cronograma apresentado anteriormente, mas avancem mais rapidamente pelos estágios anteriores. Certifique-se, porém, de não apressar o processo de cópia e reescrita de parágrafos. Se o próprio Benjamin Franklin precisou praticá-lo quando adulto, quanto mais nossos filhos se beneficiarão dessa prática. É claro que os alunos podem usar o tempo da apresentação para compartilhar o que sabem sobre os acontecimentos atuais, livros, ciências ou qualquer outro assunto. Se fizerem de vinte a trinta apresentações de três minutos por ano durante seis ou sete anos, os alunos terão tempo suficiente para cobrir uma miríade de temas, alguns propostos pelo cronograma e outros de seu próprio interesse. As habilidades de apresentação também devem ser praticadas até serem dominadas (ter boa postura enquanto se apresenta, sorrir, manter contato visual com o público, etc.).

Quando estiverem no Ensino Médio, nossos filhos terão de se concentrar em compreender e explicar as grandes ideias que foram importantes ao longo da história humana. Eles devem ser capazes de falar com confiança e olhar nos olhos do público.

Ensinando história a alunos de várias idades

Um dos aspectos difíceis da educação domiciliar é incluir todos os

seus filhos no maior número possível de matérias. Essa inclusão pode parecer ainda mais difícil com o modelo clássico, porque ele enfatiza as competências, não o conteúdo. Alunos de todas as idades podem ouvir uma história sobre Júlio César, porém alguns são novos demais para escrever uma redação acerca do político romano. Até os pais que estão acostumados a fazer verdadeiros malabarismos para conciliar tudo podem se sentir sobrecarregados.

Uma das maneiras que aprendi para lidar com o paradigma educacional contemporâneo — que espera que uma mãe estude seis livros didáticos com quatro filhos, e todos diferentes para cada filho, totalizando 24 disciplinas (caramba!) — foi lembrar que há apenas três competências a serem trabalhadas: gramática, dialética e retórica. Enquanto as crianças ainda são pequenas, preciso me concentrar em suas habilidades gramaticais, embora a dialética e a retórica sejam mais divertidas para todos. Eu mesma, então, precisei me esforçar bastante para reaprender o básico descrito nestes capítulos, desistir de me sentir culpada por estarmos, possivelmente, negligenciando algo até, então, conseguir me alegrar com as nossas agradáveis discussões que exigiam níveis mais elevados de inteligência. Agora que meus quatro filhos chegaram ao estágio dialético e retórico do Ensino Médio, os dois que foram educados pelo modelo clássico desde que nasceram estão muito mais avançados do que as minhas duas primeiras “cobaias” estavam quando tinham a mesma idade, e eles simplesmente não precisam da minha ajuda com frequência.

Em outras palavras, esforçamo-nos muito para memorizar regras, fatos e ideias concretas enquanto praticamos a leitura, a escrita e a aritmética. Treinar o cérebro é fundamental. Os educadores clássicos também dedicam muito tempo às artes, de modo que os esportes, a música e o desenho estão incluídos a fim de treinar as habilidades motoras finas do corpo. História e ciências não são disciplinas que simplesmente “estudamos” durante o período da gramática em nossa educação domiciliar. Em vez disso, lemos, escrevemos e elaboramos conceitos sobre história e ciências. Até mesmo as habilidades básicas de leitura e escrita foram simplificadas para que as crianças pudessem se divertir durante suas tarefas de leitura e cópia de autores famosos.

O tempo com meus filhos pequenos era dedicado na maior parte para ensinar autocontrole e obediência, a fim de capacitá-los, tanto física quanto emocionalmente, a seguir minhas instruções. Foi uma tarefa árdua. Mas eu os capacitava ao exigir que eles fizessem coisas difíceis por um breve período de tempo quando ainda eram novos para, então, aumentar gradualmente o tempo e a quantidade das

atividades conforme cresciam. Praticando o básico repetidas vezes, meus filhos precisavam cada vez menos da minha ajuda ao se deparar com conteúdos difíceis.

Alguns pais podem desaprovar a ideia de ensinar os filhos a nos obedecerem, como se fossem cachorros, em vez de serem pessoas sensíveis com ideias próprias. Pode ser difícil de acreditar, mas ensinar a obediência e exigir trabalho rigoroso dos meus filhos, na verdade, os ajudou a se tornarem mais independentes de mim. Agora que são adolescentes, eles não precisam mais me obedecer porque são capazes de fazer escolhas com confiança e atingir o sucesso sem que eu precise controlá-los. Além disso, meu marido sempre teve expectativas ainda mais elevadas em relação aos nossos filhos, e agora que já são rapazes, eles o procuram para receber conselhos e orientação. Quando comecei a estudar sobre o modelo clássico de educação e o ensino domiciliar, li um livro chamado *Hints on Child Training* [“Conselhos na Educação dos Filhos”], que me ofendeu por sua severidade em relação às crianças. (Ele foi publicado originalmente em 1890, escrito por Henry Clay Trumbull, um clérigo americano e pioneiro do movimento da escola dominical). Meu desejo era que o nosso lar fosse prazeroso. Queria ter grandes experiências com os meus filhos. Contudo, quando terminei a leitura do livro, comecei a reconhecer o enorme amor que o autor tinha pelos próprios filhos e que a pior coisa que eu poderia fazer era abandonar os meus.

Aqui está um exemplo simplista que mostra como o modelo clássico funciona em qualquer área. Em vez de passar meus anos de maternidade gritando, cheia de frustração: “Fechem a porta!”, treinei os meus filhos a fecharem a porta da frente de casa. Quando alguma porta deixada entreaberta despertava a ira em mim, chamava os meninos e os fazia abrir e fechar a porta várias vezes seguidas. Eu dizia: “Nós teremos aulas sobre como abrir e fechar as portas até que vocês se lembrem de fechá-las sozinhos”. Agimos dessa forma apenas algumas vezes no período de um ano — ainda que eu fosse obrigada a ficar parada ao lado deles enquanto abriam e fechavam a porta corretamente, esse método nos proporcionou uma vida inteira de paz e menos insetos dentro de casa!

Portanto, embora queiramos que os nossos filhos gostem de história, se dedicarmos tempo para ensiná-los as pequenas coisas que tornam possível o estudo de história, como ler e escrever bem, teremos muito mais paz em nossa família. Não preciso me preocupar com as provas de história ou de vestibular. Testemunho meus filhos encontrando oportunidades de emprego, trabalhando em campanhas

políticas e participando de serviços comunitários. Todas essas atividades nos dão a oportunidade de contribuir positivamente para a história da humanidade — ao menos localmente — e não nos deixam esquecer e repetir seus erros.

CAPÍTULO 9

Ciências

Sofremos não pela falta de deslumbramento, mas pela falta de capacidade de nos deslumbrarmos.

— G. K. Chesterton

Os educadores clássicos ajudam os alunos a identificar princípios científicos ao:

- Estimular a curiosidade desenvolvendo sua capacidade de observação;
- Definir e classificar termos que descrevam o universo;
- Realizar experimentos e demonstrações para o estudo de causa e efeito;
- Apresentar as ideias de cientistas influentes.

Se a observação, definição, experimentação e apresentação forem praticadas durante o Ensino Fundamental, no estágio da gramática, os alunos, quando chegarem ao estágio da retórica, serão capazes de desfrutar de discussões tanto sobre as teorias abstratas quanto sobre as aplicações práticas da ciência. Entender as ciências clássicas permite que cada um de nós aprecie a beleza e a harmonia do cosmo e nos capacita a participar do processo investigativo.

Aprendendo a observar o nosso mundo

Quanto mais me aprofundo no modelo clássico, mais percebo que o seu principal objetivo é ensinar o aluno, desde cedo, a observar atentamente a realidade e a utilizar todos os seus sentidos no ato de desvendar as estruturas do mundo.

Minha família gosta de procurar dentes de tubarão quando vamos a alguma praia. É comum encontrar dentes de tubarão na Costa Leste dos EUA e, para quem já os conhece, são de fácil identificação. Também gostamos de ajudar pessoas que estão na praia a procurá-los.

Depois que se encontra o primeiro dente, fica fácil encontrar vários outros espalhados pela areia — e isso nos faz imaginar por que não os vimos antes. Assim como acontece com dentes de tubarão, costumamos deixar muitos aspectos interessantes da natureza passarem despercebidos.

O mesmo acontece com constelações e planetas. Essas realidades da natureza estão acima de nós todas as noites, esperando por nossa contemplação e deslumbramento, mas a maioria parece ser incapaz de identificar objetos espaciais, ou sequer notar que o céu está ali. Temos uma amiga que se interessa muito por astronomia e nos liga sempre que há algo incomum no céu. Ela nos diz se devemos olhar na direção norte ou sul, a que altura do horizonte e que horas o objeto aparecerá. Graças ao seu incentivo, hoje conseguimos identificar muitas das principais características ao norte do céu e estamos mais confiantes em nossos estudos de astronomia. Felizmente, para nos tornarmos bons observadores das características astronômicas, precisamos nos sentar do lado de fora durante a noite. Fogueiras, marshmallows assados e lanternas são partes importantes das aulas de astronomia.

Os estudos de ciências oferecem a oportunidade perfeita para ensinarmos os nossos filhos a “enxergar”. Um dia, desejaremos que eles sejam capazes de enxergar injustiças, ou as necessidades da nossa comunidade em geral e que saibam que podem encontrar soluções, em vez de passar por esses problemas como uma criança passa por uma camisa suja jogada no chão. Portanto, por mais que pareça algo ocioso deitar no gramado para observar e identificar as formações das nuvens ou os formatos de animais com que elas se parecem, essa é, na verdade, uma maneira prazerosa de ensinar a arte da observação e de exercitar a imaginação.

Também devemos ensinar nossos filhos a observar com os outros sentidos. Sentar-se ao ar livre com os olhos fechados e tentar identificar o som de um riacho próximo, de uma coruja ou de cigarras ajuda a desenvolver as habilidades de identificação auditiva. Uma criança que consegue ouvir música clássica e identificar os diversos instrumentos usados desenvolve uma capacidade mais refinada para perceber os diferentes sons emitidos por um sotaque estrangeiro ou pelo canto de um pássaro. Essas crianças também aprendem a ouvir seus pais e professores. Aprender a ouvir também os possibilitará perguntar um dia sobre o efeito Doppler (o som alongado que ouvimos quando um carro passa por outro, por exemplo), ou por que cachorros e crianças pequenas conseguem ouvir uma gama mais ampla de sons do que os adultos. Ouvir inspira curiosidade. Pais costumam ficar

felizes quando seus filhos observam algo de especial em coisas ordinárias. Nosso desejo é que nossos filhos tenham sentidos curiosos e observadores. Procure, portanto, oportunidades para ficar em silêncio com sua família. Talvez você se surpreenda com o som dos batimentos cardíacos, caminhões distantes, ventiladores ligados e aviões voando.

Fatos científicos

Obviamente, é impossível memorizar todos os fatos da ciência, por isso é importante escolher os fatos fundamentais que farão parte das principais discussões dentro das categorias científicas mais amplas e memorizá-los por bastante tempo. Em vez de memorizar uma lista de fatos, como fazemos nos estudos de história, alterei um pouco o formato, transformando cada fato científico em uma pergunta e uma resposta a serem decoradas. Cientistas precisam aprender a fazer perguntas, então esta parece ser uma maneira apropriada para memorizar dados e desenvolver a curiosidade. Os meus alunos, por exemplo, memorizam: “Como são classificados os vulcões quanto à sua atividade? Ativo, intermitente, dormente e extinto”. Esse método é semelhante aos antigos catecismos utilizados nas escolas de Alexandria durante os primeiros três séculos da era cristã. O termo “catecismo” é geralmente associado ao ensino religioso, porém é, na verdade, um método clássico de memorização de qualquer tema, no qual uma fórmula de perguntas e respostas é usada para ensinar precisão nas respostas.

Minha família e eu memorizamos um fato científico por semana, e depois decidimos se queremos escrever um parágrafo a seu respeito, ler um livro sobre o tema proposto ou assistir a um filme que o aborde. Não dedicamos muito tempo a atividades planejadas de ciências, porque os alunos precisam de tempo para sair de casa e explorar a natureza por conta própria. Ao longo de três anos, memorizamos 72 fatos (24 por ano), e depois damos continuidade à prática de fazer perguntas e respostas durante os anos letivos.

Jogos são uma forma bastante divertida de praticar essas perguntas e respostas! Quando jogamos, nossa família atribui pontos a cada pergunta e os alunos escolhem uma categoria. Por exemplo, um dos meus filhos pode dizer: “Biologia por 200 pontos”, e então pergunto: “Quais são os cinco reinos dos seres vivos?”. Se a criança não responder corretamente: “Os cinco reinos dos seres vivos são: Monera, Protista, Fungi, Plantae e Animalia”, um dos seus irmãos ou o pai pode tentar responder. Se os outros membros da família forem

muito mais velhos podem brincar sem valer pontos, só para praticar. Também jogamos em nossos encontros semanais com outras famílias; competimos com vários jogadores que estão tentando memorizar as mesmas respostas.

Quando dou uma ideia como esta, não estou sugerindo que você tente formalizar um jogo de verdade, pois estruturá-lo e organizá-lo consumiria tempo demais, em vez de simplesmente jogar com a sua família. Apenas peça para algum membro da família escrever as perguntas em um papel e contar os pontos, enquanto outro faz as perguntas e os jogadores escolhem as categorias dos seus estudos de ciências. Como decidir quantos pontos vale cada pergunta? Apenas faça as perguntas, registre a pontuação de cada jogador e siga para a próxima. Deixe que os próprios alunos decidam por quantos pontos querem jogar, como, por exemplo: “Astronomia por dez mil pontos”. Não importa quantos pontos, simplesmente divirtam-se enquanto aprendem e memorizam a matéria. Exercitar o conhecimento e praticá-lo se torna algo mais divertido durante o horário escolar quando se sabe que alguém será o vencedor de um jogo no fim do dia.

Quando começam a ver a facilidade que seus filhos têm para memorizar, os pais então sentem ainda mais vontade de acrescentar outros conteúdos. Contudo, prossiga com cautela. Se você acrescentar material demais e não for capaz de revisá-lo sistematicamente, então estará trabalhando apenas a memória de curto prazo dos seus filhos. Escolha fatos científicos importantes que permanecerão na memória deles por toda a vida.

Da Educação Infantil até o sexto ano do Ensino Fundamental, memorizamos 72 fatos. O trabalho de memorização pode ser feito usando folhas de papel, cartões, audiolivros e até mesmo jogos de computador. Escolha qualquer ferramenta de sua preferência; apenas incentive seus filhos a memorizar as perguntas e respostas de ciências. Você é livre para desenvolver sua própria lista de fatos científicos, ou comprar algum material pronto.

Em nossa casa, memorizamos perguntas e respostas das seguintes categorias:

- **Biologia:** classificações e características dos seres vivos. Embora as classificações modernas estejam sendo substituídas por classificações de DNA, elas ainda são úteis para o reconhecimento das características básicas das espécies. A pessoa consegue ver e categorizar com facilidade penas e escamas; mas não conseguimos ver as estruturas do DNA.
- **Geociência:** atmosfera, oceanos, formas de relevo e vulcões. As camadas e os atributos

básicos do nosso planeta já estão definidos, embora ainda sejam misteriosos o suficiente para suscitar curiosidades e perguntas.

- **Ciência Ambiental:** biomas, cadeias alimentares e poluição. A geociência estuda a interação do que existe na terra. Com toda a preocupação atual com o meio ambiente, considero importante que os meus filhos sejam realmente capazes de definir o que é “ozônio” e outros termos ambientais atuais.
- **Astronomia:** missão espacial, grandes corpos celestes. As missões Apollo terminaram há muito tempo, mas o avanço nas pesquisas espaciais continua dependendo de suas realizações. Os principais projetos espaciais e as galáxias incríveis que eles revelam formam o vocabulário básico para os nossos estudos de astronomia.
- **Ciências Físicas:** estados da matéria e leis do movimento e da termodinâmica. Seja Newton, seja Einstein, suas definições dos estados da matéria e das leis do movimento estabelecem a base para os estudos tridimensionais e quânticos.
- **Química:** os primeiros vinte elementos da tabela periódica, incluindo o nome e o peso atômico de cada elemento químico. Os elementos da tabela periódica determinam os ingredientes utilizados para preparar uma refeição, a análise da composição das estrelas e as controvérsias sobre a fertilidade. A tabela periódica não é alterada com frequência, é pequena, revela a ordem do universo e oferece o vocabulário básico do porquê algumas coisas se unem ou não — por que, então, não memorizar a tabela periódica?
- **Origens:** ideias como catastrofismo, rápido declínio do campo magnético da Terra e teoria da grande unificação podem não estar presentes em seu vocabulário diário, mas são termos que influenciam fortemente os líderes científicos e as pesquisas que os financiarão. Meu intuito é que os meus filhos fiquem de orelha em pé ao ouvirem esse vocabulário nos noticiários.

Diversão na definição de termos

Os educadores clássicos começam ensinando o aluno ainda criança a definir termos. Talvez você esteja com a impressão de que a melhor coisa que os pais podem fazer para educar seus filhos pequenos é dedicar tempo para ensiná-los a dar nome às coisas. E é isso mesmo! Já disse e repito: o modelo de educação clássica é simples. Os pais só precisam definir uma gama cada vez maior de vocabulário à medida que aprendem sobre novos assuntos com seus filhos. Identificar, descrever e discutir curiosidades nos aproxima como família.

Observe o que nomear as coisas pode fazer quando estiver dando um passeio em família. Quando uma criatura cruza o seu caminho, você pode simplesmente pensar “pássaro”, ou pode observar as suas características e identificar “martim-pescador”, “garça”, ou “andorinha” enquanto ele passa voando por vocês. Ser capaz de identificar um pássaro pela sua cor, tamanho ou estrutura do bico lhe permite prender a atenção do seu filho, dizendo: “Veja! Um pica-pau voando para o ninho naquela árvore!”. Da mesma forma, todos nós já vimos estrelas, mas uma caminhada noturna ganha vida com comentários, como: “Acho que estou vendo um avião voando próximo ao cinturão de Órion”, ou: “Vênus não parece maior esta noite?”. Nos

sentimos mais íntimos da criação quando somos capazes de dar nome a ela. Caso contrário, a natureza muitas vezes torna-se invisível e deixamos passar as oportunidades de apreciar a ciência em nossa vida diária.

O estudo da ciência é facilitado pelas categorias citadas anteriormente — astronomia, geociência, biologia, química e física —, nas quais nomeamos e definimos os elementos do mundo natural. À medida que definimos, observamos ou experimentamos novos conceitos científicos, podemos acrescentá-los à nossa mente, como novos itens de um supermercado. Quando escuto o termo “cipreste”, minha mente vai direto para a área onde armazena as informações e palavras científicas sobre árvores. Se “cipreste” for um termo novo para mim, precisarei descobrir mais informações a seu respeito, a fim de conseguir incluí-lo na minha categoria mental das “árvores que crescem perto da água”. Nosso cérebro categoriza todas as coisas para facilitar a recuperação dos termos armazenados; por isso, meu desejo é ensinar meus filhos não apenas a nomear as características naturais, mas também a organizá-las com facilidade por categorias.

Em ciências, assim como em outras matérias, as crianças aprendem melhor as novas informações por meio da imersão. Todos os pais nomeiam e definem os termos científicos naturalmente quando ensinam os nomes das plantas e dos animais aos seus bebês e crianças pequenas. Ensinaamos às crianças bem pequenas que passarinhos, cachorros e cobras são animais. Algum tempo depois, esses grupos são mais diferenciados e identificados por nomes específicos, como andorinhas, labradores e najas. Os alunos aprendem a categorizar os animais por suas características, como penas, pelos e escamas. Por fim, podemos ensinar aos nossos filhos que os animais podem ser divididos por suas características em categorias mais amplas, como aves, mamíferos e répteis. A definição da estrutura para os estudos de ciências começa muito cedo para as crianças cujos pais estão interessados em observar o mundo ao seu redor.

À medida que as crianças crescem, é importante ampliarmos as categorias, definições e vocabulário que elas aprendem. Há, contudo, tantos temas maravilhosos a serem estudados, que podemos nos sentir sobrecarregados. Por onde começar? Os educadores clássicos procuram fortalecer e estruturar a capacidade de pensar do aluno sobre a ciência. Conhecendo novos conceitos, o aluno é incentivado a incluir seus termos em categorias como astronomia, geociência, biologia, química ou física. Além disso, espera-se deles que sejam capazes de memorizar palavras-chave específicas que os ajudem a

preencher o “corredor de ciências” do seu cérebro.

Em astronomia, os alunos podem memorizar a ordem dos planetas no sistema solar, as constelações, as definições de estrelas, os tipos de estrelas e galáxias e as leis do movimento planetário. Em geociência, os alunos podem memorizar tipos de formação de nuvens, características dos oceanos e as formações terrestres. Em biologia, eles avançam nas definições e categorizações de plantas, animais e fungos. Em química, eles podem memorizar a tabela periódica dos elementos. Em física, eles memorizam as leis básicas que descrevem como os objetos se movem no tempo e no espaço, como as leis de movimento de Newton e as leis da entropia e entalpia da termodinâmica.

A maioria dos livros de ciências para o Ensino Fundamental cobre os tópicos citados. A preocupação dos educadores é que esses termos científicos são apresentados em livros grossos com informações demais. O objetivo acaba se tornando ler esses livros para fazer testes com o conhecimento que foi arquivado apenas na memória de curto prazo dos alunos. Contudo, o trabalho de memorização de fatos científicos deveria ser basilar, relevante e feito com a intenção de ser revisitado propositalmente ao longo dos anos escolares desses alunos.

Você pode se perguntar por que uma criança de oito anos precisaria memorizar esses princípios sofisticados, enquanto incapazes de sequer compreender o seu significado. O educador clássico, porém, não está interessado na aplicação total do conhecimento neste momento, mas se concentra em preparar a criança para um crescimento futuro neste campo do conhecimento. Esses fatos não precisam ser ensinados dentro de nenhum contexto em particular. Nesse modelo, as crianças aprendem como se aprendessem uma canção de ninar... pelo prazer de ter as palavras saindo de sua boca ou pelo simples prazer de aprender algo novo. Esses conceitos se tornarão úteis posteriormente, quando as categorias científicas forem analisadas e aplicadas em estudos mais avançados. Quando, por exemplo, forem mais velhos, esses mesmos alunos precisarão equilibrar as equações de reações nos estudos das ciências físicas, de química e de física, portanto será muito útil que eles já tenham memorizado a tabela periódica com todos os seus elementos.

Quando começamos a educar nossos filhos em casa, meu marido e eu não sabíamos muitas das coisas que menciono neste livro. Por mais de vinte anos, temos nos esforçado para aprimorar a educação dos nossos filhos e, neste processo, aprofundar a nossa própria educação também. Foram necessários muitos anos de estudo para chegarmos

onde estamos. Sinceramente, espero que, por meio dos livros e ideias que apresento aqui, eu consiga encurtar essa jornada para a sua família.

A principal coisa que aprendi é que a ciência está bem diante de nós. Se chutar uma pedra ao sair de casa, talvez você assuste um inseto ou uma minhoca. Você pode aprender a gostar de estudar a natureza ao ar livre se tiver em mãos guias de taxonomia. Há muitos materiais populares, como os guias de Roger Tory Petersen sobre pássaros, várias publicações sobre ciências e natureza. Sua família também pode assistir a palestras ministradas por sociedades locais de horticultura e a apresentações sobre diários de viagem. As lojas de departamento também vendem jogos americanos com figuras que ilustram estruturas científicas básicas, como características anatômicas, constelações e o núcleo da terra. Simplesmente lembre-se: quando fizer uma caminhada ou visitar um lugar novo, leve um guia de taxonomia e, então, em pouco tempo, a sua família toda estará vendo minerais, flores e fungos de uma maneira totalmente nova.

Eu mesma desenvolvi um trabalho de memorização que considerei mais fundamental para os estudos científicos de alunos iniciantes em três produtos: um exercício on-line, um áudio para ser ouvido no carro e um material impresso para cartões de memória e estudo de mapas. Nesses produtos estão incluídos os fatos científicos utilizados toda semana pelos alunos do grupo *Classical Conversations* durante o período da gramática e durante o Ensino Médio em seus estudos dialéticos. Essas atividades são organizadas de duas maneiras diferentes: pela prática de memorização semanal e pela revisão da matéria acumulada. O trabalho de memorização semanal inclui os fatos científicos, as frases de história, as tabuadas de matemática, a gramática, as terminações utilizadas no latim e as localizações geográficas em um único áudio, para que os alunos possam ouvir as novas memorizações durante uma semana específica. Já as revisões da matéria acumulada possuem uma única matéria no áudio inteiro. Se você quiser revisar apenas as perguntas e respostas de ciências daquele ano escolar, o seu filho pode ouvir o áudio daquela matéria. Para mais detalhes, visite o site ClassicalConversationsBooks.com.

Ao desenvolver um vocabulário de estudo para a estrutura básica da natureza, o mundo inteiro se transforma em material para conversas familiares. Portanto, deem continuidade ao bom trabalho de nomeação e identificação que começaram com os seus filhos pequenos. Sempre que expandir o seu vocabulário de ciências, compartilhe-o com os seus filhos. Se você cozinha, faz jardinagem,

trabalha com carros ou com eletrônicos, então já conhece bastante de ciências. Desenvolver interesse pela natureza pode torná-lo um professor de ciências muito competente.

Experimentos científicos

Não se preocupe em alinhar os experimentos científicos aos estudos, leituras e práticas de memorização dos seus alunos do Ensino Fundamental. As outras coisas que precisamos ensinar antes, como as habilidades básicas de leitura, escrita e aritmética necessitam da nossa total atenção para que os nossos filhos sejam livres para observar e explorar o mundo. As investigações científicas mais memoráveis com as crianças ocorrerão por acaso e talvez não tenham qualquer relação com os seus estudos formais. Se seus filhos encontrarem um filhote de passarinho abandonado no quintal, você ficará feliz com essa descoberta (e, provavelmente, tentará consolar o pobrezinho), em vez de dizer: “Deixe-o morrer; nós só estudaremos pássaros no próximo semestre”. Até mesmo os experimentos e investigações planejados no currículo escolar trarão à tona questões inesperadas na mente das crianças. Se eu tivesse que organizar e transformar todos os fatos científicos em um só experimento, logo ficaria cansada e disposta a delegar o ensino de meus filhos a outra pessoa. Além disso, meus filhos considerariam as explorações (bastante entediantes) como algo mecânico, engessado, e não uma aventura a ser desfrutada.

Organizar os estudos em torno de unidades é algo eficiente para adultos que precisam preparar e dar uma aula sobre um único tema por um breve período de tempo, mas esse mesmo método é ineficaz para alunos mais novos que estão tentando dominar um novo tema. Pense a respeito...

O aluno A está estudando células vegetais. Em uma semana ele lê o artigo de uma revista sobre células vegetais e, algumas semanas mais tarde, faz um experimento sobre esse tema. Ao longo do ano, esse aluno pratica a memorização da estrutura da célula vegetal para uma competição de fim de ano, escrevendo sobre os seus componentes principais. Ao longo do semestre, ele faz apresentações de três minutos sobre as plantas e suas características e, além disso, assiste a alguns documentários sobre o assunto ao longo do ano.

Já o aluno B tem uma professora que dará aulas durante uma semana sobre células vegetais. Na segunda-feira, ela apresenta o vocabulário de estruturas celulares para um concurso de soletração que será realizado na sexta-feira. Na terça-feira, a classe lê sobre as

células vegetais. Na quarta-feira, os alunos assistem a um vídeo sobre o tema. Na quinta-feira, eles fazem um experimento com células vegetais. Na sexta-feira, então, fazem o teste sobre o tema e participam do concurso de soletração do vocabulário. Depois de uma longa e intensa semana estudando sobre células vegetais, eles precisarão esperar mais um ano até terem aulas sobre o assunto novamente.

Qual aluno você acha que tem mais chance de se lembrar da estrutura de uma célula vegetal alguns meses depois? E se o estudo básico da estrutura da célula vegetal fizesse parte de um programa de memorização ainda mais longo — digamos, da Educação Infantil até o sétimo ano? Quem você acha que se sairá melhor em biologia no Ensino Médio?

Quando os educadores clássicos escolhem intencionalmente projetos de ciências, seu objetivo é reforçar o trabalho de memória iniciado mais cedo ou as habilidades dialéticas que serão praticadas mais tarde. Os alunos se concentram nos principais conceitos científicos ao longo de todo o ano e ao longo dos anos entre a Educação Infantil e o Ensino Médio, ao invés de estudar um monte de conteúdo sobre a matéria do ano todo com o uso de livros didáticos.

Da Educação Infantil até o sétimo ano do Fundamental, minha família participa de experimentos ou demonstrações científicas semanais que incluem uma discussão em torno das seguintes questões:

Qual é o propósito deste experimento?

Quais são os procedimentos necessários para a conclusão do experimento?

Quais são os materiais necessários para a realização deste experimento?

O que você aprendeu com este experimento?

Embora o experimento ou apresentação escolhido possa ser simples como uma receita culinária, ou um estudo bem prático sobre um conceito científico básico, ensinamos boas habilidades científicas ao fazer perguntas e ensinar nossos filhos a fazê-las. As perguntas elaboradas por você podem ser diferentes das exemplificadas por mim, mas tente fazer questionamentos semelhantes. Em nossa família, temos aula de laboratório uma vez por semana ao longo do Ensino Fundamental, a fim de oferecer oportunidades para que essas perguntas sejam feitas regularmente. Elaborar e responder perguntas é mais importante do que a qualidade do experimento. Sir Francis Bacon, pai do método científico, seguiu os passos pedagógicos de Sócrates ao formalizar uma série de questões semelhantes a serem respondidas por todos os cientistas enquanto avaliam causa e efeito no

mundo natural. Os educadores clássicos usam experimentos científicos para que os alunos pratiquem procedimentos de avaliação, de causa e efeito, para explicar o uso de variados materiais e para discutir os métodos de redução de erros experimentais.

Ao participar de um experimento semanal, os alunos têm a oportunidade de usar o vocabulário de ciências que estão memorizando. O *Classical Conversations* usa o *201 Awesome, Magical, Bizarre, and Incredible Experiments* [“201 Experimentos Incríveis, Mágicos, Bizarros e Fantásticos”], de Janice VanCleave, não porque o livro contém os melhores experimentos já imaginados, mas porque cada experimento ou demonstração é estruturado para facilitar a formulação de perguntas. Os experimentos são, de fato, excelentes e o livro oferece muitas ideias de aulas de laboratório que podem ser feitas usando produtos domésticos e que cobrem uma ampla gama de temas científicos. Além disso, os experimentos estão todos em um livro que pode ser usado durante muitos anos por muitas crianças, tornando-se, portanto, um investimento que realmente vale a pena. As instruções são fáceis de seguir e fazem qualquer pai e mãe se sentir capaz de liderar um laboratório de ciências.

Pesquisa e apresentações

Uma tarefa que todo aluno do modelo clássico pratica é desenvolver os seus próprios livros didáticos. Os alunos precisam saber como elaborar suas próprias listas de vocabulário em qualquer tema ou língua que estudam e organizá-las alfabeticamente nos cadernos que usam para cada matéria. Isso significa que devemos ensinar os nossos alunos a *estudar de verdade* a matéria, e não a simplesmente responder às perguntas no final de um capítulo ou a fazer os exercícios propostos. Eles devem se interessar pelos glossários, tesouros, índices e dicionários, pois são ferramentas que os ajudam a aprender muitas coisas novas. Demora mais fazer a criança procurar as informações do que apenas dizer a resposta, mas falar “Pesquise...” fará com que elas prestem mais atenção da próxima vez para que não precisem pesquisar de novo, além de ensiná-las a usar as referências para buscar informação. (Elas também farão algumas descobertas ocasionais e divertidas de outras palavras e fatos interessantes quando estiverem procurando o que precisam).

As pessoas frequentemente me perguntam quais são os meus romances históricos preferidos, mas poucos pais me perguntam quais são os livros de ciências que lemos em nossa casa. A ciência simplesmente não parece passar pela cabeça das pessoas, a não ser

que precisem cozinhar ou queiram perder peso. Os excelentes livros de ciências são tão desprezados que muitos deles permanecem esquecidos nas prateleiras das livrarias. Compre alguns!

Leia livros de ciências com a mesma frequência que você lê romances ou livros de ficção histórica. Gosto especialmente de livros que combinam a ciência com a história do desenvolvimento de um conceito científico. Para os mais novos, livros sobre dinossauros e animais parecem ser os que geram mais interesse. Alguns romances divertidos que combinam matemática e ciências com histórias sobre jovens são as séries *Tudo Depende de Como Você Vê as Coisas*, *Carry On: Ascensão e Queda*, *Carry On, Mr. Bowditch* e *Ralph Moody*. Histórias científicas e textos ilustrados são sugeridos na lista de recursos deste capítulo. Certifique-se também de pedir a amigos e bibliotecários por sugestões de bons livros de ciências. Na *internet*, há dezenas de listas de livros sobre cientistas, sobre a história da ciência e sobre fatos científicos, organizadas por temas e nível de leitura. Se você não gostar de algum livro, deixe-o de lado e escolha outro. As revistas científicas são, geralmente, a melhor fonte de informações atuais e podem ser interessantes para qualquer idade. Gostamos especialmente de um artigo sobre um traje de mergulho para pessoas que desejam saltar de naves espaciais (acho que os aviões não voam alto o bastante para algumas pessoas!). Cientistas desenvolvem produtos todos os dias que nunca chegam a ser publicados em livros didáticos. Portanto, leiam artigos menores, pois podem ser igualmente interessantes.

Além da enciclopédia e da Wikipédia, também sempre temos livros antigos de ciências espalhados pela casa para usar como referência quando necessário. Recentemente, meu filho de onze anos me disse que precisava de um livro de biologia para fazer sua tarefa de pesquisa semanal. Então fomos até o porão e pesquisamos três livros antigos, até encontrar um que estava em seu nível de leitura. Observe que ele não estava usando o livro didático como guia diário para o seu estudo de ciências. Ele estava o usando apenas como referência adicional, como uma enciclopédia expandida para ajudá-lo a fazer sua tarefa de pesquisa.

Quando pesquisamos sobre algum tema, direciono meus alunos a textos que estão abaixo do seu nível de leitura. Dessa forma, eles podem se concentrar na pesquisa e nas habilidades de escrita, ao invés de enfatizar demais a leitura. Quando muito novos, apenas exijo que escrevam e apresentem semanalmente um bom parágrafo sobre ciências. Por outro lado, quando meus alunos precisam ler somente sobre um tema e apresentá-lo oralmente para mim, prefiro que usem

um livro do seu nível, ou até mesmo um pouco acima.

Também separamos um tema semanal sobre o qual os alunos devem escrever. Lembre-se de que o tema não precisa corresponder exatamente ao trabalho de memorização ou aos experimentos daquela semana. O parágrafo pode ser sobre o tema atualmente estudado em ciências, sobre algo do interesse do aluno, sobre um documentário científico ou sobre alguma pesquisa de campo. O aspecto mais importante da pesquisa é que os alunos pratiquem suas habilidades retóricas e compartilhem o que já aprenderam. O objetivo principal é que a informação entre na cabeça deles, permaneça ali por um tempo e saia na forma de uma redação ou texto pequeno a ser lido para a família. Em seguida, a família pode fazer perguntas e discutir sobre o tema. Conforme vão ficando mais velhos, os alunos gostam de compartilhar sobre suas pesquisas com outro grupo de alunos e com suas famílias.

Os objetivos do estudo de ciências

Os educadores clássicos e os contemporâneos têm objetivos diferentes diante do estudo de ciências. O modelo moderno de educação define os estudos de ciências como créditos de biologia, física e química, complementados por meio da leitura de livros didáticos e pelas respostas desejadas pelos autores desses livros, e não por aquilo que os próprios alunos entenderam do conteúdo. A análise de conceitos científicos e a comunicação sobre suas ramificações são negligenciadas bem no momento em que os alunos estão prontos para exercitar sua capacidade superior de raciocínio. Meu desejo sincero é que os meus filhos pratiquem suas habilidades dialéticas e retóricas enquanto estudam o conteúdo de ciências do Ensino Médio, para que então não se sintam intimidados ao ler importantes documentos científicos ou ao argumentar de maneira lógica contra os modismos científicos, como fórmulas mágicas para perda de peso ou exageros médicos midiáticos para atrair publicidade.

Os objetivos dos estudos de ciência para o modelo clássico de educação estão exemplificados no currículo da St. John's College, em Annapolis, Maryland, uma das poucas universidades realmente clássicas dos Estados Unidos. Os seus alunos devem ler os seguintes tratados de ciências e muito mais: *Das Partes dos Animais* e *Da Geração dos Animais*, de Aristóteles, *Tratado Elementar de Química*, de Lavoisier, *Discurso Sobre as Duas Novas Ciências*, de Galileu, *Principia Mathematica* ["Princípios Matemáticos da Filosofia Natural"], de Newton, *A Origem das Espécies*, de Darwin e vários artigos de Einstein.

Esse era o tipo de leitura comum dos estudiosos acadêmicos coloniais. Eu mesma considero esses textos difíceis, apesar de ter um diploma de engenharia. Meu objetivo é *começar* a incentivar meus filhos a estudar ciências seguindo o modelo clássico a fim de que, aprendendo com os melhores, sua educação seja mais completa do que a minha. Começamos esse processo utilizando muitos materiais para a nossa leitura científica, deixando os livros didáticos apenas como fontes de referência que complementem as tarefas de redação sobre temas científicos.

A maior parte dos pais deseja que os seus filhos pequenos aprendam ciências o suficiente para vencerem três disciplinas do Ensino Médio: biologia, química e física. (Algumas escolas ensinam física teórica, porém a maioria oferece apenas aulas de física conceitual, por isso ciência física). Já os educadores clássicos visam preparar o aluno para estudar os tratados científicos originais e as propostas matemáticas teóricas, como fazem os alunos da St. John's. É importante observar que *todos* os alunos dessa universidade estudam o currículo de ciências, e não apenas aqueles que gostam da matéria ou estão se preparando para se tornarem cientistas. Os alunos educados pelo modelo clássico recebem uma educação liberal na St. John's, o que significa que são capacitados para estudar qualquer assunto. Há, ainda, outras faculdades que utilizam o modelo clássico de educação, como a New St. Andrews, em Idaho, e a St. Thomas Aquinas, em Nova Iorque, entre outras.

Nossos alunos deveriam terminar os seus doze anos de estudo de ciências preparados para estudar além do básico apresentado nos típicos livros didáticos de Ensino Médio. Desde o Fundamental os alunos já devem estar familiarizados com os termos científicos básicos, para que, então no Ensino Médio, possam expandir o seu conhecimento das definições aprendidas enquanto pesquisam, discutem e registram as teorias, aplicações e ramificações éticas científicas. As discussões relativas à investigação científica devem constituir a maior parte dos estudos científicos dos alunos do Ensino Médio. Dessa forma, o ingresso a uma universidade clássica se tornaria acessível a um número muito maior de alunos.

Crianças pequenas podem aprender a pensar como cientistas desde cedo, se forem incentivadas a fazer muitas perguntas e a identificar termos diversos. A exploração e a investigação devem ser uma parte normal do dia de uma criança. Desde o Fundamental os educadores clássicos começam a enfatizar as bases gramaticais que

tornarão prazerosa a compreensão de conceitos científicos ao longo de uma vida inteira de aprendizagem.

Também acredito que deveríamos nos preocupar mais com o fato de que um grande número de jovens formados em ciências nas universidades dos Estados Unidos é composto por estrangeiros. Eu mesma recebo de bom grado qualquer pessoa que tenha as credenciais necessárias para ser aceita em nossas universidades; apenas gostaria que mais americanos estudassem ciências. Não é de surpreender que as culturas que aprendem vários idiomas e têm acesso às tecnologias ocidentais estejam ultrapassando os universitários americanos nas pesquisas científicas. Nas primeiras universidades americanas, o latim era requisito básico para o estudo de ciências. Cientistas e matemáticos costumavam ler e escrever em latim, a língua universal da ciência ocidental (e de outras disciplinas também). À medida que fui me aprofundando na restauração da ênfase clássica na gramática da linguagem para todos os campos de estudo, tornou-se óbvio para mim que o estudo de idiomas ajuda a desenvolver cientistas excepcionais.

As universidades modernas, é claro, separaram os estudos de idioma dos estudos de ciências. Os educadores clássicos estão se esforçando para se recuperar desse divórcio e reparar os estragos.

As ciências na vida real

A nossa vida hoje está distante da ciência básica. Se precisássemos plantar nossos alimentos, precisaríamos entender sobre padrões climáticos e horticultura, sobre os biomas e instintos animais. Se precisássemos abater animais para comer, teríamos que entender de anatomia animal. Se precisássemos preservar suprimentos para o inverno, teríamos que entender sobre química e, portanto, não precisaríamos estudar tanta ciência no Ensino Fundamental. As crianças de hoje não recebem um ensino tão completo de ciências em comparação com as crianças que acordavam às quatro horas da manhã para ajudar a mãe a ordenhar vacas e o pai a arar o campo. Aprender a pensar cientificamente exige esforço de qualquer um de nós. Como a maioria das crianças não ajuda mais em atividades como plantar e preparar a própria comida, o estudo da matéria de ciências se tornou uma espécie de currículo artificial levado para a sala de aula por meio de um livro didático que facilitará o seu ensino por parte dos professores. Os laboratórios de ciências parecem enfatizar a esterilidade, os cadernos e a segurança, e não a praticidade, a eficiência, a descoberta e a compreensão.

Portanto, como pais que conhecem o valor da matemática e das ciências, bem como o treinamento rigoroso da mente, devemos avaliar de que forma podemos experimentar a ciência com os nossos filhos. Iremos recriar experimentos em laboratórios artificiais? Usaremos livros didáticos e cadernos para anotar os experimentos? Relegaremos os estudos científicos a laboratórios internos? Substituiremos a dissecação de animais por simulações no computador? Valorizaremos a segurança acima da descoberta? Como daremos o exemplo aos nossos filhos do fascínio pela Criação? Faremos excursões? Escolheremos todas essas opções?

Nossos alunos seguirão o nosso exemplo de como exploramos a ciência. Fazer jardinagem, caçar e pescar, reformar a casa, tocar instrumentos e lançar bicicletas dentro de um rio usando uma rampa são algumas das muitas maneiras pelas quais podemos experimentar as maravilhas da ciência. As atividades mais “escolares” também podem ser úteis, como experimentos em laboratórios tirados de ideias dos livros didáticos, passeios a museus de ciências e documentários científicos.

A minha família tem a sorte de morar em um terreno com um lago e muitos bosques ao redor. Nossos passatempos do dia a dia incluem pescar e observar pássaros, raposas e gambás roubarem a comida do nosso gato. E mesmo quando morávamos em outro lugar, tínhamos o costume de fazer caminhadas em campos de golfe e parques. Independentemente de onde você mora, é possível observar e classificar as maravilhas da natureza.

Algumas semanas atrás, tivemos um bom exemplo de integração da natureza à nossa vida familiar. O dono de uma mercearia nos deu algumas mudas de tomate que ele ia jogar fora e eu comprei mais algumas para uma festa que estávamos organizando. Os meninos me ajudaram a plantar e regar o canteiro, o que inspirou meu filho mais novo a pedir para ajudar a limpar! Além de plantar pequenas hortas, estamos construindo um novo deque, então os meninos mediram e cavaram buracos para fazer os rodapés, medindo as diagonais dos retângulos para se certificarem de que estariam alinhados corretamente. Eles usaram a fita métrica enquanto o meu marido anotava as medidas.

Certa vez, eles saíram de quadriciclo com alguns amigos pelo bosque e caçaram um coelho. O pai dos seus amigos os ensinou a tirar a pele do animal e assá-lo. No final da semana, estávamos nadando

com um grupo de amigos perto de um cais, quando um dos meninos disse que queria pescar. O seu pai o advertiu de que seria impossível pescar alguma coisa com tantas pessoas na água, mas, mal terminando de dizer isso, o menino pescou um robalo de quase dois quilos, nos fazendo aplaudi-lo enquanto ríamos do cinismo do seu pai.

Mais tarde, Ranger, nosso cachorro, pulou no lago com a intenção de atravessá-lo para cumprimentar algumas pessoas que estavam do outro lado. Eu estava no caiaque, então comecei a remar na direção dele. William correu ao longo da margem para ver se conseguia me ajudar, enquanto David nadava para lá e para cá. Eu, finalmente, alcancei Ranger, agarrei em sua coleira e o puxei para cima do meu caiaque. Quando me virei, vi uma garça na beira do lago tentando engolir um robalo grande demais para a sua garganta. Quando tentei chamar a atenção dos meninos para aquela cena, o nosso cachorro também viu a ave e ficou bem interessado em ajudá-la a brincar com o peixe. Enquanto isso, William observava a correnteza da água para ver em que ponto ela me deixaria para que ele pudesse me encontrar lá. Eu não conseguia remar e segurar aquele cachorro agitado ao mesmo tempo. David continuou dentro d'água enquanto todos esperávamos para ver o que aconteceria com aquele peixe enorme que lutava dentro do bico da garça.

O peixe finalmente morreu, mas a garça não conseguiu comê-lo. Ela parecia saber que havia desperdiçado um recurso valioso, porque passou a comer, timidamente, a vegetação à sua volta enquanto olhava ao redor para ver se mais alguém estava vendo o peixe morto boiando na água. Por fim, a garça voou (sem se desculpar pelo comportamento ganancioso).

Certo dia, David e eu visitamos alguns vizinhos mais velhos que são ávidos jardineiros. Eles foram muito gentis e nos ofereceram limonada com biscoitos, e depois caminharam conosco pelo quintal, mostrando-nos toda a sua plantação. Chamar uma rosa de rosa pode ser suficiente em qualquer situação, a menos que você queira plantá-la em seu jardim, então é melhor saber qual tipo específico de flor você está procurando. Naquela noite, dormimos do lado de fora, pois a lua estava quase cheia. Em determinado momento, meu filho me despertou de um sono profundo, murmurou “Olha, mãe, a Estrela Polar!” e, logo em seguida, voltou a dormir. Sorri ao olhar para o norte e ver a estrela brilhante e para o sul e ver que a lua ainda estava olhando para nós. Antes de irmos dormir naquela noite, lemos a respeito da Aurora Boreal. É uma pena que moremos muito ao sul e não seja possível vê-la.

Além das atividades ao ar livre naquela semana, meus filhos também fizeram suas tarefas de matemática, assistiram a alguns programas de ciências na televisão e revisaram o vocabulário de ciências que haviam memorizado. William tentou tocar uma melodia que estava na sua cabeça e começou a arriscar nas teclas do piano. Tudo isso aconteceu durante o verão, quando as tarefas escolares são mais “leves” e as atividades mais “pesadas”.

Agora me diga: como seria possível levar cachorros, garças, peixes, correntezas, caiaques, jardinagem, quintais, plantas e crianças para dentro de um laboratório escolar? Esse é um dos muitos motivos por que nós escolhemos educar os nossos filhos em casa. Podemos entrar em prédios e ter aulas de laboratório a qualquer momento, mas a ciência é o estudo de objetos *reais*, o qual, portanto, exige que haja oportunidade para *realmente* experimentar a natureza. Talvez você não more ao redor de um lago, mas prometo que se você cavar um buraco em um tijolo ou em um tronco, poderá experimentar a ciência real com criaturas muito menores. Ratos, morcegos e cobras invadiram nossas cidades, oferecendo-nos oportunidades variadas para estudos científicos incomuns. Também criamos ratos como alimento de aves de rapina e, claro, temos um gato e um cachorro.

Alguns pais podem argumentar que não sabem como tirar a pele de um coelho, construir deques ou identificar a Estrela Polar. Bom, no início, nossa família também não sabia nada disso. Graças ao modelo clássico, não temos medo de enfrentar novas ideias e projetos. Estudamos muitos livros, pesquisamos instruções sobre como fazer praticamente tudo pela internet e, o mais importante de tudo, estamos dispostos a errar. Então, qual é o problema se um rodapé for instalado errado? É só fazer de novo. De início, os meninos foram incentivados a tirar por conta própria a pele do coelho. Quando, porém, não conseguiram, um adulto interveio e mostrou como fazer. Se você não caça, é possível encomendar animais já preparados para a dissecação com fornecedores de materiais científicos. Você também pode comprar um frango inteiro no mercado e dissecá-lo. Mas não adianta dizer “Ai, que nojo!” e depois não entender por que a sua família não gosta de experimentos científicos. Esse tipo de atividade pode ser molhada e bagunçada.

Sendo assim, nossa família talvez prefira estudar ciências ao ar livre, enquanto outras famílias talvez prefiram estudar dentro de casa. Além de projetos de construção e dissecação, sua família pode fazer experimentos que ensinam habilidades da vida real, como cozinhar,

costurar ou construir um rádio. Antes de existir uma televisão em todas as casas, as pessoas tinham passatempos. Há muitas coisas que famílias podem fazer juntas em casa, como projetos que exijam investigação e descobertas de verdade. Assim como era antigamente, sua família também pode desenvolver competências científicas, e sem estar em um laboratório de ciências!

O educador clássico sabe que nomear é tão necessário quanto praticar. Não gostamos de perder tempo pesquisando textos científicos, pois preferimos memorizar o vocabulário, ler livros e escrever artigos sobre estudos de ciências, assim como formular perguntas e passar tempo desfrutando da natureza. Sim, livros didáticos e de referência são muito úteis para o desenvolvimento da capacidade de identificação de termos científicos. E, sim outra vez, passar tempo não planejado ao ar livre com os olhos bem abertos é muito agradável e útil para o desenvolvimento da capacidade de observação atenta. Mesmo depois de adultos, gostamos de compartilhar as nossas novas descobertas com amigos e familiares. Precisamos nos incentivar a explorar, tanto por meio dos livros quanto por meio de atividades.

Meu desejo é ensinar meus alunos a definir as estruturas do cosmo, a observar as maravilhas que os rodeiam e a desenvolver o apreço por todos os domínios da investigação científica. Quero inspirá-los a explorar o mundo natural por meio de uma variedade de atividades, algumas programadas e acadêmicas, outras imprevisíveis, do cotidiano e da vida real — todas igualmente valiosas para o desenvolvimento de uma mente curiosa.

CAPÍTULO 10

Belas-Artes

“Eu acho realmente incrível”, disse Bingley, “como as moças podem ter paciência para serem tão prendadas, como todas são” (...) “Sim, todas elas, acredito. Todas elas pintam mesas, tocam piano e bordam almofadas.”

— Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*

Os clássicos e as belas-artes ainda são sinônimos na mente de muitas pessoas. Aqueles que criam e preservam a “alta cultura” nas artes ajudam aqueles que são inundados pela “cultura pop” a se lembrarem de que há uma alternativa ao que nos é oferecido ordinariamente. É preciso esforço para desfrutar da cultura clássica, independentemente se na literatura, na música, na pintura ou mesmo em outras formas de arte, mas, uma vez compreendida, uma vez que o nosso apetite é aguçado, ficamos para sempre famintos por mais. Algumas mudanças recentes na abordagem às belas-artes oferecem esperança para os educadores clássicos da nossa cultura.

Sabe-se que as belas-artes cobrem uma ampla gama de atividades e que o domínio dos seus processos e ferramentas básicas leva à produção de belas criações artísticas. Se você for especialmente talentoso em um ofício, talvez seja ainda mais fácil apreciar o modelo clássico, pois sabe quanto tempo já precisou dedicar à sua paixão.

Desenho

Discutimos sobre os benefícios de copiar e desenhar no capítulo sobre geografia. Esses benefícios, é claro, são transferidos para o desenho de qualquer coisa: retratos, projetos de arquitetura, peças de engenharia e *designs* gráficos. O desenho é uma importante ferramenta de comunicação, por isso é tão enfatizado no modelo clássico de educação.

Eu mesma matriculei meus filhos em aulas de artes, fiz aulas com eles e estudei desenho em casa, com o auxílio de livros e vídeos. Recomendo os livros de artes de Ed Emberley para crianças porque ele divide os complicados desenhos em seus componentes fundamentais: círculos, pontos, linhas curvas, linhas retas e ângulos. É incrível ver o navio de pirata, decorado com mastros, armas e plataformas que uma criança de seis anos é capaz de fazer seguindo as instruções de Emberley. Enquanto os seus filhos estiverem aprendendo a desenhar os dinossauros, automóveis e animais de Emberley, leia *Drawing with Children* [“Desenhando com Crianças”], de Mona Brookes. Esse livro explica muito bem as influências positivas de aprender a desenhar e lança luz sobre a filosofia de apoio às técnicas de Emberley que incentivam esse talento artístico em crianças pequenas. Sem utilizar as palavras “modelo clássico”, esses dois professores de arte bem-sucedidos promovem as habilidades essenciais que permitem que qualquer pessoa desenhe qualquer coisa. E adivinhe o que os dois enfatizam? A cópia!

Mais uma vez, a simplicidade do modelo clássico é revelada. A cópia nos permite ensinar a nós mesmos tanto as belas-artes quanto as Artes Liberais. Pratique, portanto, nomear as diversas formas e estruturas que você desenha quando estiver copiando imagens com os seus filhos mais novos.

Pintura e outras artes visuais

Enquanto o desenho ensina a criança a posicionar corretamente o papel, a observar as formas básicas e a esboçar pacientemente até mesmo esquemas complexos, a pintura e outros meios nos ensinam a utilizar cor e textura. Nossa família não se concentrou tanto na pintura como disciplina artística, mas optamos por focar na prática de projetos de reforma e jardinagem. Nem todo ofício precisa ser ensinado como uma disciplina acadêmica, embora, é claro, exista uma gramática para a pintura e a textura. Temos pilhas de livros sobre reformas, gráficos de pintura e amostras de tecido. Quando fazemos algum trabalho de reforma na casa, concentramo-nos nesses livros por horas incontáveis antes de iniciarmos qualquer projeto. É assim que estudamos a gramática do *design*.

Há, no entanto, muito mais a aprender nessa área do que projetos e reformas, portanto trabalhamos em pelo menos um projeto de arte por semana durante o ano letivo. *Discovering Great Artists* [“Desvendando Grandes Artistas”], de MaryAnn Kohl e Kim Solga apresenta uma variedade de projetos de artistas famosos que os alunos

podem imitar. Uma semana estudamos Giotto e fizemos tinta a partir de minerais e claras de ovo, exatamente como ele costumava fazer. Quando estudamos Fra Angelico, colamos uma folha de papel alumínio na superfície do nosso projeto, pois não tínhamos nenhuma folha de prata em casa.

Além disso, também temos o hábito de visitar museus e exposições de arte. Os livros e currículos que utilizamos são adornados com obras de arte clássicas. Quando vamos a museus, nossos filhos não só conseguem reconhecer as obras-primas que estudam, como também identificar o artista ou a época de uma obra que ainda não tinham visto. Um Van Eyck sempre se parece com um Van Eyck!

Música clássica

Sempre tive muito prazer em aperfeiçoar minhas habilidades musicais enquanto ajudava os meus filhos em suas aulas de flauta, piano e violão. Todo músico bem-sucedido sabe que os fundamentos da música incluem a leitura das notas, andamento, tonalidade e ritmo. Os músicos dominam a sua própria linguagem, que soa inerentemente bela. Termos ou expressões como mezzo forte, maestro e melodia são agradáveis ao ouvido (será que esse prazer surge do fato de a maioria dos termos musicais vir do italiano?).

O livro *Música Clássica para Leigos* é um ótimo ponto de partida para os estudos sobre música clássica. O livro normalmente vem com um CD e com uma ferramenta muito útil, um guia para ouvir as músicas. Ao ouvir o CD, você pode acompanhar esse guia, que descreve, em detalhes, no segundo exato o que você está ouvindo. Usando o vocabulário adequado, o guia informa o tipo de movimento, o nome dos instrumentos que estão tocando naquele exato momento em que se juntam ao movimento e por que tais instrumentos foram escolhidos, além de dar dicas sobre o que músicos experientes precisam saber para tocar bem aquela parte da música. A obra também inclui uma breve biografia do compositor e a história por trás da composição. No caso de crianças muito novas, elas podem ouvir este CD enquanto os pais ou professores leem o guia. Por vezes eu e minha família, durante alguns meses do ano, substituímos os nossos projetos de arte semanais por esse projeto de apreciação musical.

Nessa hora, parece apropriado fazer menção à poesia, pois os poemas normalmente formam a letra das músicas. O livro *The Roar on the Other Side: A Guide for Student Poets* [“O Brado do Outro Lado: um guia para os estudos de poesia”], de Suzanne Rhodes é de fácil leitura

e desperta o interesse do leitor pelos períodos ritmados. Embora seja destinado a alunos do Ensino Médio, é o tipo de obra que mesmo os alunos mais novos podem gostar, se lerem um capítulo ou tópico por vez e com a ajuda dos pais. Os exercícios são simples e incluem não apenas jogos de palavras e desenvolvimento de poesia, como também apresentam sugestões de como produzir relatos usando palavras mais descritivas. A memorização de cantigas infantis também ajuda a desenvolver a apreciação pela poesia, pelo ritmo e pelo uso de palavras incomuns.

Visto que a música é melhor apreciada quando compartilhada, as famílias educadoras costumam cantar hinos na igreja, assistir a apresentações locais de ópera, orquestra, além de ouvir uma grande variedade de música no carro. Reserve tempo para discutir com seus filhos sobre as letras e cantar junto deles. As letras e melodias têm o objetivo de persuadir, seduzir e consolar; certifique-se, portanto, de examinar a mensagem transmitida por cada artista. Desfrutar da música em família é uma maneira simples de harmonizar beleza, princípios matemáticos, filosofia e o estudo das palavras, tudo em uma breve lição.

Teatro

A educação clássica dá ênfase aos espetáculos dramáticos, ou ao discurso interpretativo e às orações, como uma forma natural de desenvolvimento das habilidades de recitação. O filme da Disney *High School Musical* reavivou o interesse dos jovens pelos clubes de teatro e me deu esperanças de que talvez o pêndulo esteja balançando de volta às artes clássicas. É muito bom que as crianças passem seu tempo livre, de horário extracurricular, aprendendo coreografia e harmonia. Apesar desse despertar de interesse causado pelo filme ter incentivado mais apresentações e espetáculos superficiais do que dramatizações clássicas, ainda é um começo promissor. O renascimento de peças teatrais escolares apresenta provas de que, se interessados, os alunos são perfeitamente capazes de memorizar falas longas em um curto espaço de tempo.

O educador clássico gosta de pedir aos alunos que leiam peças antigas e modernas em “formato de rádio”. As peças foram escritas para leitura em voz alta, portanto, mesmo que você não tenha a intenção de organizar e encenar uma produção completa, certifique-se de reunir alguns alunos de outras famílias para que as crianças possam ler a peça juntas. Dê um papel a cada um dos alunos e peça que leiam cada um a sua fala na voz do respectivo personagem, usando um

chapéu, lenço ou capa, ou seja, qualquer acessório que seja apropriado à cena.

A agência *Dramatists Play Service* tem em seu catálogo uma lista extensa de peças para todas as idades e a um preço bastante acessível. Durante os anos do Ensino Fundamental, meus filhos encenaram *Júlio César*, de Shakespeare e *O Peregrino*, de Bunyan. É realmente impressionante ver atores tão jovens memorizando papéis tão importantes. Meus filhos também participavam de grupos de apoio a famílias de ensino domiciliar em que os pais organizavam as apresentações para o público. As famílias geralmente são convidadas a participar de teatros comunitários, onde muitas vezes são oferecidos papéis às crianças.

Atletismo

As civilizações antigas sempre valorizaram a mente sã bem como o corpo são. Danças, eventos ao ar livre e atividades de ginástica definiram o atletismo clássico por mais de dois mil anos (e não há motivos para deixarmos os esportes modernos de lado). A dança de salão foi restaurada como uma arte popular, o que considero outro sinal de esperança do renascimento dos clássicos. Nossos quatro filhos fizeram aulas de dança de salão, assim como o meu marido e eu. Apesar de não dançarmos o suficiente para nos tornarmos realmente bons, com certeza nos divertimos nas festas e durante as férias.

As oportunidades para a prática de esportes individuais e coletivos são abundantes e, com exceção do futebol americano, é possível participar de competições esportivas durante os anos do Ensino Médio, mesmo sem ser matriculado em alguma escola. O American Athletic Union, Junior Olympics, Classic Soccer, First Tee, e muitos outros clubes esportivos buscam desenvolver os melhores atletas, independentemente da escola em que estudam. Clubes de natação se comprometem a treinar atletas para receberem bolsas universitárias. Um jogador de beisebol bastante talentoso com quem meus filhos fizeram amizade foi para Porto Rico a fim de estudar em casa durante o Ensino Médio, uma vez aceito para jogar em seu time local. Existem muitas maneiras de atuar em esportes competitivos, mesmo sem estar matriculado em uma escola.

Quanto aos alunos em idade do Fundamental, essa formalização esportiva não é das mais urgentes, uma vez que são muitas as oportunidades de participação em instituições públicas e privadas, tanto recreativas quanto competitivas, para crianças menores. Essa

preocupação, porém, vai ficando latente quando os filhos começam a se aproximar da idade do Ensino Médio. O futebol americano parece ser o único esporte nos Estados Unidos a ainda exigir que os jogadores estejam matriculados em uma escola “tradicional”.

Artes domésticas

Outras áreas de crescente interesse pelos clássicos são as artes domésticas. Programas de culinária, arranjos de flores, costura e jardinagem nunca foram tão populares. As mulheres podem não estar bordando almofadas como as moças altamente cultas e prendadas dos romances de Jane Austen, mas há muitos movimentos contemporâneos que tornaram a costura e o tricô populares outra vez. Prezamos pelas coisas feitas com esmero, e sinceramente espero que o atual renascimento da qualidade das belas-artes continue e até mesmo se infiltre nas Artes Liberais clássicas.

Quanto a mim, acredito que esses sinais positivos revelam, no mínimo, um desejo mais profundo por um retorno àquilo que é atemporal. Talvez a nossa cultura esteja cansada de ouvir que a beleza está nos olhos de quem a vê e depois se perguntar por que as roupas pretas se tornaram tão populares entre crianças cada vez mais novas. Nosso espírito se eleva quando nos cercamos de belas cores, arte e música. Pense no prazer que os seus filhos sentem quando compartilham um poema engraçado, ou até mesmo uma piada que contenha um jogo de palavras inteligente. Uma das alegrias de criarmos filhos que apreciam o uso apropriado das palavras é testemunhar o seu prazer na primeira vez que entendem uma piada baseada em um conceito complexo. Sabemos que nossos filhos estão amadurecendo quando as figuras de linguagem deixam de ser um mistério e passam a ser uma maneira interessante de transmitir uma ideia. Rimas, canções, poemas, cores, texturas e trabalhos manuais são maneiras simples de trazer harmonia e paz à mente de uma criança enquanto recebe dos pais nutrição, força e destreza para o seu corpo em desenvolvimento.

Currículo e recursos para a educação clássica

Independentemente da prática, dos costumes e da situação, qualquer pai ou mãe anseia por ajudar seus filhos a aprender. Uma vez que ninguém segue o mesmo estilo de vida, considere esses currículos sugestões de como implementar o modelo de educação clássica em sua casa. Com mais de vinte anos de experiência com o ensino domiciliar e como líder educacional, de uma coisa eu sei com certeza: seus filhos bagunçarão qualquer currículo que você vier a planejar. Faça, portanto, o seu melhor e saiba que eu acredito que você pode ser o melhor professor ou professora que os seus filhos terão.

Ideias para mães solteiras

Sempre fico impressionada quando conheço um pai solteiro ou uma mãe solteira que educa os filhos em casa. Pais conseguem ser extremamente criativos quando um de seus filhos passa por necessidades. Muitos conseguem ajuda da própria mãe ou do pai (os avós da criança), ou se juntam a outros pais e mães solteiros para compartilhar as responsabilidades escolares. Em algumas situações, esses pais ou mães recebem benefícios médicos por invalidez, pensão militar ou mesmo um seguro de vida que ajuda nas despesas, mas bem sei que mesmo assim não é fácil.

Certa vez, conheci uma mãe cujo marido havia morrido e que, por isso, precisava trabalhar no turno da noite e pedia para uma amiga dormir em sua casa enquanto ela trabalhava. Essa mãe com dificuldades dormia das sete da manhã até o meio-dia enquanto os seus filhos estudavam no computador, praticavam piano, faziam suas tarefas domésticas e brincavam em silêncio. Do meio-dia em diante ela passava tempo com os filhos. Muitos pais e mães solteiros conseguem trabalhar de casa, em empregos como transcrição médica, telemarketing ou dando aulas on-line. O maior benefício para esses

pais e mães solteiros certamente é poder passar mais tempo com os seus filhos.

Aqui está outra ideia se você também tiver que trabalhar para sustentar os seus filhos sozinho. Você pode tornar público que emprega a educação domiciliar com seus filhos e encontrar mais quatro pais ou mães solteiros que queiram se juntar a você para organizar uma pequena escola clássica, onde cada um será responsável pelas aulas de um dia da semana. Então, à noite, quando estiver em casa com seus filhos, faça como todos os outros pais e separe um tempo para fazer as lições com eles e acompanhar as necessidades individuais de cada um. Com o tempo, descobri que os meus filhos estudam melhor à noite. É um horário em que eles já estão cansados e só querem ficar quietos e passar algum tempo comigo antes de dormir.

Ideias para casais que trabalham fora

O salário médio caiu muito nos últimos anos e as famílias que precisam que tanto o pai quanto a mãe trabalhem fora para pagar as contas se encontram em uma situação semelhante à dos pais e mães solteiros. Casais nessa situação estão provavelmente ainda mais motivados a garantir que os seus filhos tenham uma boa educação, justamente por saberem como é difícil ganhar a vida. Nesse caso, como são duas pessoas, talvez vocês consigam conciliar dias de folga diferentes, ou trabalhar em turnos alternados para que sempre um dos dois possa ficar com os seus filhos. É assim que meu marido e eu lidamos com o trabalho e a escola de nossos filhos. Vocês também podem se juntar a outras famílias que praticam o ensino domiciliar e incluir um pai ou uma mãe solteira que também siga o modelo clássico.

Quanto aos momentos de ensino, não deveríamos agir como se precisássemos ensinar todas as matérias todos os dias, ou não ensinar nada como as famílias cujos filhos estudam em escolas tradicionais. Existe um meio-termo. E se, um dia por semana, a avó desse as aulas, dois dias as crianças tivessem aulas com um tutor e nos outros dias o pai ou a mãe ficasse em casa e desse as aulas? Nenhuma dessas opções é perfeita, mas estou apenas tentando dar algumas ideias que podem ajudar.

Talvez você deseje ter mais controle sobre a educação dos seus filhos. Antes do ensino formal obrigatório, famílias com recursos contratavam governantas e tutores. Essa ainda é uma opção. Outra boa ideia é, junto de outras famílias, formar uma pequena escola

clássica e dividir as despesas do salário do professor. Não há necessidade de contratar vários professores se vocês conseguirem encontrar um bom educador que conheça o modelo clássico, assim como as vantagens de uma pequena escola com uma única sala de aula para todos os alunos. A remuneração do professor também pode ser negociada como uma espécie de permuta.

Modelo clássico à noite

Se, no entanto, a única maneira para a sua família for que os seus filhos sejam matriculados numa escola em tempo integral, ainda assim você não precisa desistir do modelo clássico. Encontre-se com os professores dos seus filhos e pergunte como você pode ajudar para que seus filhos tenham um aproveitamento maior. Descubra quais são os objetivos da escola para aquele ano letivo e as expectativas dos professores em relação às tarefas de casa. Se, no início do Fundamental, seu filho tiver uma hora diária de dever de casa, não aumente o seu fardo. Apenas leia com ele por prazer e comece você mesmo a praticar o modelo clássico. Assim, quando ele tiver dificuldades, você poderá ajudá-lo com o dever de casa de uma forma mais benéfica do que simplesmente conduzi-lo até encontrar uma resposta.

Se o seu filho parece ter pouco ou nenhum dever de casa, identifique o seu maior ponto fraco e siga as orientações deste livro para essa área. Desenhe mapas à noite, memorize fatos históricos, copie parágrafos ou resolva exercícios de multiplicação. Mas não faça coisas demais. Trate esse momento como um período normal de dever de casa, de no máximo uma hora.

Muitos pais começam a praticar o método de ensino domiciliar simplesmente porque seus filhos têm tanto dever de casa, que sentem como se já estivessem dando aulas para eles todas as noites. Se o seu filho precisa de mais do que duas horas para fazer as lições de casa toda noite (além de fazer suas leituras) e ainda está no Fundamental, então há algo de errado. A criança precisa ser capaz de estudar o básico durante as seis horas diárias que passa na escola, com o acréscimo de apenas alguns momentos tranquilos de estudo à noite.

O modelo clássico em escolas não clássicas

Se você é professor em uma escola não clássica, provavelmente conseguirá encaixar o modelo clássico ao mesmo tempo em que

cumprir as normas governamentais. Na verdade, se você tratar o trabalho extra como um jogo e disser aos alunos que poderá ter problemas se ensinar demais desse modelo, eles podem se tornar os seus maiores aliados. Crianças adoram “entrar em apuros”, ou “ultrapassar os limites” quando um adulto está no comando. Para eles é uma oportunidade de fazer o que não devem sem enfrentar as consequências!

Se você leciona apenas uma matéria, então comece e termine a aula com dois minutos de memorização sobre o assunto estudado. Coloque em murais as palavras trabalhadas e peça aos alunos para memorizá-las quando estiverem esperando o intervalo, ou quando terminarem suas tarefas mais cedo. Andrew Pudewa, um grande educador clássico, usa o trabalho de memorização como tíquete de entrada para as suas aulas. Os alunos fazem fila na porta e cada um precisa recitar o que memorizou para entrar. Os alunos menos confiantes ficam ao final da fila para conseguirem ouvir os primeiros e repetir a “senha” de entrada.

Se você conseguir fazer com que os outros professores também exijam que os alunos memorizem conteúdo das outras matérias de dois a quatro minutos por dia, esses alunos terão memorizado o conteúdo básico de diferentes disciplinas até o final do ano. O truque é não mudar o conteúdo de memorização no ano seguinte. Mantenha-o exatamente igual para que, mesmo depois de formados, muitos anos depois, os alunos ainda retenham consigo todo esse conteúdo memorizado graças à sua grande contribuição à educação deles.

Tenho uma amiga cujo professor do quinto ano era considerado por ela o pior de todos quando criança. Durante um semestre inteiro, ele fez os alunos copiarem todas as conjugações verbais por uma hora. Agora que está com cinquenta anos, ela o descreve como o professor mais inteligente que já teve, pois deixava os alunos fazerem o trabalho pesado enquanto ele apenas observava. Mas ele já sabia as conjugações verbais. Por que, então, aquele professor teria que fazer o trabalho pesado?

Não estou dizendo que devemos fazer exatamente como esse professor, mas ele com certeza estava no caminho certo. O que aconteceria se, nos primeiros dois minutos de cada hora, seus alunos copiassem uma passagem ou uma tabela de informações e depois dedicassem os próximos dois minutos para tentar reproduzir o que conseguiram memorizar em um rascunho? Tenho certeza de que eles chegariam às aulas animados para sentar e tentar ganhar do professor,

afinal foi exatamente isso que presenciei durante anos como tutora de gramática. Ninguém jamais reclamou da brincadeira “Vencendo a Sra. Bortins”. Meus alunos ficavam felizes em ganhar de mim na hora de escrever os verbos irregulares na tabela ou de completar outra tarefa que eu tivesse passado mais rápido do que eu. Os alunos me imploravam para que os deixasse decidir o que a turma deveria memorizar em seguida, pois pensavam que podiam vencer todos os outros.

Até os meus alunos mais lentos tinham chances iguais de vencer, porque eu adequava cada partida às condições dos alunos. Isto é, eu exigia que uma criança de seis anos escrevesse apenas quatro equações de multiplicação em dois minutos, enquanto os alunos de onze anos tinham que escrever doze e eu, quinze. É um momento de muita alegria e orgulho para o aluno quando ele não precisa mais da vantagem, pois já está rápido o suficiente para acompanhar os outros (e, pode ter certeza de uma coisa, eles sabiam que a professora Bortins não gostava de perder).

Currículo e cronograma para a educação clássica no lar

Em seguida vem o cronograma de estudos. Ele muda de acordo com o dia ou a necessidade do seu filho, mas, em geral, tem funcionado ao longo de muitos anos. Esse cronograma é bastante flexível e faz sobrar tempo o bastante para lavar roupa, limpar banheiros inundados, ligar para agentes de seguro pedindo orçamentos, cuidar do jardim e descansar. Ele soma apenas quatro horas por dia, mas lembre-se de que esse tempo deve ser utilizado de maneira intencional. Estudos mostram que das seis horas que os alunos passam na escola, apenas um terço é gasto em estudos ou exercícios intencionais. O resto é gasto com movimentações de uma sala para a outra e para esperar que todos os alunos se acalmem.

7h: Quarto e café da manhã. Levantar, arrumar o quarto, comer, tomar banho e cuidar do cachorro.

8h: Estudo bíblico. Lemos as Escrituras, como disse anteriormente no livro, para que concluamos as discussões mais importantes do dia (geralmente fazemos isso deitados em nossa cama *king size*).

8h30: Matemática. Todos sentamos à mesma mesa para que eu

possa tirar as dúvidas conforme necessário.

9h30: Artes da Linguagem. Neste horário eu leciono utilizando a lousa. Enquanto ensino a um aluno, o outro copia ou escreve. Com mais de dois filhos, essa seria a tarefa mais difícil de conciliar para os pais. Comece fazendo com que todos prestem atenção ao que você está ensinando na lousa. Então, à medida que se aprofunda no conteúdo, deixe as crianças mais novas saírem para brincar um pouco enquanto as mais velhas permanecem sentadas.

11h: Desenho. Desenhe mapas e analise linhas do tempo. Enquanto os alunos mais velhos desenhavam e faziam exercícios, aproveite esse tempo para ensinar fonologia e fonética às crianças mais novas.

11h30: Pausa. Pause as atividades escolares para que as crianças realizem as tarefas domésticas, almoce e resolvam quaisquer pendências. Em nossa casa costumamos revisar e, ouvindo alguns áudios, memorizar o que estudamos em ciências, história, latim, matemática e gramática enquanto estamos no carro.

Tarde: Usamos o período da tarde para terminar algo que não conseguimos concluir mais cedo, para praticar esportes e encontrar amigos.

20h: Leitura antes de dormir. Lemos juntos, conforme mencionado no Capítulo 4. Dedicamos algum tempo para as leituras em voz alta e em silêncio, e as crianças adormecem lendo (ou ouvindo uma história em audiolivro, se a criança ainda não souber ler).

O sucesso desse método está em cumprir o cronograma todos os dias e em não perder as oportunidades de fazer e continuar praticando mesmo quando se está doente, ou quando está chovendo ou quente demais para sair. Além disso, uma vez por semana nós nos reunimos com nossa comunidade do *Classical Conversations* por sete horas para trabalhar intensamente em jogos de memória, projetos de artes e ciências, bem como para apresentar os trabalhos que cada um fez em casa.

As disciplinas de ciências e história não são ensinadas

separadamente. Elas são integradas ao trabalho de memorização, à leitura da tarde e da noite e à prática de copiar parágrafos.

EPÍLOGO

Como a educação clássica oferece aptidões necessárias para a vida adulta

Termos gerais como “homo sapiens” e “humanidade” são sinônimos de “raça humana”, enquanto termos como “pai”, “funcionário”, “cidadão”, “vizinho” e “amigo” descrevem os nossos relacionamentos. Títulos profissionais como médico, advogado, engenheiro, professor, artista e empreiteiro nos definem ainda mais especificamente. A educação e especialização necessárias para que cumpramos a nossa função podem variar conforme nos identificamos por títulos cada vez mais restritivos. Um vidraceiro precisa desenvolver habilidades muito diferentes das de um farmacêutico. Ou, pelo menos, é o que parece. Porém, ambos não precisam conhecer bem as propriedades dos elementos com os quais trabalham? Os dois também não precisam saber como se comunicar com seus clientes? Ambos não precisam ser capazes de ler as instruções que descrevem um novo processo e também não deveriam ter a honestidade para jogar fora produtos de qualidade inferior? As habilidades comuns exigidas a todas as pessoas são enfatizadas no modelo de educação clássica.

Como mãe, não sei o que os meus filhos farão da vida. A escolha é deles. O que eu sei é que desejo que eles encontrem um propósito em seu trabalho e alegria em suas obrigações diárias, não por serem os melhores em suas profissões, ou por terem muitos amigos ou dinheiro, mas por dominarem as qualidades que os tornam inerentemente humanos. Qualquer que seja a profissão escolhida por meus filhos, espero que sejam competentes e se sintam satisfeitos por exercê-la bem.

Como educadora clássica, sei que é impossível preparar os meus alunos para as especificidades do futuro. Dou o meu melhor para muni-los com as habilidades que servirão aos propósitos mais amplos. Como mãe, é meu papel preparar meus filhos para serem pessoas confiantes e competentes de *maneira geral*. Quando adultos, eles precisarão assumir a responsabilidade de educarem-se com *especializações*. Para que isso ocorra, no entanto, preciso ajudá-los a desenvolver um núcleo de conhecimento básico e de habilidades essenciais. Estudos com diligência oferecem uma oportunidade para

que as crianças dominem as competências gerais a fim de que, quando crescerem, possam continuar a aprender por conta própria.

O modelo clássico utiliza o trivium para ensinar às crianças as habilidades básicas necessárias para absorver, processar e executar. Mesmo que o conteúdo memorizado, compreendido e utilizado por elas seja diferente dependendo dos seus talentos e carreiras específicos, a arte de aprender pode ser generalizada na preparação para qualquer empreendimento. A prática do trivium permite que os alunos dominem as artes da gramática, dialética e retórica para que então possam aplicar essas habilidades gerais a tarefas específicas pelo resto da vida. Os adultos se adaptam com mais facilidade às mudanças de emprego ou a oportunidades incomuns se estiverem confiantes de que são capazes de atingir rapidamente a competência em novas áreas de conhecimento e relacionamentos. Mergulhar em novos conhecimentos, ou “aprender o básico” pode ser mais emocionante do que intimidador.

A educação clássica não apenas infunde em nós as *ferramentas* da educação, como também nos permite avaliar a insensatez e a sabedoria do passado e compará-las com as dificuldades e desafios do presente, para que tenhamos menos probabilidade de cometer erros que afetarão nosso futuro. As pessoas podem fazer escolhas com base em:

1. Coisas que experimentaram e sentiram pessoalmente, ou
2. Elas podem incluir o conselho de seus contemporâneos, ou
3. Elas podem pesar o valor de séculos de conhecimento.

A tradição clássica nos convoca a valorizar as três opções anteriores em todos os nossos empreendimentos. Em vez de nos abandonar ao momento, o modelo clássico nos imerge nas grandes conversas clássicas da humanidade para que possamos ouvir a voz da experiência, discutir nossas opções presentes dentro da nossa comunidade e fazer escolhas com a confiança de que realmente fizemos o nosso melhor. As *ferramentas* clássicas nos permitem incluir o *conteúdo* clássico em nossas decisões.

Nosso modelo educacional atual está mudando. O mundo está cada vez menor e a base de conhecimento está mais ampla. As opções para anos adicionais e modelos de educação mudam a cada semana. Algumas tecnologias e sistemas acadêmicos oferecem oportunidades incríveis. Outras são apenas uma forma de alguém tirar proveito do

medo de pais e mães preocupados com a possibilidade de seus filhos estarem perdendo algo novo. Acredito, sinceramente, que os pais desejam que seus filhos se tornem homens e mulheres livres, capazes de dominar uma situação, e não pessoas inundadas por marés de mudança ou sufocadas pela incapacidade de adaptar-se. Também acredito que os pais desejam avaliar o propósito da educação a fim de seguir em frente com convicção e cautela para escolher o tipo de educação que seus filhos receberão. O modelo clássico nos pede para não substituir os modos e métodos do passado pelas novas tecnologias só porque são novas. Esse modelo também requer que adotemos novas formas de comunicação de uma maneira que contribuam para os objetivos mais elevados da civilização. Os pais tanto podem utilizar com sabedoria as novas tecnologias como preservar as qualidades que conferem aos seus filhos a capacidade de encontrar propósito na vida e de contribuir para as grandes conversas clássicas da humanidade.

Recursos

Introdução

Susan Wise Bauer. *The Well-Educated Mind: A Guide to the Classical Education You Never Had*. New York: W. W. Norton, 2003.

Este livro apresenta histórias curtas e divertidas em cinco gêneros (ficção, autobiografia, história, drama e poesia) com instruções detalhadas sobre como ler cada estilo. As listas no final de cada capítulo apresentam uma leitura recomendada e incentivam o leitor a fazer conexões entre a escrita antiga e a contemporânea.

Susan Wise Bauer e Jessie Wise. *A Mente Bem Treinada: Um Guia Para Educação Clássica em Casa*. Klasiká Liber, 2019.

Este livro explica, passo a passo, como proporcionar ao seu filho uma educação abrangente e academicamente rigorosa desde a pré-escola até o Ensino Médio — uma educação que irá prepará-lo para ler, pensar, entender, preparar-se bem e ansiar por aprender.

Leigh Bortins. *Echo in Celebration: A Call to Home-Centered Education*. Seven Lakes, NC: Classical Conversations Multi-Media, 2007.

Echo é um livro de fácil leitura e que convida o leitor a considerar o modelo clássico e a educação centrada no lar.

David Mulroy. *The War Against Grammar*. Portsmouth, NH: Boynton/Cook, 2003.

Mulroy, graduado em Stanford e classicista, começa expondo os problemas associados ao desaparecimento do preparo formal de gramática nas escolas americanas. Em seguida, o autor passa, então, a examinar a história do preparo formal em gramática e argumenta sua importância a todos os campos de estudo.

Douglas Wilson. *Em Defesa da Educação Clássica*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2003.

As escolas de hoje estão sendo reprovadas no teste. Com base em seu livro *Rediscovering the Lost Tools of Learning*, Wilson afirma que devemos nos voltar à educação cristã clássica, com sua ênfase na antiga divisão de aprendizado e educação voltada ao desenvolvimento infantil. Wilson abrirá os seus olhos para a realidade de que a educação não é a salvadora do mundo; pelo contrário, é a própria educação que precisa ser salva.

Capítulo 1: Qual é o problema da educação atual?

Mark Bauerlein. *The Dumbest Generation: How the Digital Age Stupefies Young Americans and Jeopardizes Our Future (Or, Don't Trust Anyone Under 30)*. New York: Tarcher, 2008.

Bauerlein discute como o acesso on-line à educação é ignorado pelos alunos, que usam a internet principalmente para imergir na cultura pop.

C. S. Lewis. *A Abolição do Homem*.

C. S. Lewis. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*.

C. S. Lewis. *As Crônicas de Nárnia (Volume Único)*. WMF Martins Fontes, 2009.

A coleção de Lewis de sete fantasias infantis ambientadas no mundo de Nárnia: *O Sobrinho do Mago*; *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*; *O Cavalo e Seu Menino*; *Príncipe Caspian*; *A Viagem do Peregrino da Alvorada*; *A Cadeira de Prata*; e *A Última Batalha*.

Associação Nacional de Alfabetização de Adultos (NAAL). Washington, DC: *National Center for Education Statistics*. Disponível on-line em: <http://nces.ed.gov/naal>.

NAAL é uma avaliação nacional de alfabetização em inglês entre adultos americanos, patrocinada pelo Departamento de Educação dos EUA.

Avaliação Nacional do Progresso Educacional (NAEP). Washington, DC: *National Center for Education Statistics*. Disponível on-line em <http://nces.ed.gov/nationsreportcard>.

Parte do Departamento de Educação dos Estados Unidos, a NAEP mede o progresso do aluno em várias áreas disciplinares nas escolas públicas do país.

Thomas Paine. *Senso Comum*. Martin Claret, 2005.

Neil Postman. Introdução de Andrew Postman. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*. New York: Penguin, 1985.

Neil Postman. *O Fim da Educação: Redefinindo o Valor da Escola*. Graphia, 2002.

Em ambos os livros, Postman, um analista cultural, descreve os resultados da educação pós-alfabetização.

Dorothy L. Sayers. *As Ferramentas Perdidas da Educação*. Palestra. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1947.

Este ensaio fundamental apresenta os problemas da filosofia educacional moderna e apela para o retorno ao modelo clássico.

To Read or Not To Read: A Question of National Consequence. Washington, DC: The National Endowment for the Arts, 2007. Disponível on-line em: <http://www.nea.gov/research/ToRead.pdf>.

Evelyn Waugh. “Scott-King’s Modern Europe” em *The Complete Stories of Evelyn Waugh*, p. 328–376. Boston: Little, Brown, 1999.

A defesa que este escritor popular faz dos clássicos e de tudo o que é duradouro é contada pelos olhos de um homem transportado do século XXX para a fictícia “Neutrália”.

Capítulo 2: Por que precisamos da educação clássica

Aristóteles. *Retórica*.

Embora seja difícil de ler sem ter passado pela educação clássica, este livro é fundamental àqueles que estão saindo das habilidades gramaticais para as habilidades intelectuais de nível superior. A obra fornece o ponto de partida para muitos clássicos modernos sobre as

habilidades retóricas.

Associação de Escolas Cristãs Clássicas (ACCS). Moscou, ID. Disponível on-line em: <http://accsedu.org>.

William Bridges. *Jobshift: How to Prosper in a Workplace without Jobs*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 1995.

Estudos interessantes sobre a era das tecnologias globais. Embora um tanto defasado, este livro motivou a conversa sobre como voltar a trabalhar de casa.

Richard M. Gamble. *The Great Tradition: Classic Readings on What It Means to Be an Educated Human Being*. Wilmington, DE: ISI Books, 2007.

Uma grande coleção de contos e ensaios que demonstram o valor da educação clássica.

Charles Handy. *The Age of Unreason*. Prefácio de Warren Bennis. Cambridge, MA: Harvard Business Press, 1991.

Handy previu que o século XXI seria a Era da Insensatez e se concentrou nas filosofias que embasam nossas respostas. O autor incluiu ideias sobre negócios e sua relação com a família.

Ralph Moody. *Mary Emma and Company*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994.

Minha história favorita é a série de Ralph Moody sobre sua vida sendo um jovem que só pode estudar ocasionalmente, pois precisa cuidar de sua mãe e irmãos. Se eu disser mais, vou estragar as histórias. Basta ler todas.

Instituto Nacional de Pesquisa em Educação Domiciliar. Salem, OR. Disponível on-line em: <http://www.nheri.org>.

Brian Ray coleta dados sobre educação e avalia o progresso das crianças cujos pais estão ativamente envolvidos em seu ensino. Visto que poucos pais praticam a educação domiciliar a vida inteira, o autor também oferece análises para aqueles pais que são, no mínimo, bastante envolvidos na educação dos filhos.

Dominic O'Brien. *Learn to Remember: Transform Your Memory Skills*. London: Duncan Baird Publishers, 2000.

Dominic O'Brien. *How to Develop a Brilliant Memory Week by Week: 52 Proven Ways to Enhance Your Memory Skills*. London: Duncan Baird Publishers, 2006.

Ambos os livros são de fácil leitura, inspiradores e altamente práticos.

Kate Douglas Wiggin. *Rebecca of Sunnybrook Farm*. New York: Puffin, 1995.

Simplesmente um livro gostoso de ler que revela a cultura do Sul dos EUA.

Laura Ingalls Wilder. *Uma Pequena Cidade na Campina*. Editora Record, 1975.

A história verdadeira de uma família que viveu o modelo clássico.

Douglas Wilson. *Recovering the Lost Tools of Learning: An Approach to Distinctively Christian Education*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1991.

Douglas Wilson, diretor da renomada Logos School, apresenta um modelo de educação cristã distintamente clássico como resposta ao atual descaso da educação pública.

Este é um livro escrito de um pai para pais que desejam o melhor para os seus filhos.

Douglas Wilson. *Em Defesa da Educação Cristã Clássica*.

As escolas de hoje estão sendo reprovadas no teste. Com base em seu livro *Rediscovering the Lost Tools of Learning*, Wilson afirma que devemos nos voltar à educação cristã clássica, com sua ênfase na antiga divisão de aprendizado e educação voltada ao desenvolvimento infantil. Wilson abrirá os seus olhos para a realidade de que a educação não é a salvadora do mundo; pelo contrário, é a própria educação que precisa ser salva.

Capítulo 3: Como a educação clássica

Martin Cothran. *Classical Rhetoric with Aristotle: Traditional Principles of Speaking and Writing*. Louisville, KY: Memoria Press, 2003.

Muito mais fácil de ler e usar do que a obra original de Aristóteles. Cothran torna as habilidades retóricas acessíveis a qualquer pai ou aluno mais velho.

M. K. DeGenova. "If you had your life to live over again: What would you do differently?". *The International Journal of Aging and Human Development* 34.2 (1992): 135–43.

Tony Dokoupil. "Why Young Men Delay Adulthood to Stay in 'Guyland'". Newsweek. Edição on-line. 30 de agosto de 2008. Disponível on-line em: <http://www.newsweek.com/id/156372>.

Andrew Kern. "Leadership Development: Headmasters". Concord, NC: CiRCE Institute, 2006. Disponível on-line em: http://www.circeinstitute.org/s_headmasters.shtml.

Russell Kirk. *A Era de T. S. Eliot: A Imaginação Moral do Século XX*. É Realizações, 2011.

Além de comentários interessantes sobre a poesia de Eliot, este livro oferece uma visão ampla das diferenças entre aqueles que desejam conservar os valores clássicos e aqueles que promovem o "progresso" mesmo a ponto de defender que os valores centrais nem sequer existem.

James Madison. *Federalista N.º 47*.

Embora seja de difícil leitura aos leitores contemporâneos, todos os documentos federalistas tratam de eventos políticos atuais. Uma ótima defesa para quem gosta de viver sob a intenção original da Constituição dos Estados Unidos.

James B. Nance e Douglas J. Wilson. *Introductory Logic and Intermediate Logic*. (Nance é o único autor de *Intermediate Logic*.) Moscow, ID: Canon Press, 2006.

Nesses livros visando alunos do Ensino Médio, Douglas Wilson e James Nance treinam os alunos nas habilidades cruciais de definir

termos, reconhecer axiomas, argumentar com o uso de silogismos, tecer argumentos na linguagem cotidiana e identificar falácias informais. De fácil acesso, esses textos oferecem ao aluno um curso rigoroso de lógica que o ajudará a se destacar em todas as outras disciplinas.

Ishbel Ross. *Journey into Light: The Story of the Education of the Blind*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1951.

Um resumo encantador da vida de Helen Keller, uma americana verdadeiramente extraordinária que superou as suas limitações ao invés de deixar que elas a definissem.

William Shakespeare. *Henrique V*.

Um livro divertido para ler em voz alta entre um “grupo de irmãos”, ligados pelo sangue ou pelo amor aos clássicos. Todo menino deveria aprender a amar essa peça.

Ravi Zacharias. *Jesus Among Other Gods: The Absolute Claims of the Christian Message*. Nashville, TN: W. Publishing, 2002.

Uma discussão sobre a representação de Jesus à luz da teologia muçulmana e hindu. Escrito por um autor popular da Índia, este livro examina o caso da verdade absoluta versus a verdade relativa e o uso das palavras e da semântica usadas na persuasão. Ravi é um especialista em relacionar expressões da cultura popular em todo o mundo às ideias clássicas que definem as ciências humanas.

Capítulo 4: Leitura

Os adultos que desejam melhorar sua própria habilidade de ler boa literatura podem começar com qualquer um dos livros infantis ganhadores da Medalha Newbery.

Mortimer J. Adler e Charles Van Doren. *Como Ler Livros*. É Realizações, 2010.

Susan C. Anthony. *Spelling Plus: 1000 Words Toward Spelling Success*. Anchorage, AK: Instructional Resources, 1999.

O *Spelling Plus* enfatiza as 1000 palavras básicas que constituem 90% da escrita em inglês e, embora contenha vocábulos que desafiam até mesmo os soletradores mais talentosos, proporciona àqueles com dificuldade para soletrar a repetição e prática de que precisam. O livro inclui planilhas.

Frederick Douglass. *A Narrativa da Vida de Frederick Douglass e outros textos*.

Trata-se da descrição de como um escravo aprendeu a ler sozinho, o que lhe permitiu finalmente comprar a sua própria liberdade e tornar-se um defensor influente da liberdade para todos.

Jennifer Greenholt. *Words Aptly Spoken* series. Seven Lakes, NC: Classical Conversations Multi-Media, 2005–2008.

Words Aptly Spoken: Short Stories

Words Aptly Spoken: American Documents

Words Aptly Spoken: Children's Literature, parts A, B

Words Aptly Spoken: American Literature

Words Aptly Spoken: British Literature

Esses guias de estudo de literatura incluem questões de reflexão e revisão sobre as principais obras da literatura clássica em uma variedade de gêneros e períodos. Cada guia também inclui exercícios para os alunos praticarem suas habilidades de escrita em relação à literatura que estão lendo.

James W. Sire. *How to Read Slowly*. Wheaton Literary Series. Colorado Springs, CO: Shaw Books, 2000.

Um livro menor e mais fácil de ler do que *How to Read a Book* de Adler e Van Doren. Sire explica as várias maneiras de ler com eficiência e eficácia, a depender do gênero e dos objetivos do leitor.

Romalda Bishop Spalding e Walter T. *The Writing Road to Reading: The Spalding Method of Phonics for Teaching Speech, Writing and Reading*. New York: HarperResource, 1990.

O melhor livro para quem quer conhecer a natureza da leitura a fim de ensinar alunos em qualquer grau ou capacidade de leitura.

Capítulo 5: Escrita

Recomendo que todos os adultos, mesmo aqueles que não são professores ou não têm filhos, estudem os quatro livros a seguir. São obras que fornecerão o equivalente a doze anos de estudos da língua inglesa.

Andrew Kern. *The Lost Tools of Writing*. Concord, NC: CiRCE Institute, 2009.

Andrew Pudewa. *Teaching Writing: Structure and Style*. Atascadero, CA: Institute for Excellence in Writing, 2001.

Este conjunto inclui o curso completo de treinamento de professores (doze horas mais atribuições de estágio), mais 3 aulas de demonstração de duas horas mostrando a primeira etapa do processo sendo ministrada a alunos em três níveis diferentes.

Romalda Bishop Spalding e Walter T. *The Writing Road to Reading: The Spalding Method of Phonics for Teaching Speech, Writing and Reading*. New York: HarperResource, 1990.

Este é o meu livro favorito, que ensina adultos a ensinar caligrafia, fonologia, fonética, ortografia e leitura para crianças, visto que oferece uma visão completa das habilidades que forjam leitores e soletradores competentes.

Nancy Wilson. *Our Mother Tongue: A Guide to English Grammar*. Moscow, ID: Canon Press, 2004.

Nancy Wilson examina os principais conceitos da gramática inglesa para alunos de todas as idades.

Em seguida, compre para usar a vida inteira como referência enquanto aprimora suas habilidades no idioma: William Strunk Jr. e E. B. White. *The Elements of Style*. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

Recurso fundamental para escritores, editores, profissionais do texto

em geral e estudantes desde 1959, este pequeno volume contém a sabedoria combinada de William Strunk Jr., professor de inglês da Cornell University, e do lendário escritor do *New Yorker*, E. B. White. Embora existam outros livros no mercado que se aprofundam mais em questões de gramática e estilo, esta é a melhor fonte a quem deseja um guia vigoroso e conciso para os fundamentos da escrita eficaz.

John E. Warriner. *English Grammar and Composition: Complete Course*. Orlando, FL: Harcourt Brace Jovanovich, 1988.

Este livro de 1957 contém tudo sobre estruturas e classificações oracionais em um único texto. Excelente.

Capítulo 6: Matemática

Leigh Bortins. *Tables, Squares, and Cubes*. Seven Lakes, NC: Classical Conversations Multi-Media.

Este livro fornece tabelas e métodos de autoaprendizagem para ajudar o aluno a dominar a tabuada e os quadrados e cubos comuns vistos em equações algébricas. O livro é barato, reutilizável e multissensorial para que os pais possam ajudar todos os seus filhos a dominar o básico da multiplicação.

Keith I. Kressin. *Understanding Mathematics: From Counting to Calculus*. San Diego: K Squared Publishing, 1997.

O livro de Kressin é uma discussão não técnica de fácil leitura que cobre uma ampla gama de tópicos matemáticos, com ênfase em exemplos do mundo real e aplicações práticas.

Joseph Ray. *Ray's Arithmetic Series*. Eight-volume set. Fenton, MI: Mott Media, 1985.

Coleção originalmente produzida e usada no final dos anos 1870 e 1880, a Aritmética de Ray ensina matemática do zero, desenvolvendo os blocos de construção do conhecimento e depois progredindo para operações mais complicadas. Desde o início, Ray incorpora problemas de matemática para garantir que os alunos entendam a aplicação de conceitos matemáticos.

Art Reed. *Mastering Algebra “John Saxon’s Way”*. Série em DVD. Enid, OK: AJ Publishers, 2009.

Art Reed. *Using John Saxon’s Math Books*. Enid, OK: AJ Publishers, 2009.

Saxon Math. New York: Harcourt Achieve.

O processo incremental de Saxon ensina o aluno a dominar conceitos antigos e desfrutar do desafio de descobrir novas estruturas. O material da Saxon é um currículo completo: da Educação Infantil até a conclusão do Ensino Médio. Nenhum currículo é perfeito, mas Saxon pode orientar um aluno que estuda em casa até o nível de Álgebra II e mesmo além, sem a orientação de um professor de matemática profissional. Os testes de classificação estão disponíveis on-line em <http://www.saxonpublishers.com>.

Saxon Math DVDs. Teaching Tape Technology. Chelsea, AL. Disponível on-line em: <http://www.teachingtape.com>.

Esses DVDs, atualizados anualmente, podem ser usados por qualquer pessoa para completar um currículo de matemática equivalente ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.

Capítulo 7: Geografia

O NationalGeographic.com e o EnchantedLearning.com têm diversos mapas e jogos de mapas excelentes. Use seu material de tracejado até que o aluno esteja confiante o suficiente para copiar de um mapa para um pedaço de papel em branco.

O Classical Conversations Connected Community também tem muitos mapas para memorizar, junto com fatos históricos, tabuada e muito outros materiais. A biblioteca pública pode ser acessada em: http://classicalconversations.com/registered/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=198.

Compact Atlas of the World. New York: DK Publishing, 2005.

O *Compact Atlas* tem muitos fatos para adicionar aos seus mapas, além das fronteiras políticas e características físicas. Este atlas é um ótimo

livro de referência de geografia para usar em casa e em sala de aula.

Capítulo 8: História

Adventures in Odyssey. Radio Show. Colorado Springs, CO: Focus on the Family, 1987–2009.

Desde 1987, a Focus on the Family produziu mais de seiscentos episódios nesta série dramática em áudio baseada em valores que se passa em Whit's End, uma pequena cidade fictícia dos EUA. Muitas das aventuras incluem viagens ao passado, onde as crianças encontram patriotas e estudiosos empolgantes.

Susan Wise Bauer. *A História do Mundo*.

A História do Mundo é um premiado recurso para famílias, com histórias contadas no estilo simples e envolvente que se tornou a marca registrada de Susan Wise Bauer. Este conjunto de quatro volumes cobre a história humana desde os tempos antigos até o presente.

A História do Mundo, Vol. 1: A Antiguidade: dos Primeiros Nômades ao Último Imperador Romano (Filocalia, 2021)

A História do Mundo, Vol. 2: A Idade Média: da Queda de Roma ao Início da Renascença (Filocalia, 2021)

The Story of the World, Vol. 3: Early Modern Times (Charles City, VA: Peace Hill Press)

The Story of the World, Vol. 4: The Modern Age (Charles City, VA: Peace Hill Press)

Benjamin Franklin. *Autobiografia*.

Publicado pela primeira vez em 1793, a autobiografia de Franklin retrata vividamente a vida na Filadélfia durante os períodos colonial e revolucionário da história americana.

Hergé. *As Aventuras de Tintim*.

Esta série de histórias em quadrinhos com o repórter belga Tintim se tornou popular na década de 1920 e mais tarde foi traduzida do original francês para o inglês. As aventuras de Tintim são ambientadas no cenário histórico da Revolução Bolchevique e da Segunda Guerra Mundial.

Anne Zeman e Kate Kelly. *Everything You Need to Know About American History*. New York: Scholastic Reference, 2005.

Estes guias contêm os fatos e eventos que alunos do quarto, quinto e sexto ano — e seus pais — nunca conheceram, dos quais não se lembram ou que precisam aprender. Cada livro contém fatos, fórmulas e procedimentos e é apresentado em um formato visualmente estimulante, usando tabelas, gráficos, diagramas, ilustrações, fotos, cronogramas e mapas coloridos.

Capítulo 9: Ciências

Anna Botsford Comstock. *A Handbook of Nature Study*. Ithaca, NY: Comstock Publishing/Cornell University Press, 1986.

Escrito pela primeira vez em 1911, este guia abrangente para o estudo da natureza ainda é amplamente utilizado. Além de guias para estudar a vida vegetal e animal, o livro também discute o papel do estudo da natureza na educação e as limitações do conhecimento científico.

Joan Distasio. *Biology: 100 Reproducible Activities*. Grand Rapids, MI: Instructional Fair, 1999.

Diagramas, quebra-cabeças, questões de múltipla escolha e colunas correspondentes aprimoram o texto de biologia e a experiência de laboratório. Esses materiais cobrem todas as áreas da biologia, incluindo células, plantas, equipamentos de laboratório, animais e insetos.

Doug C. Eldon, Dorry Eldon e Bobby Horton. *Lyrical Life Science, Vol. 3: The Human Body*. Corvallis, OR: Lyrical Learning, 1998.

Esses livros usam músicas e cantigas para ensinar conceitos científicos e ajudar os alunos a memorizar informações.

National Audubon Society. *Field Guides*. New York: Alfred A. Knopf.

National Audubon Society. *Pocket Field Guides*. New York: Alfred A. Knopf.

Audubon produz mais de vinte guias de taxonomia, com fotos e descrições de pássaros, flores silvestres, árvores, mamíferos, insetos, peixes e muito mais.

Nancy Pearcey e Charles Thaxton. *The Soul of Science: Christian Faith and Natural Philosophy*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1994.

Um olhar sobre as diferenças entre a visão clássica do mundo como um organismo, a visão moderna de que o mundo é uma máquina e a visão pós-moderna de que o mundo é um processo em andamento.

Roger Tory Peterson. *Birds: Peterson's Field Guide Color-in Book*. New York: Houghton Mifflin Harcourt.

O clássico guia de campo apresentado como um livro de colorir para crianças, dando-lhes a oportunidade de investigar os detalhes que nos ajudam a identificar as diferentes espécies de pássaros.

Kirsteen Rogers. *Usborne Internet-Linked Science Encyclopedia*. London: Usborne, 2009.

Este livro ilustrado é uma ótima referência para a faixa etária de 9–12 anos. O livro inclui 1000 sites recomendados para estudos adicionais, permitindo que os alunos aprendam o quanto quiserem sobre física, química, biologia, TI (tecnologia da informação), geociência e astronomia.

Janice VanCleave. *201 Awesome, Magical, Bizarre and Incredible Experiments*. New York: John Wiley & Sons, 1994.

Este livro é um tesouro de experimentos científicos projetados para mostrar às crianças que a ciência é mais que uma lista de fatos — a ciência é divertida! O livro orienta as crianças nas etapas necessárias para concluir com sucesso um experimento, ensinando-lhes o melhor método de resolver problemas e descobrir respostas. 201 experimentos curtos cobrem cinco campos diferentes: astronomia, biologia, química, geociência e física.

Capítulo 10: Belas-Artes

Mona Brookes. *Drawing with Children*. New York: Tarcher, 1996.

Esta abordagem ao ensino de desenho é, lição por lição, fácil de seguir em qualquer idade. O livro orienta os leitores por meio do básico e dá conselhos importantes para criar um ambiente no qual a criatividade possa florescer.

MaryAnn F. Kohl e Kim Solga. *Discovering Great Artists*. Bellingham, WA: Bright Ring Publishing, 1997.

Este livro contém 110 atividades artísticas divertidas e exclusivas para as crianças experimentarem os estilos e técnicas dos grandes mestres, desde a Renascença até o presente. Uma breve biografia de cada artista é incluída com uma atividade artística totalmente ilustrada e testada por crianças, apresentando pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura e muito mais.

Capítulo 11: Currículos e recursos para a educação clássica

Robert J. Henle. *Henle Latin*. Chicago: Loyola University Press, 1958.

Publicado originalmente em 1945, a série Henle Latin ensina o latim pelo método tradicional. A gramática e a sintaxe são apresentadas em uma Gramática separada, que é usada como referência para todos os quatro anos de estudo do material de Henle. Os textos contêm todos os exercícios e leituras.

Peter J. Leithart. *Brightest Heaven of Invention: A Christian Guide to Six Shakespeare Plays*. Moscow, ID: Canon Press, 1996.

Shakespeare foi um grande observador, capaz de enxergar com profundidade os padrões do caráter humano. A caminhada perceptiva de Leithart por seis peças de Shakespeare foi escrita especialmente para um curso de nível do Ensino Médio, mas alunos mais velhos também se beneficiarão desta obra.

Peter J. Leithart. *Heroes of the City of Man*. Moscow, ID: Canon Press, 1999.

Leithart avalia obras literárias clássicas, incluindo *A Ilíada* e *Odisseia*. Ele salienta importantes elementos literários de cada uma das obras, e também traz estudos de caráter perspicazes e um exame das visões de mundo apresentadas em cada obra.

Karen Mohs. *Latin's Not So Tough!* Moline, IL: Greek'n' Stuff, 1996.

Esta série faz jus ao seu nome. É uma boa introdução ao latim que torna o estudo de línguas estrangeiras o mais acessível possível.

H. Clay Trumbull. *Hints on Child Training*. Eugene, OR: Great Expectations Book Co., 1993.

Embora não esteja relacionado especificamente aos estudos da língua, Trumbull dá ótimas ideias sobre como falar com as crianças para que elas possam entender as expectativas de um adulto. Este livro me tornou uma mãe melhor e meus filhos capazes de responder com mais maturidade a uma lista de instruções.

Ultimate Spanish: Basic-Intermediate. New York: Living Language, 1998.

Desenvolvido por especialistas da Living Language, este curso tem tudo que você precisa para falar, entender, ler e escrever em espanhol. *Ultimate Spanish* combina conversação com gramática e cultura em um formato fácil de seguir, agradável e eficaz. Contém quarenta lições; inclui oito CDs.

David Pogue e Scott Speck. Prefácio de Glen Dicterow. *Música Clássica para Leigos*. Alta Books Editora, 2019.

Este é um guia prático que o ajudará a obter o máximo da música clássica e a identificar diferentes estilos, gêneros e formatos de música clássica. O livro vem com um CD de obras clássicas e fornece links para sites de música clássica e recursos on-line.

Suzanne Rhodes. *The Roar on the Other Side: A Guide for Student Poets*. Moscow, ID: Canon Press, 2000.

Este livro é uma introdução inestimável aos hábitos e habilidades que forjam um poeta e à “visão” que faz valer a pena ler as obras daquele que compõe poesia.

Sugestões de Literatura Clássica

Esta lista, embora certamente não esteja completa, é um ótimo ponto de partida para a literatura clássica. Você verá que muitos dos livros listados aqui estão disponíveis em mais de uma edição, às vezes lançados por várias editoras. Normalmente são obras de baixo custo e com edições alternativas de luxo.

Jane Austen. *Orgulho e Preconceito*.

Beowulf.

John Bunyan. *O Peregrino*.

Frances Hodgson Burnett. *O Jardim Secreto*.

Lewis Carroll. *Alice no País das Maravilhas*.

Padraic Colum. *The Children's Homer: The Adventures of Odysseus and the Tale of Troy*. New York: Simon Pulse, 1982.

Stephen Crane. *The Red Badge of Courage*. Mineola, NY: Dover, 1990.

Daniel Defoe. *Robinson Crusoe*.

Charles Dickens. *Um Conto de Natal*

Elisabeth Elliot. *Através dos Portais do Esplendor*. Editora Vida Nova, 2013.

Esther Forbes. *Johnny Tremain*. New York: Yearling, 1987.

Jean Lee Latham. *Carry On, Mr. Bowditch*. San Anselmo, CA: Sandpiper, 1955.

Harper Lee. *O Sol é para Todos*. Editora José Olympio, 2006.

Jack London. *O Chamado da Floresta*.

Jack London. *Caninos Brancos*.

Henry Wadsworth Longfellow. *Favorite Poems*. Mineola, NY: Dover, 1992.

Lois Lowry. *Um Caminho na Noite*

George Orwell. *A Revolução dos Bichos*.

Edgar Allan Poe. *O Escaravelho de Ouro*.

Wilson Rawls. *Where the Red Fern Grows*. New York: Laurel Leaf, 1997.

William Shakespeare. *A Megera Domada*.

Sir Gawain e o Cavaleiro Verde.

Elizabeth George Speare. *The Bronze Bow*. San Anselmo, CA: Sandpiper, 1997.

Elizabeth George Speare. *The Sign of the Beaver*. New York: Yearling, 1984.

Robert Louis Stevenson. *A Ilha do Tesouro*.

Corrie Ten Boom. *O Refúgio Secreto*.

J. R. R. Tolkien. *O Hobbit*.

Mark Twain. *As Aventuras de Tom Sawyer*.

Booker T. Washington. *Up from Slavery*. Mineola, New York: Dover, 1995.

Elizabeth Yates. *Amos Fortune, Free Man*. New York: Puffin, 1989.

Índice

“Blue-backed Spellers”: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 51.

“Chá gelado”: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 147.

“Plasticidade” do cérebro: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 65.

201 Awesome, Magical, Bizarre, and Incredible Experiments: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 231.

A Era da Irracionalidade: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 61.

A História do Mundo (Susan Bauer): Ebook Capítulo: 8 / Impresso páginas: 209–210.

A Origem das Espécies (Darwin): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Abraham Lincoln: Ebook Capítulos: 2, 8 / Impresso páginas: 75, 207.

Adolf Hitler: Ebook Capítulos: 2, 4 / Impresso páginas: 73, 105.

Adventures in Odyssey: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 211.

África: Ebook Capítulos: 1, 7, / Impresso páginas: 53, 190, 192–193, 195, 198.

Agostinho de Hipona: Ebook Capítulos: 1, 3 / Impresso páginas: 57, 91.

Albert Einstein: Ebook Capítulo: 9 / Impresso páginas: 224, 234.

Alexandria (séc. III a.C.): Ebook Capítulos: 1, 9 / Impresso páginas: 56, 221.

Alexis de Tocqueville: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 38.

Alfabetização: Ebook Capítulos: 1, 3 / Impresso páginas: 38, 40, 46–48, 50, 57, 59, 79–80.

Alfabetização funcional: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 46.

Alfred Bunn: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 80.

Álgebra: Ebook Capítulos: 2, 3 / Impresso páginas: 74, 94, 96, 113.

Alunos jamaicanos: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 142.

América colonial: Ebook Capítulos: 1, 2, 3 / Impresso páginas: 47–48, 79, 84, 95.

América do Sul: Ebook Capítulo: 7 / Impresso páginas: 197–200.

American Athletic Union: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 248.

Amusing Ourselves to Death (Postman): Ebook Capítulo: 1, 2 / Impresso páginas: 45, 79.

Análise sintática: Ebook Capítulos: 2, 5 / Impresso páginas: 80–81, 145, 148.

Andrew Kern: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 111.

Andrew Pudewa: Ebook Capítulos: 6, 10 / Impresso páginas: 166, 254.

Antoine Lavoisier: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Aprender a Recordar (O'Brien): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 66.

Aprendizado do vocabulário: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 126.

Arábia Saudita: Ebook Capítulo: 4, 5 / Impresso páginas: 129, 137, 147.

Aristóteles: Ebook Capítulo: 8, 9 / Impresso páginas: 207, 234.

Aritmética: Ebook Capítulo: 6 / Impresso páginas: 171, 174.

Artefatos: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 134.

Artes domésticas: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 248.

Artes Liberais: Ebook Capítulo: 1, 3, 5, 10 / Impresso páginas: 32, 103, 151, 244, 249.

As Aventuras de Tintim: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 211.

As Ferramentas Perdidas da Educação (Sayers): Ebook Capítulo: 2, 8 / Impresso páginas: 59, 67–68, 212,

Associação de Escolas Cristãs Clássicas (ACCS): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 67.

Astronomia: Ebook Capítulos: Introdução, 6, 9 / Impresso páginas: 27, 164, 220, 222, 224–226.

Atletismo: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 247–248.

Atrasos de desenvolvimento: Ebook Capítulos: 4, 6 / Impresso páginas: 130, 170.

Autocontrole: Ebook Capítulos: 1, 3, 5, 8 / Impresso páginas: 41, 105, 141, 217.

Belas-artes: Ebook Capítulos: Introdução, 10 / Impresso páginas: 27–28, 243–244, 249.

Benjamin Franklin: Ebook Capítulos: 1, 2, 5, 8 / Impresso páginas: 55, 84, 158, 211, 213, 215.

Beowulf: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 207.

Bíblia: Ebook Capítulo: Introdução, 3, 4 / Impresso páginas: 25, 79, 133–134.

Bill Gates: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 108.

Biologia: Ebook Capítulo: Introdução, 1, 9, Epílogo / Impresso páginas: 27, 54, 223, 225–226, 230, 233–235, 275–276.

Bolhas continentais: Ebook Capítulo: 7 / Impresso página: 192–193.

C. S. Lewis: Ebook Capítulo: Introdução, 2, 8 / Impresso páginas: 23, 68, 207.

Calculadora: Ebook Capítulo: Introdução, 2, 3, 6 / Impresso páginas: 26, 70, 82, 90, 164–165, 167–170, 182–183.

Cálculos: Ebook Capítulos: 1, 2, 5, 6 / Impresso páginas: 46, 74, 82, 148, 164–170, 172, 180.

Caligrafia: Ebook Capítulo: 1, 4, 5 / Impresso páginas: 40, 120, 139–140, 142–143, 145.

Cânones da retórica: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 103.

Cantigas infantis: Ebook Capítulos: 8, 10 / Impresso páginas: 206–207, 246.

Capacidade analítica: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 74.

Capacidade de pensamento crítico: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 96.

Carry On, Mr. Bowditch: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 232.

Catecismo: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 221.

Charles Darwin: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Charles Handy: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 61.

Charles Van Doren: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

China: Ebook Capítulo: 1 / Impresso páginas: 40, 50.

Cícero: Ebook Capítulos: 1, 8 / Impresso páginas: 44, 57, 207.

Ciência ambiental: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 223.

Ciência física: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 235.

Classic Soccer (time): Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 248.

Classical Conversations: Ebook Capítulos: Agradecimentos, Introdução, 2, 8, 9, 11 / Impresso páginas: 9, 20, 25, 67, 203, 205, 228, 231, 257.

Como Ler Livros (Adler): Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

Conselho Nacional de Professores de Inglês (NCTE): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 81.

Constituição dos EUA: Ebook Capítulo: Introdução / Impresso página: 18.

Cópia: Ebook Capítulos: Introdução, 2, 5, 5, 6, 7, 8, 10, Recursos / Impresso páginas: 26, 79, 139–147, 153, 156–159, 167, 187, 189, 192, 195–196, 201, 211, 213–215, 217, 243–244, 255–257, 273.

Cozinhar: Ebook Capítulos: 3, 9 / Impresso páginas: 87, 232, 240.

Cristóvão Colombo: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 205.

Cultura popular: Ebook Capítulo: Introdução, 3, 10 / Impresso páginas: 27, 112, 243.

Da Geração dos Animais (Aristóteles): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Debate: Ebook Capítulo: 3 / Impresso páginas: 96, 102.

Debates Lincoln-Douglas (1858): Ebook Capítulo: 3 / Impresso páginas: 102–103.

Declaração de Direitos: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 207.

Declaração de Independência dos EUA: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 143.

Definição de termos: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 224.

Departamento de Educação dos EUA: Ebook Capítulo: 1 / Impresso páginas: 46, 49.

Desenho: Ebook Capítulo: 10 / Impresso páginas: 243–244.

Diagrama de Venn: Ebook Capítulo: 6 / Impresso páginas: 177–178.

Dialética: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3, 6, 8, Epílogo / Impresso páginas: 18, 32–33, 56, 68–69, 74–75, 79, 91–92, 100–102, 164, 166, 216, 260.

Diane Ravitch: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 169.

Dificuldades de aprendizagem: Ebook Capítulos: 2, 4, 5, 6 / Impresso páginas: 66, 121, 130, 142, 170.

Discovery Channel: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 210.

Discurso de Gettysburg: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 207.

Discurso racional: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 53.

Dominic O'Brien: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 66.

Dorothy Sayers: Ebook Capítulos: 2, 8 / Impresso páginas: 59, 68, 212.

Douglas Wilson: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 67.

Dover Classics: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 211.

Drama: Ebook Capítulo: Recursos / Impresso página: 263.

Dramatists Play Service: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 247.

Du Pont de Nemours: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 48.

Ed Emberley: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 244.

Educação clássica: Ebook Capítulos: Prólogo, Introdução, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, Epílogo / Impresso páginas: 13, 19–24, 31–33, 44, 52–53, 58–60, 62, 67, 69, 76, 83, 85, 88, 92, 103, 105–106, 112, 127, 130–131, 139, 152, 159, 164, 187, 191, 215, 224, 247, 251, 256, 259–260.

Educação domiciliar: Ebook Capítulo: Introdução, 2, 3, 8, 11 / Impresso páginas: 20, 23, 61, 63, 105, 108, 216, 252.

Educação encíclica: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 175.

Educação industrial: Ebook Capítulo: Introdução / Impresso página: 22–23.

Educador clássico: Ebook Capítulos: 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11 / Impresso páginas: 63–64, 67, 70, 78, 90, 120, 145, 149, 172, 207, 211–213, 240, 247, 254.

English Grammar and Composition (Warriner): Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 52.

Entretenimento: Ebook Capítulos: 1, 2 / Impresso páginas: 39, 42–43, 45, 58–59, 62, 70.

Entretenimento educacional: Ebook Capítulos: 1, 2 / Impresso páginas: 33, 70.

Escrita criativa: Ebook Capítulos: 2, 5 / Impresso páginas: 81, 144–146, 154.

Especialização: Ebook Capítulo: 1, 2, 6, Epílogo / Impresso páginas: 34, 76–77, 164, 259.

Estrutura do inglês: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 149.

Everyday Math: Ebook Capítulo: 2, 6 / Impresso páginas: 82, 168.

Experimentos científicos: Ebook Capítulos: 3, 9 / Impresso páginas: 96, 229, 231, 240.

Família educadora: Ebook Capítulo: Introdução / Impresso páginas: 17, 24.

First Tee (time): Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 248.

Fonética: Ebook Capítulos: 4, 5, 11 / Impresso páginas: 119–121, 123–125, 127–129, 145, 149, 257.

Fonograma: Ebook Capítulos: 4 / Impresso páginas: 120, 123, 136.

Fonologia: Ebook Capítulos: 4, 5, 11 / Impresso páginas: 120, 123–124, 127, 145, 257.

Fontes primárias: Ebook Capítulos: Agradecimentos, Introdução, 4, 5, 9 / Impresso páginas: 9, 25, 129, 158, 235.

Forense: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 76.

Francis Bacon: Ebook Capítulos: 1, 9 / Impresso páginas: 57, 231.

Franz Kafka Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

Frederick Douglass Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 117.

Fundamentos Ebook Capítulos: 2, 4, 5, 6, 7, 9, Recursos / Impresso páginas: 69, 120–121, 130, 148, 171, 201, 245, 272.

G. K. Chesterton Ebook Capítulos: Introdução, 9 / Impresso páginas: 27, 219.

Galileu Galilei: Ebook Capítulos: 9 / Impresso páginas: 234.

Geociência: Ebook Capítulos: Introdução, 9 / Impresso páginas: 27, 223, 225–226.

Geografia: Ebook Capítulos: Introdução, 2, 3, 4, 7 / Impresso páginas: 26, 73, 75, 104, 134, 185–187, 191, 195, 197, 199–202.

Geometria de Euclides: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 164.

George Washington: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 60.

Grafema: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 122.

Gramática: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3 / Impresso páginas: 18, 21, 24, 32, 52, 56, 69, 74.

Grandes Círculos (geografia): Ebook Capítulo: 7 / Impresso páginas: 189, 194.

Grandes Paralelos (geografia): Ebook Capítulos: 8 / Impresso páginas: 188–190, 192–194, 198–199.

Habilidades de Comunicação: Ebook Capítulo: 2 / Impresso páginas: 76, 84.

Habilidades de memorização: Ebook Capítulos: 2, 3, 6 / Impresso páginas: 33, 67, 103, 141.

Helen Keller: Ebook Capítulos: 1, 2, 4 / Impresso páginas: 40–41, 65, 135.

Henry Clay Trumbull: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 217.

Henry Wadsworth Longfellow: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 43.

Herman Melville: Ebook Capítulo: 4 / Impresso páginas: 124, 128.

Hints on Child Training (Henry Clay Trumbull): Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 217.

Hoover Institution: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 107.

How to Read Slowly (James Sire): Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

Humanidades: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 57.

Iluminismo: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 57.

Imitação: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 160.

Índia: Ebook Capítulo: 1, 4, 5, 7, 8 / Impresso página: 40, 50, 129, 186, 195, 209.

Instituto CiRCE: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 111.

Instituto Nacional de Pesquisa em Educação Domiciliar: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 63.

Internet: Ebook Capítulos: 2, 3, 4, 7, 9 / Impresso páginas: 61, 107, 125, 185, 188, 232, 240.

Isaac Newton: Ebook Capítulo: 9 / Impresso páginas: 224, 226, 234.

J. R. R. Tolkien: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 68.

Jack London: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 112.

Jacob Duché: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 48.

James W. Sire: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

Jane Austen: Ebook Capítulos: 3, 10 / Impresso páginas: 103, 243, 249.

Janice VanCleave: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 231.

Jay Leno: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 42.

Jean Lee Latham: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 212.

Johannes Kepler: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 161.

John E. Warriner: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 52.

John Gatto: Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 67.

John Saxon: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 170.

Journey into Light (Ishbel Ross): Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 41.

Júlio César: Ebook Capítulos: 8, 10 / Impresso páginas: 216, 247.

Junior Olympics (time): Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 248.

Juramento à Bandeira: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 207.

Kim Solga: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 245.

Latim: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, Epílogo / Impresso páginas: 18, 32, 42, 53, 57, 63, 69, 76, 88, 94–95, 97–98, 104, 106, 128, 148–149, 181, 208, 228, 236, 257.

Latitude: Ebook Capítulo: 7 / Impresso página: 190.

Laura Ingalls Wilder: Ebook Capítulo: 2 / Impresso páginas: 80, 108.

Leis federais: Ebook Capítulo: 1 / Impresso páginas: 33.

Leitores natos: Ebook Capítulo: 4 / Impresso páginas: 126.

Leitura diária: Ebook Capítulos: 4, 6 / Impresso páginas: 131, 181.

Leitura proficiente: Ebook Capítulos: 1, 4 / Impresso páginas: 44, 117.

Letra cursiva: Ebook Capítulos: 4, 5 / Impresso páginas: 126, 140, 143.

Letra maiúscula: Ebook Capítulo: 5 / Impresso páginas: 146, 153, 155.

Letramento: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3, 4, 5 / Impresso páginas: 18, 38, 48, 58, 79, 82, 85, 108, 120, 141.

Lewis Carroll: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 207.

Língua estrangeira: Ebook Capítulos: 1, 2, 4, 5, 7 / Impresso páginas: 44, 69, 81, 85, 111, 124, 129–130, 149, 163, 180.

Língua francesa: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 5 / Impresso páginas: 53, 62, 104, 137.

Língua materna: Ebook Capítulos: 4, 5 / Impresso páginas: 43, 129, 135, 148–149.

Línguas românicas: Ebook Capítulos: 3, 4, 5 / Impresso páginas: 104, 128, 149.

Linha do tempo: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3, 8 / Impresso páginas: 26–27, 43, 70, 73, 75, 89, 203–206, 208, 213–214.

Linha longitudinal: Ebook Capítulo: 7 / Impresso página: 191.

Linhas latitudinais: Ebook Capítulo: 7 / Impresso página: 188.

Literatura clássica: Ebook Capítulo: Prólogo, Introdução, 3, 4, Epílogo / Impresso página: 13, 17, 98, 124, 270, 279.

Livro didático: Ebook Capítulos: 1, 4, 5, 6, 9 / Impresso páginas: 51–52, 133, 154, 163, 165, 169, 233, 237.

Lógica: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 6 / Impresso páginas: 32, 43, 56, 59, 63, 68–69, 74–77, 88, 96, 106, 111, 181.

Lógica formal: Ebook Capítulos: 2, 3 / Impresso páginas: 74, 88, 96, 106.

Longitude: Ebook Capítulo: 7 / Impresso página: 190.

M. K. DeGenova: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 88.

Mark Bauerlein: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 108.

Marshall McLuhan: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 108.

Martin Luther King Jr.: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 210.

Mary Emma & Company (Moody): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 81.

MaryAnn Kohl: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 245.

Matemática: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 161.

McGuffey Readers: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 51.

Memória de curto prazo: Ebook Capítulos: 6, 7, 9 / Impresso páginas: 178, 188, 223, 227.

Memória de longo prazo: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 203.

Michael Dell: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 108.

Mitologia grega: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 209.

Modelo clássico de educação: Ebook Capítulos: Introdução, 4, 3, 5, 8, 10 / Impresso páginas: 18–19, 22–23, 63, 91, 140, 213, 217, 234–235, 244.

Mona Brookes: Ebook Capítulos: 10, Epílogo / Impresso páginas: 244, 276.

Mortimer Adler: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 132.

Música clássica: Ebook Capítulos: Prólogo, 3, 7, 9, 10 / Impresso páginas: 13, 112, 187, 192, 221, 245.

Música clássica: Ebook Capítulos: Prólogo, 3, 7, 9, 10 / Impresso páginas: 13, 112, 187, 192, 221, 245.

Música Clássica para Leigos: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 245.

Nancy Drew: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 118.

Nancy Wilson: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 154.

Nathaniel Bowditch: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 212.

National Assessment of Educational Progress (NAEP): Ebook Capítulos: 1, 5 / Impresso páginas: 46, 145.

National Association of Adult Literacy (NAAL): Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 46.

National Council of Teachers of Mathematics (NCTM): Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 169.

National Endowment for the Arts: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 117.

National Geographic: Ebook Capítulo: 7 / Impresso páginas: 185–186.

Neil Postman: Ebook Capítulos: 1, 2 / Impresso páginas: 45, 79.

New St. Andrews College (Idaho): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 235.

Newsweek: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 111.

Níveis de leitura: Ebook Capítulos: 4, 8 / Impresso páginas: 119, 136, 209.

O Fim da Educação: Redefinindo o Valor da Escola (Postman): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 79.

O Milagre de Anne Sullivan: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 41.

Obediência: Ebook Capítulos: 5, 8 / Impresso páginas: 154, 217.

Omar Johnstone: Ebook Capítulo: 5 / Impresso páginas: 137, 147–148.

Oração (gramatical): Ebook Capítulos: 2, 5 / Impresso páginas: 62, 139, 145–146, 150, 155.

Ortografia: Ebook Capítulo: 4 / Impresso páginas: 121, 123.

Pais Fundadores: Ebook Capítulos: 1, 8 / Impresso páginas: 45, 84, 211.

Peter F. Drucker: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 45.

Pintura: Ebook Capítulos: 8, 10 / Impresso páginas: 212, 243–245.

Pintura e outras artes visuais: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 244.

Ponto de exclamação: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 150.

Ponto de interrogação: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 150.

Ponto e vírgula: Ebook Capítulos: 4, 5 / Impresso páginas: 127, 156.

Ponto-final: Ebook Capítulo: 5 / Impresso páginas: 150, 155.

Post-Capitalist Society (Drucker): Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 45.

Pré-alfabetização: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 34.

Predicativo: Ebook Capítulo: 5 / Impresso página: 150.

Preparo profissional: Ebook Capítulo: Introdução, 2 / Impresso página: 18, 63, 83.

Principia Mathematica (Newton): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Profissionalismo: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 33–34.

Quadrivium: Ebook Capítulos: 1, 6 / Impresso páginas: 32, 164.

Química: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 4, 9, Recursos / Impresso páginas: 27, 54, 132, 224–227, 234–236, 276.

Raciocínio claro: Ebook Capítulos: 1, 3 / Impresso páginas: 44, 96.

Ralph Moody: Ebook Capítulos: 2, 9 / Impresso páginas: 81–82, 232.

Ray's Arithmetic: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 164.

Rebecca of Sunnybrook Farm: Ebook Capítulo: 2 / Impresso páginas: 80–81.

Recitação: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 10 / Impresso páginas: 43, 51, 56, 67, 95, 247.

Recitação: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 10 / Impresso páginas: 43, 51, 56, 67, 95, 247.

Reforma protestante: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 57.

Regras de pontuação: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 127.

Renascença: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 4 / Impresso páginas: 57, 75, 105, 132.

Repetição: Ebook Capítulos: 1, 2, 4, 6 / Impresso páginas: 32–33, 73, 121, 180.

Responsabilidades de adulto: Ebook Capítulos: 3, 11 / Impresso páginas: 111, 251.

Retórica: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, Epílogo / Impresso páginas: 18, 32–33, 56, 59, 69, 75–76, 79, 91–92, 96, 102–104, 145, 159, 164, 210, 216, 219, 233–234, 260.

Salão dos Presidentes dos EUA (Disney World): Ebook Capítulo: 3 / Impresso páginas: 89, 101.

SAT (Teste de Aptidão Escolar, ou Teste de Avaliação Escolar): Ebook Capítulos: 3 / Impresso página: 98.

Saxon (matemática): Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 176.

Senso Comum (Thomas Paine): Ebook Capítulo: 1 / Impresso páginas: 47–48.

Sócrates: Ebook Capítulos: 1, 9 / Impresso páginas: 56, 231.

Spelling Plus (Susan Anthony): Ebook Capítulo: 4 / Impresso páginas: 125–126, 128.

St. John's College (Maryland): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

St. Thomas Aquinas College (Nova Iorque): Ebook Capítulo: 9 / Impresso páginas: 235.

Sujeito: Ebook Capítulos: 2, 3, 5 / Impresso páginas: 80, 97, 150.

Susan Anthony: Ebook Capítulo: 4 / Impresso página: 125–126.

Susan Wise Bauer: Ebook Capítulo: 8 / Impresso página: 209.

Suzanne Rhodes: Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 246.

Tabuada: Ebook Capítulos: 1, 2, 6, 9 / Impresso páginas: 47, 70, 73, 82, 161, 228.

Taxonomia: Ebook Capítulos: 1, 9 / Impresso páginas: 44, 227, 228.

Tecnologias globais: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 2, 3 / Impresso páginas: 22, 35, 60, 107–108.

The Dumbest Generation: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 108.

The Roar on the Other Side: A Guide for Student Poets (Rhodes): Ebook Capítulo: 10 / Impresso página: 246.

The Writing Road to Reading (Spalding & Walter): Ebook Capítulos: 4 / Impresso página: 121, 124–125.

Thomas Paine: Ebook Capítulo: 1 / Impresso página: 47.

Tratado Elementar de Química (Lavoisier): Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 234.

Treinamento cerebral: Ebook Capítulos: 2, 5, 6 / Impresso páginas: 64, 69, 151, 180.

Trivium: Ebook Capítulos: 1, 2, 3, 6, Epílogo / Impresso páginas: 32, 59, 69, 105, 164, 260.

Troops to Teachers (TTT): Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 95.

Tudo Depende de Como Você Vê as Coisas: Ebook Capítulo: 9 / Impresso página: 232.

Uma Pequena Cidade na Campina (Ingalls): Ebook Capítulo: 2 / Impresso página: 80.

Universidade clássica: Ebook Capítulos: 2, 9 / Impresso páginas: 75, 235.

Universidade Johns Hopkins: Ebook Capítulo: 6 / Impresso página: 170.

Verbo: Ebook Capítulos: 2, 3, 4, 5, 11 / Impresso páginas: 62, 70, 80–81, 91, 95, 135, 138–139, 143, 147–150, 255.

Virtude: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 3, 8 / Impresso páginas: 22, 48, 56, 105, 111, 210.

William Bridges: Ebook Capítulos: 2, 3 / Impresso páginas: 61, 108.

William Shakespeare: Ebook Capítulos: Introdução, 1, 3, 4, 10 / Impresso páginas: 17, 52, 94–95, 104, 124, 247.

Winston Churchill: Ebook Capítulo: 3 / Impresso página: 92.